



Publicado em 1928.
Inédito no Brasil.

NÃO TÃO BRANCA



JESSIE R. FAUSET

Coleção Harlem // **escureceu**



Todos os Direitos Reservados
Copyright © 2021 Jessie Fauset

Título original: Plum Bun: A Novel Without a Moral

Tradução: Karine Ribeiro

Revisão: Alanne Maria e Lorrane Fortunato

Edição e capa: Stefano Volp

Tradução: Karine Ribeiro

Projeto gráfico: Rute Sant'Anna

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA
ESCURECEU.

ISBN: 978-65-89437-02-4

Para meus pais
Redmon e Anna Fauset

Parte 1 : Lar

Capítulo 1

A Opal Street não é uma rua marcante. Se fosse uma joia, seria apenas uma estranha imitação. Estreita, escura e pouco convidativa, se estende furtivamente a partir da enfadonha Jefferson Street para o encardido e monótono mercado que forma o lado norte da Oxford Street. Não tem mistério, nem fascínio, seja de exclusividade ou mesmo depravação; sua função é comum, ser uma ruazinha despretensiosa cercada de casinhas despretensiosamente habitadas, em sua maioria, por gente despretensiosa.

As residências têm três andares, e contêm seis cubículos chamados, por cortesia, de cômodos: uma sala de estar, uma minúscula sala de jantar, uma cozinha um pouco maior e, acima, um quarto frontal – que parece grande apenas porque ocupa toda a extensão da casa –, um banheiro pequeno e, ao fundo, outro quarto, com janelas cujas possibilidades estão estragadas pela visão de um quintal triste e diminuto. E, acima, outros dois andares similares.

Em uma das casas morava pai, mãe e duas filhas. Lá, como costuma acontecer num lar que abriga duas gerações, emoções opostas e pouco alinhadas se confrontavam. No lar dos ricos, o contentamento com a riqueza da geração mais velha é confrontado pela ambição exagerada da mais jovem. Os mais velhos podem se ver em oposição à indiferença e aborrecimento da juventude, engendrada pela percepção de que não há mais mundos a serem conquistados, pois seus pais já dominaram tudo. Nas casas da Opal Street, as sutilezas da distinção quase não existem; há um contraste objetivo e concreto. O contentamento dos mais velhos é o catalizador do desespero ensurdecedor dos desejos da juventude.

Os conflitos na residência dos Murray apontavam para este estágio, no entanto, nenhum dos quatro membros daquela família poderia ter previsto o que estava por vir. Para Junius e Mattie Murray, que haviam conhecido a pobreza e a vida nas ruas, a pequena casa na Opal Street representava a mais alta ambição; para a filha, Angela, parecia o mais encardido e monótono casulo a cobrir as asas de uma esplendorosa borboleta. Junius e Mattie contavam histórias sobre as dificuldades superadas, o penoso

aprendizado de um ofício, o deplorável processo de junção das economias quase inexistentes e como isso se constituía em uma Ilíada moderna. No entanto, para Angela, essa era apenas a descrição de uma vida que ela evitaria a todo custo. Em algum lugar do mundo havia caminhos que levavam às ruas espaçosas, casas enormes e bonitas, sutilezas delicadas da existência. Aqueles eram os caminhos pelos quais Angela pretendia caminhar. Muito cedo, ela havia percebido que as coisas boas da vida não são distribuídas igualmente; mérito nem sempre é recompensado; trabalho duro não necessariamente leva à uma adequada recompensa. Certos dotes fortuitos, beleza física, força incomum, inteligência singular e inabalável, dons concedidos aleatória e desproporcionalmente pelas forças que controlam a vida – são as qualidades que contribuem para uma existência agradável e favorável.

Angela não tinha nenhum grande propósito na vida. Diferente de sua irmã, Virgínia, que um dia almejava inventar um método inovador para ensinar o pianoforte ¹. Angela não possuía nenhum impulso para descobrir coisas novas ou para se aperfeiçoar. É verdade que ela pensava que um dia talvez pudesse se tornar uma pintora reconhecida, mas apenas porque sentia dentro de si uma habilidade de retratar que até então era correta e promissora. Sua visão para linhas e expressões era madura e tinha uma certa intuição para cores. Mais que isso, possuía um instinto de autoavaliação que a ensinara que ainda havia muito a aprender. Angela tinha certeza de que o conhecimento, uma vez adquirido, desabrocharia nela a perfeição. Mas ele não era o fim de sua existência; ao contrário, era um acréscimo a uma vida constituída para apreciar luz, prazer, alegria e liberdade.

Liberdade! Essa era a nota que Angela ouvia com mais frequência na melodia da vida que um dia seria a sua. Com uma selvageria quase irracional, ela odiava ser contida. O começo de carreira do pai como cocheiro para uma família discreta, seus anos posteriores, bem-sucedidos e independentes como carpinteiro-chefe; a juventude da mãe como empregada de uma atriz famosa – tudo para Angela era a manifestação do tipo de coisa que acontece àqueles acorrentados, seja pelo dever, pela pobreza, pela fraqueza ou pela cor.

A cor – ou a falta dela – parecia o único pré-requisito absoluto para a vida com a qual ela sonhava. Alguém poderia se livrar de um senso de dever muito forte; a pobreza poderia ser superada; médicos resolviam a falta de saúde; mas cor, o mero tom negro ou branco da pele, era claramente um daqueles dotes fortuitos dos deuses. Gratidão não estava presente na natureza de Angela, mas, por vezes, logo cedo, ela começava a agradecer ao destino por, naquela casa de quatro pessoas, ter recaído sobre ela a herança da pele clara da mãe. Ela poderia ter sido, tal qual o pai, naturalmente negra ou ter recebido a mistura que resultou no bronzeado rosado e no cabelo crespo-escuro de sua irmã Virgínia. Mas Angela havia recebido não só a tez clara e o cabelo castanho-cinza de sua mãe, como também havia herdado de Junius o nariz afilado, presente de algum ancestral indiano que dera a ele e à sua filha mais velha aquele toque de imobilidade esculpida.

*

Foi com a mãe que Angela aprendeu as possibilidades de alegria e liberdade que pareciam para ela inerentes à brancura. Ninguém ficaria mais surpreso do que a mãe se ela pudesse adivinhar como a filha interpretou suas ações. Certamente a Sra. Murray não atribuía sua vida feliz, atarefada e protegida na pequena Opal Street à cor de sua pele. Atribuía, por outro lado, ao marido negro com quem se casara com alegria e orgulho. É verdade que sua pele branca não a protegera de injúrias e insultos ocasionais. A famosa atriz para qual trabalhara estava ciente de seu sangue misturado e, ostentando temperamento ao invés de refinamento, muitas vezes a apelidou de *white nigger* ².

A mãe de Angela usava sua cor tanto quanto praticava certos trejeitos de sorriso e voz para obter favores que significam muito para ela, mas não tiravam nada de ninguém. Era dona de um humor mais afiado do que o da filha. Era divertido para ela almoçar sozinha num restaurante exclusivo cujos donos entrariam em pânico se tivessem notado a presença de uma mulher negra, mesmo que sua aparência pouco se diferenciasse da deles. Era sem se importar em mencionar sua cor que a Sra. Murray se acomodava em assentos

na altura do palco que a Filadélfia negava a patronos negros. Mas quando Junius ou qualquer outro amigo negro a acompanhava, ela era a primeira a anunciar que gostava de se sentar no balcão do teatro ou na galeria, o que era verdade; sua infrequente ocupação nos assentos no nível do palco era causada apenas por uma determinação perniciosa em desprezar uma lei boba e injusta.

Os anos com a atriz haviam deixado uma marca perfeitamente inofensiva, talvez até charmosa. Ao menos era assim que parecia para Junius, que tinha uma fraqueza pelas qualidades conhecidas como essencialmente femininas. A Sra. Murray amava roupas bonitas e de lojas voltadas para servir às mulheres. Gostava até mesmo de estar em encontros de moda. Uma satisfação quase fascinante a preenchia quando tomava chá em meio a mulheres vestidas de acordo com a moda em uma elegante casa de chá. Era agradável estar no salão de um grande hotel ou na Academia de Música, ser parte da alegria palpitante, barulhenta e agitada. Não desejava se reunir àquelas pessoas, mas gostava de contemplá-las. Isso divertia, excitava e mantinha vivo um desejo insaciável pela vida que florescia dentro dela.

Andar pelo Wanamaker's , uma das primeiras lojas de departamento dos Estados Unidos, no sábado, caminhar da Fifteenth até a Ninth Street no Chestnut, tomar chá no Bellevue Stratford e ficar no salão da St. James provando luvas imaculadas. Prazeres inocentes e infantis perseguidos sem malícia ou inveja, planejados para jogar glamour sobre a lavagem de roupas da segunda ou a passagem de roupas da terça, a limpeza da cozinha, do banheiro e a costura das roupas infantis. Ela era dotada de um método pungente e bem-humorado de se apresentar. Junius, que tinha a sabedoria de não interferir nessas pequenas excursões e a simpatia de aceitá-las, reconhecendo algum valor, preferia as histórias de aventuras vividas disfarçadamente aos sábados às histórias contadas por seus camaradas na hospedaria.

Muito desse prazer, por mais inofensivo e charmoso que fosse, seria impossível com uma pele negra.

Nos primeiros anos de casamento, Mattie, ocupada com a casa e com dois bebês, desistira das aventuras. Mais tarde, quando as crianças estavam crescidas e Junius alcançara o estágio em que

podia se presentear com meio-turno de folga aos sábados, os dois inauguraram um plano de ação que, eventualmente, se tornou fixo. Cada um pegava uma criança. Junius partia para um amado, porém há muito suspenso, passeio pela velha Filadélfia, enquanto Mattie embarcava mais uma vez em suas aventuras sociais. É verdade que Mattie, quando acompanhada por Virgínia, não podia passear tão livremente quanto com Angela. Mas seus instintos maternos eram fortes; as filhas, seus sentimentos e sua fé importavam muito mais do que qualquer prazer que ela mesma seria a primeira a chamar de desnecessário e bobo. As próprias meninas, inconscientemente, resolveram o dilema; Virgínia achava que ir às compras era cansativo e estúpido, Angela, por sua vez, voltava exausta e entediada da aventura com o pai. Gradualmente, se tornou regra Angela acompanhar a mãe; e Virgínia, o pai.

*

A vida depende desses acasos. A pequena Angela Murray, apressada nas manhãs de sábado, esfregando os degraus para poder tomar banho às uma da tarde e estar com a matriarca na Chestnut Street às duas. Nunca percebeu que a mãe se sentia à vontade entre todas aquelas pessoas brancas porque era ali que também se sentia assim. Nunca lhe ocorreu que o prazer que a mãe mostrava ao se encontrar com amigos no domingo de manhã quando toda a família Murray saía da igreja obviamente era o mesmo que mostrava na Chestnut Street no sábado, pois ela estava atrás daquilo que seu coração desejava: agitação, alegria e moda. A filha não poderia ter adivinhado que se o status econômico e o gênio racial dos negros os permitisse gerenciar hotéis da moda ou enormes e populares lojas de departamento, a mãe ainda estaria ali. Sozinha, ela tirou conclusões claras sobre certas formulações que seu subconsciente codificou: Primeiro, os grandes prêmios da vida — riqueza, glamour e prazer — são apenas para as pessoas brancas. Em segundo lugar, Junius e Virgínia não tinham esses privilégios por terem a pele negra; aqui seus pensamentos continham pelo menos um elemento de verossimilhança, mas ignoravam o fator determinante de que o pai e a irmã não ligavam

para tais prazeres. O efeito de sua falácia era uma vaga pena de seus parentes desafortunados e a certeza que as pessoas negras seriam consideradas sortudas apenas na proporção em que alcançassem os padrões físicos das pessoas brancas.

O passeio de sábado deixara uma impressão duradoura. A Sra. Murray e Angela tiveram uma tarde produtiva e interessante. Haviam passeado por entre as vitrines das pequenas e exclusivas lojas na Walnut Street; tomaram soda na Adams', na Broad Street, e estavam, enfim, no pórtico do Walton Hotel, decidindo com elegância o que deveriam fazer em seguida. Algumas pessoas passando para lá e para cá lançavam olhares para o par, a mulher confiante e bem-vestida, e a refinada, e não menos confiante, filha. O porteiro as conhecia; era um dos prazeres da Sra. Murray dar a ele uma pequena gorjeta, muito apreciada, pois era desnecessária. Era esta a atmosfera que amava.

Angela colocara as luvas e estava esperando a mãe, que andava sozinha com grande cuidado, quando avistou na alegre e agitada multidão de domingo, Junius e Virgínia. Estavam próximos o bastante para que a mãe, que também os vira, pudesse tocá-los, caso descesse alguns degraus do pórtico e esticasse o braço. Num segundo, desapareceram. Angela viu o rosto da mãe mudar com o que achou ser receio.

— Que bom que papai não nos viu — disse ela. — Você teria que falar com ele, não é?

Mas a mãe, com um olhar distraído, não respondeu.

Naquela noite, depois que as meninas foram se deitar, Mattie, apoiado no braço da cadeira do marido, contou a ele:

— Eu estava no meu velho jogo de atuação hoje, Junius, você sabe, passeando e, querido, você e Virgínia passaram pertinho de nós, mas não falamos com vocês. Estou tão envergonhada.

Mas Junius a consolou. Bem antes de se casarem, soube da fraqueza e da essência inofensiva de sua Mattie...

— Meu bem, eu te disse há muito tempo que não há princípio envolvido, seu passeio não significa nada para mim. É uma piada. Não acho que você ficaria envergonhada de falar com seu velho marido em qualquer lugar, se fosse necessário.

— Falaria contigo até se estivessem me confundindo com uma rainha. — Mattie assegurou carinhosamente. Mas ficou em silêncio, sem estar de todo satisfeita. — Afinal de contas — disse ela com seu charme franco e usual —, não é você, querido, quem me faz sentir culpada; estou envergonhada de pensar que deixei Virgínia passar por mim sem dizer nada. Acho que eu me sentiria muito mal se ela soubesse. Não acredito que eu vá me permitir ser boba assim outra vez.

Mas sobre essa afirmação, Angela — sonhando animada com os sábados para virar sua pequena face tom de oliva para o outro lado com firmeza, buscando evitar rostos negros — estava, infelizmente, inconsciente.

Capítulo 2

Sábado era o melhor dia da semana para Angela, mas Virgínia preferia os domingos.

Ela amava a atmosfera de santidade dourada que parecia pairar com uma glória doce sobre a enfadonha, empoeirada e pequenina morada. Normalmente, Virgínia descia as escadas primeiro para aproveitar sozinha a abençoada sensação de domingo que, ela costumava dizer, poderia fazê-la reconhecer que dia era, mesmo se tivesse acordado na China. Virgínia tinha apenas doze anos, mas já havia desenvolvido aptidão e gosto por cuidar da casa, e isso a mãe incentivava com entusiasmo. Aos poucos, o hábito foi formado e foram entregues às suas mãozinhas todas as tarefas da manhã de domingo – eram para ela um ritual. Primeiro, a água do café deveria ser colocada para ferver, então a calçada deveria ser varrida. O jornal do pai deveria ser recolhido e deixado do lado de fora de sua porta. Virgínia encontrara uma satisfação inexplicável e reconfortante, doce, em completar essas tarefas.

Ela preparava o café da manhã de domingo sempre da mesma maneira: ovos e bacon; café forte com um bom creme para Junius; chocolate e muffins para as outras três. Depois que o bule fervia e a massa dos muffins estava pronta, demorava exatamente meia hora para os Murray terem a mesa posta. Virgínia sempre fazia as tarefas da mesma forma. Colocava os muffins no forno, apertando os lábios e franzindo a testa, do jeito que vira a mãe fazer; então, ia até os pés da fechada e estreita escada e dizia: — *Hoo-hoo* — com uma entonação suave e crescente.

— Última chamada — dizia o pai.

E, finalmente, antes que a família descesse e a alcançasse, ela se dirigia até a sala de estar e tocava hinos, músicas antigas e consagradas: “How firm a foundation”, “The spacious firmament on high” e “Am I a soldier of the Cross”. O grave inflexível da voz de seu pai estremecendo as escadas, a voz suave de contralto da sua mãe e o doce agudo de sua própria voz, uma maravilhosa soprano; um raio de sol, fraco e aguado no inverno, mas forte e dourado no verão, cintilando através da sala na alvorada, trouxe para a menina

uma sensação de felicidade completa, mas perigosamente melancólica.

*

Depois do café da manhã, veio a agitação da preparação para a igreja. Junius, é claro, desceu totalmente pronto; mas as outras precisavam se vestir. Virgínia havia perdido sua fita de cabelo de domingo novamente; Angela descobriu um rasgo em suas melhores luvas e não pôde ser induzida a descer até que fosse consertado.

— Espere por mim um minuto, Gínia querida, não posso sair com essa aparência, posso? — Ela não gostava de ir à igreja, pelo menos não à igreja deles, mas se importava com sua aparência e gostava do luxo de estar bem apresentada por dois dias consecutivos.

Por fim, a pequena procissão saiu. Mattie desejando que não estivessem atrasados, o que ela odiava; Angela pensava apenas que essa era uma maneira estúpida de passar o domingo, seguia se perguntando em que período da vida a existência começa a se moldar da maneira desejada. Os pensamentos do pai eram incipientes; se ditos, teriam revelado um aspecto patriarcal quase bíblico. Ele tinha sido um menino pobre, sem-teto, um ninguém, mas, de alguma forma, conseguira em seus quarenta e poucos anos alcançar o status de um cidadão respeitável, dono de um lar, um bom provedor. Tinha uma esposa encantadora e duas filhas excelentes e, como era adequado, as acompanhou até a casa do Senhor. A respeito de Virgínia, ninguém que a visse com seu chapeuzinho vermelho e o casaco azul da mãe poderia ter adivinhado como ela estava perto de explodir de felicidade. Pai, mãe e filhas, bem-vestidos, bem alimentados, unidos, indo à igreja em uma bela manhã de domingo; havia uma imensa correção cósmica em tudo isso que ela mais sentiu do que percebeu. Virgínia não invejava ninguém por ter roupas mais finas ou uma casa maior; esta união era o cerne da felicidade, todas as outras satisfações deviam irradiar desta; maior felicidade poderia ser apenas uma questão de grau, mas nunca de essência. Quando crescesse, Virgínia pretendia

viver o mesmo tipo de vida; se casaria com um homem exatamente como o pai e conduziria sua casa exatamente como fazia a mãe.

A diferença é que rezaria com firmeza todos os dias, desejando cinco crianças: dois meninos, duas meninas e, por último, um pequenino — era difícil para ela decidir se deveria ser menino ou menina —, mas sabia que deveria permanecer pequeno por um longo tempo. E nos domingos eles iriam à igreja.

Focada em seu sonho, raramente ouvia o sermão. Era, no entanto, diferente com os hinos. Esses constituíam a parte principal do sermão para o pai, e Virgínia queria tocá-los para ele mais uma vez na tarde dourada e feliz ou no crepúsculo cinzento do início da noite. Mas antes havia amigos dos pais para cumprimentar, pessoas que as chamavam pelo primeiro nome e que, falando de Virgínia e Angela, ainda diziam: — E essas são as crianças... meu Deus, como cresceram! Mal a reconheci, Mattie Ford. Crescida e já com filhas!

Nos domingos de comunhão, a missa demorava e Angela se inquietava, remexendo-se no assento, mas a irmã mais nova amava o silêncio místico e arrebatador que parecia tomar a congregação. O rosto doce e alegre da mãe assumia uma solenidade infantil; a expressão severa do pai suavizava em uma expectativa beata. Na requintada dicção da missa sacramental, havia certas palavras, certas frases, que quase fizeram a criança desmaiar. O pastor tinha uma leve rouquidão e, de alguma forma, isso dava uma projeção peculiar à sua voz; ele ora falava, ora cantava e quando, pegando a hóstia, começou "For in the night" e, então, a quebrou, Virgínia quase gritou com o êxtase que a preencheu. Ela sentia que aqueles que participavam do pão e do vinho eram de alguma forma transfigurados: a mãe e o pai exibiam uma expressão de satisfação inefável quando voltaram para seus lugares; e havia uma mulher, uma pessoa de meia-idade que pregava peças, que voltava caminhando pelo corredor com as mãos frouxamente cruzadas à frente do corpo e seu rosto tão absolutamente elevado que Virgínia se apressava para conseguir ouvi-la ao fim do culto, certa de que suas primeiras palavras teriam o sabor de algo místico e sagrado. Mas sua suposição sempre provou ser infundada.

A tarde e a noite repetiam o encanto da manhã, mas em um tom diferente. Normalmente, alguns conhecidos apareciam; a sala de estar e a sala de jantar ficavam ocupadas por uma ou mais horas com conversas inofensivas e agradáveis. O Sr. Henson, o policial da região, um homem alto e amarelo com sardas no nariz e um cabelo crespo, de cor ruiva, dava tapinhas nas costas do Sr. Murray e exclamava: — Junius, deixe-me dizer uma coisa... — O que sempre pareceu a Virgínia uma maneira ousada de se dirigir a seu alto e digno pai.

Matthew Henson, um jovem de dezesseis anos, inevitavelmente se aproximava de Angela, que o achava muito enfadonho e não fazia nenhum esforço para esconder seu tédio. A Sra. Murray distribuía biscoitos duros e um delicioso vinho de groselha, conversando sobre costura com dois ou três amigos de sua juventude com uma injeção frequente de: — Você se lembra?!

Por fim, a casa ficava silenciosa outra vez, apenas com o entardecer e a luz do poste iluminando as paredes.

A Sra. Murray murmurava sobre arranjar algo para comerem.
— Estará na cozinha, caso queiram.

Angela retrucava em voz alta que ainda tinha que estudar álgebra, história ou francês, conforme fosse o caso, mas ninguém se mexia. O que eles realmente estavam esperando era que Virgínia começasse a tocar. Depois de algum tempo, ela cruzava a pequena sala e, estendendo as mãos magras e negras, começava sua própria versão glorificada do hino que haviam cantado mais cedo na igreja, e então as melodias antigas, mas adoradas pela família, que havia tocado antes do café da manhã. Até Angela, um tanto quanto isolada e relutante no começo, se entregou ao momento noturno e pediu por uma canção especial ou até mesmo um bis: — Gosto de como você tocou aquela, Gínia.

Por uma hora ou mais, eles ficavam tão próximos e unidos quanto é possível para uma família ser.

Às oito horas mais ou menos, Junius disse como se aquilo não tivesse estado em seus pensamentos a noite toda:

— Filha, toque o “Dying Christian”.

Virgínia entoou seus estridentes e infantilizados agudos contra o profundo e inflexível grave do seu pai, e então começou a obra-prima de Alexander Pope, um dos maiores poetas britânicos do século, sobre a morte de um verdadeiro crente. As palavras tão solenes, “Fagulhas vitais de chamas celestiais”, e a melodia em tom menor, estranhamente apropriada, enchiam aquele cubículo de uma beleza impressionante, quase palpável. Isso perturbou Angela de tal modo que, em um ato de pura autodefesa, foi para a cozinha e comeu sua parte do jantar, agora frio, preparado pela mãe. Mas Mattie, embora nunca tenha cantado essa canção, permaneceu enquanto o marido e a filha o faziam. Não tinha temor pela morte triunfante e poderosa. Era inevitável, ela sabia, mas nunca teria que enfrentar sozinha. Quando o marido morresse, Mattie morreria também, tinha certeza; e se a morte viesse para ela primeiro, demoraria pouco até que Junius esticasse a mão e a guiasse por todos os lugares estranhos e difíceis, exatamente como anos atrás, quando ele fora cocheiro da atriz para quem ela trabalhou. Ele estendeu sua mão boa e honesta e a salvou de uma posição perigosa e equívoca. Ela, tomada pela lembrança, enxugou as lágrimas de felicidade e gratidão.

— *O mundo retrocede, desaparece* — cantou Virgínia. Mas não importava o quão longe fosse, desde que os quatro estivessem juntos; e eles sempre estariam, o pai e a mãe, ela e Angela. Com a imaginação, Virgínia os viu avançando infinitamente para o espaço; lá estavam seus pais, de braços dados, e ela, mas naquela e em outras noites, não pôde ver Angela. Doía-lhe perder a irmã de vista assim; Virgínia sabia que Angela devia estar ali, no entanto, por mais que tentasse, não conseguia encontrá-la. E então, de repente, Angela estava lá de novo, mas uma Angela diferente, não exatamente a mesma que imaginara.

De repente, Virgínia percebia que estava fazendo quatro coisas ao mesmo tempo, e todas, com todo o esforço que podia reunir: cantava, tocava, procurava por Angela e ficava de luto porque sabia que a irmã que conhecia havia se perdido para sempre.

— *Oh, Morte, oh Morte, quando dará seu golpe!* — O hino terminou triunfante. Virgínia e o piano, como sempre, um pouco à

frente de Junius, o que era sempre engraçado.

— Onde está Angela? — perguntou, e sabia qual seria a resposta.

— Estou cansada, mamãe! Acho que vou para a cama.

— Você deve ir. Acordou cedo e até agora não parou.

Depois de dar um beijo de boa noite nos pais, Virgínia subiu as escadas devagar, com todo o seu ser tomado pelo arrebatamento fervoroso, embora delicado, do dia.

Capítulo 3

A manhã de segunda-feira trouxe o retorno de uma semana agitada e feliz. Era o dia de lavar roupa para Mattie, pois ela e Junius nunca haviam sido capazes de elevar seu padrão ao status de ter uma empregada doméstica ou de mandar a roupa para fora. Mas essa falta não significava nada para ela; estava casada há quinze anos e ainda tinha a capacidade de desfrutar a satisfação de ter um lar sobre o qual tinha pleno controle, em vez de estar à disposição dos outros. Ela tinha idade suficiente para se lembrar de um dia em que a pobreza para uma garota negra significava uma entre três coisas: ir para a igreja, trabalhar como empregada ou assumir um cargo distinto, mas mal pago, como costureira para uma das famílias ricas na Rittenhouse Square, na West Walnut Street ou em um dos inúmeros impecáveis subúrbios aristocráticos da Filadélfia.

Ela havia tentado as três possibilidades, sabia o que significava levantar às cinco e lavar roupa para uma família rica e indiferente cujas pessoas sempre se referiam a ela como "a menina" ou comentavam, em um tom um pouco mais baixo, mas ainda audível, como ela era melhor do que outros negros: "Ela nunca rouba. Confiaria nela para qualquer coisa e certamente não é preguiçosa".

Para essa família, Mattie havia preparado café da manhã, lavado roupa, servido o almoço; então tirava as roupas do varal, as borrifava e dobrava, subia as escadas e fazia três camas — sem contar a dela — e voltava à cozinha para, por fim, preparar o jantar. À noite, ela cochilava sobre os pratos e, finalmente, após o esforço extenuante, tropeçava até o terceiro andar e caía na cama desarrumada, às vezes nem mesmo totalmente despida. E, na terça de manhã, Mattie passava roupas, em um trabalho repetitivo, longo e tedioso. Por isso, recebia quatro dólares por semana com o privilégio de folga todos os domingos e todas as quintas-feiras. Mas sem visitas.

Como costureira, a vida era um pouco mais aceitável, porém certamente precária. Os salários eram melhores, mas apenas

enquanto duravam. Ela tinha um quarto pequeno, mas confortável; as refeições eram servidas em uma bandeja e as moças da casa em que trabalhava tratavam-na com uma gentileza descuidada que, embora ainda tivesse um elemento de condescendência, não era ofensiva. Mas essas famílias tinham o desagradável hábito de trancar as casas e viajar por meses a fio, e Mattie permanecia lá. Perdida e tentando sobreviver perigosamente trabalhando como costureira. No entanto, sua clientela era composta de moças tão pobres quanto ela, que ou faziam suas próprias costuras ou pagavam uma ninharia por um trabalho inegavelmente requintado e meticuloso.

A situação com a atriz tinha sido decerto a melhor em muitos, senão quase todos, os aspectos. Mas tinha suas armadilhas. Mattie era jovem, bonita e inocente; a atriz era jovem, linda e sofisticada. Casada duas vezes, fora a protagonista de muitos casos; a modéstia virginal, a virtude por si mesma, eram qualidades há muito esquecidas; ideais elevados e autorrespeito pessoal eram abstratos demais para sua mente ligeiramente grosseira visualizar e, de qualquer forma, eram incompreensíveis e até absurdos em uma criada, e ainda por cima, em uma criada negra.

A atriz sabia que, apesar da pele branca de Mattie, havia sangue negro em suas veias; na verdade, ela não teria aceitado a garota se não fosse negra; todos os seus criados deveriam ser negros, pois sua casa era conduzida de maneira descuidada e ela sentia vagamente que todas as pessoas negras são fortemente marcadas pela imoralidade. Eles eram naturalmente soltos, era o que ela pensava.

— Olhe só quantos mestiços há entre eles. Mattie é um exemplo, uma *white nigger* perfeita, se é que isso existe. Aposto que ela é tão boa quanto a mãe.

Quando Mattie se aproximou dela com lágrimas nos olhos e implorou que não a enviasse como mensageira à casa de Haynes Brokinaw, um conhecido político na cidade, Madame gargalhou.

— Não seja ridícula! Ele vai te tratar bem. Eu gostaria de saber o que uma garota como você espera. E, de qualquer forma, se eu não me importo, por que você deveria? Agora vá, leve o

bilhete e não me incomode com isso de novo. Eu te contrato para fazer o que eu quero, não o que você quer.

Ela sequer tinha ciúme de uma trabalhadora negra! E, de qualquer maneira, consistência não era uma virtude a seus olhos; ela não a possuía e pouco valorizava nos outros.

Mattie estava desesperada. Recebia vinte e cinco dólares por mês, alimentação e um quarto confortável. Estava conhecendo o mundo e aprendendo sobre suas amenidades. Foi durante esse período que ela aprendeu como a vida pode ser muito agradável para uma pessoa que possui apenas um pouco mais de dinheiro e uma pele branca. Mas a atração especial que sua posição atual exercia era que a cada dia tinha um certo tempo para chamar de seu, pois era a serva pessoal de Madame; de forma alguma ela estava ligada à rotina de cuidados da casa. Se Madame decidisse passar o dia inteiro longe de casa, Mattie, depois de arranjar o toalete noturno, estava livre para fazer e ir aonde quisesse.

E agora havia o impasse com Brokinaw. Mais de uma vez, Mattie sentiu a cobiça de seu olhar; desde o início, havia temido ir até ele.

Com medo, disse ao mordomo de Brokinaw:

— Voltarei em meia hora para buscar a resposta.

E esperaria no imponente salão como ele havia ordenado, pois sabia que seria perigoso. Mas, na terceira vez, Brokinaw estava esperando no salão.

— Venha até o meu escritório — disse ele. — Espere enquanto leio o bilhete e escrevo a resposta.

Com seus olhos verdes e gelados, Brokinaw olhou para Mattie, perguntando por que ela estava tão ofegante.

— Não há motivo para pressa, criança. Fique aqui e descanse. Não estou com pressa, te asseguro. Você é mesmo negra? Sabe, já vi várias garotas brancas que não são tão bonitas quanto você. Sente-se aqui e me conte tudo sobre a sua mãe e seu pai. Você se lembra deles? — A intenção de Brokinaw era palpável.

Em uma semana, Madame queria enviá-la de novo. Com medo, Mattie sugeriu que o novo cocheiro fosse em seu lugar.

— Não — disse Madame. — É quarta-feira e ele está de folga, e mesmo que estivesse aqui, eu não o enviaria. Cocheiros

são difíceis de manter hoje em dia; vocês todos estão ficando muito independentes.

Mattie desceu de seu quarto e caminhou devagar até o canto onde o novo cocheiro, alto, negro e sério, acabava de chamar um carro. Ela correu até ele e puxou o braço que ele acabara de erguer.

— Oh, Sr. Murray — ela gaguejou.

Ele havia ficado tão surpreso e fora tão gentil. Quando Mattie deu sua explicação hesitante, ele pegou o bilhete em silêncio e o entregou. Na noite seguinte e por muitas que se seguiram, eles caminharam pela bela e silenciosa praça. Junius disse a ela com medo e hesitação que a amava. Mattie jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Eu também te amo.

— Então você não se importa que eu seja um negro retinto? Muitas das garotas negras que eu conheço sequer olhariam para um homem negro.

Mas era em parte por causa de sua cor que ela o amava; aos olhos dela, a cor dele significava segurança.

— Por que eu deveria me importar? — ela perguntou em uma de suas raras explosões de amargura. — Minha própria cor nunca me trouxe nada além de insultos e problemas.

Os outros criados, ao que parecia, haviam dito a ele que às vezes ela — ele hesitou — se passava por branca.

— Sim, sim, claro que sim, mas nunca por eles — explicou ansiosamente. — E, de qualquer maneira, quando estou sozinha, o que posso fazer? Não posso me rotular. Se estou com fome ou cansada e estou perto de um lugar onde eles não querem pessoas negras, por que deveria obedecer a suas regras bobas e velhas, regras que são injustas e descabidas. O mundo foi feito para todo mundo, não foi, Junius?

Naquela ocasião, ela lhe contara o quão difícil e triste sua infância tinha sido, ela conhecera uma pobreza terrível e fora difícil se manter. Mas desde que veio morar com Madame Sylvio ela vislumbrou, graças à bondade descuidada de sua senhora, algo da vida de relativa facilidade, beleza e refinamento que alguém facilmente poderia saborear se tivesse o mínimo de dinheiro extra e uma pele branca.

— Só fiz isso por diversão, mas não vou fazer mais se te desagrada. Prefiro muito mais morar na menor casa do mundo com você, Junius, a ficar vagando por aí como tenho feito tantas vezes, solitária e desconhecida em hotéis e restaurantes.

A doçura o desarmou. Não havia razão no mundo para que ela desistisse de seu prazer inofensivo, a menos que, ele acrescentou com bastante severidade, algum princípio genuíno estivesse envolvido.

Foi o momento mais feliz de sua vida quando Junius foi até Madame e disse a ela que ele e Mattie estavam indo embora.

— Nós vamos nos casar — anunciou com orgulho. A atriz lamentou perdê-la e quis dar-lhe cem dólares, mas o cocheiro orgulhoso em sua negritude não deixou sua esposa aceitar.

— Ela deve receber apenas o que ganhou — disse ele em severa recusa. Ele odiava Madame Sylvio por ter jogado a garota no caminho de Haynes Brokinaw.

Eles se casaram e foram direto para a casinha na Opal Street que mais tarde se tornaria deles. O marido considerava Mattie uma mulher perfeita: doce, trabalhadora, afetuosa e ilógica. Para ela, Junius era Deus.

Quando Angela e Virgínia eram crianças, a mãe lia para elas contos de fadas, acrescentando ao final:

— E assim viveram felizes para sempre, como seu pai e eu.

Tudo isso estava passando alegremente em seus pensamentos na manhã de segunda-feira. Junius estava trabalhando em algum lugar da vizinhança; sua loja ficava na Bainbridge Street, mas ele tentava dedicar as segundas e terças-feiras ao trabalho na cidade, para voltar e ajudar Mattie naqueles dias difíceis. Durante a manhã, antes do advento da máquina de lavar, ele costumava entrar e sair duas ou três vezes da casa para ajudar com as colchas e os lençóis pesados. Agora, eles eram levados para a lavanderia, mas Junius ainda mantinha o agradável ritual.

Virgínia frequentava a escola logo depois da esquina, e logo ela voltaria para casa também, não tanto para pegar seu próprio almoço, mas para prepará-lo para a mãe. Ela tinha a mesma atitude do pai para com Mattie, tratando-a como alguém que deve ser

ajudada, mimada e protegida. Além disso, Virgínia tinha um senso de gratidão profundo para com o pai e a mãe por sua bondade e ambições altruístas para com as filhas. Gínia nunca se cansava de ouvir falar da infância difícil de seus pais. Ela não conhecia nenhuma história tão emocionante como o relato das primeiras provações e dificuldades deles. Ela achava maravilhosamente gentil da parte deles planejar, como constantemente faziam, coisas melhores para as filhas.

— Minhas meninas nunca vão passar pelo mesmo que eu — Mattie dizia com firmeza.

Ambas seriam professoras e independentes.

A verdade é que nenhuma delas sentia qualquer inclinação especial para este chamado. Angela o desprezava, mas supunha que devia ganhar a vida de alguma forma. O salário era bastante bom, na verdade, muito bom para uma garota pobre, e haveria longas férias de verão. Aos quatorze anos, já sabia quanto dinheiro economizaria durante os primeiros dois ou três anos e como passaria as férias de verão. Mas embora tenha oferecido tal informação para a família, Angela manteve seus planos em segredo. Mattie sempre ponderou sobre a falta de abertura de sua filha mais velha.

Virgínia era transparente em absoluto. Ela também não achava que gostaria de ensinar, isto é, pelo menos não ensinar no sentido comum. Mas percebeu que, no momento, essa era a melhor profissão que os pais poderiam ter escolhido para elas. Virgínia passaria os verões aprendendo tudo o que pudesse sobre métodos de ensino de música.

— Isso vai ser muito bom para você — zombou Angela. — Sabe perfeitamente bem que não há professores negros de música nas escolas públicas aqui na Filadélfia.

Mas Gínia pensou que poderia haver.

— Quando mamãe era jovem, havia poucos professores negros. Agora parece que haverá muitas chances para nós. E não dá para saber o que o amanhã reserva.

Às quatro horas, o dia de trabalho havia acabado e Mattie estava livre para fazer o que quisesse. Era sua hora de folga. As meninas preparariam o jantar, uma versão qualquer do prato

principal preparado no dia anterior. A mãe não deveria ser perturbada ou importunada em hipótese alguma. Naquele dia, como de costume, ela se sentou na cadeira Morris da sala de jantar, dividindo o tempo entre o jornal de domingo e a conversa das filhas. Essa sensação de finalizar um dia de trabalho muito árduo, as vozes felizes das meninas e a expectativa alegre da volta do marido para casa faziam parte de suas experiências mais queridas.

Normalmente, as meninas faziam dos preparativos um jogo, relembando alguma bobagem da infância, quando tinham o prazer de se vestir como mulheres. Virgínia se aproximava de Angela: — Com licença, por um acaso é a Sra. Henrietta Jones?

E Angela, aprumando-se com altivez, respondia:

— Bem, acho que está me confundindo com alguém.

Então Virgínia:

— Oh, perdão! Pensei que fosse a Sra. Jones. Ouvi minha amiga, a Sra. Smith, falar tantas vezes de você, e como vi que estava na vizinhança de passagem, gostaria de convidá-la para tomar um sorvete.

A graça, é claro, era que Angela deveria imediatamente abandonar sua arrogância e aceitar o convite, em prol das guloseimas, para conquistar a estima de sua vizinha. Era uma piada de mau gosto, obviamente gasta, mas as duas garotas ainda usavam a saudação e, por algum motivo, isso havia se tornado parte do ritual de segunda-feira para o preparo do jantar.

Mas, esta noite, a resposta de Angela careceu de espontaneidade. Ela estava absorta e calada, mal-humorada até. Ágil e habilidosa, fez o que tinha que fazer, mas ninguém que não tivesse comparecido regularmente aos preparativos do jantar poderia ter adivinhado que Angela pensava em algo para além da carne assada requentada e do pão recém cortado em fatias. Mas Mattie estava ciente de que a menina era capaz de meditar em intensa concentração. Já tinha notado isso na filha, mas esta noite, embora para seus olhos experientes fosse mais aparente do que nunca, era difícil desvendar o motivo. A resposta de Angela, se perguntada qual era o problema, seria “Está tudo bem, não é nada”. E, assim, Mattie percebeu que a filha mais velha estava crescendo; em alguns meses, ela faria quinze. As crianças costumavam ficar

introspectivas e mal-humoradas na adolescência, muito empenhadas em descobrir a si mesmas para se preocupar com o que os demais pensam. Ela deveria garantir que a garota descansasse bastante; talvez a escola tivesse sido muito cansativa naquele dia. Mattie achava o programa do ensino médio muito mal organizado, cinco horas, uma após a outra, era muito tempo.

— Angela, querida, acho melhor você se deitar mais cedo esta noite. Você me parece muito cansada.

Angela assentiu. Mas Junius apareceu na mesma hora e a apatia passou sem maiores comentários com a pequena confusão que surgira com a volta dele para casa e os preparativos finais para o jantar.

Capítulo

O quarto de Angela ficava na fachada do terceiro andar. Ela estava feliz com a solidão e a segurança daquela noite. Mesmo que a mãe não tivesse sugerido que fosse para a cama cedo, Angela teria procurado seu refúgio imediatamente após o jantar. O estudo por si só não era nenhum atrativo; ela não se importava com nenhuma das matérias, exceto desenho e francês. E quando desenhava, não considerava que estava estudando — era uma forma natural de se expressar. Quanto ao francês, precisava estudá-lo com muito cuidado, pois as línguas não lhe vinham com grande facilidade, mas havia um elemento de fineza na língua bela e lógica que a fazia concordar com uma ambição subconsciente de torná-la sua.

História, inglês, geografia e física, por sua vez, não eram disciplinas enfadonhas, já que Angela tinha uma mente bastante esperta; mas também não eram atraentes, e faltava a ela a obstinada resignação de Virgínia a deveres indesejáveis. Mesmo quando Gínia era uma garotinha, era conhecida por dizer virilmente em face de uma tarefa incompatível: “Bem, preciso dar um jeito”. Angela não era assim.

Mas esta noite ela concentrara todas as forças na tarefa. Havia se machucado gravemente; recebera uma ferida cuja profundidade e violência não revelaria nem aos pais porque — e isso só aumentava a dor — por mais jovem que fosse, sabia que não havia nada que pudessem fazer a respeito. Não havia nada a fazer a não ser superar. Só que Angela não era desenvolvida o suficiente para expressar esse estoicismo para si mesma. Ela era como um gatinho de estimação que outrora fizera parte da casa deles; sua perna fora gravemente rasgada por um cachorro que passava e a pobre criaturinha se arrastou para dentro de casa e se deitou em sua almofada pacientemente, esperando impassível que essa agonia desconhecida diminuísse. Então, Angela esperou que a dor em sua mente cessasse.

Mas entre as datas da história na página impressa e as linhas majestosas de *Lycidas*³, ela via e ouvia de novo e de novo o rosto e

a voz acusadora de Mary Hastings: — Negra! Angela, você nunca me disse que era negra!

E, então, sua própria voz em uma selvageria trágica, mas orgulhosa:

— Dizer que sou negra?! Claro que nunca te disse que sou negra. Por que deveria?

*

Angela tinha muito orgulho da amizade de Mary Hastings. Nos espaços escuros e tortuosos de sua vida difícil, tinha sido um refúgio adorável e escondido. Fora uma experiência tão raramente doce que ela mal havia falado sobre isso, mesmo com Virgínia. As outras meninas em suas aulas não significavam nada. Pelo menos, ela havia se educado para que não significassem nada. Algumas conhecia desde a infância; elas moravam na vizinhança e frequentaram as mesmas escolas. Eles sabiam que Angela era negra, pois a tinham visto com Virgínia e, às vezes, seu negro e alto pai vinha buscá-la em dias chuvosos. Houve contatos e intimidades bastante agradáveis; no silêncio da Jefferson Street, elas tocaram “The Farmer in the Dell” e “Here come three jolly, jolly sailor-boys”; os cantos sombrios do antigo mercado proporcionaram uma infinita satisfação em brincar de esconde-esconde. Angela e as outras crianças foram comprar material escolar de braços dados, costurando caminho na agitação e confusão que era a Columbia Avenue.

Conforme ela crescia, muitas dessas intimidades diminuíram; em alguns casos, cessaram completamente. Mas ela nunca teve consciência de ser deixada de todo sozinha; sempre havia alguém com quem almoçar ou com quem ir embora depois da escola.

Foi só quando chegou ao ensino médio que começou a perceber quão solitária a vida estava se tornando. Não havia outras garotas negras na sala, mas houve apenas duas ou três durante sua vida escolar, e se houvesse mais alguma, Angela não necessariamente teria se juntado a elas — dificilmente passou por sua mente que isso poderia ter sido algo bom a se fazer em legítima autodefesa.

Mas esse não foi um problema com o qual se deparou. O que aconteceu foi que as mesmas garotas com quem havia crescido estavam se afastando. Quando ia aos encontros, nenhuma se sentava ao seu lado, exceto se não houvesse outro assento vazio. Pequenos grupos dos quais se aproximava durante o almoço inexplicavelmente se dissolviam para então tornar a se aglomerar em outro lugar. De vez em quando, uma garota nesse novo grupo a olhava por cima do ombro com um encarar cheio de divertimento maldoso ou irritação.

Angela era orgulhosa; não precisava de tal deixa mais de uma vez, mas estava perplexa e magoada. Ela levava histórias para a escola para ler no recreio ou vagava pelo laboratório de desenho e retocava seus rascunhos. A senhorita Barrington passou a considerá-la uma aluna excepcionalmente diligente.

E então, no meio do período letivo, Mary Hastings apareceu, uma garota esguia e bem-educada de quinze anos.

Ela era bastante estúpida no estudo; na verdade, não brilhava em nada. Sabia apenas francês e boas maneiras.

Inegavelmente, tinha postura e seu sotaque era notável. Os outros alunos, rindo, emitiram alguns sons rudes, mas Mary disse em francês:

— Não, emprestei minha faca ao cunhado do jardineiro, mas aqui está minha bengala — como se a frase idiota fizesse parte de uma conversa imaginária que ela conduzia e apreciava.

— Ela realmente sabe do que está falando — comentou a pequena Esther Bayliss, acrescentando que a família de Mary havia perdido algum dinheiro e precisou mandá-la para uma escola pública.

Mas demorou algum tempo até essa informação, disparada por Esther com uma autenticidade misteriosa e absoluta, tornar-se amplamente conhecida. Enquanto isso, Mary foi deixada por conta própria quando a classe, com completa unanimidade, mas tácita, passou a provocá-la. Mary, sem saber disso, deu uma olhada um pouco arrogante na sala durante o recreio e viu apenas uma garota. Era Angela, que se parecia com ela em trajes, modos e comportamento. Mary levou seu almoço para a mesa dela e,

animada, disse: — Venha, vamos comer juntas enquanto você me diz quem é todo mundo.

Angela aceitou o convite tão rapidamente quanto a outra havia oferecido.

— Aquela garotinha de vestido roxo é Esther Bayliss e a mais alta de óculos de armação grossa...

Mary, sentada de costas para os grupos, não se preocupou em olhar em volta.

— Não me refiro às garotas. Acho que vou conhecê-las em breve, quando tiver tempo para isso. Quero dizer os professores. O que você diz deles?

Mary gostava de Angela e mostrava isso de maneira clara e direta. Sua casa ficava em algum lugar remoto no oeste da Filadélfia, que ela podia alcançar com relativa rapidez pegando um carro na Spring Garden Street. Em vez disso, caminhava até a metade do caminho para casa com a nova amiga, subindo a Seventeenth Street até a Avenida Girard onde, após uma última troca de assuntos escolares e despedidas, Mary pegava o carro, deixando Angela com pensamentos felizes e satisfeitos. Logo Angela passou a conhecer mais do que felicidade e satisfação; sentiu extrema gratidão por ser a companheira escolhida de uma garota popular e importante, pois Mary, embora não fosse rápida nos estudos, era uma força em tudo o mais. Vestia-se bem, tinha uma boa mesada, podia tocar as últimas marchas no ginásio, recebia uma atenção medíocre, mas lisonjeira dos professores, e conseguia fazer as coisas acontecerem.

O jornal da escola estava morrendo, e Mary sabia como ressuscitá-lo. Ela trouxe anúncios dos negócios dos amigos do pai e fez as irmãs obterem assinaturas. Sem ser inoportuna ou irritante, sem ser condescendente ou bajuladora, ela logo se tornou a líder da sala. E, mesmo assim, continuou a andar com Angela. A popularidade foi aceita por ter-lhe sido confiada, mas Mary era gentil com a garota negra porque lhe era conveniente.

Angela estava feliz. Tinha uma amiga e uma amizade com vantagens inesperadas. Não era mais deixada fora dos grupos porque não podia haver planos de aula sem Mary, e Mary não ficava sem Angela. Então, para poupar tempo e conversa e, é claro, evitar

aborrecimento com a líder, Angela sempre era incluída. Não que ela ligasse muito, mas gostava de Mary; como sua confidente, oferecia sua amizade sem segundas intenções. E era gratificante estar no meio das coisas.

*

Em abril, o jornal da escola anunciou um novo departamento. A equipe editorial deveria ser composta por dois representantes de cada turma: um deveria ser o representante principal, eleito pelos votos da sala; o outro seria o assistente, escolhido pelo representante eleito. Este participaria das reuniões executivas e teria voz na organização do jornal, dizia o pomposo anúncio. O assistente solicitaria e coletaria assinaturas e taxas, receberia e reportaria reclamações: — Em suma, fará todo o trabalho sujo — disse Esther Bayliss.

A turma de Angela realizou uma breve reunião depois da escola e elegeu Mary Hastings como representante sem um voto dissidente.

— Não — disse Angela segurando um último pedaço de papel bastante encardido. — Temos um voto para Esther Bayliss.

Duas ou três das garotas riram. Todos sabiam que ela devia ter votado em si mesma; na verdade, fora Esther quem insistira em fazer cédulas em vez de uma votação falada. Mary já estava de pé. Ela tinha certeza do resultado da eleição, teria ficado realmente surpresa se tivesse acontecido de outra forma.

— Bem, meninas — ela começou com sua voz um tanto aguda e refinada —, quero agradecer a confiança que vocês deram, isto é, depositaram em mim, e tenho certeza de que todas sabem que farei o meu melhor para manter o nosso jornal funcionando. E já que estou falando sobre isso, anuncio que estou escolhendo Angela Murray como minha assistente.

Silêncio. As meninas que refletiram sobre a eleição sabiam que Mary seria eleita, e que isso significava que Angela também. E as que não refletiram não eram opostas à indicação. Então não havia o que fazer. Mas Esther Bayliss deu um passo à frente.

— Não sei quanto a vocês, mas acho que devemos pensar duas vezes antes de confiarmos o dinheiro da assinatura a uma negra.

Mary disse, completamente, chocada:

— Negra? O quê? De quem você está falando?

— Angela. Angela Murray é negra. Ao menos costumava ser quando frequentávamos a Eighteenth and Oxford.

Mary repetiu:

— Negra? Angela, você nunca me disse que era negra!

Angela estava surpresa.

— Dizer que sou negra?! Claro que nunca te disse que sou negra. Por que deveria?

— Viu? — disse Esther. — Ela nunca disse a Mary que é negra. Pensem no que ela faria com o nosso dinheiro!

*

Angela recolheu seus livros e saiu porta afora. Correu pela escadaria e deixou a escola pela entrada da Brandywine Street, seguindo para a 60th Street, onde não encontraria ninguém que conhecesse, especialmente àquela hora tardia. Em casa haveria trabalho a fazer, matérias para estudar e as longas, longas horas da noite deveriam passar antes que tivesse que enfrentar novamente a dor e a humilhação da sala de aula; antes que tivesse que endurecer seu coração e nervos para largar Mary Hastings, antes que Mary Hastings pudesse largá-la. Ninguém, ninguém, Mary muito menos, deveria adivinhar o quão Angela foi ferida. Mary e sua crescente perplexidade! Mary e sua exclamação: "*Negra!*"

Era um negócio curioso, a cor. Aparentemente, era a única característica que poderia colocar tudo a perder. Por causa dela, sua mãe havia se esquecido de cumprimentar o próprio marido na rua.

Mary Hastings poderia deixar o assunto ficar entre elas.

De manhã, Angela estava na escola cedo; todas as meninas deveriam vê-la ali e a atitude de cada uma deveria definir a sua. Ela se lembraria dos cumprimentos e guardaria para orientação futura. Algumas das meninas foram especialmente cuidadosas ao falar com

ela, uma ou duas sorriram de maneira significativa — assim pareceu — e se afastaram.

Algumas não falaram nada. Quando Mary Hastings entrou, Angela levantou-se e caminhou deliberadamente sem olhá-la, passando por ela e atravessando o corredor até o laboratório da Srta. Barrington. Ao retornar, passou pela mesa de Mary e a garota ergueu olhos preocupados, mas não hostis, para encontrar os seus; Angela devolveu o olhar, mas sem reconhecimento. Angela pensou consigo mesma: *Negra! Se tivessem me dito que Mary Hastings era uma bruxa, eu teria respondido: “E daí? Ela é minha amiga”.*

*

Antes que chegasse o mês de junho, Mary Hastings pediu para vê-la. Angela, que não estivera evitando-a nem procurando-a, assentiu friamente. Elas saíram juntas da aula de francês.

Quando chegaram ao corredor, Mary disse:

— Angela, vamos ser amigas de novo. Não faz diferença nenhuma. Não me importo mais.

— Mas é isso o que você não entende. Em primeiro lugar, por que deveria fazer diferença? Sou a mesma que sempre fui antes que soubesse que sou negra, e continuo a mesma. Que diferença deveria fazer?

— Não sei. Fiquei surpresa. Foi tão inesperado.

— O que foi inesperado?

— Não sei. Não consigo explicar. Mas vamos ser amigas.

— Bem — disse Angela, devagar. — Estou disposta, mas acho que não será do jeito que era antes.

Não foi. Algo, uma espontaneidade, uma confiança, faltava. Mary, que nunca pensara falar sobre raça, de repente estava consciente de que era um assunto do qual não deveria falar. Estava menos sincera; por vezes, contida. Angela era muito jovem para definir, mas pensava: *Ela me desapontou uma vez — eu era sua amiga —, mas ela me decepcionou e julgou por algo que eu não tenho culpa. É provável que ela faça de novo. É algo que está nela.*

Definitivamente, Angela disse a si mesma, *Mary se afastou não porque eu sou negra, mas porque ela não sabia disso, pois se*

nunca descobrisse, sempre teria sido minha amiga. Teríamos continuado tendo nossos bons momentos juntas.

E começou a se perguntar o que era mais importante: insistir nas questões da raça ou aceitar as coisas boas da vida que poderiam acontecer para ela se não fosse negra ou se a raça não pudesse identificá-la em seu país.

Durante o verão, a família de Mary Hastings, ao que parecia, recuperou sua fortuna perdida. De qualquer forma, ela não voltou para a escola no outono e Angela nunca mais a viu.

Capítulo 5

Virgínia entrou correndo.

— Angela, cadê mamãe?

— Saiu. Por que você está tão animada?

— Fui nomeada. Não é ótimo? Mamãe e papai vão ficar maravilhados! Bem no início do ano, então não terei que esperar. O anúncio oficial ainda não saiu, mas sei que está tudo certo. A senhorita Herren quer que eu compareça amanhã. Não é perfeitamente maravilhoso? Eu me formei na Normal⁴ em junho e na segunda semana de aula em setembro consegui um bom e formidável emprego. Querida, é muito melhor, como você deve ter me ouvido dizer antes, nascer com sorte do que rico. Mas eu tenho sorte e também serei rica. Pense nesse salário só para mim! Com nós duas trabalhando, mamãe e papai não precisarão de nada. Mamãe não terá que trabalhar se não quiser. Bem, o que você tem a dizer sobre isso, *Ito-na-gaju*⁵ ? Ou será que estou falando com a Sra. Henrietta Jones?

Angela deu uma risadinha e ergueu um *lorgnette*⁶ imaginário.

— Bem, realmente acho que você sabe mais do que eu. Estive pensando em como você teve sorte de conseguir sua entrevista logo de cara e como vai odiar agora que a conseguiu.

Ela própria, nomeada dois anos antes, não teve essa sorte. A rigor, não existiam escolas assim na Filadélfia. Por lei, embora crianças negras pudessem ser ensinadas por professores brancos, as crianças brancas nunca deviam receber conhecimento pelas mãos de professores negros. Como o número de graduados negros da Escola Normal estava aumentando constantemente, a cidade contornava essa dificuldade mantendo uma escola em um bairro de maioria negra, com um diretor negro e um corpo docente negro.

Crianças negras que moravam naquele distrito deveriam então frequentar aquela escola. Mas nenhuma atenção era dada às crianças brancas que deixavam este mesmo distrito para a escola branca ou mista e racialmente integrada mais próxima.

Angela era a sexta na lista de graduados negros. Cinco foram aceitos, mas não houve vaga para ela, e por vários meses ela ficou

ociosa substituindo aqui e ali, um dia ou dois, às vezes até uma semana. Ela só poderia ser nomeada para uma escola de negros, e ela só deveria ser substituta nesse tipo de sala de aula. Então o pai descobriu que uma jovem branca estava lecionando em uma escola de negros. Ele fez algumas investigações e descobriu que, assim que surgisse uma vaga em uma escola branca, a Srta. Mc-Sweeney seria transferida para lá e a filha dele poderia ficar em seu lugar.

Assim como previra, Angela não quis o emprego depois de recebê-lo. Ela esperava detestar ensinar crianças e sua expectativa, no fim das contas, era perfeitamente fundamentada.

Talvez ela gostasse de ensinar desenho para adultos; certamente gostaria de tentar.

Nesse ínterim, era bom ser independente, ocupar uma posição feminina e respeitável tão diferente dos primeiros dias de sua mãe, poder ter roupas bonitas e ajudar na casa; em suma, ganhar um salário consideravelmente adequado e estável. Para começar, tornou possível que ela aceitasse um trabalho na Academia de Belas Artes da Pensilvânia.

*

No jantar, Gínia estava de excelente humor.

— Agora, mamãe querida, você realmente deve andar em trajes de seda e ter roupas de baixo de sobra.

O compromisso de Angela havia acabado com o dia de trabalho enfadonho. Mattie não lavaria mais roupas.

— Vamos chamar Hettie Daniels para limpar a casa aos sábados. Não terei mais que esfregar os degraus da frente e tudo será festivo e divertido.

Pondo o prato de lado, ela correu para o pai, subiu em seu joelho e jogou seus adoráveis braços negros em volta do pescoço dele.

Ela ainda o adorava, ainda o considerava o melhor homem do mundo; ainda queria um marido que fosse exatamente como ele; mas não tão alto nem tão negro. Matthew Henson tinha apenas estatura mediana, era de uma espécie de amarelo avermelhado e claramente não era tão bonito quanto seu pai. Na verdade, Virgínia

pensou, com uma pontada de vergonha por sua deslealdade, que teria sido uma coisa boa se Matthew pudesse trocar a pele mais clara pela cor de seu pai e assim ganhar também o cabelo preto volumoso e grosso, mas lindamente cacheado de Junius. Matthew herdou o cabelo volumoso, denso e crespo do pai. Só que, graças a Deus, era mais escuro.

Junius colocou sua filha esbelta em seus braços.

— Querida, você quer algo do meu prato?

Quando criança, Virgínia fora uma pedinte notória.

— Querido! — chamou Mattie. — Eu estava pensando que agora você poderia comprar o carro do Sr. Hallowell. Ele está de olho em um Cadillac, de acordo com Kate, e estaria disposto a vender o dele.

Junius ficou satisfeito, mas achou que deveria protestar.

— Já estou tão velho assim? Talvez eu possa comprar o carro agora que minhas garotas estão ganhando tanto, mas a manutenção, fiquei sabendo, é bem cara.

— Bobagem — disse Mattie. — Vá em frente e compre-o, Junius. Pense em quão bom será um passeio pela North Broad Street à noite.

E Angela acrescentou gentilmente:

— Acho que você deve isso a si mesmo, papai. Gínia e eu manteremos a casa até que você termine de pagar.

— Bem, é claro que não há nenhuma razão para eu... — Junius se corrigiu — ...para que nós não tenhamos um carro, se o quisermos.

Ele se viu passando momentos felizes curtindo os mistérios mais íntimos do pequeno carro. Compraria peças novas, talvez trocasse o motor, pintaria e manteria a manutenção em dia. E podia muito bem se dar ao luxo.

A casinha há muito estava paga; ele estava bem seguro e suas duas filhas estavam crescidas e cuidando de si mesmas. Ele tirou Gínia do joelho.

— Acho que vou correr para a casa dos Hallowell agora e ver o que Tom vai querer por aquele carro. Vou tentar encontrá-lo antes que ele vá para a cidade.

— Pense! Pode ser que nesta hora na próxima semana será você indo para a cidade de carro — disse Virgínia.

*

Ela estava muito feliz. A vida caminhava bem. Ela era jovem, tinha vinte anos e estava prestes a ganhar seu próprio sustento.

— *Você está para viver* — disse, citando uma passagem latina que sempre a intrigou.

A mãe nunca mais teria que trabalhar; o pai teria um Henry Ford; ela própria arranjaría um bom professor de música e também iniciaria o estudo de métodos na Universidade da Pensilvânia.

Angela podia ouvi-la lá embaixo conversando com Matthew Henson.

— Pense nisso, Matt, fui nomeada.

— Ótimo! — disse Matthew. — Angela está? Você acha que ela gostaria de ir ao cinema comigo esta noite? Ela estava muito cansada da última vez. Seja uma boa menina, suba e pergunte a ela.

Angela suspirou. Ela não queria sair com Matthew; ele a cansava tanto. E, além disso, as pessoas sempre olhavam para ela de forma tão estranha. Desejou que ele, de repente, metesse na cabeça que queria sair com Gínia.

*

Os domingos ainda eram dias felizes. Um ar de prosperidade, de vitória, havia se instalado sobre a família. As negociações do Sr. Murray com Tom Hallowell foram muito bem-sucedidas. O Ford, um pequeno cupê de quatro lugares, compacto e robusto, mudou de mãos. O ex-proprietário apareceu no domingo para oferecer uma lição a Junius. Toda a família conseguiu se amontoar, apesar das duas jovens esbeltas. Eles seguiram pela Jefferson Street e para muito, muito longe, da Ridge Avenue até o Wissahickon e, depois, para a Chestnut Hill. De vez em quando, quando o trânsito estava tranquilo, Junius assumia o volante, antecipando as instruções de Tom com naturalidade. Eles voltaram rindo, felizes, com um orgulho perdoável. O brilho intenso e suave do ensolarado fim de tarde de

setembro inundou a pequena sala de estar; a sala de jantar, por sua vez, estava escura e a cozinha cheirava a pão de gengibre e a compotas condimentadas. Antes do jantar, as aulas de Junius foram finalizadas.

— Levará anos até que eu esqueça todas as coisas que aprendi na escola — disse Gínia alegremente.

Mais tarde, alguns meninos chegaram. Matthew Henson procurava, insatisfeito, na escuridão do outono, por Angela e ficou imediatamente contente quando a viu; Arthur Sawyer, que acabara de ingressar na Faculdade de Pedagogia, tinha um pouco de vergonha dela, pois considerava que o trabalho docente servia apenas para mulheres.

— Mas tenho que ganhar a vida de alguma forma, não é? E não serei um carteiro!

— Qual é o problema em ser carteiro? — perguntou Henson indignado. Ele tinha acabado de ser nomeado. Na verdade, ele mesmo não gostara do trabalho, mas não queria falar mal dele diante de Angela. — Diga-me que trabalho melhor ou mais seguro existe para um homem negro na Filadélfia?

— Nenhum, nada no mundo, exceto a docência — disse Sawyer prontamente. — Mas é exatamente a isso que me oponho. Estou cansado de planejar minha vida em torno da minha raça. Não estou nem um pouco envergonhado dela. Não me importo nem um pouco com o fato de que já fomos escravizados. Todas as raças do mundo já ocuparam uma posição servil. Mas me importo de ter que levar isso em consideração toda vez que quero comer fora de casa, toda vez que entro em um teatro, toda vez que penso em uma profissão.

— Mas é necessário levar em consideração — disse Gínia suavemente. — No momento, é um dos fatos da nossa vida, assim como a claudicação ou a miopia pode ser para um homem branco.

A inevitável discussão racial começara.

— Ah, mas é aí que você se engana, Srta. Virgínia — um jovem alto, magro e bastante arrogante falou do canto. Eles o conheciam como Franky Porter, e ultimamente passara a publicar poemas no Tribunal da Filadélfia, assinados como F. Seymour Porter.

— Na verdade, você está totalmente errada, pois fala como se a própria cor fosse uma deformidade. Ao passo que, como a Srta. Angela sendo artista sabe, a cor pode realmente ser uma coisa muito bonita, não é?

— Oh, não me arraste para essa velha discussão — Angela respondeu zangada. — Estou farta de todo esse negócio de raça. E não me chame de Srta. Angela. Me chame de Angela, como todos vocês sempre fizeram ou então me chame de Srta. Murray. Não, não acho que ser negra nos Estados Unidos seja uma coisa linda. Acho que não é nada menos que uma maldição.

— Bem — disse Porter, devagar — acho que ser ou não uma maldição depende de você. É preciso decidir se vai ou não deixar isso interferir no seu desenvolvimento pessoal e, a partir disso, talvez seja prejudicial ou talvez seja um estímulo. Suponho que Sawyer que, mesmo quando éramos crianças, sempre quis ser engenheiro, transformará sua raça em uma maldição ou uma bênção se esconder suas tendências naturais sob o alqueire da docência ou inspirar outros ao se tornar o melhor tipo de engenheiro que já existiu, de modo que as pessoas simplesmente terão que tomá-lo pelo que ele é e ignorar sua raça.

— É isso — disse Gínia. — Sabe, ser negro, muitas vezes, te movimenta.

— E é a isso que me oponho — Angela respondeu perversamente — Estou farta desse negócio de estar sempre abaixo ou acima de uma determinada norma. Vocês não acham que temos o direito de ser felizes de maneira simples, natural?

*

Aos poucos, eles se distraíram com a música. Virgínia tocou algumas canções populares e os velhos e belos clássicos de todos os tempos: "Drink to me only with thine eyes" e "Sweet and low". Arthur Sawyer tinha uma voz suave e macia de tenor, e Angela, um bom contralto; Virgínia e os outros meninos mantiveram a melodia enquanto Junius trovejava seu grave profundo e inflexível. As adoráveis melodias e a paz da família feliz e tranquila se apoderaram deles; logo se despediram e os jovens saíram

cansados e contentes para os confins escuros da Opal Street. Angela e Mattie subiram as escadas, mas Virgínia e o pai permaneceram e seguiram cantando baixinho para não perturbar a rua adormecida. Alguns hinos e, finalmente, as notas majestosas de "The Dying Christian".

A Sra. Murray havia reclamado de estar cansada.

— Acho que vou me deitar um pouco na sua cama, Angela, até seu pai chegar.

Mas a filha percebeu que a mãe não havia relaxado; ao contrário, estava se inclinando um pouco para a frente e, então, Angela percebeu que ela estava tentando captar cada nota da voz viril e calorosa de seu marido.

— A senhora ouviu sobre o que estávamos conversando antes de os meninos irem embora. A senhora e meu pai nunca se preocuparam em discutir esses assuntos, não é?

Mattie parecia se esforçar para não ouvir a voz da filha.

— Não mais. É claro que costumávamos falar sobre essas coisas, mas ficamos tão preocupados com o problema que é viver apenas com a própria vida, que aos poucos ser negro ou não se tornou apenas uma coisa a mais ou a menos ante ao que você terá que enfrentar. Mas é claro que houve momentos em que a raça foi o ponto de partida de nossas discussões. Lembro-me de como quando você e Gínia eram pequeninas e ela sempre corria para o piano e você rabiscava as paredes. Muitas vezes bati em seus dedinhos por isso, Angela. Costumávamos passar metade da noite falando sobre você, seu pai e eu. Eu queria que vocês fossem grandes artistas, mas Junius dizia: *Não, vamos dar-lhes uma educação simples e boa, colocá-las no caminho de ganhar uma vida segura e honesta; então, se elas conseguirem transpor todas as pedras que estarão em seu caminho como garotas negras, elas conseguirão ser artistas, não tema.* E ele estava certo.

A música no andar de baixo parou e Mattie se recostou, relaxada e sonolenta.

— Seu pai sempre está certo.

Muito disso era novidade para Angela, e ela gostaria de saber mais sobre as primeiras discussões noturnas. Mas apenas disse, sorrindo:

— Você ainda é louca pelo papai, não é, mamãe?
Mattie despertou em um instante.
— Louca! Eu daria minha vida por ele!

*

As excursões de sábado há muito eram coisa do passado; Henry Ford mudou isso. Além disso, as tarefas extras que as meninas haviam assumido além de suas aulas, Angela, na Academia, e Virgínia, na Universidade, tornavam a tarde de sábado um período de relaxamento extremamente necessário para ser gasto daquela antiga maneira.

Ainda houve ocasiões em que Angela, em busca de um novo vestido ou uma galeria de fotos, pedia à mãe que a acompanhasse. E nessas horas as duas se entregavam ao antigo costume de tomar chá e ter uma hora de conversa confortável no luxo de algum salão de chá exclusivo ou em um hotel. Mattie, mais velha e nem tão cansada, nesses dias de relativa facilidade em que as árduas tarefas da semana ficavam para trás, respondia alegremente, como naquelas outras vezes, ao chamado da moda e da aparência, ao ar de boa vida que impregnava esses lugares. Além disso, ela própria era capaz de contribuir para essa atmosfera. As filhas insistiam em lhe presentear com as roupas elegantes e delicadas que amava, e insistiam igualmente que fossem usadas.

— Não faz sentido deixá-las penduradas no armário — disse Gínia alegremente.

Todas as suas profecias tinham se tornado realidade; a mãe dispunha dos serviços de uma empregada sempre que precisava e, na maior parte do tempo, se vestia com trajes de seda e tinha vestidos de sobra para usar.

Mattie estava no centro da cidade, usando um agora. O Auxiliar das Senhoras de sua igreja deveria dar uma recepção após a Quaresma, e Mattie pretendia organizar a sua.

— Estamos ficando velhas — disse ela um pouco melancólica —, mas faremos com que vocês, jovens, nos vejam como sempre viram.

Angela respondeu que tinha certeza disso.

— E eu sei um ou dois pequenos segredos para a pele que tornará impossível para você se achar velha.

Mas a mãe já os conhecia. No entanto, expressou vontade de aceitar a oferta de Angela. Ela adorava receber informações e, ultimamente, Angela demonstrara tendência para rivalizar até com Gínia nesse aspecto. A garota mais velha estava começando a perder um pouco de sua inquietação. A vida era muito animada, mas confortável e agradável; a vida familiar era ideal e seu tempo na escola de artes, delicioso. O instrutor estava interessado em seu progresso, e uma ou duas das garotas mostraram desejo de começar uma verdadeira amizade. Ela não se interessara muito por essas intimidades, mas estava vendo o suficiente de um mundo maior e mais livre para se irritar com as restrições que de alguma forma pareciam atingir seu grupo. Como resultado até mesmo dessa pequena satisfação de seus desejos, Angela estava se entregando cada vez menos à meditação e à introspecção, embora em nenhum momento ela foi capaz de se adaptar a viver com a espontaneidade completa tão característica de Gínia.

Mas era jovem e, de alguma forma, a vida se torceria e se moldaria aos seus anseios subconscientes, assim como acontecera com sua mãe, ela pensou. Seguiria Mattie dentro e fora das lojas, emitindo opiniões e se prestando a todas as exigências que as compras impunham. Não era uma ocupação de que gostasse muito, mas, como sua mãe, adorava a atmosfera e da companhia de mulheres bem-vestidas e luxuosamente posicionadas. Ninguém poderia dizer, ninguém teria pensado, por um único momento, que ela e a mãe tinham vindo da minúscula Opal Street; ninguém poderia ter sonhado com suas conexões raciais.

E se Gínia estivesse aqui, pensou Angela, escolhendo outro bolo, ela realmente seria tão capaz de se encaixar em tudo isso como minha mãe e eu; mas eles não a deixariam.

E novamente ela se permitiu pensar na falácia de um sistema social que estendia a aparência muito além do que era.

Elas saíram para o cinza-úmido da tarde de março. As ruas estavam lamacentas e pegajosas; o céu, encharcado e sombrio. Mattie estremeceu e pensou na cadeira Morris, na minúscula, mas aconchegante, sala de jantar de sua casa. Ela queria ir para a

intercessão na Catherine Street e havia duas ligações para fazer na Fifteenth. Por fim, tudo isso foi feito.

— Agora vamos pegar o próximo carro e logo estaremos em casa.

— Você parece cansada, mãe — disse Angela.

— Estou cansada — Mattie confessou e, de repente, se apoiando na filha, perdeu a consciência.

Ao redor delas, formou-se uma pequena multidão e um homem que passava em um automóvel gentilmente as conduziu a um hospital na Broad Street, a dois quarteirões de distância. Era um hospital para o qual nenhuma mulher negra jamais teria sido admitida, exceto para limpar, mas não havia objeção a ser feita no caso desta paciente.

— Ela vai ficar bem logo — o médico anunciou. — Foi só um pequeno desmaio provocado pelo esforço excessivo. Vocês chegaram em carro próprio? Seria bom se você pudesse ter um para levá-la para casa.

— Oh, mas é claro. — Angela correu para o telefone esquecendo tudo, exceto que o pai estava na loja hoje e, portanto, quase ao alcance, e o carro também.

Não muito depois ele entrou no hospital, alto, negro e bastante maltrapilho nas roupas do trabalho. Foi recebido pela recepcionista com um hostil:

— Sim? E você, o que quer?

Angela, correndo pelo saguão até ele, parou ao ouvir.

Junius soube se adaptar à situação.

— Eu sou o chofer da Sra. Murray — anunciou ele, odiando a decepção, mas preocupado com a esposa. — Ela está muito mal, Srta. Angela?

A filha se apressou em tranquilizá-lo.

— Não, ela descera em alguns minutos.

— E enquanto isso você pode esperar lá fora — disse a recepcionista friamente. Ela não acreditava que as pessoas negras eram exatamente humanas; em sua opinião, não havia lugar para elas no esquema de vida.

Junius retirou-se e, meia hora depois, o jovem médico e a enfermeira saíram apoiando sua pálida esposa. Ele correu para a

calçada:

— Apoie-se em mim, Sra. Murray.

Mas, soluçando, ela jogou os braços em volta do seu pescoço.

— Oh Junius, Junius!

Ele a ergueu e, então, acompanhou Angela e foram embora. O médico voltou para o hospital furioso com aquelas malditas mulheres brancas e seu criado negro. Mulheres assim deveriam ser colocadas em uma ala psiquiátrica e os negros, queimados.

*

As meninas colocaram a Sra. Murray na cadeira Morris e correram escada acima para buscar travesseiros e cobertores.

Quando voltaram, Junius estava na cadeira e a Sra. Murray em seus braços.

— Oh, Junius, querido Junius.

— Você acha que ela vai morrer? — sussurrou Gínia, abalada. O que — ela se perguntou — seria do pai?

Mas, em poucos dias, Mattie estava totalmente recuperada e mais feliz do que nunca; se recuperara na reflorescência de amor e ternura que surgira entre ela e Junius. No entanto, Junius não estava tão bem.

Tivera uma leve gripe durante o inverno e as curtas caminhadas de meia hora no traiçoeiro clima de março não serviram para melhorá-lo. Ele estava rouco e febril, embora não admitisse imediatamente. Mas uma dor lancinante no peito o obrigou a pedir por um médico numa manhã. Em pânico, Mattie mandou chamá-lo. Junius estava muito doente! Ela nunca o tinha visto com nada além de um resfriado. O médico admitiu com relutância a pneumonia: — Um caso grave, mas acho que podemos resolvê-lo.

Junius sofreu terrivelmente. Mattie sofreu com ele, nunca deixando sua cabeceira. No quinto dia, ele estava delirando. Sua esposa pensou: *Certamente Deus não vai deixá-lo morrer sem falar comigo novamente.*

Perto da noite, Junius abriu os olhos e viu seu rosto terno e aflito. Ele sorriu.

— Querida Mattie — disse. — E, então, pediu gentilmente: — Gínia, gostaria de ouvir um pouco de música, “Vital spark”, por favor. Virgínia desceu até a pequena sala de estar e tocou “The Dying Christian”.

Angela pensou: *Oh, que terrível! Oh, como ela pode?* Em seguida, chamou suavemente:

— Gínia, Gínia suba.

A mão de Junius procurava a de Mattie. Elas se entrelaçaram.

— Querida Mattie — disse ele —, o céu se abre aos meus olhos...

*

A casa ainda estava com a terrível quietude que se segue a um funeral. Toda a agitação e pressa tinham acabado; ao final, a realização pelo qual a família vinha se esforçando nos últimos três dias se completou. As carnes assadas do funeral foram levadas embora; Virgínia cuidou disso.

Angela estava no quarto, olhando fixamente para ela com os olhos secos; amava o pai, mas nem mesmo por ele poderia suportar essa dor dolorosa e amorfa de luto. Ela ficava dizendo para si mesma com veemência: *Preciso superar isso. Não posso suportar. Vou embora.*

A Sra. Murray estava sentada na velha cadeira da sala de jantar. Ela acariciou os braços da mobília com dedos; recostou o rosto repetidamente no estofado estourado. Era possível saber que ela se lembrava de uma bochecha escura e amada.

Gínia disse:

— Suba e deixe-me colocá-la na cama, querida. Você vai dormir comigo, certo? Você vai confortar sua garotinha, não é, mamãe? — Então, como não houve resposta, insistiu: — Você vai ficar doente.

A mãe se sentou repentinamente.

— Sim, é isso que eu quero fazer. Oh, Gínia, você acha que posso ficar doente o suficiente para segui-lo? Minha filha, tente me perdoar, mas eu devo ir até ele. Não posso viver sem ele. Eu não

mereço uma filha como você, mas não deixe que eles me segurem. Eu quero morrer, eu devo morrer. Diga que me perdoa...

— Querida — e era como se o marido, em vez da filha, falasse —, o que você quiser é o que eu quero. — Com um esforço supremo, ela conteve as lágrimas, mas levou anos para se esquecer da imagem da mãe sentada na velha cadeira, se preparando para a morte.

Capítulo 6

Na Academia, as questões progrediram suavemente, sem quaisquer problemas. Angela ficava ansiosa por passar tempo lá e detestava que passasse tão rápido. Seus colegas e instrutores eram mais do que cordiais, havia um verdadeiro senso de camaradagem entre eles.

Ela não havia mencionado sua linhagem negra; na verdade, não teve oportunidade de fazê-lo. Mas não acreditava que esse fato, se conhecido, pudesse causar qualquer mudança na maneira como era tratada. Os artistas eram conhecidos pela mente aberta. Eram os primeiros a julgar uma pessoa por seu valor, e não por qualquer traço físico. É verdade que a Srta. Henderson, uma jovem indiscutivelmente negra, não foi recebida com a mesma cordialidade e atenção que Angela, mesmo sendo dotada de talento inegável, e até originalidade.

Angela pensou que algo na personalidade da jovem impedia que fizesse amizades; ela parecia desconfiada, quase ofensivamente retraída. Decerto, nunca falava a menos que lhe falassem; era conhecida por passar uma sessão inteira sem nem mesmo olhar para um colega.

A própria Angela não chegara a ter nenhuma intimidade genuína. Duas colegas a convidaram para ir a suas casas, mas ela sempre recusou; esses convites teriam de ser devolvidos com outros semelhantes e a presença de Gínia implicaria em explicações.

O convite do Sr. Shields, o instrutor, para tomar chá em sua casa com sua esposa era diferente, e Angela aceitou de bom grado. Não sabia dizer para que fim estava se esforçando. Ela não gostava de ensinar e queria desistir. Por outro lado, deveria ganhar a vida de alguma forma. O Sr. Shields sugeriu que ela poderia aumentar tanto sua capacidade de ganhar quanto seu prazer por meio de uma aplicação mais prática de sua arte.

Havia diretorias de desenho nas escolas públicas, cargos em escolas e faculdades de arte ou, como Angela reconhecia

francamente sua relutância em instruir, talvez pudesse ser compradora da seção de arte de uma loja de departamentos.

— E — disse a Sra. Shields — você nunca sabe o que pode estar reservado para você se tiver se preparado.

Ela e o marido foram atraídos pelo talento e fala agradável da garota. Angela possuía um ar sofisticado e se vestia inegavelmente bem. A morte de seus pais significou a posse de metade da casa e metade de um seguro no valor de três mil dólares. Seu salário era adequado, suas despesas quase inexistentes. Na verdade, mesmo seu atual estilo de vida lhe dava poucos motivos para reclamar, exceto que suas afiliações raciais estreitavam seus limites. Mas ela estava inquieta e consciente do desejo de horizontes mais amplos. Ela confidenciou isso a seus novos amigos.

— Perfeitamente natural — concordaram eles.

— Não há como dizer onde seus gostos e talentos a levarão, talvez para a Europa e certamente para a formação de novas e interessantes amizades. Você achará que a plateia artística é a mais aberta e liberal do mundo.

— Também há possibilidades de bolsas de estudo — concluiu Shields de maneira mais prática.

A Academia oferecia algumas por competição. Mas havia outras mais liberais e praticamente sem restrições.

*

Os domingos na Opal Street ainda mantinham uma atmosfera diferente e especial. Gínia, às vezes, ia à igreja, e noutras, enchia o carro com um grupo de garotas risonhas da sua idade e jogava o velho e aventureiro jogo do pai. Angela preferia ficar em casa. Ela gostava de dormir até tarde, levantar-se para um banho relaxante e uma toalete meticulosa. Depois revirava o guarda-roupa, separando e descartando; lia a programação da semana de cinemas, shows e exposições. E, finalmente, começava a esboçar uma nova pintura, geralmente conseguindo uma nova versão da cabeça de Hetty Daniels.

Hetty, que vivia com as meninas agora na tripla função, segundo ela, de governanta, companheira e acompanhante,

adorava posar. Satisfazia alguma vaidade insaciável em sua existência vazia e sem amor. Ela não podia conceber a ideia de ser desenhada porque era, no jargão da arte, “interessante”, “pintável” ou “difícil”. Modelos, pelo que sabia, eram escolhidos por sua beleza.

Ela sentava-se dura e ereta, contando a Angela as aventuras românticas de algum período remoto de sua juventude. Ela não podia ser muito velha, pensou a jovem; na verdade, pelo que contava, devia ser pelo menos doze anos mais nova que Mattie. No entanto, a Sra. Murray carregou consigo até o fim uma qualidade incontestável de feminilidade que manteria sua memória jovem para sempre.

O grande fetiche da senhorita Daniels era a moralidade sexual.

— Aqueles rapazes estavam sempre perto de mim como abelhas em busca de mel; toda noite, havia mais deles na minha sala do que você e Gínia tiveram por aqui. Mas eu nunca dei ouvidos a nenhuma conversa, apenas estendia a mão e mantive minha pérola intacta. Era meu objetivo, e ainda é, ser virgem.

Seus anseios não acalmados brilharam de repente em seus olhos, transformando seu rosto, geralmente bastante inexpressivo, em algo selvagem e ávido. A imóvel máscara negra de sua pele era um excelente contraste para a vivacidade de uma emoção tão aparente e palpável que parecia algo sobreposto ao fundo de seu semblante.

— Se eu pudesse captar esse brilho para o Sr. Shields — pensou Angela em voz alta — aposto que poderia obter qualquer uma das bolsas de estudos... Então você teve muito mais namorados do que nós, Hetty? Bem, você não teria que ter muitos para nos superar.

A mesma meia dúzia de rapazes ainda visitava a casa de Murray aos domingos. Nenhum deles, exceto Matthew Henson, vinha como pretendente; os outros apareciam em parte por hábito; em parte, Gínia costumava dizer, por causa do bom pão de gengibre de Hetty Daniels; mas, mais do que por qualquer outra razão, para ter um lugar confortável para discutir e alguém para conduzir a discussão.

— Eles certamente discutem — Angela resmungava um pouco, mas não se importava. Matthew geralmente era o líder nas intermináveis discussões, mas ela preferia isso ao seu desajeitado e desagradável cortejo.

Claro que ela poderia sair, mas não havia nenhum lugar para ir, nem nenhum amigo para juntar-se a ela. Se fizesse ligações, haveria provavelmente apenas uma imitação do que estava acontecendo em sua própria casa. Era verdade que a dança dominical estava sendo retomada. Mas ela e Virgínia não se encaixavam lá muito bem. Seu desejo era uma sala de desenho (*havia* gente que usava esse termo) confortável, povoada por homens e mulheres ilustres que faziam coisas como escrever, pintar e atuar, pessoas com uma ampla formação cultural, ou, na falta disso, com a originalidade de pensamento e discurso que vem de falhar, falhar deliberadamente, em se conformar com o padrão.

Em algum lugar — supôs — deve haver pessoas negras assim. Mas ela não conhecia nenhuma. Sabia que havia pessoas na Filadélfia que haviam deixado muito, muito para trás, inclusive a classe econômica à qual seu pai e sua mãe haviam pertencido. Mas seus pensamentos e ações ainda eram limitados e confinados; elas estavam sentadas em seus novos aposentos luxuosos, ainda aparvalhadas mentalmente, ainda discutindo a eterna questão racial, da mesma forma que os jovens faziam no momento.

Naquela noite, a discutiam com uma nova ênfase que Angela, normalmente sentada apenas meio atenta entre eles, não se lembrava de ter ouvido antes. Seymour Porter tinha começado o evento, tentando forçar um de seus poemas. Não era um poema ruim; no padrão do verso moderno, possuía um toque distintamente acima do medíocre.

— Por que você não para com essas coisas e vai pelo caminho tradicional, Porter? — rosnou Matthew. — Você será muito mais útil à sua raça como um bom dentista do que como um poeta mais ou menos.

Por acaso, Henson sabia que a quantidade de estudos que o jovem poeta tinha na universidade mal o mantinha matriculado na faculdade de odontologia.

Porter passou a mão pelo cabelo lindamente penteado. Ele tinha praticado esse gesto mais cedo.

— Lá vai você, Henson. Nunca te ocorreu que a raça é feita de indivíduos e você não pode conservar o bem do todo a menos que estabeleça o de cada parte? É melhor para mim ser um dentista de primeira linha e ser uma personalidade confinada ou um poeta mais ou menos, como você diz, e ser eu mesmo?

Henson argumentou que um negro estadunidense deve levar em conta que geralmente vive em uma comunidade hostil.

— Se você for apenas um poeta mais ou menos, pensarão que você é um representante de sua raça e que todos nós somos igualmente desprezíveis. Mas se você for um bom dentista, eles não vão pensar, é verdade, que somos todos tão habilidosos quanto você, mas vão respeitá-lo e admitir que provavelmente existem mais alguns como você. Não faz sentido, mas é assim que eles pensam.

Arthur Sawyer se opôs a essa constante se rendendo a uma censura invisível.

— Se você é negro, precisa se equilibrar um pouco; você deve considerar a integridade racial e individual. Eu tenho que ter certeza de ter um emprego agora. Portanto, para não levar a acusação de vadiagem contra minha família, vou dar aulas até que tenha economizado dinheiro suficiente para estudar engenharia com conforto.

— E quando você conseguir? — perguntou Matthew educadamente.

— Quando eu conseguir, se esta cidade recobrar o juízo, terei um trabalho importante com Baldwin. Senão, irei para a América do Sul e conseguirei os papéis de naturalização.

— Mas você não pode fazer isso — disse Gínia. — Precisariamos de você mais do que nunca se você tivesse todo esse conhecimento. Sabe o que penso? Todos nós temos que decidir sacrificar alguma coisa. Quero dizer algo mais do que apenas os sacrifícios comuns na vida, não tanto por causa da próxima geração, mas por causa de algum princípio, por causa de alguma qualidade imaterial como orgulho ou grande respeito próprio ou mesmo uma complacência salvadora; um tônico espiritual de que a raça precisa, talvez tanto quanto o corpo, de ferro ou o que quer

que seja necessário para dar o tipo adequado de resistência. Há algumas coisas que um indivíduo pode desejar, mas das quais ele simplesmente terá que desistir para sempre pelo bem do todo mais importante.

— Me surpreende — disse Sawyer indulgentemente —, como uma coisinha como você pode ter um pensamento tão grandioso. Não sei se um homem desiste dos desejos de seu coração para sempre só porque é negro. Isso me parece um pedido bem grande.

— Pedido grande ou não — disse Henson — ela chega perto de estar certa. O que você acha, Angela?

— O mesmo que sempre achei. Não vejo sentido em viver a menos que você seja feliz.

*

Angela levou o desenho de Hetty Daniels para a escola.

— Que tipo interessante! — disse Gertrude Quale, a garota ao lado dela. — Tanta infelicidade cósmica e trágica naquele rosto. De onde ela é? Não é estadunidense, é?

— Ah, sim, ela é. Ela é uma velha mulher negra que trabalhou em nossa família durante anos e nasceu bem aqui na Filadélfia.

— Oh, negra! Bem, é claro que você a chamaria de estadunidense, embora eu nunca pense em negros como tais. Negra, sim... isso explicaria a infelicidade em seu rosto. Suponho que todos eles odeiam isso.

Era de tarde, após a aula. A modelo entrou; uma mulher pequena e bastante magra, de rosto um tanto bonito, mas rabugento, com um ar de maldade. Angela a observou, cheia de agradável antecipação.

Ela gostava de trabalhar com personalidade; era até melhor do que trabalhar com beleza. A modelo olhou para Angela, desviou o rosto e se voltou novamente para ela com um olhar insistente e ligeiramente incrédulo. Era Esther Bayliss, que já havia cursado o ensino médio com Angela. Ela havia partido não muito depois do retorno de Mary Hastings para o colégio interno.

Angela não tinha motivos para falar com ela e imersa no retrato do rostinho redondo, mas pontudo, esqueceu a identidade da garota. Mas Esther manteve os olhos fixos na ex-colega de escola com uma espécie de reflexão intensa e raivosa, tão envolvente que se esqueceu da pose e o Sr. Shield chamou sua atenção duas ou três vezes.

Na terceira vez, ele disse sem ser indelicado:

— Você terá que manter melhor sua postura, Srta. Bayliss, ou terá que se retirar.

— Não gostaria de ficar — disse ela, vingativa. — Ainda não cheguei ao ponto de me rebaixar para posar para uma garota negra.

Ele olhou ao redor, admirado; não, a Srta. Henderson nunca havia frequentado aquela aula.

— Bem, depois dessa não poderíamos te manter aqui. Não recebemos ordens de nossas modelos. Mas não há nenhuma aluna negra aqui.

— Ah, mas há sim. A não ser que ela tenha mudado de nome. — Ela riu, odiosa. — Aquela ali não é Angela Murray, ao lado da garota judia? — Shields assentiu. — Bem, ela é negra, embora jamais fosse te contar. Mas eu sei. Frequentei a mesma escola que ela na North Philadelphia. E digo que não ficaria para posar para ela mesmo que você me pagasse dez vezes mais. Como ela pode ficar sentada aí desenhando como se fosse tão boa quanto uma garota branca?

Espantado e desconcertado, ele contou à esposa.

— Mas não consigo acreditar que ela é negra, Mabel. Angela se parece e age como qualquer garota branca, até mesmo se veste melhor do que qualquer uma. Mas aquela modelo miserável disse que ela é negra.

— Bem, ela não pode ser. Acha mesmo que não reconheço uma mulher negra quando a vejo? Reconheço-as de longe.

Parecia-lhe uma questão vital e, no entanto, vergonhosa.

— Se ela é negra, deveria ter me contado. Certamente gostaria de saber, mas, dadas as circunstâncias, não posso perguntar. Imagine se ela é mesmo branca, apesar do que aquela miserável disse!

Ele encontrou o endereço de Angela nos registros e uma tarde, com vergonhosa curiosidade, foi até a Opal Street e passou pela casa.

Gínia estava voltando da escola e Hetty Daniels, a caminho do mercado, a cumprimentou no degrau inferior. Então Virgínia colocou a chave na fechadura e entrou.

— Ela é negra — o Sr. Shields disse à esposa. — Nenhuma garota branca em seu juízo perfeito se misturaria com pessoas negras.

— Não acredito! Ela é negra? Bem, ela não deve vir aqui novamente, Henry.

Angela o abordou depois da aula no sábado.

— Como está a Sra. Shields? Não posso sair para vê-la esta semana, mas com certeza irei na próxima.

Ele deixou escapar miseravelmente:

— Mas, Srta. Murray, você nunca me disse que era negra.

Angela se sentiu como se estivesse ensaiando um papel que conhecia bem em uma peça.

— Negra?! Claro que nunca te disse que sou negra. Por que deveria?

*

Mas, aparentemente, havia um motivo. Angela se sentou no quarto em completo abatimento, tentando raciocinar. Como nos velhos tempos, não contou para Gínia, pois o que ela poderia fazer? Angela se perguntou se sua mãe já tinha tido tais experiências. Havia algo inerentemente errado com a sua passibilidade ?

Para Mattie, isso não passava de uma brincadeira. Em uma ocasião, aquele dia terrível no hospital, em que sua passibilidade pode ter significado a diferença entre atendimento e negligência, a mãe de Angela deliberadamente desistira daquilo. Mas Mattie, Angela já havia começado a perceber, não considerava a cor como algo intimamente relacionado à sua felicidade pessoal. Ela estava perfeitamente satisfeita, absolutamente conformada, tanto em um mundo branco com Angela quanto na pequena Opal Street com sua família e amigos negros. Por outro lado, parecia a Angela que todas

as coisas que ela mais queria estavam perto da brancura. Todas as coisas boas. Não porque eram brancos — dizia algum instinto friamente racional —, mas porque eles tinham poder e o distintivo desse poder era a brancura, muito parecida com as cores do brasão de uma família poderosa. Angela possuía o distintivo e, a menos que houvesse alguém para delatá-la, ela poderia possuir o poder que representava.

Hetty Daniels disse:

— O Sr. Henson está aqui para vê-la.

Por mais cansativa que fosse sua presença, Angela quase lhe deu as boas-vindas esta noite, e até aceitou seu ansioso convite para ir ver um filme.

— É um cinema muito bonito, Angela. Você vai gostar dos arredores quase tanto quanto o filme, que é muito bom. Sawyer e eu o vimos cerca de duas semanas atrás. Pensei então que gostaria de te levar.

Ela sabia que esse era seu método indireto de lhe dizer que eles não encontrariam dificuldade em entrar; uma garantia reconfortante, pois os cinemas da Filadélfia, como Angela sabia, podiam ser muito desagradáveis para pessoas negras. Henson ofereceu-se para chamar um táxi enquanto ela vestia as roupas comuns, e ela permitiu a extravagância desnecessária, pois odiava as conjecturas nos rostos dos passageiros nos bondes; conjecturas, ela sentia em sua sensibilidade, que só poderia corrigir sendo extraordinariamente gentil e amigável em seus modos para com Henson. E isso produzia efeitos indesejáveis nele. Geralmente, Angela saía com ele no Ford, o que permitia um pouco de privacidade. Mas Gínia levara o carro esta noite.

Pegaram o táxi na Broad and Ridge Avenue; eram oito e vinte e cinco quando chegaram ao cinema.

Matthew se virou para Angela, nervoso:

— Você se importa em pegar os bilhetes enquanto me acerto com o táxi? — Ele não queria que ela perdesse nem mesmo os anúncios. Esta, Matthew desejou, seria uma noite perfeita.

Enfiando o troco no bolso, ele correu para o saguão e se juntou a Angela que, quase tão animada quanto ele, por gostar de

um bom filme, entregou os ingressos ao atendente. Ele devolveu os recibos.

— Muito bem, há bons lugares à sua esquerda.

O cinema tinha apenas um andar. Ele olhou para Matthew.

— Ei, ei, onde você pensa que está indo?

Matthew respondeu desavisado:

— Está tudo bem. A moça te deu os ingressos.

— Sim, mas não para você; ela pode entrar, mas você não.

— Matthew entregou-lhe o bilhete rasgado, se virou e pegou um dos recibos de Angela e o empurrou para a mão relutante do jovem.

— Vá até lá e peça o seu reembolso.

— Mas deve haver algum engano; entrei neste mesmo cinema há menos de três semanas — disse Matthew, e Angela podia sentir a masculinidade dele adoecendo sob a humilhação do momento.

— Bem, você não vai entrar esta noite; a gerência mudou de mãos desde então, e não estamos vendendo ingressos para pessoas negras. — Ele olhou para Angela um pouco incerto. — A moça pode entrar.

Angela jogou o bilhete no chão.

— Oh, venha Matthew, venha.

Do lado de fora, ele disse rigidamente:

— Vou chamar um táxi, vamos para outro lugar.

— Não, não! Não aproveitaríamos. Vamos para casa. Podemos pegar o carro da 60th Street imediatamente.

Angela foi muito gentil com ele no carro; sentia muito por Matthew, repentinamente consciente da dor que ele deveria sentir por ter sido despojado de seu direito masculino de proteger, de parecer o herói, diante da garota que amava.

Deixou que ele abrisse as portas para ela, mas o deteve no corredor.

— Acho que vou dizer boa noite agora, Matthew; estou mais cansada do que imaginava. Mas... mas foi uma aventura, não foi?

Os olhos dele a adoravam, a mão segurava a dela:

— Angela, eu teria dado tudo o que espero um dia ter para evitar aquilo. Você sabe que nunca quis te deixar sofrer tal humilhação. Como vamos conseguir consertar isso?

— Bem, não foi sua culpa. — Inesperadamente, ela ergueu o rosto delicado para o dele, tão ferido, sardento e desolado, e o beijou; levantou a mão e acariciou seu denso cabelo crespo e ruivo.

Como um homem sonhando, Matthew desceu a rua se perguntando quanto tempo levaria para se casar com ela.

*

Angela, acordando no meio da noite e recapitulando os acontecimentos do dia, disse em voz alta:

— É o fim. — E adormeceu novamente.

O quatinho dos fundos ainda era de Gínia, mas Angela, para dar a frente do terceiro andar à Hetty Daniels, mudou-se para o quarto que um dia fora de sua mãe. Ela e Virgínia colocaram as respectivas cabeceiras de suas camas estreitas e virginais contra a parede divisória para que pudessem se deitar na cama e conversar através da porta de comunicação, suas vozes descrevendo uma curva de falante para ouvinte, que Gínia chamou de curva-grampo-de-cabelo.

Angela chamou assim que ouviu a irmã se movendo.

— Gínia, escute. Eu vou embora.

A irmã, ainda meio dormindo, ficou quieta por mais um segundo, tentando reembarcar no sonho. Então recobrou a consciência.

— O que você disse, Angela?

— Disse que vou embora. Vou sair da Filadélfia, desistir de lecionar, me libertar dos nossos queridos amigos e conhecidos, acabar com tudo.

— Você não enlouqueceu, ou será que sim?

— Não, acho que acabei de despertar. Estou cansada, cansada, cansada de ver o que eu quero diante de meus olhos e então tê-lo arrancado de mim sem que seja minha culpa.

— Querida, você sabe que eu não tenho ideia do que você está falando.

— Bem, vou te contar. — A história foi contada, um acúmulo de desfeitas, reais e imaginárias, que a cor gerara durante toda sua vida, embora não tenha contado sobre a primeira dor, que Mary

Hastings lhe causou. Isso, ela deixaria para sempre num canto remoto e impenetrável da mente, onde estavam sua confiança, orgulho e amor feridos.

— E esses dois últimos acontecimentos com Matthew e o Sr. Shields foram demais. Além disso, me mostraram o caminho.

— Que caminho?

Virgínia havia se levantado e jogado um velho robe rosa em torno de seus ombros. Ela havia herdado o cabelo preto espesso e crespo do pai, realçado pela suavidade de sua mãe. Era esguia, mas arredondada; suas bochechas estavam vermelhas de sono e excitação. Seus olhos brilhavam. Enquanto se sentava embrulhada no brilhante robe, de pernas cruzadas ao pé da cama estreita de sua irmã, ela fez Angela pensar em um tordo colorido incrivelmente delicado.

— Bem, enquanto os Shields achavam que eu era branca, estavam dispostos a me ajudar a alcançar todas as glórias da terra prometida. E o atendente não conseguia dizer o que eu era, mas Matthew, sim, e o colocou para fora; assim como os Shields estão agora se preparando para me colocar para fora, de outra maneira. Mas enquanto não sabiam, não importava. O que significa que não é ser negra que faz a diferença, mas sim se as pessoas sabem disso ou não. Você entende?

“Então pensei bastante. Acho que isso estava na minha cabeça há tempos, mas na noite passada isso invadiu minha consciência. Por que eu deveria ficar longe das coisas que mais quero, pessoas inteligentes, pessoas que fazem as coisas, que fazem arte, que viajam muito e coisas que estão aí fora para todos, contanto que sejam brancas? Estou falando de bolsas de estudo, fundos especiais, patrocínios. Ah, Gínia! Você não sabe, acho que você não pode entender as coisas que eu quero ver e conhecer. Você não é como eu”.

— Não sei porque não sou — disse Gínia, parecendo-se mais com um tordo do que nunca. Os olhos brilhantes grudaram na irmã.
— Afinal de contas, o mesmo sangue que o seu, na mesma quantidade, corre em minhas veias. Você não deveria se estressar tanto com algo que é apenas temporariamente inconveniente.

— Mas não é temporariamente inconveniente; acontece comigo todos os dias. E não é algo que eu possa evitar. O Sr. Shields falou tanto sobre como eu não contei a ele que sou negra. E veja como mudou a atitude dele em relação a mim; você não imagina como a atitude dele mudou. Mas, enquanto ele não sabia, não havia nada que não se dispusesse a fazer para mim. Agora pode ser que até queira, mas não fará nada, embora eu precise de sua ajuda muito mais que uma garota branca que tem dezenas de pessoas para ajudá-la só porque é branca. — Uma pequena desaprovação no rosto da irmã a interrompeu por um momento.

— O que foi? Você não espera que eu saia por aí dizendo: “Sou Angela Murray. Sei que pareço branca, mas sou negra e espero ser tratada de acordo”. Ou será que espera?

— Não — disse Gínia. — É claro que isso é absurdo. Só que não acho que você deva se importar tanto quando eles descobrirem os fatos. Parece uma espécie de insulto a você mesma. E também faz você perder a boa chance de fazer algo por todos nós, que não nos parecemos com você, mas que temos o mesmo sangue.

— Ah, isso é coisa da filosofia que você e Matthew Henson compartilham. Agora seja prática, Gínia; afinal, sou ao mesmo tempo branca e negra e pareço branca. Por que não devo declarar de acordo com a cor que me trará a maior felicidade, prosperidade e respeito?

— Razão nenhuma, exceto que, como neste país a opinião pública é contra qualquer mistura de sangue negro, pareceria uma coisa terrivelmente decente se colocar, mesmo diante dessas situações, do lado do sangue negro e dizer: “Vejam, isso é o que realmente significa uma mistura de preto e branco!”.

Angela ficou em silêncio e Virgínia, de repente se sentindo muito jovem, quase infantil diante da questão, começou a andar no quarto. Parou ao lado da irmã.

— Mas o que você quer fazer, Angela? É evidente que você tem um plano.

Ela tinha. A ideia era vender a casa e dividir o dinheiro. Com isso e a metade que lhe cabia do seguro, Angela iria para Nova York ou Chicago, certamente para algum lugar onde não pudesse ser reconhecida, onde pudesse viver uma vida mais livre, mais plena.

— E me deixar! — disse Gínia, chocada. De alguma forma, ainda não havia se dado conta de que se separariam. Ela não sabia o que pensara, mas decerto não aquilo. Lágrimas desceram por suas bochechas.

Angela, incapaz de aguentar sua própria dor e a dos outros, detestava lágrimas.

— Não seja ridícula, Gínia! Como eu poderia viver a vida que quero se você estivesse comigo? Poderíamos continuar nos amando e nos vendo de vez em quando, mas vamos encarar os fatos. Algumas das garotas na escola de arte me convidavam para suas casas; poderia ser uma oportunidade de expandir meus horizontes, mas nunca ousei aceitar porque sabia que também teria de fazer o mesmo convite.

Diante disso, Gínia estremeceu um pouco, mas falou com coragem.

— Depois dessa, Angela, estou começando a pensar que você *tem* mais sangue branco em suas veias do que eu, e é essa quantidade extra que tornou possível que você fizesse essa observação.

Ela voltou para o quarto e quando Hetty Daniels anunciou o café da manhã, Gínia descobriu que uma forte dor de cabeça exigia que ficasse mais tempo na cama.

*

Por muitos anos, a memória das semanas seguintes permaneceu na mente de Virgínia, junto com a lembrança trágica da submissão deliberada de sua mãe à morte. Mas Angela estava quase trêmula de felicidade e expectativa. Quase como num passe de mágica, tudo estava se organizando. Ela ficaria com os três mil dólares e Gínia seria a única dona da casa. Junius pagara muito menos do que essa quantia por ela, mas sem dúvidas a propriedade aumentara de valor.

— É um investimento justo para você, Srta. Virgínia — o Sr. Hallowell observou.

Ele havia desaprovado veementemente essa divisão sumária, teria desaprovado mais completa e abertamente se tivesse alguma

ideia das razões por trás. Mas as meninas não contaram a ninguém, nem mesmo a ele, sobre seus planos.

— Briga de irmãs, suponho — comentou com a esposa. — Nunca vi gente negra, isto é, parentes, que suportassem a posse conjunta de um pouco de dinheiro.

O final da Páscoa lançava seu encanto sobre a cidade quando Angela, elegante em seu terno de alfaiataria tradicional, estava na sala de jantar da casinha esperando o táxi. Ela queimara as pontes atrás de si: pedira demissão da escola, cortou o vínculo com a Academia e permitira que se espalhassem que estava indo para o oeste visitar por tempo indefinido um primo distante de sua mãe. Na verdade, estava indo para Nova York. Ela havia coberto seus rastros muito bem, pensava; nenhum de seus amigos iria vê-la partir; na verdade, nenhum deles sabia a hora exata de sua partida. Ela ia partir da estação North Philadelphia, de modo que nenhum dos carregadores da estação principal, talvez amigos dos meninos que vinham à sua casa e, por meio de algum instinto comunitário muito distante, familiar aos negros, a conhecessem de vista, seria capaz de dizer que ela estava indo embora. Gínia, até saber disso, pretendia acompanhá-la até a estação, mas a precaução da irmã visivelmente frustrou essa ideia; Angela não fez nenhum comentário quando Virgínia anunciou que seria impossível despedir-se. Uma indefinível rigidez se apoderava delas.

No entanto, quando o táxi parou do lado de fora, roncando e bufando, Angela, com o coração subitamente subindo à garganta e os olhos ardendo, abraçou a irmã, que se agarrou a ela chorando muito.

Mas Angela apenas disse:

— Gínia, não há motivo para chorar. Você logo chegará a Nova York. E então se aproximará de mim, dizendo: “Com licença! Por um acaso você não é a Sra. Henrietta Jones?”.

Virgínia tentou rir:

— E você dirá: “Bem, acho que você está me confundindo com alguém”.

— Oh, Angela, não me deixe!

O taxista buzina impacientemente.

— Devo, querida. Adeus, Virgínia. Logo terá notícias de mim.

Ela desceu correndo os degraus e olhou feliz para trás. Mas sua irmã já havia fechado a porta.

Parte 2 : Mercado

Capítulo 1

A Quinta Avenida é um desfiladeiro; seus prédios altos diminuem a importância das pessoas que passam correndo em seus corredores estreitos. Mas a 14th Street é um rio, fluindo de forma impessoal, de leito largo, com um desenho estranho e tortuoso cobrindo sua extensão. Para Angela, a famosa avenida parecia apenas a manifestação da vida, mas a 14th Street era o seu ponto de encontro. Lá, nas primeiras semanas após sua chegada a Nova York, ela vagava, perambulando, atenta às lojas que se amontoavam, às pessoas apressadas que se empurravam, e, acima de tudo, atenta aos rostos daquelas pessoas com seus semblantes de dor, orgulho, felicidade, ganância, alegria, ambição, contentamento. Do último, havia muito pouco. Esses homens e mulheres viviam em uma intensidade mais aguda do que aqueles que ela observara na Filadélfia. As poucas pessoas negras que viu também eram diferentes; possuíam uma independência de porte, uma determinação, uma segurança em seus modos que a agradou. No entanto, ela não conseguia ver se qualquer uma dessas pessoas, negras ou brancas, eram mais felizes do que aquelas que havia observado durante toda a vida.

Mas Angela estava mais feliz; estava vivendo na crista de uma onda de excitação e satisfação que nunca diminuiria, nunca cessaria, nunca seria exaurida. Estava vendo o mundo, conhecendo a vida à sua maneira, sem restrições ou limitações; ela era jovem, ela era temporariamente independente, ela era inteligente, ela era branca.

Lembrou-se da expressão “livre, branca e com vinte e poucos anos” — era o que significava então, essa sensação de possuir o mundo, essa constatação de que, tudo estando favorável, todas as coisas eram possíveis.

Se eu fosse homem, pensou ela, *poderia ser presidente*, e riu de si mesma porque “se” proclamava uma limitação. Mas essa inconsistência a incomodava pouco; ela não queria ser um homem. Poder, grandeza, autoridade, tudo isso era apropriado para os homens; mas havia dons mais lindos e doces para as mulheres, e um certo tipo de poder também. Tal poder ela gostaria de exercer

neste novo mundo brilhante, tão cheio de mistérios e promessas. Se pudesse, teria um salão e uma sala de visitas onde homens e mulheres, não necessariamente incríveis, mas reais, vivos, livres e desimpedidos em maneiras e pensamentos, deveriam vir e se manifestar em sua simpatia e magnetismo. Para conseguir isso, Angela deveria ter dinheiro e influência; na verdade, como era tão jovem, precisaria até mesmo de proteção; talvez fosse melhor casar-se com... com um homem branco. O pensamento veio de repente, do nada; ela nunca tinha pensado nessa possibilidade antes. Se fizesse isso, adequadamente, então toda aquela riqueza, toda aquela plenitude de vida que ela tanto desejava seria duplamente sua. Ela sabia que os homens se divertiam mais do que as mulheres; homens negros mais do que mulheres negras, homens brancos mais do que mulheres brancas. Não que ela os invejasse. Só que seria divertido, muito divertido, capturar o poder e a proteção, além da liberdade e independência, que tanto cobiçava e que agora estava em suas mãos.

Mas Angela sorriu para si mesma, ela não tinha meios para conseguir isso. Não conhecia ninguém em Nova York; não podia sequer pensar de que maneira conheceria as pessoas certas; no momento, sua casa consistia nas quatro paredes do menor quarto do Union Square Hotel. Ela tinha ido para lá no segundo dia após sua chegada, tendo passado vinte e quatro horas caríssimas no Astor. Mais tarde, percebeu que havia habitações infinitamente mais baratas disponíveis, mas não conseguiu se afastar da 14th Street.

Era primavera e a praça estava cheia de espécimes enferrujados da humanidade que se sentavam nos bancos, assim como a própria Angela, por horas seguidas, como se pensassem que o ar e o sol revigorante causariam algum florescimento mágico em suas roupas tal qual nas árvores. Embora estes últimos tenham mudado, as roupas não mudaram, nem seus donos. Eles permaneceram os mesmos, caídos e acovardados.

Estou vendo a vida, pensou Angela, é assim que as pessoas vivem, e nunca percebeu que algumas dessas pessoas, olhando-a com curiosidade, se perguntavam o que a trouxera tão cedo para esta companhia desagradável.

Uma bela pintura!, pensou. *Algum dia farei uma ótima pintura dessas pessoas e a chamarei de “Tipos da 14th Street”*. E, de repente, uma grande tristeza a invadiu; Angela se perguntava se havia pessoas mais vivas, mais sensíveis à alegria, à aventura de viver, até mais do que ela, para quem ela também seria um “tipo”. Mas não conseguia acreditar nisso, pois estava, ao mesmo tempo, quase irreconciliavelmente convicta e decidida sobre suas conquistas. A vida durante esses dias foi tão intensa, tão quase solidificada, que seu desejo de viver daquela maneira e ser ela mesma eram uma coisa só, e teria sido praticamente impossível inserir um ponto de distinção na firme busca pelo troféu de satisfação. Por isso, continuou a percorrer a via escolhida, parando na maioria das vezes na praça ou diante de uma loja de pianos.

Havia nesta loja um pianista que normalmente estava em serviço e, como o vidro frontal fora removido, a clareza cada vez maior das notas fazia com que um grupo constante de ouvintes, pacientes e aparentemente insaciáveis, parasse. Eles eram em sua maioria homens, e como eram muito menos propensos a ocultar seus sentimentos do que as mulheres, como observara Angela, era fácil seguir sua gama emocional. Jazz os fazia sorrir, mas com uma certa melancolia; se ao menos eles tivessem tempo para dançar agora; quando estavam com vontade! A jovem, que olhava para o aglomerado de transeuntes maltrapilhos, homens de negócios cansados e garotos de recados ruminantes, sentiu por eles uma pena que não deixava de ser satisfatória. *Ela* havia pegado o que queria enquanto tinha vontade.

Canções de amor, especialmente as baladas tristes, traziam a esses rostos desatentos um arrependimento constrangedor. Mas havia uma expressão que Angela só conseguia interpretar pela metade. Levava-a para os semblantes dos que lá estavam durante as velhas canções inglesas. Ela percebeu então uma atitude mais aguda de atenção, os olhos assumiram uma aparência de total afastamento. Um transeunte absorto em pensamentos ouviu uma parte e imediatamente seu andar e expressão caíram sob o feitiço. Os ouvintes poderiam ser tão variados como quinze pessoas poderiam ser, mas naquele momento foram apanhados em uma nostalgia comum, quase cósmica. Se a próxima música fosse jazz,

aquela multidão em particular dispersaria, alguns membros continuariam seus caminhos meditativos, abençoados ou amaldiçoados, sabendo quais memórias não deveriam ser perturbadas pelo estridente daquela última canção popular.

— Saudades de casa — Angela costumava dizer para si mesma.

E ela também sentia, embora mal soubesse o porquê; certamente não pela Filadélfia ou daquela outra vida, que agora tão distante, parecia impossível. Ela então fez anotações em seu caderno de esboços para que algum dia pudesse fazer uma ótima pintura desses “tipos” também.

*

Claro que estava inescrupulosamente ociosa; mas, como seus dias transbordavam com o impacto de novas impressões, isso não significava nada. Angela não conseguia imaginar o que a vida lhe traria. No momento, pareceu-lhe sábio e divertido sentar-se e ver o que aconteceria. Com uma decisão fácil de entender, ela passou a ir com muita frequência ao cinema, onde a maioria das coisas acontecia. Viu-se estudando a tela com uma intensidade tensa e ardente, perdendo o leve ceticismo paternalista que uma vez teve em relação às aventuras desses heróis e heroínas sombrios; tão inesperada a reviravolta que sua vida sofreu. No ano anterior, sequer tinha sonhado com essa época; dificilmente ousara ansiar por uma vida tão livre e plena como a que vivia agora, e prometia assim ser. No entanto, Angela estava no limiar de uma carreira totalmente diferente de qualquer coisa que um escritor poderia imaginar. Ah sim, ela sabia que centenas, na verdade milhares, de pessoas negras de pele clara haviam fugido do sul segregado, mas esse era o ponto, ela sabia do fato sem conhecer até então nenhuma das possibilidades da grande aventura. Agora sabia: a Filadélfia e suas privações já estavam ficando para trás.

Será que essas pessoas, ela se perguntou, olhando em volta na penumbra suave do belo cinema, a invejariam se soubessem de sua amada liberdade e senso de irrestrição? Se ela dissesse para a mulher ao lado, por exemplo: “Eu sou negra”, a mulher mostraria a

ocasional pobreza de espírito de certos estadunidenses brancos e se recusaria a sentar ao seu lado ou faria uma reclamação ao gerente? Mas Angela não tinha intenção de fazer tal anúncio. Assim, passou muitas horas felizes, irresponsáveis e divertidas nas maravilhosas casas da Broadway e na obscura banalidade de sua amada 14th Street. Também havia um teatro na 7th Avenue, na esquina do Village, que ela passou a frequentar, não tanto por causa das peças, que eram as mesmas que em qualquer outro lugar, mas por causa do público, uma espécie de público curiosamente íntimo feito de numerosos grupos ainda mais íntimos. Seus membros pareciam decididos e vagarosos. Porém, quando foi até ali, a solidão pesou sobre ela. Sem perceber, seu rosto assumiu a melancolia dos homens que olhavam para a loja de música. Angela gostaria de conhecer algumas dessas pessoas agradáveis.

*

Ela percebeu que estava negligenciando a arte.

E foi por ela que deixei tudo para trás e vim para Nova York. Devo começar a ter aulas. Não era bem verdade, e o motivo verdadeiro surgiu em sua mente. E talvez eu conheça algumas pessoas.

Ela se matriculou em uma das aulas de arte na Cooper Union⁷. Sentia que esse seria o verdadeiro começo de sua aventura. Ali poderia fazer amigos e um deles, talvez vários, deveriam produzir algum efeito em sua vida, talvez alterar todo o seu rumo. E pela primeira vez ela seria vista, enfrentaria seu novo passado, ou melhor, nenhum passado. Nenhum jovem passageiro e clandestino em um navio tinha maior alegria em sair ao encontro do desconhecido do que Angela ao entrar na aula naquela primeira tarde. Na sala, estavam cinco pessoas trabalhando continuamente e conversando de forma desconexa. O instrutor, um dos cinco, indicou-lhe um assento cuja posição a tornava parte do grupo. Ele montou seu cavalete e, Angela, enquanto arrumava seu material, olhou ao redor tímida, mas com intensidade. Pela primeira vez, percebeu a quão solitária estava. Então pensou com uma alegria

que a surpreendeu: *Dentro de uma semana conversarei com eles também; talvez indo almoçar ou tomar chá com um deles.*

Angela observou mais.

A jovem mais próxima dela, dona de cabelos castanhos volumosos e um sorriso claro, de olhos cinza-ardósia, olhou para ela e acenou com a cabeça.

— Estou no seu caminho?

Exceto por seus olhos e cabelo, ela era indefinível. Um pouco mais adiante estava sentada uma garota negra, de estatura mediana e de pele muito retinta, muito organizada e reservada. Angela, estudando-a com o conhecimento interior, podia senti-la constantemente afastada de seus companheiros. O refinamento era visível, mas a reserva ainda mais; quando solicitada, a garota passava e recebia borrachas e outros artigos, mas ela mesma não pedia nada emprestado nem iniciava qualquer conversa. Sua cabeça quadrada, coberta por uma massa de cabelo artificialmente reto e artificialmente polido, possuía uma beleza feia. Angela não sabia dizer se suas feições eram belas, e apenas embaçadas e encobertas pela noite macia de sua pele, ou se eram realmente feias, com uma feiura perdida e mergulhada no esconderijo profundo daquela pele. Dois alunos estavam parados um pouco atrás da garota. Angela se perguntou qual seria a melhor maneira de conseguir vê-los.

Alguém disse:

— Olá, novata! *Você tem uma borracha decente? As minhas estão ruins.*

Sem saber se falavam ou não com ela, Angela se virou para encontrar o olhar singularmente intenso de uma garota esguia de olhos azuis, cabelos castanhos claros e bochechas brilhando com uma excitação indescritível. Angela sorriu e ofereceu sua borracha.

— Precisa ser decente. É nova.

— Sim, é muito boa; muito obrigada. Não vou te perturbar outra vez. Meu nome é Paulette Lister. Você...?

— Angèle Mory. — Ela havia decidido mudar o nome quando chegou a Nova York. Algum sentimento perturbador de lealdade ao pai e à mãe tornara impossível para ela se livrar dele de todo.

— Mory — disse um jovem que estava bem ao lado de Paulette — é um nome espanhol. Você por um acaso é espanhola?

— Acho que não.

— Ele é — disse Paulette. — Seu nome é Anthony Cruz. Não é um nome adorável? Mas ele o mudou para Cross porque nenhum americano conseguiria pronunciar o “z” direito, e ele não queria ter seu nome confundido com *cruse*⁸.

— É uma piada infame — disse Cross —, mas já que eu a inventei, você deve me dar a chance de contá-la por aí, Srta. Lister. É uma coisa só minha. Por favor.

— Por que você não a chama de Srta. Blister? — perguntou Angela, divertindo-se muito com o tom brincalhão da conversa. — Assim vocês ficam quites.

Várias pessoas entraram então, e ela descobriu que tinha chegado meia hora mais cedo — a aula estava apenas começando. Angela olhou para os recém-chegados: uma bela judia com a pele perolada e a cabeça cheia de cachos, um escandinavo alto, um alemão óbvio e vários outros estadunidenses. Nenhum deles, a de olhos de ardósia Marta Burden, Paulette Lister e Anthony Cross, causou uma impressão nela igual à causada pela garota negra cujo nome, ela soube, era Rachel Powell. Sua previsão se tornou realidade. Em uma semana, Angela estava divertidamente íntima de cada um deles, exceto a Srta. Powell, que emprestava seus pertences, não pedia nada emprestado e falava apenas quando alguém lhe dirigia a palavra. Ao fim de dez dias, a Srta. Burden pediu a Angela que viesse almoçar “no mesmo lugar aonde eu vou”.

*

Em uma tarde maravilhosa, Angela foi para o Harlem.

Na 135th Street, ela desceu do ônibus e caminhou da 7th Avenue até a Lenox Avenue, depois subiu até a 147th Street e desceu novamente a 7th Avenue até a 139th Street, passando por ela até a 8th Avenue e depois serpenteando entre as duas avenidas através da 38th, 37th e desceu pela 135th até a 8th Avenue, onde pegou a Elevated e voltou para a Nova York que conhecia.

Mas Angela estava maravilhada e impressionada com a cidade grande e divertida, cheia e risonha dentro de outra ainda maior e agitada. Ela nunca tinha visto uma vida tão colorida e densa, tão variada, tão completa. Além disso, já que a cidade reproduzia em microcosmo todas as características importantes de qualquer metrópole, então, sem dúvida, a vida aqui era igual a vida em qualquer outro lugar, Angela pensou vagamente. Nem todas essas pessoas, ela percebeu, olhando para a multidão de rostos pretos e marrons, amarelos e brancos ao seu redor, eram servos ou subordinados ou os últimos da fila. Angela viu uma linda mulher negra, vestida em vermelho tão primorosamente quanto qualquer pessoa que ela tinha visto na Quinta Avenida. O rosto afiado e educado de um homem gravou-se em sua memória, a face de um profissional, talvez um artista. Ela duvidou disso; ele poderia ser músico, é claro, mas era improvável que fosse o *tipo* de artista dela, pois como ele poderia existir? Ah, aí estava a grande diferença. Em tudo, mesmo em todas as coisas práticas, esses dois mundos eram semelhantes, mas na produção, na materialização dessas manifestações, este mundo deixava a desejar, pois seu povo não tinha os meios ou o tempo livre para sustentá-lo e desfrutá-lo. E essas eram as manifestações que Angela almejava, junto com sua desejada liberdade. Não, ela não lamentava ter escolhido o que escolheu, embora agora pudesse perceber que a vida vista do ângulo da Opal e Jefferson Street, na Filadélfia, e a mesma vista da 135th Street e da 7th Avenue, em Nova York, podiam apresentar lados surpreendentemente diferentes.

Sem dúvidas, havia algo muito fascinante, até terrível, nessa corrente de vida; parecia-lhe ser mais densa, mais túrgida do que aquela existência segura e sublimada em que seus novos amigos viviam. Era mais profunda, com mais poder ainda do que a torrente da 14th Street. Tal qual essas pessoas — pois ela já as via com objetividade, e por duas lentes: uma com seu afastamento natural e outra com o afastamento de seu novo estado — podiam sofrer mais que outras, só para se divertirem mais. Ela assistia aos grupos rebeldes na Lenox Avenue; as multidões de rapazes incrivelmente bem-vestidos e bonitos na 7th Avenue, na 137th e 35th Streets. Eles fofocavam, riam, discutiam e zombavam, combinando os costumes

da pequena cidade com o cosmopolitismo inusitado de suas roupas e maneiras. Em nenhum lugar no centro da cidade ela viu a vida assim. Tudo aquilo era mais cheio, mais rico. Não mais fino, mas mais rico, luxuoso, como a diferença de qualidade existente entre o veludo e a seda. O Harlem era uma grande cidade, uma cidade dentro da cidade, e ela estava feliz; enquanto se esforçava para ver os últimos vislumbres do trem oscilante, que lançara sua sorte com os moradores fora da escuridão e das tendas serrilhadas.

Capítulo 2

— Onde você mora? — perguntou Paulette. — Quero dizer, quando você não está na escola?

Angela corou quando contou.

— Num hotel? Na Union Square? Menina, você é milionária? De onde você vem? Você não se importa com os confortos de ter um lar? Sr. Cross, venha aqui. Essa pobre garota está vivendo tristemente em um hotel quando poderia ter pelo menos dois quartos no Village por quase o mesmo preço.

O Sr. Cross se aproximou, mas sem dizer nada. Ele era realmente, um jovem muito sério — pensou Angela — quase triste. Ele não havia continuado a ser zombeteiro como no primeiro dia.

Ela explicou que não sabia para onde ir.

— Muitas vezes pensei em me mudar e, claro, estou gastando muito dinheiro pelo quatinho que tenho.

Paulette arregalou muito os olhos, o que deu ao espectador o privilégio de ver de repente o céu azul bem de perto. Suas bochechas adquiriram um tom flamejante. Ela era realmente bonita, uma garota — ou mulher — fascinante; Angela não sabia ao certo, pois nunca descobriu sua idade. Mas seu fascínio não residia na aparência, ou pelo menos não surgia dessa fonte; era mais o resultado de suas maneiras. Ela era tão viva, tão intensa, tão interessada, *quando* estava interessada, que todos os seus nervos e suas emoções eram reunidos para alcançar o resultado que ela tinha em vista. E, além disso, tinha a simplicidade de uma criança. Sobre ela também havia uma força insuspeita que estava estranhamente em desacordo com a fragilidade bastante impressionante de sua aparência, a confiança em seu olhar, a límpida falta de reflexão de suas maneiras. O Sr. Cross, Angela pensou negligentemente, devia estar apaixonado por ela; ele geralmente estava ao lado dela quando eles se encontravam. Mais tarde, porém, Angela percebeu que não havia absolutamente nada entre os dois, exceto uma certa apreciação amigável, temperada por uma gentileza cautelosa da parte do Sr. Cross e uma generosidade negligente da parte de Paulette.

Ela não demonstrou nenhuma falta de generosidade em seu desejo e ânsia de encontrar um apartamento adequado para Angela. Ela sugeriu, no entanto, com uma franqueza surpreendente que o apartamento fosse “não muito perto de mim, mas também não muito longe”. Mas isso agradou Angela, pois ela temia que Paulette insistisse em se oferecer para compartilhar seu próprio apartamento e ela não saberia como recusar. Angela desejava a solidão de forma egoísta.

Paulette morava na Bank Street; e encontrou para sua nova amiga “um lindo, apenas lindo, nenhuma outra palavra pode descrevê-lo, apartamento” na Jayne Street, com dois quartos, banheiro e cozinha.

Havia também uma pequena varanda que dava para um estábulo. Era mais do que Angela deveria gastar, mas a facilidade com que seus negócios estavam resolvendo deu-lhe uma segurança, quase uma arrogância confiante. Além disso, ela planejava economizar cozinhando suas próprias refeições. O lugar já estava mobiliado, seu antigo ocupante se preparava para ir a Londres por dois ou mais anos.

— Dois anos, — disse Angela alegremente — tudo pode acontecer comigo nesse período. Oh, eu me pergunto o que terá acontecido; como eu serei! — E ela se preparou para trazer seus poucos bens. Anthony, incentivado por Paulette, ela suspeitava, ofereceu-se timidamente para ajudá-la. Era um dia chuvoso, havia várias caixas e os táxis eram escassos, embora Anthony finalmente tenha conseguido um e retornado triunfante com o motorista. Depois, alguns livros tiveram que ser arranjados e fotos penduradas. Ela teve uma inspiração.

— Você cuida de tudo isso e eu vou te dar o melhor jantar que você já provou em sua vida. — Memórias dos jantares de segunda à noite na Opal Street inundaram sua mente. Angela serviu pratos caseiros, enormes, “pratos de pedreiro”, ela o provocou. Havia picadinho de carne, batata-doce assada, pudim de milho e, apesar da hora, muffins.

Depois do jantar, Angela se recusou a deixá-lo ajudá-la com a louça, e o fez descansar na poltrona da sala enquanto ela ria e falava com ele da cozinha a uma distância de dois metros.

Gradualmente, enquanto fumava, a tristeza e a tensão sumiram de seu rosto magro e sombrio, Anthony riu e gracejou como qualquer outro jovem normal. Quando se despediu dela, ele deixou seu olhar lento e escuro descansar no dela por um longo momento silencioso. Angela fechou a porta e ficou rindo, arrumando os cabelos diante do espelho.

— É claro que ele é muito mais bonito, mas algo nele me faz pensar em Matthew Henson. Mas nada feito, meu jovem rapaz. Espanhol e, suponho, terrivelmente orgulhoso. Eu me pergunto: o que ele diria se realmente soubesse...?

*

Ela estava prestes a jantar na casa de Paulette.

— Só nós duas — estipulou a Srta. Lister. — Claro, eu poderia chamar alguns homens, mas acho que vai ser divertido nos conhecermos.

Angela ficou satisfeita; ela gostava muito de Paulette, gostava dela porque era generosa e capaz. E ainda não estava pronta para conhecer homens. Deveria saber algo mais sobre essas pessoas com quem estava passando a vida. Anthony Cross tinha sido bastante afável, mas ela não tinha certeza se ele, com sua curiosa tristeza, sua tendência meio orgulhosa e meio sensível para o retraimento, era um tipo justo. No entanto, apesar dos protestos de Paulette, havia três jovens de pé em sua grande e escura sala de estar quando Angela chegou.

— Mas vocês precisam ir imediatamente — disse Paulette, rindo, mas com firmeza — aqui está minha amiga, ela não é linda? Temos muitas coisas para discutir sem sermos incomodadas por vocês.

— Paulette tem acessos de crueldade — disse um dos três, um sujeito baixo e atarracado com um rosto feio e sensível. — Ela teria sido um imperador cruel como Nero, de Roma. Mas, de qualquer forma, estou feliz por ter ficado tempo o bastante para vê-la. Não deixe que ela a esconda completamente de nós.

Outro homem fez uma observação civilizada; o terceiro, de pé na sala sombria, não disse nada, mas Angela teve a impressão de

ser alto e loiro e de ter um par de olhos azuis que a encaravam atentamente. Ela se sentiu estranha e demonstrou.

— Veja, você a deixou tímida — disse Paulette acusadoramente. — Não vou me incomodar em apresentá-los, Angèle, você vai conhecê-los muito em breve.

Rindo, em protesto, os homens saíram, e a indisposta anfitriã fechou a porta sem nenhum arrependimento.

— Homens — ela sussurrou, rindo. — Claro que não podemos viver sem eles mais do que eles podem sem nós, mas fico cansada, são quase todos animais. Eu os trocaria por uma boa amiga. — Paulette suspirou, sincera. — E mesmo assim meu apartamento vive cheio de homens. Você prefere as costeletas malpassadas ou bem passadas? Eu gosto das minhas cozidas em cinzas. — Angela preferia as delas ao ponto. — Fique aqui e dê uma olhada; veja se eu tenho algo para te divertir.

Pegando um avental, Paulette desapareceu em um cômodo menor e mais escuro que ela chamava de cozinha.

O apartamento consistia em todo o andar de uma casa na Bank Street, escuro e barulhento com o constante som da porta da frente se abrindo para a rua.

— Mas não tenho acesso às malditas escadas quando chego tarde da noite — explicou Paulette.

O cômodo da frente era, Angela supôs, o quarto, embora a única razão para essa suposição fosse a presença de uma penteadeira e um divã largo e plano a cerca de trinta centímetros do chão, coberto com veludo preto ou roxo. A penteadeira era um bom pedaço de mogno, mas as cadeiras eram iguais às da cozinha e do tipo que, afirmam as revistas, pode ser feito de uma grande caixa. Na sala, onde estava posta a mesinha, prevalecia a mesma anomalia; a porcelana era boa, até mesmo delicada, mas os copos eram grossos e o revestimento havia começado a desgastar a prata. Por outro lado, as fotos eram incomuns, nenhuma das coisas estereotipadas; em vez disso, Angela observou uma boa cópia de “Peasant Wedding”, de Breughel, a cabeça de Bernini e duas gravuras cujos autores ela não conhecia. A estante continha dois volumes encadernados de poemas de Beranger e Villon e um

pequeno exemplar preto usados de Heine. Mas os outros livros eram intelectuais ao ponto da austeridade: Ely, Shaw e Strindberg.

— Talvez você queira lavar as mãos? — chamou Paulette — Há um banheiro logo ali no corredor, não dá para se perder. Você pode usar um pouco da minha loção favorita se quiser. Está lá na prateleira.

Angela lavou as mãos e olhou para cima em busca da loção. Seus olhos se arregalaram de espanto. Ao lado da garrafa, havia uma tigela de barbear, um pincel e uma caixa de navalhas.

A refeição, “pois não se pode chamar de jantar”, observou a cozinheira com franqueza, foi um sucesso. As costeletas estavam macias, embora fumegantes; havia espinafre, batata, salada de tomate e alface, pãezinhos, café e queijo. A robusta quantidade surpreendeu Angela; era mais uma refeição para um trabalhador do que para uma mulher, acima de tudo, uma mulher da qualidade de fada de Paulette.

— Eu fico tão cansada — disse ela, levantando uma grande garfada — quando não como direito; além disso, ficar com fome estraga meu humor.

Toda a sua atitude em relação à refeição era tão masculina e sua aparência tão delicadamente feminina que Angela caiu na gargalhada, explicando divertida a causa de sua alegria.

— Espero que você não se importe — ela disse por fim —, pois é claro que você é visivelmente feminina. Não há nada masculino em você.

Para sua surpresa, Paulette se ressentiu dessa última declaração.

— Há muito de homem em mim. Aprendi que uma mulher que deixa sua feminilidade atrapalhar o que ela quer é uma tola. Fiz disso uma filosofia. Eu vejo o que quero; uso minhas artimanhas de mulher para conseguir e uso as qualidades dos homens, tenacidade e crueldade, para manter. E quando eu termino, jogo-os fora como eles fazem. Consequentemente, não tenho arrependimentos nem estorvos.

Um maço de cigarros estava aberto sobre a mesa e ela fez sinal para a amiga pegar um. Angela recusou-se e ficou sentada

observando-a inspirar profundamente; ela nunca tinha visto uma mulher mais completamente à vontade, mais seguramente dona de si mesma e de seu destino. Quando elas começaram a comer, Paulette serviu dois coquetéis, virando o dela imediatamente e terminando o de Angela também, quando esta, achando-o muito parecido com óleo de máquina para seu gosto, o colocou na mesa quase sem tê-lo bebido.

— Você vai se acostumar com eles se andar com esses homens. Beberá conosco.

Paulette praticamente não tinha curiosidade nem indiferença. E conhecia todas as experiências concebíveis, visitara a França, Alemanha e Suécia; agora estava pensando em fazer uma viagem à Itália e poderia ir para a Rússia; iria agora, na verdade, se não fosse porque um amigo dela, Jack Hudson, estava prestes a ir também, e como estava prestes a ter um caso com ele, achou melhor esperar. Paulette não gostava da perspectiva de tal situação em uma terra estrangeira, isso a colocava muito à mercê do homem. Se fosse ter um caso, era melhor tê-lo em seu próprio país.

— Um caso? — ofegou Angela.

— Sim. Por que, você nunca teve um amante?

— Um amante?

— Meu Deus, você é um papagaio? Sim, um amante. Eu tive... — Paulette hesitou diante do completo espanto de Angela. — Posso lhe dizer que já tive mais de um.

— E você não tem intenção de se casar?

— Oh, eu não diria isso; mas de que adianta nos amarrarem agora enquanto somos jovens? E, dessa forma, eles não ficam no pé; você sempre pode deixá-los ou eles vão deixá-la. Mas é melhor você deixá-los primeiro. Isso preserva o seu orgulho.

Com seu rosto infantil e sua voz doce e aguda, ela era como uma criança balbuciando precocemente. No entanto, parecia muito intensa. Mas depois Paulette começou a falar de seus livros e pinturas, de seu trabalho. Falou de tudo com a mesma excitação contida; seus olhos brilharam e suas bochechas ficaram vermelhas, toda experiência significava vida para ela em várias manifestações. Paulette tinha aparecido em um jornal, um dos diários de Nova York;

ela fizera assessoria de imprensa. No momento, ilustrava para uma revista de moda. Não havia fim para suas versatilidades.

Angela disse que precisava ir.

— Mas você voltará logo, não é, Angèle? — Uma melancolia surgiu em sua voz. — Eu quero tanto uma amiga! Quando uma mulher é realmente sua amiga, ela é confiável e não espera nada em troca. — Paulette acompanhou sua convidada até a porta. — Poderíamos ter momentos maravilhosos. Boa noite, Angèle. — Como uma criança, ela ergueu o rosto para ser beijada.

O primeiro pensamento de Angela enquanto caminhava pela rua escura foi sobre o nome pouco familiar pelo qual Paulette a havia chamado. Pois, embora ela se tivesse assinado muitas vezes como Angèle, ninguém ainda o usava. O velho pensamento a visitou: *Eu me pergunto o que ela pensaria se soubesse.*

Mas de uma coisa ela tinha certeza: se Paulette estivesse em seu lugar, ela teria agido exatamente da mesma maneira. *Ela teria avistado o que queria e teria conseguido*, murmurou e começou a pensar nas várias confidências que Paulette lhe fizera, embora fossem tão francas e sem reservas que “confidências” dificilmente seria o nome a se aplicar a elas. Certamente, pensou Angela, ela estava em um novo mundo e com novas pessoas. Sem dúvida, algumas das pessoas negras que ela conhecia deviam ter vivido de uma maneira que não suportaria inspeção, mas ela não conseguia pensar em alguém que pudesse ter discutido o assunto calmamente com um amigo ou um estranho. Imaginando como seria conduzir-se absolutamente de acordo com suas próprias leis, ela entrou no pequeno vestíbulo escuro da Jayne Street. Como sempre, a garota judia que morava acima dela estava de pé na densa escuridão do corredor e, como sempre, Angela não percebeu isso até tocar o botão para acender a luz e avistar a Srta. Salting esticando o rosto para receber o beijo de seu amante.

Capítulo 3

Do auge da satisfação com os estudos, com os novos amigos e com a piada que fazia sobre o costume e a tradição, Angela olhou para a Srta. Powell do outro lado da sala de aula, que preservava sua atitude de digna reserva. Angela pensou que tentaria decifrá-la; na quarta-feira, convidou a moça para almoçar com ela e ficou satisfeita com o convite aceito. Ela não tinha intenção de fazer amizade com a garota tendo em vista proteção ou lealdade. Mas pensou que seria bom oferecer a ela as amenidades que a vida de estudante tornava natural e possível. A Srta. Powell parecia conseguir suas refeições em uma máquina automática ou em uma lanchonete, mas Angela conhecia um belo salão de chá.

— É bastante artístico, mas eles servem uma boa refeição e é barato.

Infelizmente, na quarta-feira, Angela teve que sair antes do meio-dia; ela disse a Srta. Powell para encontrá-la no pequeno restaurante.

— Entre, pegue uma mesa e espere por mim. Tenho certeza de que logo estarei com você.

Ela estava atrasada, mas, o que era pior, descobriu, para sua consternação, que a Srta. Powell, em vez de entrar no salão de chá, a esperava do outro lado da rua. Não havia mesas e as duas tiveram que esperar quase quinze minutos antes de serem servidas.

— Por que diabos você não entrou? — perguntou Angela com um pouco de impaciência. — Você poderia ter segurado a mesa.

A Srta. Powell respondeu imperturbável:

— Porque eu não sabia como me receberiam se eu entrasse sozinha.

Angela não podia fingir que mal a entendia.

— Oh, eu acho que teria ficado tudo bem — disse ela, corando com sua estupidez. Quão rápido ela havia se esquecido desses medos e incertezas. Ela mesma nunca havia experimentado esse tipo de dificuldade, mas certamente os conhecia por Virgínia e por outros.

O almoço não foi exatamente agradável. Ou a Srta. Powell era realmente chata ou ela tinha resolvido nunca se deixar levar pela presença de brancos; talvez temesse ser mal interpretada, talvez visse em tais encontros uma tentativa oculta de investigação sociológica, e ela não se prestaria a tal procedimento, isso estava claro. Angela podia sentir seu esforço para encantar, para inspirar confiança, ficar atrás desta armadura impenetrável. Ela ficou surpresa ao descobrir que Paulette e Marta Burden já ganhavam a vida com seus esboços. A Srta. Burden de fato era uma caricaturista de reputação local nada desprezível; Anthony Cross era francamente um artista comercial, embora esperasse um dia ser um reconhecido pintor de retratos. Ela estava curiosa para saber das perspectivas da Srta. Powell. A investigação revelou que a jovem tinha uma aspiração secreta; ganhar ou fazer dinheiro suficiente para ir para a França e depois disso, ela disse com ardor repentino, “tudo pode acontecer”. Para este fim, a Srta. Powell trabalhou, economizou, juntou tudo o que podia, ficou sem prazeres e roupas. Seu trabalho era digno de crédito, na verdade acima da média, mas não suficientemente imbuído, pensou Angela, da promessa divina para justificar essa privação dos desejos normais.

A Srta. Powell pareceu ler seu pensamento.

— E isso me dá a chance de mostrar à América que um de nós pode ficar; que temos alguma ideia acima da monotonia comum da existência.

Ela não fez nenhuma tentativa de devolver o convite do almoço, mas enviou a Angela um dia um monte de lindos junquinhos, e não fez mais nenhuma tentativa de amizade. Para alguém versado na psicologia de pessoas orgulhosas e sensíveis, o motivo era perfeitamente claro. “Você tem sido muito legal comigo e eu agradeço, mas não pense que vou me juntar a você. Seus caminhos e os meus vão por direções diferentes”.

*

Tais contatos, interpretações e investigações estavam compondo sua vida, uma vida que para Angela era interessante e absorvente, mas tinha seus perigos e incertezas. Ela não tinha propósito, pois era absurdo para ela, mesmo com sua habilidade, considerar a arte um objetivo final. Ela a estava usando agora de forma deliberada, como sempre usara vagamente, para entrar em contato com pessoas interessantes e com uma atmosfera mais atraente. E estava gastando dinheiro rápido demais; estava em Nova York havia oito meses e já havia gastado mil dólares. Nesse ritmo, sua pequena fortuna, que a princípio parecia inesgotável, duraria menos de dois anos; na melhor das hipóteses, mais dezoito meses.

Então o que deveria fazer? Ensinar novamente?

Jamais, Angela já se fartara disso. Talvez pudesse ganhar a vida com seu pincel, fazendo cartões de menu, cartões de Natal e aniversário, flores, pierrôs em capas de almofadas de cetim. Ela não gostava disso. É verdade que havia as especialidades de Paulette e de Marta Burden, mas faltava-lhe a hábil certeza de uma e a filosofia ligeiramente mordaz implícita no trabalho da outra. Sua própria especialidade, ela tinha certeza, estava na linha de reproduzir, de interpretar em um rosto a emoção que estava por trás daquela expressão. Ela pensou em seus “tipos” da 14th Street — esse seria o tipo de trabalho que ela realmente gostaria de fazer, isso e a representação do semblante de um homem rico, orgulhoso, mas solitário, da inanidade sedosa de uma garota da sociedade e do sorriso desesperado de uma prostituta. Mesmo em sua própria mente, Angela hesitou antes de usar aquela palavra terrível, mas a associação a estava ensinando a chamar um às de espadas de às de espadas.

Sim, ela podia fazer pior do que seguir o exemplo do Sr. Cross e se tornar uma pintora de retratos. Mas de alguma forma não queria ter que fazer isso; a necessidade, ela tinha certeza, estragaria seu toque; além disso, odiava a ideia da posição em que seria colocada, apaziguando e lisonjeando com medo os possíveis clientes, apressando-se com um pedido porque precisava do

cheque, aceitando patrocínio e condescendência. Não, Angela esperava ser procurada, ter as circunstâncias que lhe permitiriam escolher ou recusar se o capricho lhe agradasse. Devia significar algo a ser pintado por “Mory”. As pessoas diriam: “Vou mandar fazer meu retrato assinado por “Mory””.

Mas tudo isso exigiria posição, poder, riqueza, e, novamente, ela disse a si mesma: um homem branco. *Eu devo me casar com um homem branco. O casamento é a maneira mais fácil para uma mulher conseguir essas coisas, e os homens as têm.* Mas Angela conhecia apenas um homem branco, Anthony Cross, e ele nunca teria essas qualidades, pelo menos não deliberadamente. Elas poderiam aparecer mais cedo ou mais tarde, mas apenas após longos anos. Longos, longos anos de luta contra as realidades. Havia uma simples e genuína firmeza nele que a fez perceber que ele procuraria a expressão da verdade e de si mesmo, mesmo à custa das coisas boas da vida. E Angela tinha vergonha, pois sabia que pelas vaidades de uma existência vagarosa e irresponsável, ela sacrificaria seu próprio talento, a integridade de sua habilidade de interpretar a vida, de escrever uma história com seu pincel.

*

Marta Burden era uma personagem tão forte e distinta quanto Paulette; parecia ainda mais forte por ter o dom do silêncio. Paulette, como Angela logo percebeu, vivia em um estado de desafio constante. “Não me importo com o que as pessoas pensam”, era seu slogan.

Angela ficou surpresa por se apegar tão persistentemente a uma amizade com uma pessoa tão convencional e reacionária quanto ela própria. Mas Marta Burden não era assim. Não se sabia se ela estava pensando ou não nas opiniões de outras pessoas. Era provável que as outras pessoas e suas atitudes nunca tivessem passado por sua mente. Ela era fria e ligeiramente indiferente, com a frieza e indiferença de seus olhos de ardósia e seu cabelo castanho e volumoso. Nem a cor de ardósia, nem o castanho, indicavam, contudo, calor — apenas profundidade, profundidade e novamente profundidade. Era impossível perceber como ela seria se

estivesse apaixonada ou agitada pela raiva. Provavelmente haveria algo implacável e divino nela; ela seria capaz de uma longa, lenta e constante explosão de paixão. Poucos homens amariam Marta, embora muitos pudessem admirá-la. Mas um homem, uma vez encantado, poderia facilmente morrer por ela.

Angela gostava da casa de Marta e da elegância simples que guardava, suas cortinas finas e macias, e a penumbra constante a lembrava de seu antigo lar. Ela gostava de Ladislav Starr, o marido que Marta mencionou casualmente. Eles eram individualistas fortes, fundidos e combinados em um projeto que falhou em obscurecer suas personalidades enfáticas. O apartamento deles no Village era grande, limpo e ensolarado; não trazia nenhum traço de riqueza palpável, mas nada relativo ao conforto estava faltando. As estantes de livros na sala de jantar e estar transbordavam; *the Nation*, *the Mercury*, *the Crisis*, uma revista das raças mais escuras, deixada no braço largo de uma poltrona, silenciosamente convidativa; era final de outono, quase inverno, mas havia arranjos de flores frescas. O cômodo onde Angela foi tirar o xale era delicado e confortável.

A pequena reunião para a qual Marta a convidou era composta de membros tão fortes quanto os anfitriões. Todos eram especialistas à sua maneira, e especialistas na maior parte em algum desdobramento de uma vocação ou movimento já altamente profissional. Marta apresentou um psiquiatra, um correspondente de guerra, “Tenho essa ocupação apenas quando há uma guerra, é claro”, ele explicou para o olhar abertamente curioso de Angela; um dramaturgo, um advogado de corporação, um poeta de rosto branco, visivelmente belo e com um longo e evasivo nome russo, dois assessores de imprensa, um produtor teatral, uma atriz que representava apenas papéis de Shakespeare, uma professora de crianças com deficiência e um estudante de medicina que fora objeto de consciência e servira por muito tempo em Leavenworth. Vira e mexe, ele sempre começava a falar consigo mesmo, entrando em um êxtase do qual ele só saía ao falar dos males da sociedade.

Apesar de seus interesses altamente especializados, todos possuíam conhecimento em assuntos como Rússia, Ligas do Consumidor e as próximas eleições presidenciais. Houve muitas risadas e conversas, mas sem leveza, sem respingos. Uma das

assessoras de imprensa, a Sra. Cecil, iniciou uma longa discussão com o advogado da corporação sobre um projeto de lei pendente no Congresso; ela sabia tanto quanto ele sobre o assunto e se defendeu em uma longa e quase amarga discussão que só a chegada dos refrescos interrompeu.

Pouco antes do fim da discussão, dois outros jovens entraram, mas Angela nunca soube a profissão que tinham. Além disso, ela estava interessada em observar a jovem professora de crianças com deficiência. Ela era negra; pequena e bem constituída, muito bem-vestida, e de uma bela tonalidade, bronzeada e suavemente avermelhada, como Gínia, pensou Angela, um pouco surpresa ao observar como o calor da aparência da professora ofuscava, ou melhor, apagava todas as pessoas presentes. Até mesmo o tom de bronze do cabelo da Srta. Burden ofuscava. A única coisa capaz de lidar com sua riqueza era a beleza clássica das feições do poeta russo. Ele parecia incapaz de manter os olhos longe dela; esteve meticulosamente atento aos desejos dela e se inclinou várias vezes durante a longa discussão política para sussurrar comentários aparentemente divertidos.

A jovem, à vontade em sua poltrona funda, recebia as atenções com uma objetividade divertida e ligeiramente distanciada; uma objetividade que ela tinha para todos na sala, incluindo Angela, para quem ela havia olhado uma vez com bastante nitidez. Mas o distanciamento de seus modos era totalmente diferente da dignidade sensível da Srta. Powell. Sem qualquer constrangimento, ela deixou seus olhos escuros e calorosos viajarem de um rosto para outro. Ela poderia estar dizendo: "Quão longe você está das coisas que realmente importam, nascimento e morte, e trabalho duro, duro!". O poeta russo deve ter percebido isso, porque uma vez Angela o ouviu dizer com o corpo inclinado: — Você acha tudo isso é fútil, não é?

*

Marta fez sinal para que ela esperasse um momento até que a maioria dos outros convidados tivesse ido embora, então avançou com um dos dois rapazes que entraram sem se apresentar.

— Este é Roger Fielding, ele a levará para casa.

Ele era alto e loiro com olhos profundamente azuis que sorriam para ela ao dizer:

— Você gostaria de caminhar ou cavalgar? Está chovendo um pouco.

Angela disse que preferia andar.

— Tudo bem então. Aqui, Starr, traga aquele guarda-chuva que eu te emprestei.

Eles saíram para a chuva fina e formigante do final do outono.

— Fiquei surpreso — disse Roger — em ver você lá toda altiva. Não achei que você fosse assim quando a conheci na casa de Paulette.

— Já nos conhecemos? Sinto muito, mas não me lembro de você.

— Não, acredito que não se lembre. Bem, nós não exatamente nos conhecemos; eu te vi um dia na casa de Paulette. É por isso que vim esta noite, porque ouvi que você viria e eu teria a chance de vê-la de novo; mas fiquei surpreso porque você não se parecia com aquele bando tagarela. Eles me cansam por levarem a vida tão a sério. Marta e sua altivez! — disse ele, ingrato.

Angela, um pouco desconcertada com a franqueza do desejo dele de conhecê-la, disse que não achava que eles estivessem falando sério.

— Não acha que eles são sérios? Deus! Que tipo de conversa você costuma ter? Você parece que acabou de sair de uma escola dominical! Prefere textos bíblicos?

Mas ela não conseguia explicar-lhe a imagem que via em sua mente de homens e mulheres na casa de seu pai na Opal Street, os homens falando penosamente sobre aluguéis, linchamentos, construções e associações de empréstimos; as mulheres falando de gravidez e dos sacrifícios que deveriam ser feitos para colocar Gertie na escola, para educar Howard. “Não é minha intenção que nenhum dos meus filhos passe pelo que eu passei”. E, nos últimos anos, os jovens Henson e Sawyer e os outros na pequena sala conversando sobre ideais, sobre sacrifícios evitáveis pela raça; o holocausto do individualismo diante de um grupo racial vagamente

vislumbrado. Isso era sério, até sombrio, com um grande impulso vital doentio da realidade. Mas esses outros tópicos, picos de civilização superpostos sobre outros picos, ela achava, embora interessantes, totalmente fúteis.

Eles haviam chegado ao pequeno corredor agora.

— Precisamos falar alto — ela sussurrou.

— Por quê? — ele perguntou, falando obedientemente muito alto.

— Espere um minuto; não, ela não está lá. A garota acima de mim encontra seu amante aqui à noite e, tão certo quanto eu a esqueço e entro calmamente, lá estão eles no meio de um beijo. Eu suspeito que ela me odeia.

Em sua jovem sofisticação masculina, ele pensou a princípio que isso era uma deixa, mas o ar dela era tão alegre e tão inocente que ele mudou de opinião. *Embora nenhuma garota nos dias de hoje possa ser tão simples e inocente quanto parece.*

Mas em voz alta ele disse:

— Claro que ela não te odeia, ninguém poderia fazer isso. Garanto-lhe que eu não.

Ela achava seus galanteios muito divertidos.

— Bem, me alivia ouvir você dizer isso; isso vai me impedir de me preocupar por pelo menos uma noite.

E retirando a mão do toque dele, ela correu escada acima.

*

Uma carta de Virgínia estava lá dentro. Preparando-se para dormir, Angela leu devagar.

Angela, querida, não seria divertido se eu fosse para Nova York também? Claro que você continuaria morando em seu apartamento e eu moraria no famoso Harlem, mas nós duas estaríamos na mesma cidade, que é onde duas irmãs deveriam estar. Acho bobagem isso de vivermos separadas. O homem da Universidade da Filadélfia quer muito que eu faça o exame de música; seria fácil e eu teria um pagamento muito melhor do que o

que recebo aqui. Portanto, há dois motivos perfeitamente bons para eu ir. Ele acha que vou lhe dar crédito e eu quero sair desta cidade.

Então, o verdadeiro motivo apareceu:

Eu tenho uma sorte terrível. Edna Brown deu uma festa em Merion não faz muito tempo e Matthew me levou. E você sabe o que andar de trem faz comigo; bem, naquela bendita noite, tive um enjoo. Matthew foi tão gentil. Ele veio me ver na manhã seguinte, mas, querida, ele nunca mais voltou. Suponho que ele não consegue superar o fato do meu estado naquela noite. É tudo tão terrível!

Angela não pôde deixar de murmurar:

— Imagine alguém querer tanto o velho Matthew que está disposta a deixar sua casa para esquecê-lo. Agora, por que será que ele não gostou dela em vez de mim?

E ponderando sobre tais mistérios, ela se esgueirou para a cama. Mas voltou a pensar na noite que passara com Marta e as pessoas que conhecera. E novamente lhe pareceu que eles representavam uma classe quase assustadoramente desnecessária. Se algum grande cataclismo social acontecesse, eles certamente seriam varridos da disputa logo de cara. Apenas as pessoas reais poderiam sobreviver. Até o modo de vida de Paulette, parecia-lhe, tinha algo mais direto e vital.

Capítulo 4

O toque do telefone a acordou pela manhã. O objeto era uma extravagância, pois, com exceção de Anthony, Angela recebia poucas ligações e fazia praticamente nenhuma. Mas a mulher de quem ela havia alugado o apartamento a persuadiu a ficar com ele. Mesmo assim, como ela nunca havia denunciado a mudança de propriedade, seu valor era pequeno. Angela ficou ali deitada por um momento, piscando sonolenta sob o sol tênue, mas intensamente dourado de dezembro, pensando que seus ouvidos a enganavam.

Por fim, ela estendeu um braço rosado, passou-o pela beirada do batente da porta e, alcançando a mesinha que ficava no outro cômodo, do outro lado da porta, colocou o objeto em sua cama. O apartamento era tão pequeno que quase tudo estava ao alcance do braço.

— Alô — murmurou sonolenta.

— Ah, achei que você devia estar aí. Pensei comigo: “Ela não pode ter saído de casa tão cedo”. Que horas você vai para aquela sua famosa aula de desenho?

— Desculpe! Quem está falando, por favor?

— Ora, Roger, claro, Roger Fielding. Não diga que já se esqueceu de mim. É Angèle, não é?

— Sim, é Angèle Mory falando, Sr. Fielding.

— Será que eu ofendi Vossa Alteza, senhorita Mory? Você viria almoçar comigo e me deixar expressar o quanto eu sinto muito?

Mas ela já ia almoçar com Anthony.

— Eu tenho compromisso.

— Claro que sim. Bem, você vai tomar chá, jantar, cear, tomar café da manhã e ter todas as outras refeições amanhã e assim por diante por uma semana? É melhor dizer sim, porque vou importuná-la até que aceite.

— Tenho compromisso para o chá também, mas não sou tão popular quanto pareço. É meu último compromisso esta semana;

ficarei feliz em jantar com você.

— Certo! Agora não volte a dormir seu sono de beleza, pois se você for mais charmosa do que foi na noite passada, eu não responderei por mim mesmo. Estarei aí às oito.

Por mais inexperiente que fosse, Angela ainda era capaz de reconhecer o método de flerte como um tanto floreado; ela preferia, de modo geral, o jeito de Anthony no almoço, como quando ele se inclinou para frente e tocou levemente sua mão, dizendo: — Não é incrível estarmos aqui? Estou tão contente, Angèle! Prometa que vai almoçar comigo todos os dias desta semana. Tive uma maré de sorte com os meus desenhos.

Ela prometeu, um tanto emocionada com a evidente sinceridade e com a amabilidade do sorriso que tanto transfigurava o rosto moreno e magro dele, tirando-lhe a tensão e o cansaço.

Ainda assim, alguma coisa, alguma vaidade, alguma vaga premonição de aventura, levou-a a demorar-se a se arrumar para o jantar com Roger. Nunca houve muita cor em suas bochechas, mas sua pele era vívida e clara; havia vitalidade sob sua palidez; seu cabelo era vívido também, longo e grosso e tão charmoso que dava à cabecinha dela o efeito de estar rodeada por um halo de luz; um tanto rebelde, luzidio, mudando à luz, pois havia pequenas molas e mechas e cachos na frente e ao redor das têmporas que nenhuma persuasão no mundo poderia domar. Angela retocou um pouco a boca, não tanto para avermelhar, mas para dar um toque mundano à sua aparência. Seu vestido era da cor do fogo — Paulette a induzira a comprá-lo, de uma seda brilhante simples, bastante pesada. A gola era alta nas costas, e, na frente, modesto como o de uma menina. Ela tinha um colar de boas pérolas artificiais e duas pesadas pulseiras de prata. Assim, ela se parecia com uma chama; intensa e opaca no peito onde o vestido cintilava e brilhava, transparente e frágil onde seu branco pescoço e rosto quente apareciam na sombra tênue de seu cabelo. A aparência a deixava animada.

Roger a achou encantadora. Quanto às mulheres, ele se considerava um especialista. Esta garota o agradava em muitos aspectos. Era jovem; era, quando iluminada por dentro por algum mecanismo indescritível, até bonita; tinha charme e, o que era ainda

mais importante para ele, era intrigante. Em repouso, ele notou, estudando-a de perto, seu olhar tranquilo assumia a semelhança de um movimento interrompido, uma compostura na ponta dos pés, por assim dizer, como se ela tivesse sido interrompida na rápida transição de um estado de espírito para outro.

E por trás dessa cessação momentânea de ação podia-se ver uma mente disparada, rápida, inquieta, infatigável, observando, tabulando, talvez até zombando. Angela tinha para ele a qualidade do estrangeiro, mas dava a essa qualidade uma objetividade como se ele fosse o estranho e, ela, a conhecida personagem, percebendo suas peculiaridades e aparentemente se divertindo muito com elas.

Mas de tudo isso, Angela não sabia. Não imaginava que poderia ser um mistério para Roger, pois, além da empolgação que ela — uma mulher no alto da juventude, da saúde e da beleza — sentiria ao receber, em um ambiente adequado, a devoção e atenção que todas as mulheres anseiam, ela estava nadando na onda de excitação criada por sua posição única. Águas roubadas são as mais doces. E Angela nunca se esqueceu de que foram roubadas. Ela pensou: *Aqui estou eu tendo tudo que uma garota deve ter só porque tive o bom senso para adequar minhas ações à minha aparência.* A compreensão, a diversão secreta borbulhando em alguma parte oculta de seu coração, trouxe cor às suas bochechas, uma certa ousadia a seus modos. Roger ponderou sobre essa qualidade. Se ela fosse imprudente!

O jantar estava perfeito; foi servido com elegância e beleza. Na verdade, Angela ficou surpresa com os arredores e até mesmo com a grandeza do hotel para o qual ele a trouxera. Ela não tinha ideia de seus meios, mas supôs que suas circunstâncias eram as mesmas de seus outros novos amigos; provavelmente ele estava em melhor situação do que Anthony, cuja pobreza ela sentiu instintivamente, e julgou que a renda dele, qualquer que fosse, não era tão arriscada quanto a de Paulette. Mas ela o julgaria na mesma posição que os Starrs.

Esse tipo de gasto, no entanto, significava dinheiro, *a menos que ele realmente goste de mim e esteja esbanjando desta vez só para me impressionar.* A ideia atraiu sua vaidade e deu-lhe uma

sensação de poder; Angela olhou para Roger com um sorriso caloroso. O olhar intencionado dele a fitou; já estava inclinado para ela, mas se inclinou ainda mais sobre a mesinha perfeita e perguntou em voz baixa e ansiosa: — Vamos ficar aqui e dançar ou ir para sua casa conversar e fumar um pouco?

— Oh, vamos ficar e dançar; seria tão tarde quando chegássemos em casa que só teríamos alguns minutos.

Logo a noite dourada acabou e eles estavam no vestíbulo da Jayne Street.

Roger disse em voz alta:

— Onde está aquele botão? — Então, mais baixo: — Bem, os jovens amantes também não estão aqui esta noite. Estou começando a pensar que você inventou essa história, Angèle.

Ela assegurou-lhe, rindo, que havia dito a verdade.

— Continue vindo aqui e verá. — Mas ela gostaria de poder pensar em algo mais comum para dizer.

As mãos dele seguraram as dela com força; eram muito fortes e pela primeira vez ela notou que as veias se erguiam sobre elas como cordões. Angela tentou se soltar, ele correspondeu e, pegando a chave dela, girou a fechadura da porta, encarando a mulher Diante de si.

— Bem, estou feliz que eles não estejam aqui esta noite para se vingar.

E quando Roger devolveu a chave, beijou os lábios de Angela. Seu conhecimento sobre as mulheres baseado em muitas, muitas experiências, disse a ele que o rápido retrair dela foi absolutamente sincero.

Como antes, Angela ficou parada depois de entrar no cômodo, se considerando cercada. Havia sido beijada apenas uma vez antes, por Matthew Henson, e aquele beijo não tinha sido tão casual nem tão perturbador quanto esse. Ela estava emocionada, animada e vagamente descontente.

— Ele é rápido, reconheço.

E sentando-se na poltrona, pensou por um longo tempo em Anthony Cross e seu profundo e respeitoso ardor.

Pela manhã, havia flores.

*

Depois da aula, Angela foi com Paulette entregar os últimos rascunhos.

— Tome chá comigo hoje; vamos nos divertir no Ritz. Esta é a única vez no mês em que eu tenho dinheiro, então vamos aproveitar.

Angela olhou para o salão quente e deslumbrante, para as mulheres serenas e luxuosas, para os homens super arrumados, super atenciosos, tremendamente confiantes. Suspirou.

— Eu amo tudo isso, amo.

Paulette, ocupada ao soprar anéis de fumaça, assentiu.

— Soprei dezesseis da outra vez. Me veja fazer de novo. Não há nada de mais nesse estilo de vida, sabe.

— Ah, eu não sopro anéis de fumaça! É a única coisa no mundo que pode estragar seu visual. O que você quer dizer com não há nada de mais?

— Bem, para frequentar dia-sim, dia-não, não funciona. É muito tedioso. É divertido para você e eu vir aqui duas vezes por ano depois de receber um cheque gordo para gastar. Mas não seria legal todos os dias. Há gritos e tumulto por toda a parte. Eu prefiro viver perigosamente na pequena e velha Bank Street, e pensar em um jeito de fazer quinhentos dólares para poder ir à Riviera Francesa e vadiar naquelas cidadezinhas, Villefranche, Beaulieu, Cagnes a sentar aqui e beber chá e escutar esses jovens nos provocando, tentando ver como vão nos conquistar — você precisa vê-las, Angèle — e ter um caso maravilhoso com um homem de verdade com sangue sincero correndo em suas veias.

Angela estava impressionada com essa confissão.

— Pensei que você tinha dito que não gostava de casos, a não ser que pudesse conduzi-los em seu próprio *pied à terre*.

— Eu disse? Bem, aqueles eram outros tempos, não hoje. A propósito, o que você diria se eu te contasse que estou indo para a Rússia?

Paulette olhou para a amiga com o descaramento de uma criança, pois sabia que Angela havia ouvido falar que Jack Hudson aceitara ser correspondente de um jornal em Moscou.

— Não diria nada exceto que prefiro estar aqui no calor e na limpeza do Ritz do que em Moscou, onde tenho certeza de que é sujo e frio.

— Isso é porque você nunca quis ninguém.

Por um momento, o rosto de Paulette era apenas desejo. Lindo, mas também terrível. *Ela se parece com Hetty Daniels*, pensou Angela, surpresa. Exceto que não havia mais beleza no rosto de Hetty.

— Quando você põe seu coração em alguém ou em algo, ninguém pode adivinhar o que você fará, Angèle. Com sua inocência, você é profunda, e estará tão desesperada quanto Marta Burden quando começar. Conheço seu tipo. Bem, se você precisa ficar brincando no Ritz, etecetera, etecetera, direi ao Roger Fielding. Ele é um bom acompanhante e pode bancar tudo isso.

— Por quê? Ele é rico?

— Rico! Se toda a fortuna que ele... não, não ele, mas seu pai... se toda a fortuna que o velho Fielding tem fosse convertida em dólares, não haveria espaço neste salão, por maior que seja, para guardá-la.

Angela tentou imaginar.

— E Roger, o que ele faz?

— Gasta. O que mais há para fazer? Nada, exceto se divertir e não aborrecer o pai. O pai dele é uma figura, sabe como é, louco por seu nome e seu legado. Roger não se atreve a ficar bêbado e se deitar na sarjeta, nem a se envolver com os tipos errados. Fora isso, este mundo é uma ostra e ele a come todo dia. É um jovem que consegue tudo o que deseja.

— O que você quer dizer com se envolver com os tipos errados? Ele não é da realeza.

— Você falou como uma boa estadunidense. Não, ele não é. Mas ele não deve se casar com certos tipos. O velho não ligaria nem um pouco para o dinheiro, mas insistia em sangue azul e no Mayflower⁹. O engraçado é que Roger, que parece tão democrático, é assim também. Mas claro que correu tanto atrás das coisas boas que é intocável. É por isso que não posso ficar com ele. Não me importo se um homem não se casará comigo, mas não posso

perdoá-lo se ele achar que não sou boa o suficiente para me casar com ele. Qualquer mulher é melhor que o melhor dos homens.

O rosto dela foi tomado de uma expressão intensa, cheia de energia; alguém poderia dizer que ela estava consumida pela excitação.

Angela assentiu, sem prestar muita atenção. Roger, um multimilionário! Roger, que apenas duas noites antes havia beijado seus dedos, seus olhos ávidos e mesmo assim tão humildes e implorantes!

— Escute, se você começar a se engraçar com Roger, tome cuidado. Ele não tem escrúpulos, e dirá ou gastará o que for preciso para conseguir o que quer.

Paulette riu com a pergunta nos olhos da amiga.

— Não, eu não considereei Roger nem por cinco minutos. Mas conheço o tipo dele. São perigosos. É errado que homens tenham poder e dinheiro; estão condenados a fazer alguma mulher sofrer. Vamos até a Avenue comigo, preciso comprar um chapéu. Não posso mais usar este. É muito pequeno, parece um amendoim num barril.

*

A mente de Angela era visual. Ela viu os dias da semana, os meses do ano em pequenas e estreitas divisões. Ela viu os últimos anos de sua vida caindo em compartimentos separados e desiguais que juntos constituíam sua existência. Quando olhava para o período entre o Natal e a Páscoa, via uma névoa azulada começando em uma neblina branca, se transformando em algo vermelho e terrível; e através da névoa azulada estendia-se o nome: Roger.

Roger! Angela nunca tinha visto ninguém como ele: tão alegre, tão bonito, como um deus loiro e glorioso, tão irresistível, tão persistente. Ela não tinha gostado tanto a princípio; gostava como alguém gosta do sol, do céu azul ou de um pássaro cantando, de qualquer coisa alegre e livre. A mente deles não se conectava. Ele não sabia nada da vida, exceto o que era prazeroso; é verdade que sua ideia do prazer nem sempre coincidia com a dela. Roger não

tinha medo, nem restrições, nem preocupações. Sim, ele tinha uma; não queria ofender o pai. Ele desejava o dinheiro do pai ardente e inabalavelmente. Não invejava o pai por um dia, nem uma hora, em nenhum momento de sua vida; sobre isso tinha uma sinceridade esquisita e altruísta. O velho cavalo de guerra financeiro fizera sua fortuna com trabalho duro e lutas impiedosas. Ele dera a Roger seu ser, a *entrée* para uma existência maravilhosa. Já havia lhe concedido uma soma anual que teria mantido várias famílias no conforto. Se Roger tivesse se importado em economizar por dois anos, nunca precisaria ter pedido outro centavo ao pai. Com qualquer tipo de sorte, poderia ter construído para si mesmo uma segunda fortuna colossal. Mas não se importou em fazer isso. Ele não desejava ao pai a perda de um instante de vida ou de alegria. Mas queria a posse final desses milhões.

Angela gostava mais dele quando Roger falava sobre “meu pai”; ele nunca mencionou a vastidão de sua riqueza, mas agora ela não poderia ter evitado adivinhar, mesmo sem a ajuda de Paulette, que ele era um homem rico. Ela não recebia joias dele, mas havia presentes constantes: flores, frutas, doces, livros, belas cópias dos antigos mestres. Ela tinha medo e vergonha de expressar um desejo na frente dele. Com tudo isso, havia ainda sua presença constante. E uma estranha vigilância que Angela sentia, mas não conseguia explicar.

— Ele deve me amar — disse a si mesma, pensando nas carícias dele. Ela não conseguira evitar que ele a beijasse. Sua inquietação o divertia e encantava: ele ria de seu puritanismo, conseguia envergonhá-la.

— Criança, de onde você veio? Não há nada de errado em um beijo. Se eu não te beijasse, não poderia vir te ver. E eu tenho que ver você, Angèle! — A voz de Roger ficou mais profunda; a expressão em seus olhos a fez vacilar.

Mesmo assim, ele não a pediu em casamento. *Mas suponho que seja porque ele pode ver que ainda não o amo.* E Angela se perguntou como seria amar. Até Gínia sabia mais sobre isso do que ela, pois sentia, talvez ainda sentisse, uma forte afeição por Matthew Henson. Bem, de qualquer maneira, se eles se casassem, ela provavelmente iria amá-lo; a maioria das mulheres aprendeu a

amar seus maridos. A princípio, depois de sua conversa com Paulette sobre Roger, Angela esperava uma diminuição das atenções dele a qualquer momento, afinal ela era desconhecida. Mas Angela tinha certeza agora que Roger a amava e gostaria de se casar com ela, pois nunca lhe ocorreu que os homens dispensavam atenções como essas em uma fantasia passageira. Ela viu a vida se desenrolando como um conto de fadas. Pobre, negra — negra nos Estados Unidos; desconhecida, uma ninguém! E aqui em sua mão estava a possibilidade de amor e de grande riqueza. Angela faria muitas coisas boas para os negros; ela garantiria que a Srta. Powell, por exemplo, tivesse sua bolsa de estudos. Oh, ela iria caçar garotas e homens como Seymour Porter — ela quase esqueceu o nome dele. Arthur Sawyer? — e dar-lhes um gostinho da vida em sua plenitude e beleza como nunca haviam sonhado.

Esta noite ela iria sair com Roger. Angela colocou seu vestido cor de fogo novamente; um lindo vestido verde também estava pendurado em seu armário, mas ela usava o flamejante porque a iluminava por dentro, iluminava não apenas seu belo e adorável corpo, mas também sua mente. A satisfação com a aparência liberou uma fonte inexplicável de alegria e simplicidade, de forma que ela parecia quase ousada.

Roger, sentado defronte, tentou sondar o humor dela, tentou avaliar o convite das maneiras e das possibilidades de Angela. Ela o tocou uma ou duas vezes, familiarmente; quase possessivamente, ele pensou. Angela parecia estar ao seu alcance agora, se junto com esse gesto ela fosse imprudente. Foi esse atributo que, pela primeira vez naquela noite, ele pensou surgir dentro dela. Se, além de seu interesse insaciável pela vida — pois sempre lhe perguntava sobre pessoas e lugares —, ela possuía aquela imprudência, então poderia realmente fazer-lhe uma proposta que estivera em seus lábios por semanas e meses. Algo inocente, pateticamente intocado, sobre ela, até então o manteve afastado. Mas se Angela tivesse a ousadia necessária! Eles estavam jantando na East Tenth Street, em um pequeno café que contrastava com o Park Avenue Hotel, para onde ele a levava pela primeira vez. Mas sobre eles estendia-se o resplendor e a perfeição do cristal e da prata, do maravilhoso

guardanapo e do atendimento servil. Tudo, pensou Angela, olhando em volta, foi traduzido. O leve cheiro da comida era, disse ela a Fielding, realmente um aroma: a água mineral, que ele bebia porque não podia evitar e ela porque não conseguia aprender a gostar de vinho, era néctar; o pão, o peixe, os pratos eram ambrosia.

A comida, também, em geral, deveria ser considerada como manjares.

— Comes e bebes, em melhores palavras — disse ela rindo.

— E você também merece todas as melhores palavras. Angèle, você é maravilhosa, você é encantadora — os lábios de Roger diziam, mas seus sentidos batiam e martelavam.

Intoxicada com a magia do momento e dos arredores, Angela inclinou o rosto sorridente um pouco mais perto, e viu o rosto de Roger mudar, escurecer. Nuvem sobre o sol.

— Com licença — disse ele e atravessou a sala atrás dela com pressa. Surpresa, ela se virou e olhou para ele. Em uma mesa atrás dela, três pessoas negras (sob o comando de um garçom perplexo e perturbado) estavam prestes a pegar uma mesa. Roger subiu e falou com o chefe dos garçons com autoridade, até com raiva. Este último olhou ao redor da sala, acenou com a cabeça e, se aproximando, dirigiu-se ao pequeno grupo. Houve uma discussão apressada e ligeiramente sarcástica. Então os três saíram, passando pela mesa de Angela desta vez, de cabeça erguida.

Ela voltou para seu prato, seu coração doente.

Para ela, a noite acabara. Roger voltou, seu rosto corado, triunfante.

— Bem, eu ensinei a esses *guaxinins*! Eles se esquecem tão rápido, vindo aqui estragar o apetite dos brancos. Eu disse ao gerente que se eles fizessem um de seus malditos pedidos, eu seria o responsável por atendê-los. Eu não os permitiria aqui com você, Angèle. Pude perceber naquela noite na casa de Marta Burden, pela maneira como você olhou para aquela garota, que não tinha tempo para *crioulos*. Aposto que você nunca esteve tão perto de um antes em sua vida, não é? Gostaria de saber onde Marta arranjou aquela.

Angela estava em silêncio, sem vida. Roger continuou contando exemplos de como tinha “ensinado o lugar” de várias

peessoas negras de modo efetivo. Ele tinha banido negros em Harvard, aspirantes a pequenas sociedades literárias ou de honra.

— Eu os mandaria de volta para a África se pudesse. Houve um pretinho no Harlem que tinha boas ideias, sei bem; embora ele deva ser um bruto para ceder à sua raça daquela maneira; é claro que com ele é apenas uma questão de dinheiro. Ele os trairia por alguns milhares. Puxa, se ele pudesse realmente fazer isso, eu não sei, acho que estaria disposto a financiá-lo.

A esse discurso havia razões econômicas para se opor, princípios de justiça, altos ideais de humanidade. Mas Angela não conseguia pensar em nenhum deles. Sem palavras, ela o ouviu, seu apetite sumiu.

— Qual é o problema, Angèle? Você ficou enojada ao vê-los?

— Não, não é isso. Eu não me importo com eles; você está enganado sobre mim e aquela garota da Marta Burden. É você, você é tão violento. Eu não sabia que você era assim!

— E eu fiz você ficar com medo de mim? Oh, não foi minha intenção. — Mas Roger ficou lisonjeado ao pensar que a havia afetado. — Venha, vamos tomar um pouco de ar. Vou levá-la para dar uma volta pelo parque e depois para casa.

Mas ela não queria ir ao parque; ela queria ir para casa imediatamente. O pequeno carro azul dele estava lá fora; em quinze minutos, eles estavam na Jayne Street. Angela não permitiria que ele entrasse, nem mesmo no vestíbulo; ela mal lhe deu a mão.

— Mas, Angèle, você não pode me deixar assim; o que eu fiz? Assustou você que eu xinguei um pouco? Mas eu nunca xingaria você. Não faça assim.

Ela se foi, deixando-o perplexo na calçada. Acendendo um cigarro, ele voltou para o carro.

— Mas que diabo!

Ele mudou de marcha.

— Mas ela gosta de mim. Eu poderia jurar que ela gostou de mim esta noite. Malditos negros! Aposto que ela está pensando em mim.

Roger teria perdido a aposta. Angela estava pensando naquelas pessoas negras.

Ela podia visualizar todos eles com muita facilidade; poderia interpretar suas expressões mutáveis tão completamente como se essas mudanças estivessem diante dela em um livro. Era uma menina e dois homens, um jovem, e o outro talvez o pai de um dos outros dois. A pessoa de aparência paternal, pois assim sua mente o registrou, tinha uma expressão de prontidão para o que viesse. Ela conhecia e entendia o tipo. Suas experiências geradas por essa coisa chamada preconceito foram muito vastas para parecerem surpresas. Se eles fossem servidos, aquele seria um dia de sorte; do contrário, ele se recusaria a permitir que o incidente abalasse seu espírito robusto.

O interesse de Angela foi para o jovem e para a garota. No espelho atrás de Roger, ela os viu entrando na sala e pensou: *Oh, aqui estão alguns deles lutando novamente. Ó Deus! Por favor, deixe-os serem servidos, por favor, não deixe que sua noite seja estragada.*

Ela própria estava muito feliz e sabia que a recepção de outros cinquenta *maîtres d'hôtel* não compensaria uma rejeição no início. O jovem estava nervoso, com o rosto tenso, de modo que parecia prestes a enfrentar o ataque do inimigo na recente Grande Guerra; mas lá as probabilidades eram iguais; aqui as cartas já estavam marcadas contra ele. Logo sua expressão mudaria para uma de severidade, determinação e desespero. Mencionariam um processo; aparentemente foi o que aconteceu; ainda assim, um processo judicial, na melhor das hipóteses, é um péssimo substituto para uma noite divertida.

Mas a garota, a garota em cujo lugar Angela poderia facilmente estar! Ela era certamente uma garota legal, com tudo o que a frase implica. Para Angela, que a observava com atenção, mas com a indiferença da segurança, ela parecia Virgínia, tão esguia, tão atraente que era e tão corajosa. Muito corajosa! Ah, que coragem!

A princípio, uma resistência alegre:

— Oh, eu sei que não é comum que pessoas como nós entrem neste café, mas tudo vai ficar bem.

Encontrou o olhar de Angela com uma firmeza não correspondida, pois ela pensou: *Ah, coitadinha! Talvez ela pense que eu também não a quero.* E quando o golpe aconteceu, a coragem teve de ser traduzida novamente em uma segurança reconfortante.

— Não se preocupe comigo, Jimmy. — O visitante que estava assistindo podia ouvi-la.

— De fato, isso não vai estragar a noite, acho que não; há muitos lugares onde eles ficariam bem. Escolheram o errado.

Os três haviam saído com a cabeça erguida, o olhar firme e nivelado. Mas o resultado da aventura da noite seria um cinismo crescente no homem idoso, uma amargura expansiva para o rapaz e uma nova timidez na menina. Mesmo depois de terem saído para a rua, Angela não conseguia aliviar seus sentimentos, pois ela devia confortar sua escolta perplexa e instigada. Angela se perguntou se ela tinha sido consoladora para Matthew Henson... Quanto tempo se passara? Apenas um ano? E, de repente, sentada imóvel em sua poltrona, sua capa de noite escorregando despercebida para o chão, o triunfo começou a crescer dentro dela. A vida nunca poderia enganá-la como havia enganado aquela garota negra esta noite, como certa vez a enganou na Filadélfia com Matthew. Ela estava livre, livre para saborear a vida em toda a sua plenitude e doçura, em todos os seus mínimos detalhes. Ao ter coragem suficiente para empregar a arma única que um acidente de hereditariedade colocou em suas mãos, Angela era capaz de dominar a vida. Como ela abençoou sua mãe por lhe mostrar o caminho! Em um país onde a cor significava a diferença entre liberdade e grilhões, quão sortuda ela era! Mas, Angela disse a si mesma, estava farta de Roger Fielding.

Capítulo 5

Agora, era primavera em Nova York. A Washington Square era uma profusão de verdes que se destacava bravamente contra as grandes casas de tijolos vermelhos ao norte. O arco visto da Quinta Avenida parecia uma porta de entrada para o paraíso. As longas e profundas ruas que percorriam toda a extensão da cidade convidavam a uma exploração até os extremos, onde potes de ouro sem dúvida brilhavam. Nas ruas transversais curtas, o sol de abril refletia esplêndidos pôsteres de luz dourada e profunda.

Em duas semanas, Angela viu Roger apenas uma vez. Ele telefonava todos os dias, implorando, suplicando, rogando. Na única ocasião em que ela permitiu que ele ligasse, quase havia lágrimas em seus olhos.

— Mas, querida, o que eu fiz? Se você apenas me dissesse isso, talvez eu pudesse explicar o que quer que seja que está acontecendo entre nós.

Mas não havia nada para explicar, Angela lhe disse gravemente, apenas que ele era mais duro, mais cruel do que ela esperava; não, não eram os negros, ela mentia e sentia sua alma corar, era que agora sabia como ele ficava quando estava com raiva ou descontente, e podia ver o quão implacável, o quão determinado Roger era para fazer as coisas do seu jeito. Sua disposição de pagar os custos de um possível processo a encheu de um medo agudo. O que se poderia fazer contra um homem, contra um grupo de homens como ele e sua espécie representavam, que gastariam tempo e dinheiro para manter um preconceito baseado em uma tradição tola e velha?

Mesmo assim, Angela descobriu que não queria perdê-lo completamente de vista. O cuidado, a atenção, a bajulação com que Roger a cercou começavam a produzir seu efeito. No belo, mas um tanto cansativo bálsamo da primavera, ela sentia falta do carro azul que estivera constantemente à sua disposição; de comer uma refeição boa, caseira, em sua pequena sala de estar com os odores de cozinha a oprimindo, ela se viu inconscientemente desejando a

saborosa comida, as iguarias frescas da primavera que sabia que ele ficaria muito feliz em obter para ela.

Envergonhada, Angela teve de reconhecer que a separação que estava impondo com tanta rigidez significava uma diferença em seu minúsculo tesouro, pois já fazia muitos meses que ela não comia regularmente uma refeição principal sozinha e às suas próprias custas.

Hoje ela estava especialmente consciente de sua dependência dele, pois iria passar a tarde no parque Van Cortlandt com Anthony.

Falaram sobre metrô e a Elevated.

Roger teria mandado o carro azul à porta e ela teria saído da Jayne Street com estilo. Agora, ficou sabendo que Anthony deveria entregar alguns desenhos a um homem, um cliente astuto, a quem era melhor encurralar, se possível, na tarde de sábado. Por mais que se arrependesse, provavelmente chegaria um pouco tarde. Angela, portanto, para economizar tempo, devia encontrá-lo na 72nd Street. Roger nunca teria feito um pedido assim; ele teria trazido seu advogado ou seu empresário no carro com ele e, dispensando-o com um breve “Bem, verei se consigo terminar isso amanhã”, teria se apressado com seus melhores modos de Walter Raleigh, e teria tirado a capa também, se Angela pedisse. Talvez ela tivesse que aceitá-lo de volta. Sem dúvida, mais tarde ela poderia controlar os preconceitos dele. Mas como faria isso? Ainda assim, era adorável estar aqui com Anthony no parque, tão verde e fresco, tão novo com as transformações recorrentes da primavera. Anthony tocou sua mão e, como já havia feito outras vezes, disse: — Estou tão contente de estar com você, Anjo. Posso chamá-la assim, não é? É assim como te enxergo. Ah, se soubesse como fico feliz, o quanto me faz contente e satisfeito. Eu poderia ficar de joelhos e agradecer a Deus por isso como um garotinho.

Anthony parecia mesmo um garotinho quando disse isso.

— A felicidade é algo difícil de encontrar e ainda mais difícil de manter.

Angela perguntou a ele preguiçosamente:

— Você nunca foi feliz?

O rosto dele mudou bruscamente. Angela se surpreendeu. Não só a velha tristeza e tensão voltaram, mas uma grande amargura, como ela nunca tinha visto antes.

— Não — ele disse lentamente, como se estivesse pensando em sua vida. — Faz anos que não sou feliz, desde que era um menino. Nunca fui feliz, nem mesmo estive confortável, até conhecê-la.

Mas ela não queria que ele encontrasse sua felicidade nela. Essa maneira só levaria a uma maior infelicidade. Então Angela disse, para mudar de assunto: — Você poderia me falar sobre isso?

Mas não havia nada a dizer, Anthony lhe assegurou, seu rosto ficando mais sombrio.

— É que meu pai foi morto quando eu era um garotinho, morto por seus inimigos. Eu os odiei desde então; nunca parei de odiá-los até que conheci você.

Mas esta era uma estrada tão perigosa quanto a outra, além das possibilidades de reabrir velhas feridas. Então ela apenas estremeceu e disse vagamente: — Oh, isso é terrível! Terrível demais para se falar. Sinto muito, Anthony! Você vai voltar para o Brasil? — perguntou como um último tópico desesperado.

Pois ela sabia que ele tinha vindo do Rio de Janeiro para os Estados Unidos. Ele tinha passado o Natal em sua casa, e mostrara fotos da bela e grande cidade e de sua mãe, uma mulher esguia, de olhos escuros e com uma tristeza perpétua nos olhos.

A conversa enfraqueceu. Ela pensou: *Deve ser terrível ser um homem e ter esses ódios e horrores secretos*. Alguma rixa espanhola, uma questão de sangue quente e facas prontas, um golpe repentino e então esta memória mortal para ele.

— Não — disse Anthony após uma longa pausa. — Nunca vou voltar para o Brasil. Não poderia. — Ele se virou para ela de repente. — Diga-me, Anjo, que tipo de garota você é, o que você acha que vale a pena? Você poderia, por uma questão de amor, por uma questão de ser leal aos propósitos e votos de alguém que você amou, se obrigar a suportar a privação, problemas e mal-entendidos, dificuldades que não seriam menos difíceis porque realmente poderiam ser evitadas?

Ela pensou em sua mãe, que amava tanto seu pai, e nos dias de lavagem que suportou por ele, os longos anos de rotina doméstica antes que Angela e Gínia tivessem idade suficiente para ajudá-la primeiro com as mãos e depois com seus ganhos. Ela pensou na casinha escura e surrada, nos vestidos reformados e casacos remendados. E então Angela viu Roger, sua riqueza e sua irresponsabilidade dourada, suas chaves de ouro que podiam abrir as portas para a beleza, o conforto e a decência! Oh, não era decente que as mulheres tivessem que esfregar e trabalhar e escravizar e ter filhos e sacrificar sua aparência e suas belas mãos; ela viu as mãos de sua mãe como sempre pareceram no dia da lavagem, tinham uma aparência branca e fervida. Não, Angela não se enganaria, nem a Anthony. Ela não era sentimental. Não era provável que ela, uma menina que havia deixado sua irmã caçula e sua casa para sair em busca de vida e felicidade, a jogasse fora por causa da pobreza, do sofrimento. Se um homem amava uma mulher, como poderia perguntar-lhe isso?

Então ela disse a ele gentilmente:

— Não, Anthony, eu não poderia. — E observou o sangue sumir do rosto dele e o velho olhar de infelicidade se espalhar em seus olhos.

Anthony respondeu inadequadamente.

— Não, claro que você não poderia. — E se virando, sentado na relva aos pés dela, ele se deitou de bruços na superfície perfumada. Em seguida, se sentou e, dando a ela um sorriso singularmente doce, mas melancólico, disse: — Quase toquei a felicidade, Angèle. Por acaso você conhece o poema *Two in the Roman Campagna*, de Browning?

Mas ela havia lido pouca poesia, exceto o que fora exigido em seu trabalho no colégio, e certamente não Browning.

Ele começou a interpretar a beleza frágil e difícil do poema com seu toque leve, mas seguro, de sentimento evanescente e indefinível. Ele recitou:

*De que forma está sob nosso controle.
Amar ou não amar?*

E de novo:

*Anseio infinito e a angústia.
De corações finitos que anseiam*

Eles ficaram em silêncio por um longo tempo. E novamente ela se perguntou como seria amar. Anthony observou o sol se pôr de repente abaixo do topo de algumas árvores e se levantou, tremendo um pouco, como se o desaparecimento o tivesse deixado imediatamente frio.

— Venha, Anjo, vamos ter que nos apressar. Está ficando escuro e é uma longa caminhada até o metrô.

*

A memória da tarde permaneceu com Angela, envolvendo seus pensamentos e agarrando-se a eles como um manto tênue e aderente. Mas ela disse para si mesma: *Não adianta pensar nisso. Não vou viver esse tipo de vida.* E sabia que queria Roger e o que ele poderia dar a ela, junto com a luz e alegria que ele sempre irradiou.

Angela não queria nada da pobreza, da privação e dos votos secretos de Anthony, ele queria dizer, ela supôs, alguma promessa de se dedicar à *Real Art* — sua memória fotográfica identificava isso com clareza.

Bem, Angela estava farta da tragédia. Pertencia a uma raça trágica.

Deus sabe que é hora de um de nós se divertir um pouco.

Sim, ela pensou durante toda a aula, pintando furiosamente porque havia começado seu trabalho com mais seriedade no Natal, *sim, vou me decidir. Vou aceitar Roger de volta, me casar e ter uma vida agradável, segura e bonita.* E útil. Deveria ser muito útil. Talvez conseguisse convencer Roger a ajudar os negros. Ela ajudaria todos que pudesse. E ajudaria Anthony, pelo menos se ofereceria para ajudá-lo; não acreditava que ele fosse permitir.

Saindo do prédio, um pensamento lhe ocorreu: *Aceitar Roger de volta, mas de volta a quê? A sua velha posição de amigo familiar,*

admirador, generoso? Só isso e nada mais? Aí estava o velho problema novamente. Ela parou para pensar.

Marta Burden a alcançou.

— Planejando a maior obra de todos os tempos, Angèle? Melhor se juntar a mim e trabalhar comigo. Posso te dar um pouco de chá. Você vem?

— Sim — disse Angela, ainda pensando.

— Bem — disse Marta, assim que alcançaram a casa — Nunca vi um estudo mais profundo que aquele. Saia dele, Angèle, ou você se afogará. Você não está apaixonada, está?

— Não, não que eu saiba — respondeu ela. — Mas me diga, Marta, suponha... suponha que eu esteja apaixonada por um deles, o que você faria, como os faria te pedir em casamento?

Marta se inclinou e riu.

— Tal sinceridade não encontrei em toda Flapperdom. Angèle, se eu soubesse a resposta, estaria cobrando por ela.

— Mas deve haver uma maneira. Oh, é claro, sei que vários deles pediriam, mas como fazer com que aquele que eu quero proponha? Você sabe, os... os que são realmente interessantes?

— Você quer mesmo saber? A única resposta que posso te dar é a máxima que Humpty Dumpty dá a Alice sobre verbos e adjetivos: “Depende de qual é o mais forte”. — Marta explicou, pois, sua convidada estava confusa. — Depende de a) se você é forte o bastante para fazê-lo gostar mais de você do que você dele; b) se, caso você goste mais dele do que ele gosta de você, conseguirá manter isso em segredo. Em outras palavras, no que concerne aos sentimentos, você deve sempre estar à frente no jogo, você deve sempre gostar, ou parecer gostar, menos dele do que ele de você. E deve fazê-lo te querer. Mas não dê nada a ele. Ah sim, sei que homens sempre querem as mulheres lhes deem algo, mas eles não querem que as mulheres queiram dar esse algo. Eles querem tomar, ou pelo menos influenciar para que seja dado.

— Parece muito complicado, como um jogo sutil.

Uma luz profunda e febril brilhou nos olhos de Marta.

— É um jogo. Aliás, é o jogo mais difícil do mundo para uma mulher, mas também é o mais fascinante; o mais difícil de encontrar um meio-termo. Veja bem, é necessário tomar cuidado para não

segurar muito, e mesmo assim só dar um pouquinho. Se não dermos o suficiente, os perderemos. Se dermos demais, os perdemos. Ah, Angèle, Deus não gosta das mulheres.

— Mas — disse Angela, pensando em sua mãe — há mulheres que dão tudo e os homens gostam delas do mesmo jeito.

— Sim, é verdade. São as mulheres abençoadas. Elas precisam ficar de joelhos todos os dias e agradecer a Deus por permiti-las ser normais e não precisar jogar o jogo.

Por um momento, o rosto quieto e orgulhoso de Marta mostrou sua dor.

— Ah, Angèle, pensar em carinho e nunca, nunca ser capaz de demonstrar até que te peçam; pense em viver um jogo todas as horas de sua vida! — O rosto dela tremeu e voltou à imobilidade.

Angela caminhou de volta atrás do crepúsculo arroxado, pensando não mais em seu próprio caso, mas sim nessa revelação inesperada.

— Bem — disse ela. — Eu certamente não gostaria de amar assim. — Ela pensou em Anthony. — Uma mulher poderia ser seu verdadeiro eu com ele.

Mas Angela havia desistido dele.

*

Se fosse preciso jogar, ela jogaria. De fato, Angela até gostava da ideia. Estava jogando agora, um jogo contra a tradição pública de um lado e contra o instinto familiar no outro; o que estava em jogo era felicidade e excitação, e quase qualquer um que estivesse observando suas jogadas poderia profetizar que ela ganharia. Angela decidiu seguir as regras de Marta Burden e adicionar quaisquer outras ideias que tivesse. Quando Roger chamou novamente, ela ainda não podia vê-lo, mas garantiu que sua voz abrisse caminho pelo telefone; ela não o interrompeu. *Não devo segurar muito*, ela se lembrou. Roger logo percebeu a sutil mudança na entonação.

— Mas você me deixará vê-la, Angèle — pediu ele. — Você não pode me manter afastado para sempre. Diga quando posso ir.

— Ah, um dia desses. Preciso ir agora, Roger. Tchau.

Depois da terceira ligação, ele a visitou numa sexta à noite. Angela ouviu o carro azul ruminar na rua e alguns minutos depois, ele apareceu, literalmente cambaleando pela sala de estar por conta dos embrulhos que carregava. Flores, montes de ramalhetes primaveris haviam chegado no início do dia, lilases, junquinhos, narcisos. Agora, esta noite, havia livros e doces, lenços.

— Tudo tão delicado e parecido com você — disse Roger com medo, pois ela nunca se despira para ele.

Havia duas fotos, uma paleta e uns pincéis finos e, por último, uma cesta de todos os tipos de iguarias.

— Pensei em, se você não se importar, jantarmos aqui; seria divertido só nós dois.

O quanto a agradava, ele não conseguia adivinhar; foi a primeira vez que ele deu uma pista de qualquer desejo de pura domesticidade. Anthony não procurava nada melhor do que se sentar e fumar e vê-la esvoaçar com seu absurdo avental vermelho ou violeta. Matthew Henson ficou sem palavras de êxtase quando, em uma noite de inverno, ela permitiu que ele entrasse na cozinha enquanto ela preparava uma xícara de chocolate. Mas o paladar de Roger ficara tão lisonjeado com as misturas de chefs famosos em Londres, Paris e Nova York que ele não deu valor à culinária simples dela.

Na verdade, seu comentário inevitável foi:

— Me diga, por que você quer se cansar? Vamos ao restaurante. É muito menos incômodo.

Mas esta noite Roger também a observou com olhos humildes e encantados. Angela percebeu que ele estava ciente de cada movimento seu; uma vez que ele tentou abraçá-la, mas ela saiu fora de seu alcance sem censura, mas com decisão. Ele se acalmou, muito grato por estar mais uma vez na presença dela para correr qualquer risco. E ao sair, Roger beijou a mão dela.

Ela começou a andar com ele novamente, mas com condescendência, com gentileza. E com a nova visão adquirida com sua conversa com Marta, Angela podia ver sua paixão crescendo.

"Faça-o querer você", essa era a segunda regra. Ficou claro que ele queria, nenhum homem poderia ser tão perseverante como este em outra situação. Mesmo assim, Roger não falava. Eles

deveriam se encontrar naquela tarde na frente da escola para ir "aonde você quiser, querida, estou à sua disposição".

Era a primeira vez que ele a chamava no prédio, e ela saiu um pouco mais cedo, pois não queria nenhum dos três, Marta, Paulette, e Anthony, vissem quem ela estava encontrando. Seria melhor ir até a esquina, pensou, eles teriam muito menos probabilidade de reconhecê-lo. Ela ouviu passos apressados logo atrás, escutou seu nome e se virou para ver a Srta. Powell, satisfeita e animada. Ela colocou a mão no braço de Angela, mas esta a afastou.

Roger não devia vê-la em termos familiares como aquele com uma garota negra, porque ela sentia que a tarde pressagiava algo e ela não queria problemas colaterais. A garota a lançou um olhar penetrante; então sua reserva habitual se acalmou, apagando a ansiedade, deixando seu rosto turvo e pesado.

— Peço perdão, Srta. Mory — murmurou ela e saiu para o tráfego tempestuoso da 4th Avenue. Angela sentia muito; faria as pazes amanhã, pensou, mas a havia dispensado na hora certa, pois Roger veio correndo, seu carro resplandecente assim como ele brilhava em um terno cinza, chapéu um tom mais claro e gravata azul. Angela o olhou com aprovação.

— Você se parece com os homens nas páginas de publicidade do Saturday Evening Post — disse ela, e ele não ter estremecido com o elogio provou a profundidade de sua devoção, pois cada uma de suas peças de roupa, chapéu, sapatos e terno foram feitos sob medida.

Eles foram para Coney Island.

— O oceano vai estar lá, mas poucas pessoas e apenas algumas diversões — disse Roger. Eles se divertiram; eram como crianças em idade escolar, divertiam-se com facilidade e franqueza; entraram em todas as cabines abertas, comeram pipoca, cachorros-quentes e outras iguarias locais. E logo estavam voltando para casa sob a fileira dupla de árvores na Ocean Parkway e entrando na beleza verdejante do Prospect Park. Roger diminuiu um pouco a velocidade.

— Oh — disse Angela. — Eu amo este carro.

Ele se inclinou para ela instantaneamente.

— Te agrada? Você sentiu falta quando me fez ficar longe de você?

Ela estava com medo de ter cometido um erro:

— Sim, mas não é por isso que eu deixei você voltar.

— Eu sei disso. Mas você gosta, não é, de conforto, beleza e ambientes delicados?

— Sim, isso tudo me agrada — disse ela solenemente.

Ele ficou em silêncio por um longo, longo tempo, seu rosto um pouco contraído, uma linha de preocupação na testa.

Bem, agora no que ele está pensando?, Angela perguntou a si mesma, observando as mãos dele e a manipulação inteligente do volante embora seus pensamentos não parecessem bem manejados.

Roger se virou para ela com ar de ter se decidido.

— Angèle, quero que prometa passar um dia cavalcando comigo em breve. Tenho uma coisa para te dizer. — Ele era um jovem mundano da cidade, mas ali estava, enxugando a testa.

“Eu tenho que ir para o sul por uma semana. Lá, meu pai é dono de uma quantidade de madeira, com a qual fornecia serrarias, mas desde que os malditos negros começaram a ir para o norte, ele passou a ter um problema nas mãos. Ele quer que eu vá e veja se vale a pena manter a madeiraria por mais tempo. É tão raro que ele peça algo de mim sobre seus negócios que eu odiaria recusar. Mas estarei de volta na manhã do dia vinte e seis. Terei de passar a tarde e a noite com ele em Long Island, mas no dia vinte e sete, você poderia sair comigo?”

Angela disse, como se todo esse preâmbulo nada pressagiasse:

— Eu não poderia te dar o dia inteiro, mas a tarde sim.

— Oh. — O rosto dele murchou um pouco. — Bem, à tarde, então. Só que é claro que não poderemos ir muito longe. Talvez você queira que eu marque um almoço e iríamos para um dos parques, Central ou Bronx, ou Van Cortlandt...

— Não, não Van Cortlandt — disse ela. Esse parque era sagrado para Anthony Cross.

— Bem, onde você preferir. Podemos resolver isso no dia. O principal é que você irá.

Angela disse para si mesma: *Os homens não são engraçados? Ele poderia ter me perguntado cinco vezes enquanto fazia todos aqueles arranjos.* Mas ela estava imensamente aliviada, até feliz. Sentia ser muito gentil com ele; talvez estivesse apaixonada, afinal, só que não era do tipo que demonstrava. Era tarde demais para Roger entrar, mas eles se sentaram no carro na escura, e segura, Jayne Street e ela o deixou pegá-la nos braços e beijá-la novamente. Pela primeira vez, retribuiu seus beijos.

*

Cansada, mas triunfante, Angela subiu as escadas quase tropeçando de uma fadiga repentina e avassaladora. Estivera sob pressão! Mas estava tudo acabado agora; ela tinha conquistado, ela tinha sido a mais forte. Havia conquistado não apenas ele, mas um futuro, riqueza, proteção, influência e até mesmo poder. Ela mesma era poderosa — como as mulheres sobre as quais se lê, como Cleópatra. A origem africana de Cleópatra a intrigava; era uma comparação adequada. Sorrindo, ela subiu a última escada íngreme levemente, com elasticidade, de repente revigorada.

Ao abrir a porta, uma pequena pilha de cartas atingiu seu pé. Acendendo a luz, Angela se sentou na poltrona e, sem curiosidade, virou-as. A maior parte eram contas, ela teve que se vestir para se manter elegante e desejável para Roger. No final da pilha havia uma carta de Virgínia. Quando se tornasse a Sra. Roger Fielding, nunca mais teria que se preocupar com uma conta; como ela ria quando se lembrasse dessas pequenas quantias! Nunca mais sentiria o leve tremor de consternação que sempre a dominava quando via as palavras: “Senhorita Angèle Mory em débito com...”. Fora a conta regular do gás, ela nunca tinha visto uma conta na casa do pai. Bem, Angela não teria dificuldade em superar isso.

Finalmente ela abriu a carta de Gínia. Sua irmã havia escrito:

Angela, vou fazer uma prova no dia vinte e oito. Chego no dia vinte e seis ou no dia anterior. Você vai me encontrar, não é? Eu sei onde vou ficar, mas não sei como chegar lá. Não sei o seu horário

escolar, escreva e diga para que eu possa chegar quando você estiver livre. Não há nenhuma razão para eu te tirar da aula.

Na carta, Gínia havia mencionado um endereço na 139th Street. Então, ela estava realmente vindo tentar a sorte em Nova York. Seria bom tê-la tão perto.

Embora eu não ache que vamos nos ver muito, pensou ela, pegando sua agenda distraidamente. Menos do que nunca agora, pois suponho que Roger e eu vamos morar em Long Island; sim, isso seria muito mais sábio. Vou usar véu quando for encontrá-la, pois aqueles carregadores negros te olham e nunca te esquecem.

O dia vinte e sete era quinta-feira; ela tinha aulas de manhã; bem, Gínia viria à tarde de qualquer maneira, e depois do meio-dia ela tinha... oh céus, aquele era o dia, o dia em que iria sair com o Roger, o dia em que ele faria a grande pergunta. E Angela escreveu para Virgínia:

Venha no dia vinte e seis, querida, a qualquer hora depois das quatro. Eu não poderia me encontrar com você no dia vinte e sete. Mas está tudo bem no dia vinte e seis. Deixe-me saber quando seu trem chega e eu estarei lá. E bem-vinda à nossa cidade.

Capítulo VI

A semana foi tumultuada, quase agonizante. Afinal, as questões não estavam completamente resolvidas. Ela ficaria feliz quando o dia vinte e sete chegasse e passasse, pois então estaria enraizada, consertada. Ela e Roger se casariam imediatamente. Mas agora ele estava tão longe, na Geórgia; ela sentia falta dele e, evidentemente, ele sentia falta dela, pois os primeiros dois dias trouxeram seus longos telegramas que eram quase cartas.

“Não consigo pensar em nada além da próxima quinta-feira, você também está pensando nisso?” O terceiro dia trouxe uma carta que dizia praticamente a mesma coisa, acrescentando: “Oh, Angèle, gostaria de saber o que você vai dizer!”

Mas ele poderia me perguntar e descobrir, disse ela para si mesma e de repente se sentiu segura e triunfante.

Todos os dias depois disso, recebia uma carta reiterando essa tendência.

E eu sei como ele odeia escrever!

A carta na quarta-feira dizia:

Querida, quando você receber isto, estarei em Nova York; se puder, ligo para você, mas terei que correr como um louco para estar livre na quinta-feira, então talvez eu não consiga.

Decidiu-se a não atender o telefone, mesmo que tocasse. Angela teria uma última cartada de indiferença, embora só ela mesma soubesse disso.

Era o dia em que Gínia deveria chegar. Seria divertido vê-la, conversar com ela, ouvir todas as notícias sobre as pessoas estranhas e sérias que Angela havia abandonado. Mais longe agora do que nunca. Matthew Henson ainda estava no correio, ela sabia. Arthur Sawyer estava ensinando na Sixteenth e Fitzwater; ela podia imaginar o desgosto doentio que envolvia seu rosto cada vez que ele olhava para o edifício horrível e descolorido. Porter tinha se formado em odontologia, mas não exercia a profissão, pelo contrário, editava um pequeno semanário, aprofundando-se, endividando-se cada vez mais desesperadamente, ela tinha certeza. Seria divertido algum dia enviar-lhe um cheque colossal; afinal, ele havia se arriscado assim como ela; ela reconheceu sua revolta como semelhante à dela, só que não tiveram a mesma sorte. Ela perguntaria a Gínia sobre tudo isso.

Era uma pena que tivesse que encontrar sua irmã, mas deveria. Provavelmente ela ficaria enjoada com o carro, e Nova York era aterrorizante na primeira vez, ela mesma experimentara por um instante o pavor doentio daquele primeiro dia em que ficara sozinha na grande rotunda da estação. Mas ela era diferente de Gínia; nada na vida a deixava realmente com medo; Angela podia se machucar, sofrer, encontrar decepções, mas a vida não podia alarmá-la; ela adorava enfrentá-la, forçá-la a parar, entregar seus tesouros. Mas Gínia, embora valente, tinha medos secretos; era realmente apenas

um bebê. Sua irmãzinha! Pela primeira vez em meses, Angela pensou nela com uma grande onda de ternura.

Era a hora de ir. Ela usava suas roupas mais discretas, um terno azul escuro, uma camisa de seda branca lisa, um chapéu azul-escuro em forma de sino — um *cloche* —, pequeno e bem ajustado sobre os olhos. Ela o puxou para baixo ainda mais e colocou o véu da moda bem sobre a ponta do nariz. Uma coisa era andar pelo Village com a Srta. Powell. Praticamente não havia pessoas negras lá. Mas isso era diferente. Aqueles carregadores curiosos nunca deveriam ser capazes de reconhecê-la. Seymour Porter havia trabalhado com eles em um verão na estação da Broad Street na Filadélfia. Ele costumava dizer: “Eles não são realmente curiosos, você sabe, mas seu trabalho os deixa doentes; portanto, estão sempre em busca do romance, da aventura que, pelo menos por um dia, tirará a maldição da subserviência monótona de suas vidas”.

Angela sentia muito, mas não podia permitir que eles remediassem a existência às custas dela.

*

Em sua última carta, ela tinha explicado a Gínia sobre aquelas duas escadas problemáticas que conduziam do nível do trem da New York Pennsylvania Railroad ao nível da rua.

“Não adianta eu tentar dizer qual pegar a fim de trazê-la para a direita ou para a esquerda do elevador, porque eu nunca sei. Portanto, tudo o que posso dizer, querida, é que quando você chegar ao elevador, siga em frente e, eventualmente, eu a verei ou você me verá enquanto eu ando por ali. Não se mova, pois pode ser que nós duas andemos na mesma direção”.

Fiel às suas próprias instruções, Angela ficou posicionada entre as duas escadas, virando o pescoço ora em direção a uma escada, ora em direção à outra, parando bruscamente para olhar para o elevador. Ela ergueu o véu para ver melhor.

Um homem passou correndo com uma pressa desesperada, roçando tão perto dela que a ponta de sua mala bateu com força na fina curva interna de seu joelho.

— Meu Deus! — Angela exclamou involuntariamente.

Embora apressado, ele era um cavalheiro, pois tirou o chapéu, lançou um olhar para trás rapidamente e disse:

— Me desculp... querida, querida, quer dizer que você veio para me encontrar!

— Encontrar você! Eu pensei que você tivesse vindo esta manhã.

Era Roger, e a visão dele a encheu de pavor.

Ele se inclinou e a beijou, ternamente, possessivamente.

— Sim... Oh Angèle, você é uma beldade! Só uma beldade pode usar coisas simples assim. Eu vim hoje de manhã, mas estou tentando alcançar Kirby, o advogado do meu pai, ele devia vir de Newark agora mesmo e pensei em levá-lo para Long Island comigo esta noite. Tenho muitos documentos para ele aqui nesta mala; aqueles negócios na Geórgia eram complicados; dessa forma, não terei que caçá-lo pela manhã e terei mais tempo para marcar nossa viagem à tarde. O que você está fazendo aqui?

O que ela estava fazendo lá? Esperando por sua irmã Gínia que era perceptivelmente negra. E Roger odiava negros. Ela estava perdida, arruinada, a menos que pudesse se livrar dele. Contou a primeira mentira que lhe veio à mente.

— Estou esperando Paulette. — E isso poderia ser resolvido com Paulette mais tarde. A senhorita Lister pensaria tão pouco sobre enganar um homem, qualquer homem, quanto sobre esmagar um mosquito. Era um jogo justo e ela não faria perguntas.

O rosto dele ficou turvo.

— Não posso dizer que estou feliz com a sua espera por Paulette. Bem, podemos esperar juntos... Ela vem da Filadélfia? Esse trem vai trazer Kirby de Newark. — Roger tinha a terrível clareza de compreensão dos homens em relação às conexões de trem.

— A que horas o seu trem vai para Long Island? Achei que você queria pegar o próximo.

— Bem, eu gostaria, mas eles chegam com meia hora de diferença. Eu posso esperar. Melhor perder uma hora hoje do que toda a manhã amanhã. Podemos esperar juntos; veja que as pessoas estão começando a subir. Gostaria de poder levá-la para casa, mas assim que ele aparecer, terei de correr com ele.

Agora, Deus esteja do meu lado, Angela rezou. Às vezes, esses trens eram muito longos. Se o Sr. Kirby estivesse no primeiro carro e Gínia no final, isso faria uma diferença de dez minutos. Se ela não tivesse dado as instruções explícitas!

Lá estava Gínia, com a cabeça emergindo de repente acima da escada. Ela viu Angela e acenou. No momento seguinte ela estaria jogando os braços em volta do pescoço da irmã; beijando-a e dizendo: "Oh, Angela, Angela querida!". E Roger, que não era bobo, notaria a proximidade dos nomes Angela — Angèle; ele saberia que nenhuma garota negra cometeria um erro como este.

Ela fechou os olhos em um desmaio momentâneo, e tornou a abri-los.

— Qual é o problema? — disse Roger bruscamente. — Você está doente?

Gínia estava ao lado dela. Agora tudo estaria perdido. Ela ouviu a voz alegre e infantil dizer rindo:

— Com licença, você não é a Sra. Henrietta Jones?

Oh, Deus era bom! Ali estava uma chance, se Gínia entendesse! Em seu espanto, Roger se afastou dela para encarar a recém-chegada. Angela, com os olhos implorando pelos da irmã por baixo da aba fechada do chapéu, só conseguiu gaguejar a velha fórmula: — Você deve estar me confundindo. Não, não sou a Sra. Jones.

Roger disse rudemente:

— Claro que ela não é a Sra. Jones. Venha, Angèle.

Dando o braço a ela, ele se abaixou para pegar a mala. Mas Gínia, depois de um segundo de olhar perplexo mas incrédulo, foi mais rápida do que eles. Sua figura esguia, a cabeça erguida, os deixou; desapareceu em uma cabine telefônica.

Roger olhou para ela.

— Que cara de pau!

*

Pela primeira vez na busca de seus objetivos, Angela começou a vacilar. Certamente nenhuma ambição, nenhum auge de segurança deveria exigir o sacrifício de uma irmã. Ela poderia até

ser egoísta, oh, sem dúvida ela tinha sido egoísta em todos esses meses em que deixou Gínia completamente sozinha, mas nunca teve a intenção de ser cruel. Angela tentou imaginar o tumulto de emoções na mente da irmã; deveria ter havido espanto — oh, ela tinha visto tudo em seu rosto, o espanto absoluto, a incredulidade e então o estabelecimento naquele rosto de um véu de dignidade e orgulho — como um bebê tentando endurecer o corpo.

Angela estava de volta ao apartamento agora, andando de um lado para o outro, se perguntando o que fazer. Ela já havia ligado para a casa da 139th Street. Demorou meia hora para conseguir o número, pois não sabia o nome do morador e as informações tinham sido poucas, mas a Srta. Murray ainda não havia chegado. Eles esperavam por ela? Sim, a Srta. Murray havia escrito para dizer que chegaria entre seis e sete; já eram sete e meia e ela ainda não tinha aparecido. Alguma mensagem? Não, não! Angela explicou que ligaria novamente.

Mas onde estava Gínia? Ela não poderia estar perdida, afinal ela era adulta e nada boba, poderia pedir por direções. Talvez ela tivesse pegado um táxi e, à noite, o trânsito tivesse atrasado — ou talvez pudesse ter acontecido um acidente. Esse pensamento levou Angela ao telefone novamente. Não havia nenhuma Srta. Murray ainda. Em suas andanças de um lado a outro da sala, Angela se avistou no espelho. Seu rosto estava vermelho, seus olhos brilhando de remorso e ansiedade. Sua vaidade a lembrava: *Se Roger pudesse me ver agora*. Roger... no dia seguinte! Ele teria que falar palavras de ouro para pagar por esta violação que, por causa dele, ela tinha causado na confiança e amor de sua irmã.

No final de uma hora, ela ligou novamente. Sim, a Srta. Murray havia entrado. Tão grande foi seu alívio que seus joelhos cederam. Sim, claro que iriam pedir que ela atendesse o telefone. Após um longo silêncio, a voz soou novamente pelo fio.

— Eu não a vi sair, mas deve ter saído porque ela não está em seu quarto.

— Tudo bem — disse Angela. — O principal era saber que ela estava aí.

Mas ficou surpresa. A primeira noite de Gínia em Nova York e ela já tinha saído! Angela não poderia ir vê-la na quinta-feira por

causa do encontro com Roger, mas compensaria no dia seguinte; estaria lá na primeira hora, sexta de manhã. Pegando uma folha de papel, ela começou uma longa carta cheia de desculpas.

E não posso ir amanhã, querida, porque, como lhe disse, tenho um compromisso muito importante, um compromisso que significa muito para mim. Oh, você entenderá quando eu lhe contar.

Ela colocou um selo especial de entrega na carta. O alívio de saber que Gínia estava bem não acalmou sua consciência culpada. Mais calma, ela tentou agora encontrar desculpas para si mesma, circunstâncias atenuantes. Assim que Gínia entendesse tudo o que estava envolvido, ela deixaria pra lá. Afinal, Gínia gostaria que Angela fosse feliz. *E, de qualquer maneira*, pensou de mau humor, *mamãe não falou com papai naquele dia em que estávamos na escada do Hotel Walton*. Mas Angela sabia que os casos não eram análogos; nenhum princípio estava envolvido, o silêncio da mãe não havia exposto o marido ao insulto ou rancor, ao passo que a atitude de Roger para com a Virgínia fora nitidamente ofensiva. *E, além disso*, seus pensamentos continuaram com clareza impiedosa, *quando um princípio estava em jogo, mamãe nunca hesitou em informar às atendedoras do hospital sobre a verdadeira situação das coisas. Na verdade, ela não estava ciente de que estava tomando um lado. Seu marido era seu marido e ela estava feliz em reconhecer esse relacionamento*. Uma aversão doentia por sua ação, por sua decepção diária, por Roger e seus preconceitos surgiram dentro dela. Mas com isso veio uma raiva obscura contra um país e uma sociedade que poderia criar tal problema. E ela pensou: *Se eu tivesse falado com Gínia, a tivesse reconhecido, que bem isso teria feito a mim ou a ela? Depois que tudo acabasse, ela estaria exatamente onde estava antes e eu teria perdido tudo. E eu quero ser feliz, me divertir. Amanhã mesmo a esta hora, provavelmente serei uma das garotas mais invejadas de Nova York. E depois posso abrandar tudo. Serei boa com todos os tipos de pessoas; eu realmente ajudarei a humanidade, muitos negros ficarão muito melhor por minha causa. E se eu tivesse falado com*

Gínia, nunca poderia tê-los ajudado em nada. E então: Vou ajudar Gínia também, a minha querida! Ela terá tudo o que quiser no mundo. Mas em seu coração ela já sabia que Gínia não iria querer nada.

Capítulo Sete

A quinta-feira chegou e passou tão rápido quanto qualquer outra. Por muito tempo, Angela viu esse dia como uma pequena entidade separada do tempo, fechada em algum compartimento oculto de sua mente, um compartimento cuja porta ela temia abrir.

Na sexta-feira, ela ligou para a irmã no início da manhã.

— É você, Gínia? Recebeu minha carta? Posso subir?

— Sim — disse Gínia evasiva, respondendo todas as perguntas. Depois continuou laconicamente: — Mas é melhor você vir logo se quiser me encontrar. Eu faço o exame hoje e não tenho muito tempo.

Algo na objetividade de sua resposta desconsertou Angela. No entanto, certamente não havia razão para que sua irmã demonstrasse entusiasmo. Mas Angela queria vê-la, queria falar com alguém de seu próprio sangue. Ela gostaria de enterrar a cabeça no ombro de Virgínia e chorar! Mas um clima como o indicado pela voz de Gínia não convidava a confidências.

Uma mulher atarracada, robusta, negra, sugerindo imensa segurança e habilidade, abriu a porta.

— A senhorita Murray me disse que estava esperando alguém. Você deve subir imediatamente. O quarto dela é logo ao lado do terceiro andar.

“Ela estava esperando alguém”. É claro, Virgínia fora discreta. Esse cuidado inesperado e não desejado carregava consigo um golpe.

— Olá — disse Gínia, colocando casualmente uma cabeça desgrenhada, mas pitoresca, para fora da porta. — Você pode entrar sozinha? Esta sala é maior do que qualquer outra que já tivemos em casa, mas parece que é normal aqui. — Ela olhou ao redor do lugar desordenado. — Aqui, vou pendurar esta roupa,

depois você pode se sentar. Não é bacana? Comprei na Snellenburg.

Gínia não tinha beijado nem se oferecido para apertar a mão da irmã, mas seus modos eram bastante amigáveis, até cordiais.

— Veja, eu cortei meu cabelo — ela continuou — Gostou? Adorei, mesmo que demore uma eternidade para fazer o penteado.

Em pé diante de um espelho, ela começou a curvar as pontas com um modelador.

Angela achou que nunca tinha visto alguém tão bonita e tão colorida. Gínia sempre mostrou uma preferência por cores fortes; hoje as vestia; seus chinelos eram pequenos mules vermelhos de salto alto; um roupão verde escuro pendia graciosamente de seus ombros magros e de sua gola aberta flamejava o rosa e o ouro de sua pele lisa. Seus olhos eram brilhantes e dançantes. Seu cabelo, preto, vivo e encaracolado, terminava em uma retidão aveludada espessa como pelúcia cortada.

Angela disse:

— Espero não ter acordado você, telefonando tão cedo.

Virgínia sorriu, corando um pouco mais sob o ouro escuro de sua pele.

— Oh, meu Deus, não! Eu já tinha recebido uma ligação mais cedo esta manhã.

— Mais cedo! — exclamou Angela, espantada. — Não sabia que você conhecia alguém em Nova York. — Ela se lembrou do misterioso desaparecimento de sua irmã na noite da chegada. — Olhe, Gínia, sinto muitíssimo pelo que aconteceu na outra noite. Não seria assim se algo muito importante não estivesse acontecendo. Eu gostaria de poder explicar. — Com que segurança ela esperara poder contar notícias maravilhosas a Virgínia! E agora tinha que arrastar para a luz a triste memória da noite anterior. — Mas eu liguei para você várias vezes e você não havia chegado e então, quando eles finalmente me disseram que você tinha entrado, parecia que você tinha saído outra vez. Onde diabos você foi?

Gínia começou a rir, de fato a rir. Por um momento, ela se tornou a Virgínia de seus tempos de escola, regozijando-se em alguma travessura inocente, cheia de risos.

— Eu não saí. Há um banheiro no final do corredor e fui lá para lavar meu rosto. — A expressão dela se anuviou. — E quando voltei, entrei no que pensei ser meu quarto. Em vez disso, entrei no quarto de outro inquilino. E lá estava ele sentado...

— Oh — disse Angela desatenta. — Estou feliz que você não tenha saído. Fiquei bastante preocupada. Escute, Virgínia — ela começou desesperadamente — eu sei que você acha que o que fiz na estação foi absurdo; parece quase impossível explicar isso para você. Mas aquele homem comigo era um amigo muito especial...

— Ele deve ser mesmo — Gínia interrompeu secamente — para fazer você ignorar sua própria irmã. — Ela ainda estava aparentemente brincando com o cabelo, a cabeça tombada para o lado, os olhos grudados no espelho. Mas não estava progredindo muito e seus lábios tremiam.

Angela continuou desatenta, com medo de parar.

— Um amigo especial, e chegamos a um ponto crucial em nosso relacionamento. Foi com ele que tive o compromisso ontem.

— Bem, e então? Você esperava que ele lhe pedisse em casamento? Ele pediu?

— Não — disse Angela, baixinho. — Foi a única coisa que ele não pediu, embora tenha perguntado todo o resto.

Virgínia, largando a escova de cabelo, se virou bruscamente.

— E você o deixou falar assim com você?

— Não pude evitar uma vez que ele começou, fiquei tão surpresa e, além disso, acho que suas intenções finais estão certas.

— Suas intenções finais! Por que, Angela? Do que você está falando? Você sabe perfeitamente bem quais são suas intenções finais. Ele não é um homem branco? Bem, que tipo de intenções ele teria em relação a uma mulher negra?

— Simples! Ele não sabe que sou negra. E alguns deles são decentes. Você deve se lembrar que eu sei alguma coisa sobre essas pessoas e você não, você não poderia, vivendo aquela sua vida monótona em casa.

— Eu sei o suficiente sobre eles e sobre os homens em geral para reconhecer um insulto quando o ouço. Alguns homens carregam o caráter estampado em seus rostos. Agora, este homem em cujo quarto eu entrei na noite passada por engano...

— Eu não vejo como você pode dar qualquer sermão, entrando em quartos de homens estranhos às dez horas da noite.
A trivialidade da réplica deixou Gínia muda.
Foi a primeira briga delas.

*

Elas ficaram sentadas em silêncio por alguns minutos, por vários minutos. Virgínia, parecendo completamente composta, estava deixando que os tentáculos de sua mente fossem muito, muito longe nas possibilidades finais desse impasse no relacionamento entre ela e sua irmã. Ela pensou: *Eu realmente a perdi, ela está fora do meu alcance, assim como eu costumava perdê-la anos atrás, quando meu pai e eu cantávamos “The Dying Christian”. Tenho vinte e três anos e estou realmente sozinha no mundo.* Até então, ela sempre sentiu que podia contar com a maioria de Angela e supostamente com sua maior sabedoria, mas baniou essa ideia para sempre. *Porque se ela conseguiu me ignorar quando não me viu por um ano, por causa de um homem que deve a insultara de propósito, ela certamente não tem intenção de me reconhecer abertamente outra vez. E eu não acredito que quero ser uma irmã secreta. Odeio essa situação.*

Gínia viu novamente a cena na estação; ela mesma a princípio tão serena, tão autoconfiante, a frieza confusa de Angela, a insolência de Roger. Algo endureceu, esfriou dentro dela. Mesmo a arrogância dele não conseguira trazer Angela de volta à razão, e de repente, ela se lembrou de que era possível, em tempos de escravidão, que homens e mulheres brancos maltratassem seus parentes negros, sua própria carne e sangue, vendendo-os como escravos no extremo-sul ou observá-los serem espancados, quase, senão completamente, até a morte. Talvez houvesse algo diferente entre sangue branco e negro, afinal.

Em voz alta, Gínia disse:

— Sabe, antes de ir embora naquele domingo de manhã, você disse que nós duas éramos diferentes. Talvez você tenha razão, Angela; talvez haja uma infusão extra de sangue branco em suas veias que permite que você veja a vida de outro ângulo. Se for

esse o caso, não tenho o direito de julgá-la. Você deve perdoar meus comentários ignorantes.

Ela vestiu um vestido de veludo azul adornado com golas e punhos estreitos e um pequeno cinto rosa velho. Acima das sombras suaves, o bronze e o preto de sua cabeça mostravam-se nitidamente; Virgínia poderia ter sido uma delicada ave do paraíso moldada em um novo arranjo de cores, mas seu rosto terno tinha linhas estranhas e implacáveis.

Angela olhou para ela com tristeza. Não sabia exatamente o quê, em seu orgulho ferido e humilhado, esperava ganhar da irmã, mas certamente aguardava um bálsamo. E não essa frieza. Havia esquecido que sua irmã poderia estar sofrendo de um ferimento tão pungente quanto o dela. O ano tinha causado uma ruptura maior do que previra; nunca tinha sido tão franca, tão franca com Virgínia quanto esta fora com ela, mas sempre houve algo comum na relação, um ponto de encontro. Na casa, Gínia tinha uma certa reputação por sua disposição em ouvir todos os lados de uma história, em encontrar uma desculpa ou inventar uma.

Angela lembrou de um velho aforismo de Hetty Daniels: “Aquele que deseja ter amigos deve se mostrar amigável”. E ela fizera tudo menos isso; havia negligenciado Gínia, não tinha respondido suas cartas, até mesmo planejado — anteontem! — vê-la bem pouco em seu sonhado novo ambiente. Oh, Angela tinha sido vergonhosa! Mas compensaria Gínia agora — e então poderia ir até ela nessa crise em sua vida que a assustava e a atraía. Estava ainda mais assustada porque sentia aquela atração. Ela faria a irmã compreender os desejos e anseios que surgiram neste mundo estranho, querido e livre, e então, juntas, traçariam um plano de ação. Gínia podia ser uma criança, mas tinha força. Tanta força, disse algo dentro dela, que provavelmente diria: “Deixe tudo para lá, Angela, Angela! Você não quer estar nem perto de uma coisa dessas”.

Antes que ela pudesse começar suas propostas, Gínia estava falando.

— Escute, Angela, eu tenho que ir. Não sei quando nos veremos de novo, e depois do que aconteceu na quarta-feira, você não pode esperar que eu te procure, e como você sem dúvida está

muito ocupada, dificilmente virá até aqui. Mas há uma ou duas coisas que quero falar com você. Primeiro, sobre a casa.

— Sobre a casa? Por quê? Ela é sua. Não tenho mais nada a ver com isso.

— Eu sei, mas estou pensando em vendê-la. Estão faltando casas à venda na Filadélfia; o Sr. Hallowell diz que posso conseguir pelo menos o dobro do que meu pai pagou por ela. E, nesse caso, você terá mais algum dinheiro.

Se Angela soubesse disso — quando? — vinte e quatro horas antes, sua reação à proposta de Roger poderia ter sido diferente. Se ela tivesse se encontrado com Virgínia na quarta-feira e tivesse tido a conversa que planejava!

— Bem, claro que seria muito bom ter um pouco mais de dinheiro. Mas o que eu não entendo é: como você vai viver? O que você vai fazer?

— Se eu passar neste exame, virei para cá; minha nomeação acontecerá dentro de alguns meses. Tenho certeza disso. Estamos em maio e eu só teria que esperar até setembro. Bem, de qualquer maneira, não trabalharei neste verão. E não há nada que vá me impedir de ser aprovada. Na verdade, estou realmente pensando em me arriscar e vir aqui como substituta. O Sr. Holloster, da Universidade da Pensilvânia, está de olho e diz que há muito trabalho. E acho que farei essa mudança; Nova York me atrai bastante. E com certeza há algo sobre o Harlem que me atrai!

Apesar de seu jeito descuidado, Angela sabia que ela estava pensando em Matthew Henson. Ela estendeu a mão e puxou a cabeça de Gínia para seu ombro.

— Oh, querida, não se preocupe com ele. Matthew realmente não era o homem para você.

— Bem — disse Virgínia — enquanto eu achar que ele é, o fato de que ele não seja não faz nenhuma diferença real, não é? Pelo menos não no início. Mas certamente não vou me preocupar com isso.

— Não, não... eu...

Estava na ponta da língua de Angela: "Eu conheço dois ou três jovens bons que você pode conhecer. Vou apresentá-la a eles".

Gínia entendeu seu silêncio; sorriu e assentiu.

— Está tudo bem, querida, você não pode fazer nada; faria se pudesse. Só temos que encarar o fato de que você e eu somos duas pessoas diferentes e temos que viver nossas vidas separadas, não como gêmeas siamesas. E cada uma terá que seguir o caminho que escolheu. Afinal, estamos tentando tirar tudo o que pudermos da vida! E se você pode tirar mais proveito dela sendo branca, como sem dúvida pode, por que não deveria? Só me parece que há certas coisas na vida que são mais fundamentais até do que a raça... mas não sei. Estou toda confusa. Mas, é claro, você não pensa assim, e você provavelmente está tão certa quanto eu.

— Gínia!

— Minha querida, não estou tentando censurá-la. Estou tentando ver as coisas sem colocar os sentimentos. Afinal, de uma forma negativa, apenas por não dizer nada, você está renunciando ao seu sangue negro em um país onde ele é inconveniente... oh! Não há dúvida quanto a isso. Você pode estar orgulhosa disso, pode estar satisfeita, eu estou, mas isso certamente pode excluí-la de tudo. Então, por que você não negaria uma manifestação viva desse sangue?

Diante dessa lógica fria, Angela ficou em silêncio. Virgínia olhou para a irmã, uma expressão maternal estranhamente aparente em seu rosto jovem. Quando ela estivesse na meia-idade, seria a personificação da maternidade. Como seus filhos a amariam!

— Angela, tenha cuidado!

— Sim, querida. Oh, se eu pudesse fazer você entender do que se trata.

— Sim, bem, talvez outra hora. Eu tenho que ir agora. — Ela hesitou, pegou Angela pelos braços e olhou em seus olhos. — Sobre aquele branco com o qual você estava na estação. Você está terrivelmente apaixonada por ele?

— Não estou apaixonada por ele.

— Oh, shh! — disse a inocente Virgínia. — Você não tem nada com que se preocupar!

Parte 3 : Não tão branca

Capítulo 1

Angela queria ir para o centro com sua irmã.

— Talvez eu possa trazer sorte a você.

Mas Gínia foi inflexível.

— Você ficaria muito mais propensa a trazer má sorte para si mesma. Não, não faz sentido arriscar. Irei pelo elevado; minha senhoria disse que iria me deixar muito perto da escola onde farei o exame. Você vai por outro caminho.

No corredor, a Sra. Gloucester estava ocupada tirando o pó, sua figura baixa e agitada viva com o ardor doméstico. Virgínia parou perto dela e estendeu a mão para Angela.

— Adeus, Srta. Mory — disse ela perversamente. — Foi muito gentil de sua parte me conceder tanto tempo. Se você puder se afastar de seu amado Village, venha e tentarei mostrar-lhe o Harlem. Não acho que vou demorar muito para aprender.

Obedientemente, Angela a deixou seguir seu caminho e, caminhando até a 7th Avenue, subiu no ônibus, sofrendo um pouco com as precauções de Gínia. Mas logo começou a perceber seu valor, pois na 114th Street, Anthony Cross entrou. Ele sentou-se ao lado dela.

— Nunca esperei vê-la no meu bairro.

— Oh, é aqui que você mora? Sempre me perguntei onde era.

— Acontece que acabei de chegar aqui, mas vivi praticamente em toda Nova York. — Ele estava magro, inquieto, infeliz. Seus olhos procuravam o rosto dela.

Angela disse um pouco nervosa:

— Parece-me que quase não te vejo mais. O que você esteve fazendo?

— Nada que te interessaria.

Ela não se atreveu a dar a resposta óbvia e, afinal, embora gostasse muito dele, não estava interessada em suas ações. Por um longo momento, Angela procurou alguma frase que expressasse a combinação certa de amizade e indiferença.

— Já faz muito tempo que não almoçamos juntos; venha almoçar comigo hoje. Será meu convidado. — Ela pensou em Gínia e na possível venda da casa. — Acabei de descobrir que vou conseguir uma quantia bastante decente de dinheiro, certamente o suficiente para pagar pelo almoço.

— Obrigado, mas tenho um compromisso; além disso, não quero almoçar com você em público.

Este era um terreno perigoso. Agitada, ela respondeu imprudentemente:

— Tudo bem, mas venha para o chá qualquer dia; de vez em quando eu faço uma fornada de biscoitos; fiz alguns há uma semana. Da próxima vez que eu sentir vontade, te mandarei um cartão e você pode vir e comê-los, bem quentinhos.

— Você sabe que não tem intenção de fazer tal coisa. Além disso, você não tem meu endereço.

— Um inconveniente que certamente pode ser corrigido. — Angela riu dele.

Mas Anthony não estava com humor para rir.

— Não tenho nenhum cartão comigo, mas se tivesse, eles não teriam o endereço. — Ele rasgou um pedaço de papel de seu bloco de notas e rabiscou nele. — Aqui está. Eu tenho que ir agora. — Ele deu a ela um último olhar desesperado. — Oh, Anjo, você sabe que nunca vai me convidar!

Com o pedaço de papel em uma das mãos, Angela enfim chegou ao seu pequeno apartamento. Naturalmente dona de uma mente ordenada, ela procurou pelo caderno de endereços. Mas algum impulso inexplicável a levou a alisar o papel e colocá-lo em um canto da mesa. Feito isso, ela tirou o chapéu e as luvas, sentou-se na cadeira confortável e se preparou para enfrentar seus pensamentos.

*

O dia anterior! Mesmo agora, a uma distância de vinte e quatro horas, Angela não havia recuperado o equilíbrio. Ela ainda estava atordoada, ainda incapaz de perceber o que acontecera. Só ela sabia que havia alcançado um marco em sua vida; um possível

ponto de virada. Se ela não deixasse de conviver com Roger agora, embora não cometesse nenhum de seus atos, ela nunca mais seria a mesma; nunca mais poderia enfrentar-se com o velho e inabalável orgulho e autoconfiança. Se ela se afastasse, então, de fato, seria a mesma velha Angela Murray, a mesma garota, exceto por um pouco de sofisticação que tinha antes de deixar a Filadélfia, só que teria começado uma aventura que não teria terminado, teria enfrentado a vida e desistido no primeiro golpe. Ela seria uma covarde ou uma mulher muito sábia? Pensou em dois poemas que havia lido em “Hart's Glass-Book”, um livro muito antigo de seu pai. Um deles dizia:

*Ou alguém teme muito seu destino
Ou seus desertos são um bocado
Temendo perder seu caminho,
Evita tocá-lo.*

O outro era uma mistura estranha de astúcia e covardia:

*Aquele que luta e foge da navalha
Viverá para lutar quando outro dia raiar
Mas aquele que morre na batalha
Caiu para nunca mais se levantar.*

Seus desertos eram pequenos ou ela deveria fugir e voltar para a luta outro dia quando fosse mais velha, mais experiente? Mais experiente! Como conseguiria essa experiência? Ela já era infinitamente mais sábia; se a ocasião exigisse, teria muito mais cautela do que no dia anterior com Roger. No entanto, seria precisamente por causa dessa experiência que ela saberia como encontrar, até mesmo quando esperar, condições semelhantes.

Angela pensou que sabia qual verso seguiria se fosse Gínia, mas, de volta mais uma vez à segurança de seus próprios aposentos, ela sabia que não queria ser Gínia, que ela e Gínia eram duas pessoas muito diferentes.

Mas, pensou, se Gínia fosse tão justa quanto eu, mas mesmo assim fosse ela mesma, e se fosse colocada nas mesmas

condições em que fui colocada, sua cor a salvaria. É um salva-vidas para Gínia; mas sempre foi uma maldição para mim.

*

Roger viera buscá-la no carro azul. Havia um cesto, duas cadeiras dobráveis e um tapete guardados nele. Era um dia lindo.

— Se pudermos — dissera ele — faremos um piquenique.

Ele estava extremamente bonito e nervoso. Angela também estava nervosa, embora não demonstrasse, exceto pela perda de sua cor. Ela aparentava simplicidade; estar tão perto de completar seu objetivo e ainda ter que esperar esses últimos momentos de agonia, talvez horas, era mortal. Ambos ficaram em silêncio por um tempo, Roger concentrado na direção. O tráfego em Nova York é uma tensão desesperada em todas as horas, às onze da manhã é mortal — o enorme leviatã da cidade está dando o último passo. Por algumas horas, ele prosseguirá em um ritmo medido, embora nunca vagaroso, e depois explodirá novamente na corrida louca do horário de pico.

Mas, finalmente, eles estavam fora dos limites da cidade e podiam conversar. Pela primeira vez desde que Angela o conheceu, Roger começou a falar de seus bens.

— Qualquer coisa, qualquer coisa que o dinheiro possa comprar, Angèle, eu posso conseguir e posso dar. — Sua voz estava carregada de intenção. Eles estavam indo na direção de Forest Hills; ele tinha um chalé lá, talvez Angela gostaria de vê-lo. E havia um bosque não muito longe. — Faremos um piquenique lá — disse ele — e conversaremos.

Ele certamente estava nervoso, Angela pensou, e gostou mais dele por isso. O chalé, ou melhor, a casa em Forest Hills era linda, uma joia. E era decorada com bom gosto e delicadeza marcante.

— Para que você a mantém mobiliada? — perguntou Angela.

Roger murmurou que estava vazia há muito tempo, mas ele tinha visto aquela mobília e percebeu que era exatamente o que a casa precisava, então a comprou; assim, mais uma vez tornando a

lembrar sua companheira que ele poderia satisfazer qualquer capricho.

Eles se afastaram em silêncio daquele lugar requintado. Angela estava inclinada a se divertir; certamente ninguém poderia ter pedido uma introdução melhor do que a vislumbrar aquela casa. O que o faria falar, ela se perguntou, e o que, oh, o que ele diria? Algo muito, muito mais romântico do que o pobre Matthew Henson jamais poderia ter sonhado, sim, e muito, muito menos romântico, algo subconsciente lhe disse, do que Anthony Cross havia dito. Anthony com sua pobreza, honra e votos desesperados!

Eles haviam chegado ao bosque, estendido o tapete e uma toalha de mesa; Roger a cobriu com guloseimas. Ele não a deixava levantar um dedo, Angela era a convidada e ele, seu humilde servo. Ela sorriu para Roger, ainda formando contrastes vagos entre ele, Matthew e Anthony.

Roger largou o sanduíche e veio sentar-se atrás dela. Ele a rodeou com o braço e abaixou o ombro para que a cabeça dela encostasse nele.

— Não me olhe assim, Angèle, Angèle! Eu não aguento.

Então, o momento estava realmente chegando.

— Como você quer que eu olhe para você?

Ele abaixou a cabeça e a beijou.

— Assim, assim! Oh, Angèle, gostou da casa?

— Se gostei? Adorei.

— Querida, mandei fazer para você, sabe? Achei que você gostaria.

Parecia uma coisa estranha a se fazer sem consultá-la e, de qualquer forma, ela não queria morar em um subúrbio. Opal Street fora subúrbio o suficiente. Angela queria, exigia, o barulho e tumulto das cidades.

— Eu não ligo para os subúrbios, Roger.

Que estranho ele falar de um lugar para morar e nunca uma palavra de amor!

— Minha querida garota, você não precisa morar em um subúrbio se não quiser. Eu tenho um lugar, um apartamento na 72nd Street, sete cômodos; seria suficiente para você e sua empregada,

não é? Eu poderia mudar essa mobília para lá, ou se você achar que é muito rústica, você poderia comprar coisas novas.

Sete cômodos para três pessoas! Ela queria uma sala de estar e um estúdio, e além do mais, onde ele colocaria suas coisas? Essa mesquinhez repentina era bastante inexplicável.

— Mas, Roger, sete cômodos não seriam o suficiente.

Ele riu, o rosto radiante de alívio e triunfo.

— Então ela quer um palácio, não é? Bem, ela terá. Um *ménage* inteiro, se quiser, um lugar na Riverside Drive, empregados e um carro. Só que não pensei que você se importasse com esse tipo de coisa. Depois daquele pequeno buraco na parede em que você está morando na Jayne Street, eu esperava que você achasse o apartamento da 72nd Street grande o bastante.

Um pouco magoada, ela respondeu:

— Mas eu estava pensando em você também. Não haveria espaço para suas coisas. E achei que você gostaria de continuar vivendo no estilo ao qual está acostumado. — Uma explicação repentina surgiu em seu medo crescente. — Você está mantendo isso em segredo de seu pai? É esse o problema?

Debaixo de sua pele fina e brilhante, Roger enrubesceu.

— Mantendo o quê em segredo de meu pai? Do que você está falando, Angèle?

Ela respondeu com outra pergunta.

— Do que você está falando, Roger?

Ele apertou os braços sobre ela, a voz falhando, os olhos brilhantes e atentos.

— Eu estou pedindo para você morar na minha casa, para viver para mim; para ser minha garota; para manter um ninho de amor onde eu e somente eu possa ir. — Ele sorriu envergonhado com o caráter mundano da frase.

Angela o empurrou para longe; a mandíbula caída e frouxa, mas toda tensa. Entretanto, debaixo da perplexidade atordoada sua mente estava acelerada. Então este era seu castelo, sua fortaleza de proteção, seu refúgio. E que resposta deveria dar? Deveria acertar o rosto ansioso e meio envergonhado dele, deveria se levantar e ir embora, proibindo-o de a seguir? Ou deveria ficar e ouvir? Ficar e descobrir como este homem era de fato; que

profundezas havia nele e, ela supôs, em outros homens. Mas em especial neste homem com seu ar galante de menino e seu rosto tão sem malícia e aparentemente tão inocente quanto Angela.

*

Isso era o que odiava em si mesma, pensou ela, trancada com seus próprios pensamentos na tarde seguinte em seu quarto. Angela se odiava por ter ficado ouvindo. Isso dera a ele coragem para falar e falar. Mas o que ela mais odiava era a astúcia, a praticidade com a qual tinha se decidido a ouvir.

Angela tinha pensado nas contas; havia pensado em sua pobreza, em seu desamparo, e na frase de Marta Burden: “Você deve fazer com que ele te deseje”. Bem, ali estava uma maneira de fazê-lo desejá-la e de responder a esse desejo. “Não”, disse Marta, “segure muito. Dê um pouco”. Supondo que Angela desse a Roger apenas o incentivo de ouvi-lo, de lhe mostrar que gostava um pouco dele; enquanto ele continuava querendo — os homens pagavam um alto preço por seus desejos. O preço dela seria o casamento. Era um jogo, Angela sabia, que as mulheres jogavam em todo o mundo, embora nunca tivesse ocorrido a ela jogá-lo; um jogo perigoso em que algumas mulheres queimaram os dedos. “Não dê muito”, disse Marta, “pois então você se perde”. Bem, ela não daria nada e não queimaria os dedos. Ah, seria um ótimo jogo.

Havia ainda outra questão. Ele havia ferido seu orgulho e deveria salvá-lo. E o único remédio possível seria uma proposta de casamento. Ah, se Angela pudesse ser como uma garota em um livro! Quando Roger finalmente pedisse sua mão, ela seria capaz de dizer a ele que iria se casar com outra pessoa, alguém duas vezes mais elegível, duas vezes mais bonito, duas vezes mais rico.

*

Através de todos esses pensamentos acelerados, penetrou o som da voz de Roger, suplicante, persuasiva, sedutora. Angela ficou surpresa ao descobrir uma certa timidez envergonhada rastejando sobre ela; mas era ele quem deveria ter mostrado a vergonha. E ela não conseguia entender por que fora capaz de dizer claramente: —

Você diz que cuida de mim, que me deseja tanto, então por que não vem até mim da maneira tradicional?

Mas um orgulho, anormalmente falso ou excepcionalmente feroz, a impediu de fazer isso. Sem dúvida, Roger, com sua riqueza, sua aparência e seus laços familiares já havia sido bastante procurado. Ele sabia que era um “bom partido”. Pobre, desconhecida, estigmatizada, parte do grupo menos reconhecido do país, Angela não poderia fazer-se pertencer, nem mesmo em aparência, àquele grupo de jovens que tão obviamente procuram um “bom casamento”.

Quando ele parou por um momento para respirar, ela disse com tristeza:

— Mas, Roger, as pessoas não fazem esse tipo de coisa, não as pessoas decentes.

— Angèle, você é uma criança! Este é exatamente o tipo de coisa que as pessoas fazem. E por que não? Por que o mundo deve ser informado sobre as relações entre homens e mulheres? Algumas das uniões mais doces da história foram desse tipo.

— Para outros, talvez, mas não para mim. Relacionamentos do tipo que você descreve não existem entre as pessoas que conheço.

Angela estava pensando em seus pais, nos Hallowells, nos Hensons cujas vidas eram de fato como livros abertos.

Roger a olhou com curiosidade.

— As pessoas que você conhece! Não me diga que você não notou Paulette!

Ela havia se esquecido de Paulette!

— Sim, notei. Ela mesma me disse. Eu gosto dela, ela tem sido uma ótima amiga, mas, Roger, você certamente não quer que eu seja como ela.

— Claro que não. É precisamente porque você não é como ela que me interessei. Você era como um bebê na floresta. Qualquer um podia ver que você não tinha experiência com homens.

Essa óbvia falta de lógica era muito desconcertante. Angela olhou para ele como a criança que, nesses assuntos, ela realmente era.

— Mas, mas Roger, isso não seria o começo de uma vida como a de Paulette? O que seria de mim depois que nós, você e eu, nos separássemos? Essas coisas duram pouco tempo, não é?

— Não necessariamente; certamente não entre você e eu. E eu sempre cuidaria de você, eu proveria para você.

Roger podia sentir o ressentimento dela crescendo. Em desespero, ele jogou uma última carta astuciosa:

— E, além disso, quem sabe, algo permanente pode crescer a partir disso. Não sou inteiramente independente, Angèle.

Sem dúvida, ele estava se referindo ao pai, a quem não podia ofender. Nunca lhe ocorreu que ele pudesse estar mentindo, afinal, por que ele deveria mentir?

*

Para todos os argumentos dele, todas as meias promessas e implicações, Angela retornou uma negativa constante. Quando o crepúsculo chegou, ela disse que queria ir para casa; com o pôr do sol, sua força falhou; ela se sentia muito cansada. Seu futuro incerto, seu orgulho ferido, seu súbito confronto com as realidades da sociedade na qual estava entrando, a confundiam e assustavam. Ressentida, confusa, introspectiva, ela não tinha mais palavras para Roger; era impossível para ele persuadi-la a concordar ou discordar de seus argumentos. Durante a longa volta para casa, ela ficou muda.

Mas, assim que entrou na Jayne Street, Angela sentiu que não conseguiria ficar sozinha durante as longas horas da noite, e não queria ficar sozinha com Roger. Ela disse isso a ele. Embora não estivessem desarrumados, não estavam apresentáveis o bastante para ir aos hotéis no centro. Mas, ansioso para agradá-la, Roger disse que poderiam ir até um dos pequenos cabarés no Village. Algumas esquinas depois, estavam diante de uma casa numa rua escura batendo na porta, absurdamente barricada, passando por seus portais escuros e misteriosos. Em um cômodo bem encerado, algumas mesas e cadeiras, e cortinas bastante distintas. Cinco ou seis casais estavam sentados, entre eles, Paulette, Jack Hudson, uma mulher alta, um tanto grande e muito

loira cujo nome, Angela soube, era Carlotta Parks, e um homem magro.

Paulette saudou em voz alta; a mulher loira se levantou e jogou os braços ao redor do pescoço de Fielding.

— Roger!

— Não faça isso — disse ele, bastante zangado. — Olá, Jack. — Ele assentiu para o homem magro, que parecia conhecer bem. — O que eles servem aqui, meus amigos? A Srta. Mory e eu estamos cansados e famintos. Estivemos para lá e para cá o dia todo.

A Srta. Parks se virou e examinou Angela.

— Sentem-se aqui — disse Paulette — há bastante espaço. Jack, faça o pedido para eles, o mesmo que estamos comendo. A comida aqui é ótima. — Ela estava radiante, feliz.

Sob a influência da comida boa e estimulante, Angela começou a se recuperar, a olhar ao redor.

Jack Hudson, um homem forte e bronzeado como uma estátua, jogava seu brilho sobre Paulette, dizendo nada, embora seu silêncio tudo dissesse. O homem magro mantinha seus olhos em Carlotta, que estava indiferente a todos, exceto a Roger; claramente eram amigos há longo tempo. Ela agarrava a mão dele, sua cabeça quase repousando em seu ombro.

— Roger, é tão bom ver você novamente! Penso tanto em você! Estive pensando em te escrever; vamos ter uma grande festa em casa neste verão. Você deve ir! Papai está convidando metade de Washington; *attachés*, príncipes, condes e a serena realeza britânica. Ele virá para os fins de semana.

Era claro que ela fazia parte da *haute monde*, com ótimos contatos, poderosa, até rica. Uma garota da mesma classe que Roger se divertindo entre essas pessoas diferentes. Angela sentiu o coração apertar com um ciúme inevitável.

O homem magro, desistindo de conseguir a atenção de Carlotta, de repente perguntou a Angela se ela gostaria de dançar. Ele era um ótimo parceiro e por um momento ou dois, revigorada pela comida e pela música rápida, ela se deixou ser absorvida pelo movimento suave e pela conversa agradável. Por cima do ombro, Angela viu que Carlotta ainda conversava com Roger. Ele, no

entanto, não prestava atenção a ela. Tinha os olhos fixos em Angela, seguindo cada movimento dela, quase a mantendo presa, ela pensou. Os olhos dele encontraram os dela e trocaram um longo olhar, tão carregado com simpatia e uma secreta compreensão, pareceu a ela, que seu coração falhou uma batida.

O parceiro de dança a levou de volta à mesa. Paulette, corada e radiante, tal qual um bebê desgrehado, se inclinava para a frente enquanto ouvia Hudson, deliciada. Como uma *raconteuse*, ela tinha uma vaga e deliciosa malícia que fazia qualquer contar de suas aventuras ser absolutamente irresistível.

— O nome dela — Paulette dizia em voz alta, sem se importar com quem pudesse ouvir — era Antoinette Spewer, e parecia que ela tinha se decidido a me odiar desde o primeiro instante. Ela disse a Sloane Corby que queria me encontrar e ele nos convidou para almoçar. Quando chegamos ao restaurante, ela estava esperando por mim no lobby; Sloane nos apresentou e ela puxou um par de óculos de teatro para me olhar. Um par de óculos de teatro! — Paulette disse como se a outra tivesse lhe apontado um revólver. — Mas resolvi isso. Havia três ou quatro pessoas passando por nós. Eu me afastei até que eles pudessem me ouvir, e disse para ela: — Desculpe, qual é mesmo o seu sobrenome?

Bem, quando uma pessoa tem o sobrenome Spewer, não pode sair dizendo por aí. Ah, rapidinho ela desceu do cavalo, e te garanto que me respeita até hoje.

Roger se levantou.

— Temos que ir. Não quero que a Srta. Mory se canse muito.
— Ele transbordava atenção e cortesia.

A Srta. Parks olhou para Angela de novo, cerrando os olhos.

No carro, Roger a abraçou.

— Angèle, mal pude suportar quando você dançou com aquele sujeito! E quando você olhou para mim — ah, que olhar! Você estava pensando sobre mim. Eu senti, eu soube.

A barreira dentro dela se rompeu.

— Sim, e eu pude perceber que você pensava em mim.

— Claro que pôde perceber! E sem dizer palavra! Ah, querida, querida, você não vê que essa é a decisão certa? Se você aceitasse ser feliz comigo, teríamos uma ligação secreta, invisível,

existindo apenas entre nós e para mais ninguém. Seria ainda mais doce se só nós dois soubéssemos.

Sem saber, Roger a afetou — águas roubadas eram as mais doces; Angela sabia disso melhor do que ninguém.

Em voz alta, ela disse:

— Chegamos, Roger. Parte de hoje foi incrível; obrigada.

— Você não pode ir assim! Vai me deixar vê-la novamente?

Ela sabia que deveria negar, mas mais uma vez um impulso perigoso a fez assentir. Roger foi embora, e ela subiu os muitos degraus íngremes, confusa, animada, assustada, curiosa, com aquele forte senso de aventura ainda tomando conta de si. No dia seguinte, veria Gínia, sua própria irmã, seu próprio sangue, uma de seu povo. Juntas, elas resolveriam a situação.

Capítulo 2

Um curioso período de duelos se seguiu. Roger era jovem, rico e desocupado. Quase todos os desejos dele eram satisfeitos. Ele não podia imaginar que falharia em sua busca por essa criatura incrível que havia despertado nele um sentimento ardoroso e sincero que o surpreendera. Ocorreu a ele, mais de uma vez, que seria bom se essa garota fosse agraciada com o nome, a posição e a fortuna de Carlotta Parks, mas nunca pensou em frustrar os desejos de seu pai que, ele sabia, insistiria imediatamente em um certificado da linhagem, treinamento e aptidão geral de qualquer aspirante à mão de seu filho. Angela teve o bom senso de ser franca; ela não queria ficar imersa em um tecido de mentiras cujo relacionamento, cuja sequência e interdependência provavelmente esqueceria. Às poucas perguntas de Roger, ela disse com sinceridade que era filha de “pais pobres, mas orgulhosos”; eles riram da frase banal; que o pai tinha sido um carpinteiro chefe e que ela fora educada em escolas públicas comuns e por um tempo tinha sido professora. Ninguém jamais tentaria substanciar essas afirmações, pois claramente a pessoa a quem elas se aplicavam não estaria falsificando tal relato simples. Não haveria sentido em fazer isso. Suas pequenas mentiras eram insignificantes, ela apenas se esqueceu de dizer que tinha uma irmã negra e que seu pai tinha sido negro.

Roger pensou que Angela estava insondável. Ele tinha o cinismo não justificado e despreocupado dos homens modernos. Roger tinha, como havia dito, atração por Angela por causa da inocência dela, aparente em suas observações e maneiras. Não havia motivos para não celebrar essa inocência.

Se perguntado, diria:

— Mais cedo ou mais tarde, ela precisará aprender sobre o mundo em que vive, então é melhor que aprenda comigo. E eu sempre cuidarei dela.

No fundo de sua mente, apesar de sua despretensiosa, até simples, atitude em relação à sua fortuna e poder, havia uma convicção de que esses mesmos dotes poderiam curar qualquer ferida, reinstituir qualquer perda. Mesmo assim havia momentos em

que ele sentia um leve enjoo quando Angela lhe perguntava: — Mas o que será de mim depois, Roger?

Era a única pergunta que ele não conseguia responder.

De todas as suas referências, desde os históricos Antônio e Cleópatra até as notórias afinidades descobertas em histórias em jornais escandalosos, ele só podia gaguejar: — Não há necessidade de se preocupar com o que virá depois, Angèle, pois nós dois sempre seríamos amigos.

Os frequentes encontros agora testavam sua força. Vontade e determinação juvenil tanto nele quanto nela. Em ambos, a excitação da busca era forte, mas cada um perseguia um objetivo diferente. A todos os protestos, argumentos e demandas de Roger, Angela respondia, insistente: — O que você me pede é impossível.

Apesar disso, ela não podia ou não queria afastá-lo e, gradualmente, embora não tivesse intenção de ceder aos desejos dele, sua reação inicial de choque começou a mudar.

Por três meses, o conflito persistiu. Roger interpunha a discussão todas as vezes em que se falavam, em todas as ocasiões. Gradualmente, se tornou a *raison d'être* da camaradagem entre eles. Seus argumentos eram variados.

— Minha querida garota, pense em uma amizade em que duas pessoas teriam todas as reivindicações deste mundo e ainda assim reivindicação nenhuma. Pense em dar tudo, não porque você disse “aceito” diante de um padre, mas sim por conta da generosidade de uma poderosa afeição. Esta é a verdadeira essência do amor livre. Te dou minha palavra que os casais mais felizes do mundo são aqueles que amam sem compromissos visíveis. Tais pessoas terão os laços mais duradouros. A relação deles é mais próxima porque é a mais livre, mais elástica união deste mundo.

Uma intimidade singular, doce e curiosa começava a crescer entre eles. Roger contou várias piadas a Angela sobre seu pai, sobre sua falecida mãe — que ele ainda amava e por quem havia sofrido de uma maneira patética e infantil.

— Ela era tão doce comigo, me amava tanto. Eu nunca a esquecerei. É por causa dela que eu tento agradar o meu pai, embora ele também seja doce.

Angela estava criando o hábito de relacionar Roger às pequenas coisas que aconteciam em seu dia a dia; um cotidiano que ela estava começando a perceber que, aos olhos dele, era nada além de entediante e monótono. Mas, comparado com o de Gínia, era cheio de aventura, de promessas e até mistérios.

Roger sabia muito sobre as pessoas e lhe contou diversos segredos perigosos.

— Vê como eu confio em você, Angèle? Você deveria confiar em mim ao menos um pouquinho.

Se as histórias dele eram verdade, certamente Angela deveria confiar bastante nele, pois seu mundinho, julgado pelos padrões com os quais ela estava acostumada a julgar as pessoas, estava em ruínas. Se era assim que as pessoas viviam, de que serviam os propósitos? O mundo era feito para dar prazer; ninguém ganhava nada ao praticar simples virtudes; era, afinal de contas, uma extensão da velha fórmula que ela havia definido para si mesma anos atrás. Roger gastava a maior parte de seu tempo com ela, ao que parecia. Qualquer coisa que Angela decidisse fazer o encantava. Ela não aceitava dinheiro nem presentes.

— E não posso continuar saindo para jantar e almoçar com você, Roger. Seria diferente se... se significássemos de fato algo um para o outro.

Deliberadamente, ele distorceu as palavras dela.

— Mas nada me daria mais prazer do que significar tudo um para o outro.

Roger lhe enviou enormes cestas de frutas e outras comidas; então a provocava, acusando-a de ser egoísta. Para se livrar da comida, Angela teve que convidá-lo para almoçar, para jantar, já que nada que dissesse o fazia desistir de lhe enviar cestas.

No entanto, nada dava a ela mais prazer do que esse jogo. Angela estava bastante solitária; Gínia tinha seus próprios interesses; Anthony nunca se aproximou dela nem a convidou para lugar algum; Marta Burden parecia ocupada com seus próprios problemas, ela estava secretamente passando por algo que a tornava mais distante, mais autossuficiente, mais misteriosa do que nunca. Paulette, se preparando para ir à Rússia com Hudson, estava feliz além de qualquer medida. A Srta. Powell... Angela não

poderia se aproximar dela; a jovem negra havia sido profundamente educada, mas sua cortesia tinha algo de gélido, distante. Porém, no momento, Angela não desejava quebrar esse gelo; não seria prudente se arriscar com Roger, mesmo assim ela colocou a Srta. Powell na lista das pessoas que um dia ela ajudaria — quando seu final feliz chegasse.

O resultado desse sentimento de solidão era, claro, se aproximar ainda mais de Roger. Ele a elogiou sutilmente por parecer à vontade em seu pequeno apartamento; passou a gostar da comida simples e boa e dos experimentos que às vezes ela fazia com ele. E, mais tarde, quando o outono chegou, havia noites longas e agradáveis diante de uma fogueira, ou duas ou três horas calmas depois de uma volta no parque a bordo do carro azul. E gradualmente ela começou a aceitar e até mesmo convidar o carinho dele.

Angela se apoiou, inconscientemente, no braço da grande cadeira em que Roger estava sentado, mas a transição tornou-se cada vez mais fácil: do braço da cadeira para o joelho dele, para o toque de aço do braço, para o som das batidas altas do coração, para o que ele murmurava: — Aqui é o seu lar, Angèle, Angèle.

Ele parecia uma âncora para o frágil e inseguro sopro de vida de Angela.

Era em momentos como esse que ele lhe contava coisas incríveis sobre seus poucos conhecidos em comum. Não havia muito a dizer sobre Paulette.

— Acho — disse Roger — que no temperamento ela é uma aventureira romântica. Algo nela está sempre buscando uma mudança, mas ela nunca estará satisfeita. Ela é uma boa jogadora, recebe as coisas na mesma medida que as dá, não pede por nada duradouro nem promete nada duradouro.

Angela achou a afirmação bastante triste. Mas Roger mudou de assunto dizendo que havia homens e mulheres desse jeito.

Ela se perguntou se ele não era um pouco insensível.

Mais de uma vez eles falaram de Marta Burden; Angela confessou-se tremendamente intrigada com ela, com aquela tensa, taciturna personalidade. Ela aprendeu que Marta, feita daquilo que morre por causas, estava sempre dividida entre a teoria e a prática.

— Ela é cheia das mais pretensas e progressistas ideias— disse Roger. — Ah, eu conheço a velha Marta a minha vida inteira, crescemos juntos, foi por meio dela que passei a conhecer pessoas desta parte da cidade. Ela sempre foi para mim como uma irmã. Mais de uma vez precisei salvá-la de situações que ela mesma criou. Eu a fiz se casar com Starr.

— A fez se casar com Starr? Ela não o queria?

— Sim, ela o queria, mas não acredita no casamento. Ela é muito corajosa em suas convicções. Marta viveu com ele por dois anos enquanto eu estava na Europa. Quando retornei e descobri o que estava acontecendo, disse a Starr que acabaria com ele caso não fizesse a coisa certa.

— Mas por que ser violento? Starr não queria?

— Sim, exceto que — Roger de repente se lembrou de seus próprios desejos — nem todo homem é capaz de apreciar uma mulher que quebra as convenções em seu lugar. Alguns homens consideram isso característica de uma mulher fácil, mas outros veem da maneira certa e passam a amar mais profunda e inteiramente.

Com leveza e suavidade, ele tocou o cabelo macio que escondia a bochecha dela. — Sou um desses outros, Angèle.

Ela desejou dizer: “Mas por que não podemos nos casar? Por que não me dar a segurança que Marta tem?”. No entanto, mais uma vez o orgulho a impediu. Ao invés disso, Angela reforçou que Marta nem sempre parecia feliz.

— Não, isso é porque ela tem essa ideia boba de que, agora que estão comprometidos, falta a espontaneidade. Ela quer dar sem ser obrigada a dar; receber porque quer e não porque é o que deve fazer. Ah, ela é dura como aço e bastante engajada em sua própria causa, mas certamente ela testa Starr com seu temperamento.

Angela pensou que provavelmente havia duas possibilidades naquela história. Um tanto sem ar, perguntou a Roger se ele conhecia Anthony Cross.

— Cross, Cross! Um sujeito pálido, um tanto magro? Acho que o vi uma ou duas vezes na casa de Paulette. Não, não o

conheço de verdade. Um homem taciturno, pensativo, eu diria. Assustadoramente egoísta.

Por alguma razão, um pouco de ressentimento surgiu nela. Anthony poderia ser calado, mas sua vida fora vivida em linhas sombrias e problemáticas que o obrigavam a se calar; ele nunca tinha conhecido a estrada larga e dourada da existência de Roger. E, de qualquer maneira, Angela não acreditava, se Marta Burden tivesse sido amiga de Anthony por toda a vida dele, quase sua irmã, que ele teria contado à namorada ou à esposa qualquer uma dessas passagens difíceis de sua vida. Bem, ela teria que ensinar muitas coisas a Roger.

Em voz alta, Angela falou de Carlotta Parks.

— Ela é um tipo interessante. Me conte sobre ela.

Mas Roger foi breve ao dizer que não havia muito a comentar.

— Uma mulher de coração bom, bastante animada, que deixa seus sentimentos expostos para o mundo todo. É isso.

*

De acordo com Paulette, havia mais do que isso a ser dito sobre a Srta. Parks.

— Eu não a conheço, não como sendo parte daquele grupo. Mas eu sempre ouvi dizer que ela e Roger, quando jovens, eram namorados, só que eles não conseguiram continuar juntos. A família de Carlotta é tão antiga quanto a dele. Família de políticos; o pai dela está no Senado. Não acho que eles tenham muito dinheiro agora. Mas o principal é que ela agrada o velho Fielding. Nada lhe daria mais prazer do que vê-la como a Sra. Carlotta Roger. Posso estar enganada, mas acho que nada daria mais prazer à Carlotta também.

— Ele não se importa com ela? — Estranho como o coração de Angela se apertou ao ouvir a resposta.

— Sim, mas ela gosta muito dele e demonstra isso. Então ele pensa que não a quer. Roger nunca vai querer nenhuma mulher que seja fácil. Você não odeia esse tipo de homem? Eles são os mais fáceis; tudo o que você precisa fazer, caso eles estejam

interessados, é mantê-los afastados. E então eles correm atrás. Mas eu não quero um homem assim; ele me atrapalharia. Que imprudência, esperar que uma mulher reprima ou evoque suas emoções exatamente como ele as deseja! Uma mulher não tem tanto direito de sentir quanto um homem, e de sentir primeiro? Não se preocupe, alguma mulher ainda vai pegar Roger. Ele não acha isso possível porque tem riqueza e posição. Então ele ficará feliz em correr para os braços de Carlotta. Não me importo muito com ela, ela me parece muito barulhenta — objetou a recatada e conservadora Srta. Lister — mas acho que ela gosta de Roger por quem ele é e não pelo que ele pode dar a ela!

*

Sem dúvida, esse pouco de conhecimento levou a um novo aspecto; a aventura começou a adquirir um tom interesse. Tudo parecia estar se encaixando. O interesse e anseio de Roger certamente não diminuiram. O conselho de Marta Burden, confirmado pela informação de Paulette, certamente traria resultados. Angela só precisava “continuar a mantê-lo afastado”.

Mas havia um inimigo com quem ela nunca pensara em contar, nunca contara com a deslealdade das forças da natureza; nunca tinha sonhado com o enfraquecimento inexplicável daquelas forças internas. Suas armas eram as fornecidas pelas convenções, mas sua luta era contra as condições; impulsos e anseios que antecederam tanto aquelas armas quanto as convenções que as forneciam. Insensivelmente, Angela começou a ver em Roger algo mais do que uma saída de ouro de suas dificuldades materiais; ele estava se tornando mais do que um meio pelo qual ela deveria ser admitida entre os eleitos do mundo, para quem todas as coisas são feitas. Diante de seus olhos, ele estava mudando para o indivíduo que era mais gentil, mais atencioso com ela, aquele cuja presença trazia calor e segurança. Além disso, sua atenção constante, adulação e carícias estavam produzindo efeito. Ela era naturalmente fria; ao contrário de Paulette, ela era uma mulher que experimentaria a grande paixão em sua vida apenas uma, talvez duas vezes, e sempre teria que ser estimulada; em última análise,

sua pureza não era uma questão de moral, nem de religião, nem de orgulho racial; era uma questão de meticulosidade. Aos poucos, Roger forçou seu caminho cada vez mais perto dos assuntos da vida dela, e sua proximidade não ofendeu aquela meticulosidade. Gradualmente, suas exigências pareceram-lhe representar um impulso muito natural e belo; seus argumentos e exemplos começaram a dar frutos; as convenções, em vez de se mostrarem em seus olhos como a sabedoria codificada baseada nas experiências de incontáveis gerações de homens e mulheres, pareciam-lhe pudicas e desnecessárias.

Finalmente sua atitude se reduziu a isto: Angela não teria o relacionamento no qual Roger tanto insistia, não porque, de acordo com o treinamento que ela havia recebido, era ilegal, mas porque visto à luz da grande batalha que ela estava travando por prazer, proteção e poder, era inadequado.

O verão e o início do outono haviam passado. Um outono frio e chuvoso estava se aproximando; o tempo desagradável tornava quase impossível dirigir. Sempre havia os teatros e os cabarés, mas Roger se dizia feliz em nenhum outro lugar, exceto ao lado da lareira. E ela adorava tê-lo ali, alto, forte e belo, às vezes radiante de esperança; outras, amuado com a certeza da derrota. Ele apareceu um dia aparentemente para tomar chá com ela; tinha um compromisso importante para a noite, mas não podia deixar o dia passar sem vê-la. Angela estava cansada e um pouco desanimada. Gínia havia vendido a casa e lhe enviado mil e duzentos dólares, mas os três mil originais estavam quase acabados. Angela não deveria tocar nesse novo presente do céu; seu objetivo não estava mais perto; a indesejável possibilidade de ensinar, ao contrário, estava constantemente diante dela. Além disso, ela estava finalmente percebendo o perigo dessa proximidade constante, estava horrorizada com seus pensamentos e desejos. Um grande medo se apoderou dela, não só de Roger, mas de si mesma.

Sempre vigilante, ele rapidamente adivinhou seu humor distraído, resolvendo experimentar por si mesmo as possibilidades. Em um silêncio tenso, eles beberam o chá e ficaram sentados olhando para as chamas douradas que crepitavam.

A noite taciturna se aproximou. Angela logo o lembrou de que ele deveria ir, mas Roger não partiu.

Às oito horas ela o lembrou novamente; Roger pegou o relógio e olhou para ele com indiferença.

— É tarde demais para que eu vá agora, além disso, não quero ir. Angèle, seja gentil e não me mande embora.

— Mas você não jantou.

— Nem você. Não é justo com você. Devemos ir jantar em algum lugar?

Mas Angela estava preguiçosa; não queria se afastar do calor e se aventurar na noite fria.

— Não, não quero ir. Mas você precisa ir, Roger. Posso comer algo aqui mesmo, mas não há nada para você. Odeio ser uma péssima anfitriã.

— E se eu for a uma dessas *delicatessens* e trazer algo? Está cansada demais para um piquenique?

Meia hora depois, ele retornou, ensopado.

— Está chovendo canivetes. Nunca vi algo assim! — Ele se balançou, espalhando gotas de chuva por todo o apartamento.

— Roger! Tire seu casaco!

Ele se sentou diante do fogo, apenas de camisa, o cabelo encolhido e molhado, a cabeça apoiada nas mãos. Parecia-se tanto com um garotinho que o coração dela estremeceu. Ele viu a expressão no rosto de Angela e se aproximou dela.

— Angèle, você *sabe* que gosta um pouco de mim.

— Eu gosto muito de você.

Roger colocou o braço ao redor dela e a beijou; os ossos dela derreteram como manteiga. Ela se libertou, arrumando uma desculpa para ir à cozinha. Mas ele se prostou na soleira da porta, os olhos capturando cada movimento dela. Eles comeram uma boa refeição, quase em silêncio; terrivelmente conscientes da presença um do outro; o ar carregado de paixão. Lá fora, a chuva e o vento martelavam e ululavam.

— É uma noite terrível — Angela disse, mas Roger não respondeu. Ela continuou a falar: — Roger, está ficando tarde. Você deve ir para casa.

Bastante relutante, os olhos ainda nos dela, ele se levantou, pegou o casaco e, com o chapéu em mãos, deu-lhe um beijo de boa noite. O braço em volta dela, segurando-a firme. Angela o sentiu tremer; ela mesma estava tremendo. Um segundo mais tarde, a porta havia fechado atrás dele.

Sozinha, ela se sentou perto do fogo, pensando: *Isso é horrível. Não acredito que nada vá acontecer. Acho que vou mandar um bilhete a ele amanhã, dizendo que não quero vê-lo mais.*

Alguém bateu na porta. Surpresa que alguém pudesse aparecer tão tarde, mas sem medo, Angela a abriu. Era Roger. Ele avançou para dentro, lutando contra seu casaco molhado, e quase simultaneamente tomando-a nos braços.

— É uma noite muito terrível, Angèle; você não pode me mandar embora. Por que eu deveria ir quando há a lareira e você bem aqui, tão quente, aconchegante e doce?

A força deixou Angela. Ela não conseguia resistir, não conseguia falar. Ele a tomou nos braços, ninando-a como a um bebê, o rosto um pouco abaixo do dele.

— Você sabe que nós somos feitos um para o outro, nós pertencemos um ao outro!

Uma terrível lassidão a envolveu, e ela disse, sem fôlego:

— Roger, Roger, me solte! Ah, Roger, por que precisa ser assim? Não pode ser de outra forma?

E, distante, ela ouviu a voz dele falhar, implorando, prometendo:

— Tudo vai ficar bem, querida. Querida, eu prometo. Apenas confie em mim, confie!

*

A vida passou em uma grande maré crescente. Angela não sabia se estava totalmente feliz ou totalmente infeliz. Tudo o que podia fazer era sentir; sentir que era totalmente de Roger. Todo o seu ser se voltou para ele como uma flor para o sol. Sem ele, a vida nada significava; com ele, era tudo. Por enquanto, ela não era nada além de emoção; ele próprio ficou pasmo com a profundidade dos sentimentos que despertou nela. Agora, pela primeira vez, Angela

se sentia possessiva; ela se viu profundamente interessada no bem-estar de Roger porque, ela pensou, ele era dela e ela não suportava ter uma posse cujas qualidades eram desconhecidas. Angela não tinha curiosidade por seu dinheiro nem por seus negócios, mas tinha sede de saber como era gasto seu tempo longe dela, quem ele via, quais outros lugares frequentava. Não que invejasse o momento que Roger passava longe dela, mas tinha uma necessidade de saber o que se passava naquele momento.

No entanto, se Angela se sentia possessiva, seu sentimento também reconhecia a absorção completa dele, tão completamente, tão exaustivamente que a vida de Roger parecia envolver a dela. Por um momento, seus desejos, seu prazer foram o fim e o objetivo de sua existência; pensou, com uma ligeira tendência para zombar de si mesma, que essa era a explicação do ser, do seu ser; que os homens tinham outros objetivos, outros usos, mas que a única desculpa para ser mulher era ser apenas isso, uma mulher. Esquecidos estavam seus ideais sobre sua arte; sua ambição de ter um salão; seu desejo de ajudar outras pessoas; até mesmo sua intenção de se casar para garantir seu futuro. Apenas algo fora de si, algo vigilante, orgulhoso, distante da paixão e do êxtase que ardia dentro dela, a mantinha livre e independente. Ela não aceitava dinheiro, não se mudaria para o apartamento da 72nd Street; ela ainda recusava presentes tão caros que eram praticamente subornos. Não deu explicações a Roger, mas ele sabia e ela também que sua rendição foi feita pela pródiga plenitude e generosidade de seu coração; não havia cálculo por trás disso; se fosse amor livre, a liberdade era a qualidade a ser enfatizada, e não a emoção.

Às vezes, na intensidade incipiente e silenciosa de sentimento que ela considerava felicidade, Angela parava para fazer um balanço daquela outra vida, daquelas outras vidas que outrora conhecera; aquela vida que fora dela quando viera pela primeira vez a Nova York, antes de ir para a Cooper Union, naqueles dias em que patrulhava a 14th Street e passeava pela Union Square. E aquela outra vida que ela conheceu na Opal Street, eras atrás, quase em outra existência. Ela passou facilmente por aqueles primeiros meses em Nova York, porque mesmo então estava se

aproximando de um limiar, se preparando para entrar em uma nova e nunca sonhada fase de ser. Mas, às vezes, à noite, Angela ficava por horas pensando sobre sua infância inquieta e ansiosa, seus dias infrutíferos na Academia, o cortejo infrutífero de Matthew Henson. Os Hensons, os Hallowells, Hetty Daniels, Gínia! Quão longe agora ela estava deles! Diante dela, ergueu-se o rosto ansioso e faminto de Hetty Daniels; agora ela mesma conhecia as fases da vida que Hetty ansiava, mas tanto desprezava. Angela podia imaginar a inveja por trás do tom com que Hetty, se soubesse, teria expressado em desaprovação pelo modo de vida de sua antiga pupila.

— A garota de Mattie Murray, Angela, foi direto para o mal; ela está vivendo uma vida de pecado com um homem em Nova York. — E então a acusação final e explosiva: — Além disso, ele é branco. Dá para acreditar?

Capítulo 3

O pai de Roger, ao que parecia, ficara muito satisfeito com a administração do filho nas serrarias na Geórgia; como resultado, ele exigia cada vez mais seu tempo. E o jovem meio por orgulho, meio por aquela firme determinação de nunca ofender seu pai, estava sempre pronto para cumprir suas ordens. Angela gostava e apreciava a atitude de seu amante, mas seu caloroso interesse dividia espaço com o ressentimento e ela, em segredo, desprezava essa tendência à dependência. Roger era jovem, soberbamente treinado; tinha o dom de fazer amizades cuja força repousava em sua própria personalidade, mas desconfiava demais de seus próprios poderes — ou então era preguiçoso. Angela nunca conseguia determinar qual dos dois. Durante essa fase de convivência, ela nunca teve certeza de que o amava, mas tinha certeza de que se naquele momento ele estivesse disposto a deixar de lado sua deferência obsequiosa ao dinheiro de seu pai e tivesse lhe dito: “Angèle, se você me ajudar, vamos construir uma vida, uma fortuna própria”, ela o teria adorado.

Sua natureza forte e independente, golpeada, enojada e fortalecida pelo atrito constante do preconceito de raça era incapaz de visualizar ou perdoar o estado de espírito que impedia Roger de entrar na batalha com a vida quando as probabilidades já eram tão esmagadoramente a seu favor. Sozinha, possuidora de uma deficiência que, se adivinhada, seria tão incapacitante quanto a falta de uma perna ou um corpo atrofiado, ela ousara entrar na lista. E estava a caminho da vitória. Isso custaria, Angela estava começando a perceber, mais do que previra. Mas, tendo entrado, ela não desistiria — a menos que mudasse de objetivo. O dela era uma curiosa mistura de materialismo e hedonismo, e, neste momento, o último era o mais importante. Mas Angela supôs que, em algum futuro vago, ela e Roger se casariam. O ardor dele a deixou complacente.

Mas, estando tão feliz, Angela não tinha consciência de nenhum desses conflitos internos e críticas. Agora estava adotando um curioso distanciamento em relação à vida temperado por um

leve cinismo — um distanciamento que lhe permitiu dizer a si mesma: “As regras são para pessoas comuns, mas não para mim”. Ela se lembrou de um verso de uma poeta, uma mulher negra, sobre a qual muitas vezes havia pensado.

*A grande necessidade, a luta, prevalece.
Aquele que mendiga é um tolo.*

Angela nunca mendigaria. Não mais pediria conselhos. Havia tido sorte até agora em buscar conselhos apenas de Paulette e Marta Burden, duas pessoas com distintos métodos de pensamento e ações. Eles nunca a seguraram. Agora, Angela sequer as consultaria. Ela viveria a vida como uma individualista; se adequaria sem levar em conta as convenções e modos de vida pré-estabelecidos. Sua meticulosidade nativa, ela tinha certeza, a impediria de se tornar uma ofensa aos próprios olhos.

Apesar de sua crescente autoconfiança e autossuficiência, as frequentes ausências de Roger a deixavam solitária. Então, sem nenhum planejamento consciente de sua parte, recomeçou a trabalhar em sua arte com crescente vigor e interesse. Estava ganhando segurança; tinha maior domínio de sua técnica; acima de tudo, ganhou o poder de compor, uma certa simpatia, uma amplitude de compreensão, a manifestação daquela capacidade de interpretar que há muito ela suspeitava estava dentro dela, prestava-se à sua mão.

O Sr. Paget, o professor, falou de suas pinturas com o maior respeito; a atenção dos visitantes foi direcionada a elas. Marta Burden e mesmo Paulette, nos intervalos de seus preparativos extáticos, aceitaram-na na maçonaria de suas garantidas posições. Anthony Cross a lembrou das possibilidades para alunos estadunidenses em Fontainebleau. Mas Angela apenas sorriu sabiamente; não precisaria de tal estudo, mas esperava de todo o coração que a Srta. Powell recebesse um prêmio que a capacitasse a estudar lá.

Se ela não conseguir, Angela prometeu a si mesma, farei Roger bancar as despesas dela. Eu estaria disposta a tirar o

dinheiro dele para isso.

Surpresa, ela percebeu que seu outro interesse, além da pintura, era visitar Gínia. Se alguém tivesse perguntado se Angela estava satisfeita com a vida, sua resposta teria sido uma afirmativa instantânea.

Mas ela não queria uma vida assim para a irmã. Para Virgínia, não deveria haver riscos, segredos ou irregularidades. Os esforços para descobrir como a irmã passava as horas livres a surpreenderam; a inutilidade a enchia de uma irritação constante que Virgínia não mostrava disposição para aplacar. A moça mais nova havia passado no exame e fora indicada; ela era uma professora entusiasmada e bem-sucedida; isso Angela sabia, mas era só. Concluiu que Virgínia passava muito tempo com um grupo feliz, inteligente e bastante independente de jovens negros; falava-se ocasionalmente de teatro, dança, pequenos clubes, caminhadas, aulas na Columbia ou no New York City College.

Angela até conheceu um grupo alegre, composto por Virgínia e seus amigos, que estavam a caminho do Brooklyn, ela foi informada posteriormente. As moças eram brilhantes pássaros do paraíso; os homens, seus olhos de artista notaram, eram faunos alegres e cheios de vida. No metrô, ao lado dos grupos risonhos e felizes, rostos brancos mostravam-se pálidos e sem sangue; outros rostos, negros, pareciam enfadonhos e sem esperança. Angela começou a reconhecer tardiamente que sua irmã havia entrado naquela turma curiosa, limitada, mas inconstante das “melhores” pessoas negras; a velha frase da Filadélfia voltou à sua mente, “pessoas que você conhece”. Ela ficou surpresa com alguns dos nomes que Virgínia deixou escapar de seus lábios em suas descrições infrequentes e lacônicas de certas noites que passara na casa de Van Meier, um grande literato negro-estadunidense, um apóstolo destemido e corajoso dos direitos do homem; seu nome era conhecido, Marta Burden lhe assegurara, em todos os lugares.

Angela conseguiu tal informação da melhor maneira que pôde, pois Virgínia nada lhe contou; sequer parecia, nas poucas ocasiões em que cruzou com a irmã, conhecê-la. Isso, Angela fez questão de dizer, era bobagem.

— Você deve ao menos falar — disse a Gínia com petulância, se lembrando da desconfortável ocasião em que ignorara a própria irmã, que não conhecia Nova York — Muitas pessoas brancas e negras estão se conhecendo e deixam isso público. Também podemos fazer assim, não? Que mal pode haver?

Mas, na opinião de Virgínia, era melhor evitar.

Normalmente, a irmã mais nova mantinha um discreto silêncio; mantinha para si qualquer opinião que tivesse em relação ao distanciamento. Era impossível vislumbrar, de seus jeitos perfeitos e um pouco distraídos, qualquer sinal de sua vida privada e suas intenções. Por vezes ela mostrava uma intensa preocupação da qual acordava para fazer um comentário que revelava à Angela as reações normais de uma jovem sobre a vida, agradável, monótona e tingida de uma felicidade fresca e serena, totalmente diferente do arrebatamento quente, inebriante e túrgido que no momento era a vida de Angela.

*

A garota judia que vivia no andar de cima, Rachel Salting, bateu à porta.

— Somos jovens e estamos sozinhas — disse sorrindo — seria idiotice não nos conhecermos, você não acha?

Ela tinha um sorriso e jeito encantadores. De fato, era bonita, Angela pensou. A pele era muito, muito pálida, quase perolada, o cabelo de um preto profundo, encaracolado, e os olhos eram grandes, em formato de amêndoa. Sua figura era reta e esguia, mas não deixava de ostentar uma leve sugestão de volúpia exótica. Seu interesse, ela informou à nova amiga, era o palco; Raquel Meller¹⁰ era seu ideal.

Angela a recebeu de braços abertos. Uma estranha apatia, até então desconhecida, a invadiu; é verdade que suas pinturas necessitavam de muito tempo e concentração; o tempo com Virgínia, embora nem sempre satisfatório, era pelo menos atrativo; mas pela primeira vez, a vida de Angela estava pautada nas palavras, sentimentos e ações de outra pessoa — Roger. Sem ele, ela ficava perdida; não apenas não conseguia organizar seus dias,

como também não conseguia ir em busca de aventuras, como fizera outrora. Consequentemente, recebia de braços abertos qualquer coisa além do comum que pudesse quebrar a monotonia ameaçadora de sua vida.

Rachel Salting era como uma brisa fresca, uma curiosa mistura de conservadorismo judeu com modernidade. Sua mente era aguçada e clara, bem treinada nas escolas e faculdades de Nova York e com diversos interesses. Ela falava de psiquiatria, problemas de moradia, sionismo e bem-estar infantil com um conhecimento e entusiasmo que espantou Angela, cuja formação fora bastante superficial e que começava a adotar a inteligência de Paulette e a atitude levemente profissional e didática de Marta Burden.

Rachel, exceto quando se debruçava sobre o problema judaico, parecia não ter pontos de vista particulares a apresentar. Suas discussões, com base em suas várias leituras, eram puramente acadêmicas; ela não tinha vontade de fazer proselitismo, não era uma reformadora. Era apenas uma jovem simpática, um tanto alegre, saudável, uma observadora da vida que tinha de enfrentar e que, pelo menos no momento, achava bastante agradável.

Ela estava muito feliz; alegre como Virgínia, com uma felicidade muito diferente do conceito de Angela; uma felicidade sem fôlego, constante, sorridente, palpável, transparente, para todo o mundo ver. Poucas semanas depois do relacionamento das duas ter começado, Rachel com sorrisos e rubores revelou seu grande segredo. Ela ia se casar.

— Com o melhor homem deste planeta, Angèle.

— Aposto que sim.

— Ele é muito bonito, alto...

— Como se eu não soubesse.

— Como você poderia saber?

— Querida, eu já não o vi, pelo menos a silhueta dele, várias vezes no corredor quando eu entrava e ligava aquela luz? Pensei que você não me perdoaria por isso. Parecia que eu fazia de propósito.

— Oh, eu sabia que não era de propósito. Então você o viu?

— Sim, ele é alto e loiro. Faz um bom contraste com as suas características. Viu? Falo sempre como uma artista.

— Sim — disse Rachel devagar — ele é loiro.

Angela pensou ter detectado um leve tom de preocupação em sua voz até então triunfante, mas decidiu que isso era improvável.

No entanto, as próximas palavras de Rachel confirmaram essa impressão:

— Ah, se tudo desse certo...

A mente muito materialista de Angela a fez perguntar:

— Qual é o problema? Ele é muito pobre?

Rachel a encarou.

— Pobre? Como se isso importasse. Sim, ele é pobre, mas não ligo para isso.

— Bem, se você não liga, o que há de errado então? Ele é livre, branco e tem vinte e um anos, certo?

— Sim, sim, é que... ah, você não entenderia, você é tão sortuda! É algo com o qual você nunca terá que lidar. É que precisamos conseguir o consentimento de nossos pais antes. Ainda não pedimos. Quando acontecer, receio que haverá um bate-boca.

Algum ritual inerente às conexões raciais, decidiu Angela, e não fez mais perguntas. Na verdade, teve poucas chances, pois Rachel começou a falar do casamento. Era uma história muito antiga. Angela poderia ter fechado os olhos e imaginado sua própria mãe e Junius se entusiasmando sobre seu futuro. Eles seriam pobres, muito pobres no início, mas apenas no início, e não se importariam nem um pouco com a pobreza. Seria divertido juntos. Havia pequenas casas de madeira no Bronx cujos aluguéis eram relativamente baratos. Talvez Angela as conhecesse.

Angela, estremecendo por dentro, disse que as tinha visto, de cor marrom-opaca, um tanto metidas, empoleiradas perigosamente em encostas. Os cômodos eram pequenos, quadrados, feios...

Rachel ajudaria John em todos os sentidos. Eles economizariam.

— Eu não lavaria nem passaria roupas, pois é um trabalho desgastante e eu quero continuar delicada e bonita para ele, assim, quando a condição melhorar, ele não terá que se envergonhar de

mim. E o tempo todo, mesmo nos momentos mais difíceis, tentarei minha sorte escrevendo peças — ela falou com a ambição insaciável de quem tinha o seu dote racial — Irei a aulas e me sentarei nos teatros onde exibem as mais famosas peças. E um dia, dará certo. — A imaginação a levou ao futuro. — Em nossa noite de estreia, Angèle, você estará no camarote usando um casaco de pele de arminho. Não será maravilhoso? Mas nada será mais maravilhoso do que os primeiros anos, quando dependeremos um do outro; eu, do dinheiro que ele ganhar; ele, na maneira como administrarei a casa. Isso será o paraíso.

Confidências como essa deixaram Angela impassível, mas consideravelmente abalada. Devia haver alguma coisa na vida de sacrifício, até mesmo o trabalho enfadonho que Rachel descreveu. Senão, por que tantas garotas sensatas deveriam correr tal risco? Mas era bobagem pensar nisso. Ela nunca teria esse tipo de vida. Era impossível conceber uma vida assim com Roger. No entanto, houve momentos em seu quarto solitário em que ela ponderou longa e profundamente, desenhando. A época seria verão; ela estaria usando um vestido branco, parada na porta de uma casa no subúrbio muito, muito perto de Nova York. Haveria o melhor jantar possível na mesa. Ela adorava cozinhar. E uma figura alta e forte estaria se aproximando a passos rápidos: — Eu tive um dia de muita sorte, Angèle, e te comprei um presente.

Depois do jantar, ela o levaria escada acima até seu pequeno estúdio e afastaria a cortina para revelar o retrato de uma mulher conhecida da sociedade.

— Ela está muito feliz com o resultado, e vai me trazer muitos outros pedidos.

E, de alguma forma, Angela sabia que a fantasiosa figura não era Roger.

*

Seu amante, retornando de uma viagem de três semanas a Chicago, dissipou essa certeza. Ele estava feliz, extremamente feliz por estar de volta e ver Angèle. Foi ao apartamento dela assim que saltou do trem, sem parar nem mesmo para ver o pai.

— Posso vê-lo amanhã. Esta noite sou completamente seu. O que devemos fazer, Angèle? Podemos sair para jantar e ir ao teatro ou ir até o Country Club e ficar por lá. O que você acha?

— Teremos que ficar aqui Roger. Farei um jantar delicioso, melhor do que qualquer coisa que você teve que comer naqueles hotéis velhos. Mas logo depois terei que sair, pois prometi de coração a Marta Burden que iria a uma palestra com ela esta noite.

— Eu não sabia que você era interessada em palestras.

Angela estava preocupada e deixou transparecer.

— Mas é um tipo diferente de palestra. Você sabe como a Marta é louca por raça e movimentos sociais. Bem, Van Meier falará esta noite e Marta está convencida que seus amigos devem ouvi-lo. Irei com ela e Ladislav.

— O que me impede de ir?

— Nada. Só que ele é negro, sabe.

— Bem, suponho que não fará mal. Já ouvi falar dele. Dizem que é muito inteligente. Ainda não vi um negro inteligente, então no mínimo será interessante. E você não acha que eu deixarei minha garota fugir de mim logo agora que voltei para casa, certo? Mandarei Reynolds trazer o carro maior e levaremos Marta e Ladislav e qualquer outra pessoa que ela queira levar.

A palestra aconteceria no Harlem. O salão estava lotado, fervilhando de uma excitação reprimida e uma atmosfera sobrecarregada. Angela, radiante com a proximidade e devoção de Roger, olhava em volta com olhos atentos e observadores. E novamente sentiu aquela plenitude, riqueza, até mesmo densidade de vida que sentira em sua primeira visita ao Harlem. O fluxo da vida corria quase derretido; pequenas ondas de sentimento emanavam de grupos dentro da plateia e colidiam contra sua consciência e contra a de seus amigos, só que estes últimos não tinham seus secretos poderes de interpretação. A ocasião foi especial.

— Eu percorreria qualquer distância para ouvir Van Meier falar — disse um rapaz negro de rosto magro, atrás deles. — Ele sempre tem algo a dizer e nunca rebaixa ninguém. Ouvi-lo é como ler um clássico; evidente, bonito e verdadeiro.

Angela, divertindo-se com as pessoas e reunindo fragmentos de informações que recebera de Virgínia, conseguiu dividir os grupos. Lá estavam os negro-estadunidenses mais avançados, lindamente vestidos, treinados, caprichosos, bem-humorados, amargos, responsáveis. Em um lado, assomavam os rostos sombrios e ansiosos dos indígenas ocidentais, suas feições tão marcadamente diferentes do americano comum que lhes dava um aspecto selvagem e levemente feroz. Eles não compareceram porque eram discípulos de Van Meier, mas por serem buscadores fervorosos da verdade. Infelizmente, sua seriedade era ligeiramente interligada a uma teimosia e uma má vontade em aceitar a persuasão. Três ou quatro jovens negros, altos, escuros e elegantes, estavam sentados ao alcance da voz, falando com uma curiosa precisão didática.

— Estão numerando todos os sociólogos do mundo — surpreso, Ladislav Starr contou ao pequeno grupo.

Marta, com sua meticulosidade habitual, sabia tudo sobre eles. Eles eram os editores de uma pequena revista cuja principal aposta para a fama residia nos artigos que escreviam mensalmente contra Van Meier; artigos escritos ocasionalmente com um espírito de ciúme mesquinho, mas geralmente em um esforço para ganhar uma espécie de glória invertida por levar aquele grande nome em suas páginas.

Aqui e ali, um borribo de rostos brancos aparecia claramente, padrões distintos contra um fundo de rostos negros pacientes e suavemente impassíveis; rostos batidos e adaptados pela vida em um molde de resistência firme, como uma rocha, de fé inabalável e invencível. Angela tinha visto tais rostos antes nas igrejas da Filadélfia; eles trouxeram de volta velhas lembranças à sua mente.

— Lá está ele! — exclamou Marta, triunfante. — É o Van Meier! Ele não é maravilhoso?

Angela viu um homem negro, não muito alto, mas com uma bela integridade simétrica, cruzar a plataforma e sentar-se na cadeira alta ao lado da mesa do presidente. Ele se sentou com uma curiosa imobilidade, olhando diretamente à sua frente como a estátua de um ídolo das Índias Orientais. E, de fato, havia nele alguma qualidade estranha que fazia pensar no Oriente; uma

perfeição, uma soberba falta de autoconsciência, uma beleza estranha e cativante produzida pela perfeição de seu nariz fino e reto e sua testa larga e erudita. Um olhar, por mais casual que fosse, dava ao observador a certeza de que ali realmente estava um homem destemido, corajoso, o capitão de seu destino.

Ele começou a falar em um tom acessível, profundo, semelhante a um sino. Angela achava que nunca tinha ouvido algo equivalente em beleza, ressonância e cultura. E, como o jovem havia dito, ele não falou baixo. Seu inglês era a linguagem cuidadosamente peneirada do sábio, suas frases polidas, quase poéticas. Ele foi reconhecido em dois continentes por suas contribuições sociológicas e econômicas, mas seu tema era o sacrifício racial. Ele incentivou a introdução deliberada de beleza e prazer na vida difícil do negro estadunidense. Deviam servir tanto como herança racial quanto como compensação. Ainda assim, por um tempo, por muito tempo, teria que haver sacrifícios, muitos sacrifícios feitos para o bem de todos.

— Nosso caso é único — a voz bonita e erudita disse — aqueles de nós que avançaram, que conquistaram posições altas na educação e em relação ao dinheiro não irão, não serão capazes ainda de se separar da multidão suja e inculta. Devemos olhar para trás e servir nossos irmãos mais fracos e menos afortunados. E o primeiro passo para tornar isso possível é aquisição do orgulho racial, não tanto do amor racial. Um orgulho que nos permite encontrar o nosso próprio belo e louvável, um intenso chauvinismo que se contenta com os seus próprios tipos, que encontra a plenitude no seu próprio grupo; que ama o que é seu como os franceses amam seu país, porque lhes pertence. Tal orgulho pode alcançar o impossível.

Ele recitou:

*Não é a coragem, nem o ódio
Que nos permite fazer as coisas que fazemos.
É o orgulho que faz com que o coração seja grande...*

Ele se sentou sob uma onda de aplausos que sacudiu o prédio. Rostos negros e apáticos assumiram uma expressão de elevação extática, era como se de repente se vissem, transformados pelo orgulho racial, como príncipes em uma terra estranha em servidão temporária, príncipes cujos filhos conheceriam a liberdade.

Marta Burden e Ladislav subiram para falar com ele; eram velhos amigos. Angela, com Roger, visivelmente impressionada, ficou de lado e esperou. Paulette e Hudson vieram empurrando a multidão; ela corada e animada. Pequenos grupos de pessoas negras estavam por ali, alguns profundamente contentes com uma espécie de orgulho vicário, alguns discutindo; Angela avistou Virgínia em pé com três rapazes e duas moças. Eles gesticulavam, perdidos em grande agitação. Mas Gínia parecia apática e indiferente; seu rosto infantil parecia magro e mais desamparadamente jovem do que nunca. Anthony Cross e um homem alto de tipo inegavelmente espanhol passaram pelo pequeno grupo, falaram com um dos homens e foram apresentados. Logo Cross, ao se virar, avistou Angela e Roger. Ele curvou-se rapidamente, corando; pegou o braço de seu companheiro e saiu apressadamente do salão, sua cabeça muito reta, sua figura esguia sempre tão ereta, tão *élancé*, mais ereta do que nunca.

Logo o grupo de Marta estava todo na calçada; Roger, de bom humor, convidou Paulette e Hudson para passear pela cidade em seu carro. Paulette fervilhava de admiração por Van Meier.

— Ele não é um homem, é um deus — disse ela. — Já viu uma personalidade mais impressionante? Ele não é um magnífico homem negro, ele não é “bom como um homem branco”; ele é um homem, apenas isso; no caso dele, cor, raça, as condições são apenas acidentais, o ego dele passa por cima de tudo isso. E ele me fez me sentir como uma minhoca; dei a ele o meu sorriso mais bonito, uma mulher branca reconhecendo um *negro excepcional*, e ele simplesmente não me viu; segurou minha mão — eu me esforcei para ter um aperto firme — e me tirou do caminho, sem pestanejar, para dar lugar a uma senhora negra.

Ela refletiu:

— Me pergunto como ele é quando está sozinho.

— Certamente não bobo como você, Paulette — disse Roger, franzindo a testa.

Hudson sorriu.

— Paulette é muito atraente, admito, mas eu sempre estaria do lado de Van Meier; ela não é tentadora para ele; o homem não é apenas um profeta e filho de um profeta; ele é o orgulho encarnado.

Roger disse pensativo:

— Me pergunto quanto sangue branco ele tem nas veias. Claro que é daí que ele tira tanta habilidade.

— Você me cansa — disse Marta. — Claro que ele não tira a habilidade de sangue branco; tira de todos os sangues que correm em suas veias. É a mistura que o faz ser quem é. Do contrário, os brancos seriam deuses. É a mistura e a resiliência que ele desenvolveu por ser negro nesta terra, e a determinação de ver a vida sem amargura...

— Ah, chega, chega — exclamou Roger. — Sem mais palestras esta noite. Olha, você está entediando Angèle.

— Não mesmo — disse Angela. — Pelo contrário, nunca estive mais interessada em toda a minha vida.

E, alcançando a mão de Marta, a apertou calorosamente.

*

Às vezes, como naquele primeiro dia na aula de arte, os cinco, Srta. Powell, Paulette, Cross, Marta e Angela se encontravam antes da aula. A Srta. Powell, como sempre, ficava em silêncio — tinha vindo apenas para a aula —, mas os outros gostavam de uma conversa preliminar. Mais ou menos uma semana depois da palestra de Van Meier, todos, exceto Paulette, estavam reunidos assim em uma tarde quando ela entrou correndo, com os olhos brilhantes, corada, consumida pelo riso.

— Acabei de passar um constrangimento — anunciou. — Fui ver Van Meier.

Instantaneamente conseguiu a atenção de Marta.

— Constrangeu Van Meier?

— Não, eu mesma. Vou contar.

Ela conseguira convencer a Srta. Powell a apresentá-la como funcionária do escritório do grande líder. Então Paulette, deliberadamente, chamou a garota para almoçar e depois retornou com ela ao escritório, expressando o desejo de conhecer seu empregador. Van Meier a recebeu com cordialidade suficiente, mas a avisou que estava muito ocupado.

— Então eu disse que não me sentaria, pensando que ele me convidaria. Mas ele apenas ergueu a sobrancelha da maneira mais perguntadora e disse: “Sim?”.

“Claro que eu não poderia deixar as coisas assim, então me sentei e comecei a falar com ele, nada demais, sabe? Apenas disse quão maravilhoso ele é e o deixei saber que eu gostaria de conhecê-lo melhor. Vocês deviam ter visto como ele olhou para mim e não disse nada. Então ele tocou um sino e a Srta. Thing-um-bob entrou, aquela sua amiga, Srta. Powell. Ele olhou para ela e, gesticulando na minha direção, disse: ‘Leve-a embora’. Nunca me senti tão embaraçada. Ele é uma personagem e tanto. Não foi impressionante?”.

Marta respondeu zangada que a coisa toda lhe parecia de péssimo gosto, enquanto a Srta. Powell, depois de um olhar incrédulo para Paulette, se dedicou mais diligentemente ao trabalho. Até Anthony, com sua morosidade habitual, declarou a situação “um pouco demais, Srta. Lister”. Angela, consciente de um orgulho que aumentava, guardou o incidente como uma pequena amostra para contar a Virgínia.

Capítulo 4

A vida havia parado. Não mais havia grande aventura e, no entanto, com a sensação de mansidão, não ganhara nenhum tom compensador de segurança, de permanência. Angela pensou muito sobre isso; com seu instinto usual de clareza, por compreensão completa de sua própria vida emocional, ela começou a sondar sua consciência. O problema, decidiu, estava ligado ao relacionamento com Roger. Podia-se dizer que ela estava vivendo para ele; pelo menos dele era a figura em torno da qual sua vida girava. No entanto, ela não tinha mais o desejo antigo e inebriante de se sentir completamente dele, de reivindicá-lo como completamente dela, nem por sua riqueza, nem pela sensação de segurança que ele podia pagar, nem por si mesmo. Por alguma razão, Roger havia perdido seu encanto para Angela, da mesma forma, ela suspeitava, que as moças de sua posição muitas vezes perdiam o encanto para seus amantes.

E essa constatação, em vez de lhe trazer uma sensação de alívio, trouxe uma vergonha real, embora um tanto fantástica. Se não devia haver permanência na relação, deixando de lado a questão do casamento, se faltava a dignidade, a graciosidade de um caso de longa data, de simpatia, de necessidade mútua, então, de fato, de acordo com o código moral da infância dela, de acordo com cada código de cada fase de seu desenvolvimento, Angela havia se permitido mergulhar em uma situação indesculpavelmente vulgar. Quando sua segurança material estava em jogo e ela tinha sonhado vagamente em ceder às súplicas de Roger para garantir essa segurança, poderia haver alguma desculpa. A vida, ela pensou, vinha antes do credo, código ou convenção. Ou se ela tivesse amado e não houvesse outra maneira de garantir essa experiência em sua vida. Mas Angela não estava mais consciente de se esforçar para se casar com Roger; e, quanto ao amor, ela conhecera um sentimento de gratidão, intenso interesse e até intensa possessividade por ele, mas não acreditava que conhecera o amor.

Mas, por causa dessa mistura de vergonha e censura, ela se viu esforçando-se conscientemente para manter suas relações no

plano mais elevado possível, dadas as circunstâncias. Agora seu desejo não era nunca ter deixado Gínia e a segurança de sua vida doméstica comum, mas sim que a necessidade disso nunca tivesse surgido. Agora, de repente, Angela se sentia solitária; estava em Nova York havia quase três anos, mas ainda não havia mergulhado profundamente na amizade genuína. Paulette era gentil e generosa; desejava, dissera ela, uma amiga íntima, mas Paulette ainda era aventureira. Ela estava tão propensa a mudar de vocação e de endereço quanto de amante. Marta Burden, ao mesmo tempo mais estável e mais compreensiva na conduta de uma amizade selecionada, era, por outro lado, muito mais conservadora no dispêndio dessa amizade; além disso, ela era por sua própria natureza tão reservada quanto Paulette era extrovertida, e sua intensidade natural tornava difícil para ela pensar por muito tempo nas necessidades de alguém cujos problemas não se centrassem em suas próprias ideias e princípios fixos.

Quanto a Anthony Cross, por alguma curiosa e absolutamente inexplicável repulsa emocional, Angela não se atreveu a pensar muito nas possibilidades de uma amizade com ele. De alguma forma, parecia-lhe um sacrilégio, em sua condição atual, trazer de volta à mente a lembrança daquele dia no parque Van Gortlandt. Assim que a imagem dele surgiu, ela a descartou, embora houvesse momentos em que fosse impossível que a visão dele surgisse sem que instantaneamente trouxesse à mente as noções de amor e sacrifício de Rachel Salting. Bem, esses sonhos não eram para ela — Angela disse a si mesma com impaciência. Para a integridade de sua própria alma, deveria aproveitar ao máximo seu estado atual. Ou deveria realizar, por meio dele, um casamento cuja desculpa fosse a de segurança, conforto e praticidade; ou transformá-lo com paciência, firmeza e afeição em uma apoteose de “amor livre”. De todos os possíveis casos, este deveria, pelo menos, à semelhança, ser o último desejo, a mais bela flor do cavalheirismo e da devoção.

Para esse fim, Angela começou a se dedicar novamente à renovação daquele senso de possessividade em Roger e em seus negócios, algo que antes havia sido tão espontâneo dentro dela. Mas para isso Roger apresentou barreiras inesperadas; ficou inquieto sob tais manifestações; ele, que outrora lutara tão amargamente contra sua indiferença, ressentia-se com igual amargura de qualquer demonstração de interesse possessivo. Ele não queria nenhuma reclamação, tampouco as reconhecia. Aos poucos, suas ausências, que a princípio se deviam a interesses comerciais do pai, foram ocorrendo por outros motivos ou por nenhum. Angela não conseguiu entender tudo de uma vez; era impossível para ela conceber que a gentileza pudesse criar indiferença; apesar das histórias confirmatórias que ouvira, dos livros que lera, não conseguia se convencer de que a devoção às vezes podia gerar ingratidão, perda de apreço. Pois, se assim fosse, um relacionamento bem-sucedido entre os sexos deveria depender totalmente do vínculo matrimonial, sem referência à compatibilidade de gosto, treinamento ou ideais. Nisso, Angela mal podia acreditar. De alguma forma, ela deveria ser a culpada.

Nenhuma jovem esposa no primeiro ardor do casamento poderia ter se esforçado mais do que ela para agradar a Roger. Angela procurou, por meio de leituras e perguntas, informar-se sobre o cargo de Roger — ele era engenheiro de minas. A afeição dele pelo pai a levou a inúmeras indagações sobre o interesse e as atividades do Sr. Fielding; ela fez sugestões para as horas de lazer de Roger. Mas por mais desinteressada que fosse sua atitude e tom, a resposta a tudo isso foi um aumento do mau humor, do distanciamento, cautela. Roger tinha experiência nas artimanhas das mulheres; tal interesse só poderia significar uma coisa: casamento. Bem, Angela sabia muito bem que ele não tinha pensado, nunca havia, em se casar com ela ou com qualquer outra mulher tão distante das ideias e exigências de seu pai.

Ainda assim, Angela, concentrada em seus ideais, não conseguia compreender. As coisas não estavam indo bem entre eles; casos assim costumavam durar pouco, essa fora uma de suas primeiras objeções ao acordo, mas ela não sonhava que um se retirasse quando o outro não tivesse cometido ofensa. Ela era tão

charmosa, atraente, bonita e muito, muito mais gentil e atenciosa. Angela não havia mudado, como poderia ser possível que Roger estivesse diferente?

Uma semana se passou e ele não apareceu para vê-la. A solidão caiu sobre ela como uma mortalha, assustando-a seriamente porque estava percebendo que desta vez não sentia falta de Roger tanto quanto daquela pessoa por quem havia deixado escapar os ideais engendrados pelos primeiros ensinamentos de sua mãe; ele, um homem por quem ela havia traído e afastado sua irmã, estava saindo de seu alcance. Angela raramente ligava para ele, mas de repente começou a fazer isso. Por três dias, a voz suave do braço direito de Roger, Reynolds, disse a ela “o Sr. Fielding está fora, senhora”.

— Mas você deu a ele meu recado? Pediu que ele me ligasse assim que possível?

— Sim, senhora.

— E ele ligou?

— Isso eu não posso dizer, senhora.

Angela não conseguiria informações com o empregado.

No quinto dia, Roger apareceu. Ela correu para ele.

— Oh, Roger, estou tão feliz de te ver. Reynolds disse que eu liguei? Por que você demorou tanto?

— Eu não teria vindo se você não tivesse ligado tanto. Escute aqui, Angèle, isso precisa parar. Não posso ter mulheres me ligando o dia inteiro, me ridicularizando aos olhos dos meus empregados. Não gosto disso, precisa parar. Você entendeu?

Surpresa e chocada, ela só conseguiu gaguejar:

— Mas você me liga quando quer.

— Claro que sim, é diferente. Eu sou homem. — Ele adicionou cruelmente: — Talvez você tenha notado que eu não ligo tanto quanto antes.

*

O orgulho dela estava ferido. Mais de uma vez, Angela pensou em escrever-lhe um breve bilhete dizendo-lhe que, no que lhe dizia respeito, o “caso” estava encerrado. Mas uma grande

teimosia a possuiu; estava curiosa para ver como esse tipo de coisa poderia terminar; estava ansiosa para saber se todos os conselhos que as mulheres mais velhas dão às meninas no início da juventude poderiam ser tão verdadeiros quanto banais. Era verdade que as convenções eram mais importantes do que os impulsos fundamentais da vida, do que a generosidade, a bondade, o altruísmo? Quaisquer que fossem seus motivos originais, seu relacionamento real com Fielding havia revelado as qualidades mais altruístas dela. E Angela começou a ver as convenções e as regras que governam a vida sob uma nova luz; percebeu de repente que, apesar de sua frieza e precisão, elas também representavam fatos fundamentais; uma espécie de compêndio concentrado da arte de viver e, portanto, precisavam ser observadas e respeitadas tanto quanto os impulsos vitais calorosos.

Em relação a Roger, ela não sentia rancor, apenas uma apatia que não se dissipava. A conversa sobre o telefone deixou um efeito totalmente desproporcional à sua real importância; representava para ela a diferença intransponível entre os sexos; tudo era para homens, mas mesmo o menor privilégio deveria ser negado a uma mulher, a menos que o homem decidisse concedê-lo. Pelo menos havia homens que se sentiam assim; nem todos os homens, ela tinha certeza, poderiam tolerar um status tão obviamente injusto. Sem intenção de punir, sem nenhum propósito definido em sua mente, simplesmente porque não estava mais interessada, Angela começou a negligenciar Roger. Ela não deixava mais outros compromissos por ele; não fez nenhuma tentativa de ser pontual em manter os compromissos que eles já haviam feito; na presença dele, ela frequentemente ficava absorta, distraída, perdida em pensamentos. Angela parou de fazer perguntas sobre seus negócios.

Muito antes da briga, eles aceitaram um convite de Marta Burden para uma pequena festa. Angela ficou surpresa com o fato de Roger se lembrar da ocasião, mas claramente ele se lembrava; ele estava disponível na data e hora corretas e os dois saíram. Durante a breve viagem Roger foi cortês, até polidamente cordial, mas a diferença entre sua atitude e a de outros dias era muito evidente. A festa era de um tipo mais frívolo do que Marta

costumava organizar — era para um primo de Ladislav, jovem e amante da diversão; não houve nenhum debate, mas alguns cantos, muita dança, muitos casais em pares. Carlotta Parks estava presente com Ralph Ashley, o homem magro que apareceu com Carlotta quando Angela a conheceu. Assim que Roger apareceu, Carlotta veio correndo em sua direção.

— Eu estava esperando por você!

Ela puxou sua mão e, não sem querer, ele se deixou levar a um pequeno sofá. Eles conversaram por alguns minutos; então dançaram; Roger simplesmente precisava olhar para as novas gravuras de Marta. Naquela noite, estavam inseparáveis. Por mais que tentasse, Angela não conseguia descobrir nenhum sentimento de ciúme, mas sua dignidade estava ferida. Ela não poderia ter recebido menos atenção de seu ex-amante se eles nunca tivessem se conhecido. A princípio ela pensou que se aproximaria de Ralph, mas algo malicioso no olhar de Carlotta a deteve. Não, ela estava cansada de homens e de seus modos infantis e infiéis; ela não se importava o suficiente com Roger para entrar em um jogo por ele. Então, sentou-se calmamente em uma cadeira funda, fumando, mergulhando nas pilhas de livros espalhadas que emprestavam ao apartamento seu ar de alegre desordem. Ocasionalmente, ela conversava; Ladislav Starr empoleirou-se no braço de sua cadeira e a seduziu com contos alegres de seus dias de universidade na Viena do pré-guerra.

Mas Angela nunca mais suportaria tamanha indignidade. No caminho para casa, ficou em silêncio. Roger olhou para ela com curiosidade, ergueu as sobrancelhas quando ela pediu que ele entrasse. Ela começou calmamente: — Roger, nunca mais permitirei ser tratada daque...

Mas ele estava pronto, até mesmo ávido por uma discussão:

— Me pareceu que você estava disposta a suportar tudo. Nenhuma mulher que tem ao menos um pouco de orgulho suportaria o que você tem suportado até agora.

Angela devolveu:

— Quer dizer que acabou?

— Bem, o que você acha? Você certamente não pensou que duraria para sempre.

O tom dele era inacreditavelmente ofensivo. Olhando-o, Angela respondeu:

— Não, claro que não pensei que duraria para sempre, mas não achei que terminaria assim. Não vejo motivos.

Saber de suas atitudes imperdoáveis incomodou Roger; deu-lhe uma nova sensação de indignidade.

— Suponho que você pensou que algum dia eu beijaria sua mão e diria: “Você foi muito boa comigo, sempre me lembrarei de você com carinho e gratidão. Adeus”.

— Bem, você poderia ter dito isso. Seria melhor do que esta conversa agora. Nunca pensei que me colocaria em tal situação.

Um sentimento feio o dominou.

— Você sabia perfeitamente bem no que estava entrando. Qualquer mulher saberia.

Angela podia apenas encará-lo, as palavras dele ecoando em seus ouvidos: “Você sabia perfeitamente bem no que estava entrando”.

A frase tinha a qualidade de um eco cósmico; talvez os homens tenham dito isso às mulheres desde o início dos tempos. Sem dúvida, seu equivalente bíblico foram as últimas palavras proferidas por Abraão a Agar antes que ela partisse para o deserto.

Capítulo 5

Depois que Roger a deixou, Angela ficou olhando para as sombras escuras da sala. Por muito tempo, ela soube que o fim era iminente; ficou curiosa para ver como isso aconteceria, mas nunca lhe passou pela cabeça que viria com palavras ásperas e com vulgaridade. A partida de Roger — ela fechou e abriu a mão — não significava nada; ela nunca o tinha amado, nunca sentido por ele um décimo da devoção que sua mãe tinha por seu pai, do afeto espontâneo que Virgínia tinha oferecido a Matthew Henson. Mesmo nessas últimas semanas, quando havia se esforçado conscientemente para mostrar-lhe toda a bondade e atenção possíveis, ela o fizera para a preservação egoísta de seus ideais. Agora Angela recordava aqueles primeiros dias de deleite, quando as emoções dele e as dela se encontraram; quando sonhou que só ela, entre todas as pessoas do mundo, estava isenta da lei comum. Como, ela se perguntou inutilmente, poderia ter se permitido ser persuadida a mexer nos sagrados mistérios da vida? Se Angela tivesse na mão a chave de ouro — o amor! Mas deixar de lado as leis fundamentais da civilização pela paixão, pela teimosia obstinada da juventude e fazer com que isso acabe assim, monotonamente, vulgarmente, quase em uma briga! Como ela poderia suportar a si mesma? Como poderia suportar Roger e suas promessas de estima e preciosas memórias?

Por um momento, Angela o odiou por suas belas palavras e frases, odiou-o por tê-la enganado. Não importa o que ela dissesse, como agira, ele deveria tê-la deixado ir. Melhor uma ferida em sua paixão do que esse terrível corte em sua segurança, essa dor no âmago.

— Deus! — ela disse, furiosa em seu minúsculo apartamento como um tigre em um zoológico se enfurece em sua jaula. — Deus, onde começa a responsabilidade do homem para com a mulher?

Mas Angela havia adquirido o hábito de ordenar sua vida, de abrir seu próprio caminho, de remover as dificuldades que a cercavam, e não podia se deixar abater, totalmente prostrada pelo que havia acontecido com ela. Roger, seu companheiro, havia partido; ela tinha sido apanhada em um caso indesculpável e desnecessário sem o pretexto do amor. Graças a Deus, ela não tirou nada de Roger; não se vendeu, apenas se entregou de forma tola, indigna. Por mais perturbada e atormentada que estivesse sua mente, não poderia se demorar muito na perda de um amante. Havia outros problemas a serem considerados; pois a saída de Roger significou o desaparecimento da última esperança de um casamento bem-sucedido, que outrora ela tanto desejara. E mesmo que Angela não tivesse considerado isso ativamente por algum tempo, ainda como uma possibilidade remota, ele proporcionava uma sensação de segurança. Agora aquela miragem fora dissipada; ela fora trazida de volta à realidade com um choque repentino. Não era mais suficiente planejar como poderia ganhar para um meio de existência agradável e feliz, ela deveria estar na *qui vive* para manter a própria existência. Nova York tinha engolido seus três mil dólares; parte do dinheiro que Virgínia lhe dera também fora dissipado. Menos de mil dólares se interpunham entre ela e a penúria absoluta. Ela não podia imaginar se voltar para Gínia; a vida que parecia tão promissora, tão dourada, falhou em fornecer-lhe um único amigo a quem ela pudesse recorrer em uma hora extrema.

Pensamentos como esses a deixavam em pânico, gelada de medo. O espectro de uma possível necessidade inundou seus sonhos, assombrou suas horas de vigília, afastou a vergonha devastadora de seu caso com Roger para substituí-lo por medo e apreensão. Em seu desespero, Angela se voltou mais ardentemente do que nunca para a pintura; já era capaz de fazer um trabalho notável no retrato, mas carecia de prestígio; ela era absolutamente desconhecida.

A condição da mente afetou sua aparência; ela começou a arrumar suas roupas, tristemente consciente de que não sabia dizer de onde as outras viriam. Seu rosto perdeu a redondeza, o calor branco de sua pele permaneceu, mas havia sombras violetas sob seus olhos; sua testa exibia linhas fracas; ela estava um pouco

maltrapilha. Aos poucos, a vivacidade triunfante tão característica de Angèle Mory a deixou, ela era como qualquer uma das milhares de outras garotas assustadas e lamentáveis que lotavam Nova York. A Srta. Powell olhou para ela e pensou: *Ela parece infeliz, mas como pode ser quando tem todo o privilégio do mundo só porque é branca?*

Anthony notou seu esmaecimento; ele gostaria de questioná-la, confortá-la, mas no que dizia respeito a Angela, o papel de consolador não era para ele. Apenas o professor, o Sr. Paget adivinhou. Ele tinha visto muitos alunos para não reconhecer os sinais de pobreza, de desastre no amor, de desespero com o tardio florescimento de destreza que havia sido confundida com talento. Uma vez, depois da aula, ele parou Angela e perguntou-lhe se ela conhecia alguém disposto a fornecer esboços para um conhecido jornal de moda.

— Não é um trabalho muito estimulante, mas eles pagam bem e são confiáveis. O último artista ficou com eles por oito anos. Se você conhecer alguém que...

Angela interrompeu:

— Eu. Você acha que eles me aceitariam?

— Posso recomendá-la. Certamente eles a considerariam.

Ele foi muito gentil; tomou todas as providências necessárias. A firma recebeu Angela com alegria, oferecendo-lhe um salário justo por um trabalho um pouco enfadonho. Mas abriu possibilidades; havia novas pessoas a serem conhecidas; talvez ela fizesse novos amigos, formasse laços que pudessem ser duradouros.

— Oh — ela disse a si mesma, esperançosa. — A vida é maravilhosa! Está me dando uma nova chance de recomeçar. Sou jovem, e agora, sofisticada; o mundo é enorme, em algum lugar há felicidade e paz para mim. Vou encontrá-lo.

Mas sua esperança, seu otimismo, foram um pouco forçados, sua soberba autoconfiança visivelmente diminuída. O brilho que antes banhava cada momento de sua existência estava se desvanecendo suave e inexoravelmente sob a luz da rotina.

Parte 4 : De volta ao lar

Capítulo 1

Nova York, ao que parecia, tinha duas faces. Poderia oferecer um aspecto radiante com promessas ou um semblante abatido e ameaçador. Com suas possibilidades lisonjeiras, poderia elevar alguém ao sétimo céu ou enviá-lo às profundezas do inferno com suas negações esmagadoras. E solidão! A solidão oferecida pela grande e barulhenta cidade nunca poderia ser imaginada. Para saber, seria necessário experimentá-la.

Ao voltar do trabalho, Angela costumava estudar as pessoas nos trens, tentando adivinhar a causa que havia gravado uma determinada expressão em seus rostos, principalmente nos rostos das moças. Ela escolheu para si quatro tipos: o feliz, o indiferente, o preocupado e o solitário. Sem dúvida, sua classificação era imperfeita, mas ela nunca falhava — pensou — em reconhecer os sinais de solidão: um vazio de expressão, uma indiferença e um desespero penetrante. Ela se lembrou das pessoas na Union Square que espiara com tanta alegria quando viera para Nova York. Pensava neles como sendo a escória social, meros preguiçosos, inúteis. Não havia ocorrido a ela que o principal problema deles poderia ser a solidão.

O escritório ficava na 23rd Street e, muitas vezes, ao meio-dia, ela descia até a praça sombria e olhava novamente para as figuras esparramadas, meio reclinadas e abatidas. E entre eles e ela, Angela foi capaz de detectar uma conexão terrível. Ela ainda carregava seu caderno, sentava-se e fazia esboços, observando-os e anotando uma linha de vez em quando, quando aqueles olhos vagos e fixos não encontravam os dela.

Antes não teria se importado se eles a descobrissem olhando; ela teria dito com um encolher de ombros:

— Oh, eles não se importam, estão longe demais para isso.

Mas desde então sua simpatia e conhecimento aumentaram. Quão ferozmente ela teria se rebelado se alguém de um plano social superior a tivesse tomado como inspiração para um retrato!

À noite, Angela pensava em um quadro feito uma obra-prima. Era verão e as aulas na Cooper Union foram suspensas. Mas ela

pretendia voltar no outono, talvez entraria no concurso de bolsa de estudos e, se fosse bem-sucedida, iria para o exterior. Mas o desejo de vagar não estava mais em ascensão. A perspectiva da Europa não parecia tão atraente agora quanto a de Nova York quando ela morava na Filadélfia. Seria bom ficar parada, enraizada; ter amigos, experiências, memórias.

*

Paulette, triunfante, havia ido com Hudson para a Rússia. Marta e Ladislav estavam passando o verão com o pessoal de Marta em Long Island. Roger caíra no limbo, mas ela não conseguia sentir sua falta; para ela, ele era o símbolo de tudo o que havia de mais fútil em sua existência, não conseguia perdoá-lo e nem a si mesma pelo ano de loucura. Se a experiência — disse a si mesma — tinha acabado, então deveria ser por completo.

Se tivesse se desvanecido em um brilho dourado com uma riqueza de memórias, a promessa de uma amizade poderia ser pensada; mas, como as coisas aconteceram, era uma ofensa, uma grande mancha no escudo de sua meticulosidade.

Angela gostaria que Marta a tivesse convidado para passarem os fins de semana juntas, mas a ideia aparentemente nunca lhe passou pela cabeça.

— Adeus até o outono — ela disse alegremente.

— Sabe, estou muito feliz de ir para casa desta vez. Sempre tenho meu antigo quarto; é como começar a vida de novo. Claro que não desisti de Nova York, mas a vida parece muito mais real e durável lá. Afinal, é onde estão minhas raízes.

Suas raízes! Angela repetiu a expressão para si mesma em um tom que era totalmente invejoso. Como é maravilhoso voltar para os pais, parentes, amigos com quem nunca se perdeu o contato. A paz, a segurança, a camaradagem! Esse foi um relacionamento que ela abandonou com todos, até mesmo com Gínia. E quanto a seus outros conhecidos na Filadélfia, Henson, Butler, Kate e Agnes Hallowell... ela saíra de suas vidas tão completamente, tão casualmente, que seria impossível reestabelecer as coisas, mesmo que quisesse.

Virgínia, sem fazer esforço, parecia tomada, quase emocionada por amizades, intimidades agradáveis, mil interesses encantadores. Ela e Sara Penton, outra professora, haviam alugado um apartamento de três cômodos no último andar de uma casa na 139th Street, na “Striver’s Row”, a fileira dos lutadores, explicou Gínia. Merecido ou não o apelido, Angela achou que valeria a pena morar naquele belo quarteirão, com suas calçadas arborizadas, casas espaçosas, vizinhança graciosa. Um médico e sua esposa ocupavam os dois primeiros andares; eram pessoas idosas e bastante solitárias, pois seus dois filhos haviam se casado e ido para outras cidades. Eles praticamente adotaram Virgínia e Sara; cuidando delas quando estavam resfriadas, aconselhando-as com indulgência sobre seus visitantes. A Sra. Bradley, a esposa do médico, ocasionalmente passava vestidos para elas; em dias de tempestade, o médico as levava em seu carro até a Escola Pública 89, onde as duas lecionavam.

As duas meninas estavam cheias de intimidades, alegres reminiscências, planos comuns como se tivessem vivido juntas por anos. Segredos, apelidos, alusões enchiam a atmosfera. Angela ficou enjoada com as frases: — Claro que você não entende isso; é apenas um disparate e demoraria muito para explicar. Além disso, você não conheceria nenhuma das pessoas.

Mesmo assim, por mais indesejável que fosse a expressão, ela não a ouvia com frequência, pois Gínia não incentivava suas visitas ao apartamento tanto quanto à pensão.

— Sara vai achar estranho se você vier com muita frequência.

— Podemos contar a ela — Angela respondeu. — Pedir que mantenha isso em segredo.

Mas Gínia opinou friamente que isso nunca funcionaria; era ruim confiar segredos às pessoas.

— Se você não pode manter o segredo, por que as outras pessoas deveriam? — ela perguntou sabiamente. Sua atitude não mostrava malícia, apenas a aceitação total da posição que a irmã havia adotado anos atrás.

Em seus aposentos isolados no Village, sob o calor do verão, despida e desprovida de seu glamour, Angela refletia longa e frequentemente sobre seu atual modo de vida. Sua vida, ela tinha certeza, não poderia continuar indefinidamente como agora. Ainda que ela mesma não fizesse nenhum esforço, era improvável que a solidão pudesse persistir. Gínia, Angela astutamente suspeitou, soube dessa condição horrível quando ela, a irmã mais velha, a deixou tão implacavelmente para sair e brincar de aventura. Essa solidão e seu infeliz caso com Henson sem dúvida foram demais, e Gínia deliberadamente procurou mudança e distração em outro lugar. Havia camadas sobre camadas de força em Gínia e tantos propósitos e recursos quanto fosse necessário. Agora ela estava estabelecida em Nova York com amigos, emprego, segurança, levando uma vida totalmente aberta, sem segredos, sem subterfúgios, sem objetivos a serem alcançados por caminhos tortuosos.

Gínia mudou de vida e teve sucesso. Angela havia mudado a dela e encontrado dor e infelicidade. Onde estava a culpa? Não, certamente, em sua determinação de passar de uma raça para outra. Seu bom senso natural assegurou-lhe que teria sido tolice continuar vivendo como viveu na Filadélfia, constantemente, sem culpa própria, sendo colocada em posições impossíveis, sendo eternamente acusada e perseguida por não ter conseguido ser ela mesma, perdendo velhas amizades, receosa de conseguir novas. Não, a culpa não estava lá. Talvez estivesse em sua atitude para com os amigos. Ela tinha sido friamente deliberada ao usá-los? Certamente Angela planejou utilizar sua conexão com Roger, mas neste ponto não teve escrúpulos; ele havia sido pago integralmente por quaisquer vantagens que ela pretendia ganhar. Angela nem sempre foi gentil com a Srta. Powell, *mas*, murmurou para si mesma, *sempre fui tão gentil com ela quanto ousei ser nas circunstâncias e muito, muito mais atenciosa do que qualquer um dos outros*. Quanto a Anthony, Paulette e Marta, sua posição era clara. Ela ficou impressionada neste ponto ao perceber que durante sua estada de quase três anos, essas foram as únicas pessoas a quem poderia aplicar o termo *amigos*. Destes, Roger desistiu; a Srta. Powell se negou; Paulette foi para a Rússia. Restavam apenas

Marta e Anthony. Marta estava intensamente interessada na conduta de sua própria vida em relação a Ladislav para ser uma amiga, uma amiga íntima, formidável e satisfatória, como Sara Penton parecia ser para Virgínia. Restava então apenas Anthony e sua nova conhecida, Rachel Salting.

*

Ela começou então, em sua solidão, a se aproximar de Rachel, buscando nada mais do que aquelas intimidades quase fraternas que surgem entre mulheres solitárias isoladas em suas casas nas grandes cidades e de todos os recursos naturais que tanto acrescentam à beleza e graciosidade da juventude feminina.

Se eu conseguir algo desta amizade que me beneficie, Angela pensou, acontecerá porque tem que acontecer, mas entrarei nisso com mãos limpas e coração puro — simplesmente porque gosto de Rachel.

Depois da febre e do aborrecimento da convivência com Roger, da ligeira maldade que acompanhava Paulette, da qualidade didática à espreita na casa de Marta, era encantador, até delicioso fazer amizade com aquela moça simples, inteligente e entusiasmada. Rachel, apesar de todos os seus dotes naturais, seu vasto conhecimento e seus muitos contatos, tinha a sinceridade e simplicidade absoluta de uma criança; às vezes Angela se sentia bastante sofisticada, até blasé ao lado dela. Mas na realidade eram duas crianças juntas. O breve episódio de Angela com Roger não deixou vestígios de sua natureza moral; ela estava agora tomada pela vergonha de sua indignidade; mas, além disso, não sofria. Sua soma total de conhecimento da vida havia aumentado; via os homens com um olhar diferente, era capaz de diferenciar as atitudes subjacentes às gentilezas da meia dúzia de jovens em seu escritório; ouvindo, rindo, pesando todas as suas atenções, não aceitando nenhuma. Na verdade, Angela havia perdido em certa medida o gosto pelo tipo de flerte atual. Poderia se casar algum dia, mas tudo isso ainda estava em um futuro sombrio. Enquanto isso, o presente dizia *olá*; materialmente ela estava mais uma vez segura,

sua ambição ardente foi acalmada; ela tinha uma amiga. Era bom deixar o tempo passar um pouco.

As duas passavam as noites juntas. O noivo de Rachel, John Adams, era um vendedor ambulante e quase sempre estava fora da cidade. Quando ele estava em casa, Angela tinha o cuidado de ter um compromisso, embora Rachel lhe assegurasse, rindo e brilhando, que os dois já estavam tão acostumados um com o outro que uma terceira pessoa não precisava se sentir excluída. Ocasionalmente, os três iam durante as noites quentes de verão para Coney Island ou Far Rockaway. Mas esse passeio era mais uma provação do que uma viagem de prazer; tão lotados estavam os carros com a humanidade indefesa, tão lotadas as praias, tão apavorante a viagem de volta para casa. Felizmente, Angela ficou cara a cara um dia com Ralph Ashley, o ex-amigo de Carlotta. Desanimado, solitário, distraído, ele pediu a Angela ansiosamente que permitisse que ele ligasse de vez em quando. Ele parecia um jovem bastante estudioso e sério, que não havia conseguido descobrir as possibilidades de seus recursos interiores. Sem um conhecido ou um livro, ele estava desamparado. A autoconfiança e a inteligência de Angela pareciam oferecer um porto temporário. Aparentemente, com Carlotta fora da cidade, ele estava perdido. Por algum motivo, ele foi aceito no pequeno grupo e como ele possuía um carro que estava disposto e ansioso para compartilhar, o acordo era muito adequado.

*

Foram dias agradáveis. Muito tempo depois, Angela lembrou-se deles como um dos mais felizes que havia passado em Nova York. Em particular, gostava das horas em que ela e Rachel ficavam juntas, ocupadas com assuntos domésticos e familiares.

Elas se aconselhavam sobre moda; Angela experimentou novas receitas. No final da noite, ela trabalhava nos esboços enquanto Rachel, sentada de lado na cadeira grande, com as pernas balançando confortavelmente sobre o braço, fazia comentários e sugestões.

Rachel tinha feito cursos de arte e, numa viagem à França e à Itália, aos dezoito anos, visitou o Louvre, as Galerias Pitti e Uffizi. Tudo isso fornecia certa firmeza e autoridade às críticas que ela fazia para a evolução de sua amiga; seus comentários raramente produziram qualquer efeito em Angela, mas ambas sentiam que o conhecimento de Rachel dava um certo efeito de atmosfera artística.

Normalmente, a conversa de Rachel era sobre John e seu casamento se aproximando. Muitos anos depois, Angela poderia ter citado todos os detalhes daquele cortejo simples, quase selvagem, a consciência crescente dos dois amantes, seus medos e esperanças mútuos, seus questionamentos, garantias e seu noivado feliz. Ela sabia até o que John ganhava a cada semana, quanto ele investia, a quantia que a parcimoniosa Rachel achava que deveria ter antes que eles pudessem se casar. Antes, essa conversa, tão invariável, tão persistente, a teria entediado, mas ela era mais simpática naqueles dias; às vezes se pegava fazendo sugestões, guardando os recortes de dicas para donas de casa recolhidos dos jornais, propondo decorações para o interior de uma das casinhas feias nas quais Rachel inexplicavelmente colocara seu coração. Ela era um pouco mais velha que a amiga, tinha experiência em cuidar da casa e fazer compras com a mãe naqueles dias longínquos; arriscava-se ocasionalmente a aconselhar Rachel em suas compras raras, como se esta fosse sua própria irmã, em vez de uma conhecida casual que conhecia há menos de um ano.

Era uma existência plácida, quase ideal. Apenas um fio de preocupação percorria sua superfície, o pensamento de que Rachel e John logo se casariam e novamente Angela seria deixada em busca de um novo amigo. Com uma delas no Bronx e a outra em Greenwich Village, a comunicação frequente seria fisicamente impossível. Mas, de forma curiosa, sempre que Angela lamentava isso para a amiga, uma profunda tristeza descia sobre Rachel, que comentava sombriamente: — Há tempo suficiente para nos preocuparmos com isso; afinal de contas, pode ser que o casamento não aconteça. Nunca se sabe.

Isso era muito enigmático para Angela e, por fim, ela começou a ver o comentário como uma brincadeira, um tanto sem graça, mas ainda assim uma brincadeira.

Capítulo 2

No meio dessa serenidade, um raio caiu do céu. Rachel, que era bibliotecária, recebeu a proposta de ser bibliotecária chefe em um subúrbio distante do Brooklyn. Além disso, uma mulher rica de Butte, Montana, desejando ficar em Nova York por alguns meses e se apegando à sujeira da Jayne Street e aos inconvenientes do apartamento de Rachel, descobriu que precisava morar lá e não em outro lugar. Nenhum outro local em toda a grande cidade serviria; ela estava disposta a pagar o que fosse. A contragosto, Rachel disse um preço que secretamente considerou caríssimo, mas nada disso importava para a Sra. Denver, que estava acostumada a pagar pelo que queria. E Rachel não podia recusar, pois ambas as ofertas significavam um aumento substancial na reserva que mobiliaria a casinha marrom no Bronx. Na realidade, significava para ela uma sorte extraordinária e inesperada, cuja única falha consistia na separação forçada de sua nova amiga. Mas para Angela isso trouxe o horror de uma catástrofe, embora nem por um momento ela deixasse suspeitar de seu profundo desânimo. Depois de sua primeira exclamação involuntária de consternação, ela nunca vacilou em sua concordância total com o plano. Mas, no fundo, estava doente.

A mudança repentina exigiu muito trabalho e agitação. Rachel era tão desorganizada quanto Angela era organizada; tudo o que ela possuía tinha que ser coletado separadamente; não havia pilhas de roupas cuidadosamente dobradas para serem colocadas em baús abertos. Para começar, os próprios baús estavam cheios de itens duvidosos que precisavam ser classificados, doados ou até jogados fora. Não havia como abandonar o que sobrasse, pois o apartamento devia ser deixado habitável para a Sra. Denver.

Um pesadelo de empacotamento febril se seguiu; refeições apressadas, limpeza geral da casa. A fim de amenizar o aperto no coração, Angela mergulhou nas tarefas com grande esmero. Mas à noite, por mais cansada que estivesse com as atividades extras do dia, ela não conseguia lutar contra o desânimo doentio que a inundava em grandes ondas. Parecia que não poderia mais suportar

a solidão; ela nunca poderia reunir forças para procurar novos amigos, para estabelecer novas intimidades. Angela tinha vinte e seis anos e o fato de ainda ser solitária a horrorizou. Talvez alguma maldição, como a que se lê nas lendas medievais, tivesse caído sobre ela.

Talvez eu não esteja destinada a ter amigos, ela disse a si mesma deitada de bruços nos travesseiros nas noites sufocantes de junho. E uma grande nostalgia por algo real e permanente se apoderou dela; ela gostaria de ser muito, muito jovem, segura e satisfeita na proteção da casa de seu pai ou, se isso não fosse possível, que fosse muito, muito velha.

*

Uma natureza tão forte e autoconfiante como a dela não poderia permanecer submersa por muito tempo; Angela tinha visto muitos começos ruins se converterem em finais bons. Um de seus dotes naturais mais valiosos residia em sua habilidade de se ver e de ver as dificuldades objetivamente diante de seus próprios olhos; dessa forma, ela havia resolvido mais de um problema. Na longa viagem de metrô de volta do Brooklyn, para onde acompanhara Rachel na noite da partida, ela decidiu seguir seu curso. Naquela mesma noite, felizmente, o terrível calor havia diminuído. Uma pequena brisa entrou pelas janelas abertas, movendo as cortinas brancas, até agitando alguns papéis sobre a mesa. Sobriamente, Angela começou a preparar o jantar. Pensou em correr até o antigo apartamento de Rachel e oferecer um pouco de hospitalidade à Sra. Denver. Mesmo que a nova inquilina rica não aceitasse, ela ficaria satisfeita, sem dúvida; mais cedo ou mais tarde estaria oferecendo uma retribuição de cortesias e uma nova amizade surgiria. Novamente, haveria possibilidades. Mas algo em Angela se rebelou contra tal procedimento; essas intimidades baseadas no alicerce deslizante do acaso a enojavam; ela não se prestaria a elas, nunca mais.

A partir desse dia, Angela se dedicou a estabelecer permanências.

Terminada a ceia, os pratos retirados, ela se sentou e se preparou para pensar. Ligações eram improváveis; na verdade, não havia ninguém para quem ligar, já que Ralph estava fora da cidade no fim de semana, mas a emoção desse fato a deixou impassível. Naquela noite ela cortejou a solidão.

Uma observação que a mãe costumava fazer não parava de passar por sua mente:

— Ficamos tão preocupados com o problema que é viver apenas com a própria vida, querida, que aos poucos ser negro ou não é apenas uma coisa a mais ou a menos que você tem que enfrentar.

Já fazia muito tempo que Angela não pensava em raça; outrora parecia complicar imensamente sua vida, agora parecia ter pouca importância. Mas seus pensamentos contornaram o assunto com cautela, pois ela sabia quão imensamente difícil uma vida poderia ser por causa da cor.

Mas isso ficaria em segundo plano; agora, definir uma forma de viver era o objetivo; Angela precisava definir o que queria. Companheirismo era sua principal exigência. E para isso ela estava disposta a fazer sacrifícios, abandonar, se necessário, sua querida independência, levar uma vida dupla, mover-se entre dois pares de conhecidos. Desistira da solidão, mesmo que fosse esse o caminho que a levaria à realização de uma vasta ambição, à realização das mais elevadas esperanças.

Pois bem no fundo de seu coração Angela percebeu o desejo de estar mais uma vez com Virgínia, sua irmã mais nova, de quem nunca deveria ter se afastado. Virgínia, é verdade, não demonstrou nenhum desejo especial por Angela; na verdade, ela mal parecia saber de sua existência; mas essa atitude poderia ser forçada. Angela pensou: *Eu não a queria, a minha querida, e então ela se obrigou a me tirar da vida dela.* Angela estava bem ciente da coragem, da indomabilidade que havia por trás da aparência infantil de Gínia, mas havia uma camada ainda mais profunda de ternura, amor e lealdade que era a verdadeira Virgínia.

Angela faria seu apelo; reconheceria sua tolice, seu egoísmo; abriria seu coração e imploraria pelo perdão de sua irmã. E então viveriam juntas, Gínia, ela e Sara Penton, se necessário; que

divertido seria tudo para Sara! E mais uma vez ela conheceria a bem-aventurança e felicidade de um lar; as estabilidades de amizades escolhidas a dedo de uma determinada classe de pessoas, não amizades resultantes do mero acaso. Haveria manhãs e seus cafés abençoados, longas caminhadas; lindas noites de outono cheias de memórias tiradas desses dias de separação. Como Virgínia ficaria surpresa com as histórias de Paulette e Marta! Angela nunca mencionaria Roger. E quanto à raça, quando parecesse melhor ser negra, ela seria negra; quando fosse melhor ser branca, ela seria branca. O principal era que conheceria mais uma vez as alegrias da vida normal, de um lar; companheirismo, lealdade, segurança... a felicidade de possuir e ser possuída.

E pensar que tudo era possível e esperava por ela; era apenas questão de algumas horas, alguns quilômetros. Uma grande sensação de paz, de exaltação desceu sobre Angela. Ela quase disse: — Me levantarei e irei até meu pai.

*

Assim, no domingo, Angela se dirigiu ao apartamento da irmã na 139th Street. A Srta. Penton, ela pensou, estaria fora; ela havia ouvido, pela conversa das meninas, muitas evidências do grande carinho que Sara adquirira pela igreja, superado apenas por seu interesse pelo coral. Esse interesse foi encorajado por um membro do coral que ocasionalmente caminhava para casa com Sara a fim de discutir a arte da música. Virgínia não ia mais à igreja; domingo havia se tornado seu dia de coleta, o único dia da semana que ela devotava à sua correspondência, suas roupas e a esses misteriosos ritos de embelezamento e revitalização, como o repouso de sua saúde primorosa e exuberante. Esta seria a primeira vez em muitos meses que as irmãs estariam sozinhas juntas e foi com grande esperança que Angela, subindo os degraus de pedra marrom, tocou a campainha e perguntou por Virgínia.

A irmã dela estava, mas Sara também, e uma terceira garota, a Srta. Louise Andrews. A sala estava repleta das brincadeiras, das risadas e da leveza que pertencem à atmosfera da juventude ou à um ambiente de extrema felicidade. No meio da sala havia uma

grande mala escancarada, perto de onde Gínia ergueu um rosto sorridente e radiante. Angela quase se assustou com o êxtase brilhante que irradiava dele. Sara Penton estava envolvida de forma bastante negligente em dobrar roupas; a Srta. Andrews empoleirou-se com magnífica facilidade no sofá-cama, tocou ocasionalmente uma melodia de um ukelele e emitiu comandos que ninguém ouviu.

— Olá — disse Virgínia, despreocupada. — Pode entrar. Eu estava pensando em te escrever.

— Ah. — As esperanças de Angela vibraram e pereceram. — Você não vai embora, vai? — E seu coração ecoou o velho lamento de Gínia. — E me deixar quando estou pronta para voltar para seus braços, quando preciso tanto de você!

Mas é claro que Virgínia não sabia disso.

— Não para um lugar desconhecido — disse Gínia. — Esta tarde estou indo para a Filadélfia, para Merion, ficar com Edna Brown.

Angela estava horrorizada.

— Eu queria falar com você sobre algo muito importante, Virgínia, pelo menos — ela adicionou humildemente — importante para mim.

Com impaciência, ela olhou para as moças, esperando que elas entendessem e se retirassem, mas elas não a escutaram, pois estavam ocupadas discutindo os méritos de roupas esportivas de uma e duas peças.

Gínia foi gentil, mas não estava curiosa.

— A não ser que tenha algo a ver com a salvação da sua alma, receio que terá que esperar um pouco — disse alegremente. — Pegarei o trem das duas horas e devo terminar de arrumar esta mala; Sara não consegue dobrar bem, eu não a deixaria com essa função. Do jeito que é, ela teria que me enviar a mala depois. Não é, querida? — O pedido de Angela foi esquecido. — Depois que eu terminar aqui — a voz alegre continuou —, tenho que fazer algumas ligações e, ah, várias outras coisas.

— Eu posso te ajudar — disse Angela, de repente inspirada. — Então chamaremos um táxi e poderemos ir para a estação juntas e conversar, e então explicarei as coisas.

Virgínia não estava prestando atenção.

— A Srta. Mory quer me acompanhar até a estação — ela disse, lançando um olhar divertido às amigas. — Devo deixá-la ir comigo? — Gínia desapareceu dentro do quarto, Louise Andrews atrás delas, ambas sufocadas pelo riso de algum segredo.

Cortada e humilhada, Angela ficou em silêncio. Sara Penton estivera procurando algumas peças e viu a expressão dela.

— Não ligue para a doideira dela. Ela não é responsável. — Sara se aproximou. — Pelo amor de Deus, não deixe escapar que fui eu quem te contei: ela está noiva.

Isso era novidade.

— Noiva? De quem?

— Ah, alguém por quem ela sempre foi louca. — Então a inevitável frase: — Você não saberia quem é.

Não saber quem ele era, não conhecer Matthew! Angela começou a dizer: “Pois o conheço bem antes de Virgínia”, mas se lembrou de seu papel, estúpido e bobo agora, e se interrompeu.

— Então veja — Sara continuou misteriosamente, de olho no quarto —, você não deve insistir em ir à estação com ela; ele vai levá-la.

— Ele está aqui?

— Chegou ontem. Estamos a manhã toda tentando nos intrometer. Esse é o motivo pelo qual ela falou desse jeito sobre você acompanhá-la. Ela nos contou, mas provavelmente não confia em você para isso.

— Provavelmente não — disse Angela, o coração frio. Sua irmãzinha estava noiva, e uma estranha eram quem lhe contava. Era tudo o que podia fazer para segurar as lágrimas. *Mas a culpa é sua*, ela se recordou.

As duas garotas voltaram; Virgínia ainda ria, mas debaixo da alegria Angela foi capaz de detectar uma ponta de nervosismo. Afinal de contas, Gínia era uma criança. E ela estava tão feliz que não seria bom estragar essa felicidade com a mais leve melancolia ou desconforto.

— Acho que vou indo.

Virgínia não fez nenhum esforço para detê-la, mas o olhar que dirigiu à irmã foi repentinamente muito doce e amigável.

— Vou descer com você. Sara, seja gentil e separe em pares as melhores meias para mim. Você sabe como sou rigorosa com elas.

No corredor, Gínia pôs um braço impulsivo ao redor da irmã.

— Ah, Angela, estou tão feliz, tão feliz. Vou te escrever sobre isso, você vai ficar tão surpresa.

Surpreendentemente, ela deu à irmã um forte abraço e a beijou de novo e de novo.

— Oh — disse Angela, as lágrimas transbordando dos olhos.

— Oh, Gínia, me perdoe, me perdoe, por favor? Sinto muito sobre tudo isso. Fui maldosa por muito tempo. Pensei que tivesse te perdido, Virgínia.

— Eu sei — disse Gínia. — Sou uma megera sem coração.

— Ela deu uma risadinha por entre suas próprias lágrimas e as limpou com as costas de sua mãozinha marrom. — Eu estava apenas te testando, eu sabia que você se cansaria do povo da Srta. Anne e voltaria para mim. Oh, Angela, quis tanto isso. Mas está tudo bem agora. Estarei fora por dez semanas, e então conversaremos! Tenho os planos mais maravilhosos para nós — para todos nós. — Gínia parecia uma criança sábia. — Você receberá uma carta minha nos próximos dias contando tudo. Angela, estou tão feliz, mas preciso ir. Adeus, querida.

Por um momento, elas se abraçaram na profundidade fresca e mal iluminada do amplo corredor.

*

Angela poderia ter dançado na rua. Assim, ela desceu alegremente a 7th Avenue até a 110th Street e entrou no parque. Gínia a perdoara. Gínia ansiava por ela, precisava dela; ela sempre soube que Angela estava sofrendo e a puniu deliberadamente. Bem, ela estava certa, tudo estava certo neste dia glorioso e memorável. Angela teria uma irmã novamente, alguém dos seus, ela conheceria a alegria de compartilhar seus pequenos triunfos, suas mesquinhas desgraças. Gínia tão esperta, Gínia maravilhosa! E Gínia linda também, ela pensou. Quão adorável, quão delicada, quão fresca e

inocente sua irmã parecia. Isso trouxe sua mente para Matthew e a grande sorte dele.

Eu gostaria de vê-lo novamente, Angela meditou, sorrindo maliciosamente. *Sem dúvida ele se esqueceu de mim. Seria muito divertido fazê-lo lembrar.* Só que, é claro, agora ele era de Gínia e ela nunca ficaria no caminho dele *Nem mesmo se ele fosse alguém que eu realmente quisesse com todo meu coração e alma. Mas eu nunca iria querer Matthew.* Seria divertido, ela pensou, vê-lo novamente. Ele seria um bom irmão, tão forte, gentil e confiável. Ela deveria cuidar para nunca reacender aquela admiração de sua juventude.

Sorrindo e feliz, Angela chegou em casa; na verdade, pulou escada acima até seus aposentos. Seu apartamento não parecia mais solitário; não era lindo e brilhante como o de Gínia, mas era confortável e delicado. Seria divertido ter Virgínia e Sara abaixo; sim, e aquela garota nova, a Srta. Andrews. Ela não se importava com o que as outras pessoas na casa pensavam. E as próprias meninas, como ficariam surpresas ao saber como estava a situação! Lembrando-se de repente da Sra. Denver, Angela correu para vê-la; aquela senhora, apesar de sua riqueza e recursos, estava visivelmente solitária. Angela animou-a com relatos alegres de seus primeiros dias em Nova York; ela também se sentira solitária, assegurou à desanimada anfitriã, que era brilhante e fascinante.

— Não sei como alguém com a sua disposição poderia ficar solitária — disse a Sra. Denver, com inveja. Ela esteve à beira de derramar lágrimas o dia todo.

Toda a terrível melancolia fora embora, assim como a tristeza que pairava sobre ela como uma nuvem palpável. Angela era jovem, fascinante; ela seria feliz novamente. Novamente! Ela prendeu a respiração. Oh, Deus era bom! Esse sentimento de leveza, de exaltação, era desconhecido para ela há tanto tempo; desde os dias em que começara a andar com Roger não se sentia tão livre, como um pássaro. À noite, Ralph Ashley veio com seu carro e dirigiu até a metade de Long Island, ou assim pareceu. Eles pararam em um lindo hotel e tiveram um jantar maravilhoso. Ralph foi arrebatado pela vitalidade alegre de Angela.

Na porta da casa de Jayne Street, ela deu-lhe a mão e um sorriso encantador.

— Você não imagina o quanto me diverti. Sempre me lembrarei desta noite. — E ela foi sincera, pois logo tudo isso seria coisa do passado.

— Você é uma bruxa — disse Ralph, a voz tremendo um pouco. — Você pode ter tudo o que quiser, e sabe disso. Seja gentil comigo, Angèle. Não sou um cara ruim.

Assustada, ela o empurrou, correu para dentro e bateu a porta. Não, não, não, seu coração batia forte. Roger a havia ensinado uma terrível lição. Logo ela estaria com Gínia e Matthew, segura e protegida.

Capítulo 3

No meio da noite, Angela se viu sentada na cama. Havia adormecido um momento antes, mas um pensamento repentino invadiu sua consciência com tanta força que o efeito foi o de uma mão gelada pousada repentinamente em seu ombro. Gínia e Matthew se casariam — isso significava, é claro que significava, que eles teriam que morar na Filadélfia. Como ela tinha sido estúpida! E não poderia voltar lá nunca, nunca. Não por causa das dificuldades que experimentou quando criança; ela estava perfeitamente disposta a tentar a sorte novamente com pessoas negras em Nova York. Mas isso era diferente; havia injustiças notáveis aqui, também, oh, muitas, muitas delas, mas também havia oportunidades notáveis. Mas a Filadélfia, com suas tradições de liberdade e sua profunda escravidão econômico-social, seu sistema escolar tirânico, seus teatros preconceituosos, sua oferta limitada de empregos! Um grande e abrasador ódio surgiu nela pelo enorme e adormecido leviatã de uma cidade que mal havia movido um músculo nos últimos cinquenta anos. Seus hábitos eram tão ocultos que um insulto deliberado podia ser oferecido aos negros sem causar a menor onda de condenação ou mesmo consternação. Virgínia, em um de seus momentos de sinceridade, contou-lhe sobre uma carta recebida de Agnes Hallowell, agora formada pelo Women's Medical College. Agnes era tão bela quanto Angela, mas falava com franqueza, mesmo com orgulho, de suas conexões raciais.

— Eu não tinha nada do que me envergonhar — Angela podia imaginá-la dizendo, suas bochechas corando, seus olhos negros estalando. Em sua formatura, ela se candidatou a um estágio em um grande hospício; uma posição muito desejada por graduados em medicina por causa da rotatividade incomum de casos patológicos. Mas o homem encarregado de tais nomeações, olhando bem nos olhos de Agnes, disse-lhe suavemente que tal cargo nunca seria dado a ela “nem mesmo se você estivesse à frente de mil candidatos brancos”.

Quanto a Angela, aqui estava o velho problema da possível solidão de volta a atormentá-la. Virgínia, era verdade, dificilmente se

casaria de uma vez, talvez passassem alguns meses felizes juntos. Mas depois... Ela ficou deitada ali, bem acordada agora, muito quieta, muito reta em sua cama estreita, observando a escuridão espessa ficar mais fina, menos opaca. E, de repente, como em uma ocasião anterior, ela pensou em casamento. Bem, por que não? Angela havia pensado nisso antes como uma fonte de alívio da pobreza, como uma barreira final entre ela e os lobos do preconceito; por que não agora para evitar a solidão?

Devo olhar ao meu redor, seus pensamentos aceleraram, e ela corou e sorriu na escuridão com a frieza de tal ideia. Mas, afinal, foi isso que os homens disseram e fizeram. Quantas vezes ela já tinha ouvido a expressão “ele está pronto para sossegar, então está procurando por uma esposa”? Se esse era o procedimento dos homens, certamente deveria ser muito mais o das mulheres, uma vez que seu destino era muito mais instável. A sala estava ficando mais clara; ela podia ver as imagens — um borrão mais profundo contra o borrão fraco da parede. Sua vergonha passageira de repente se dissipou, pois, afinal, ela não conhecia praticamente nenhum homem. Havia Ralph, mas estava farta de homens como ele. Os homens em seu escritório eram quase impossíveis, mas havia três, ela disse a si mesma, friamente, sem entusiasmo, que não eram assim tão terríveis.

— Mas não — disse ela em voz alta. — Prefiro ficar solteira e solitária durante toda a minha vida do que me preocupar com um deles. Deve haver outra pessoa.

E imediatamente ela pensou em Anthony Cross. Claro que havia Anthony.

— Eu acredito que sempre o tive em mente — ela falou novamente para o cinza brilhante. E, se virando, adormeceu sorrindo.

*

Segunda-feira era um dia agitado. Cópias deviam ser preparadas para o gravador; as provas da edição atual da revista tinham que ser checadas; algumas importantes gravuras de moda francesa, pelas quais Angela era responsável, haviam desaparecido

temporariamente e deveriam ser refeitas. Às quatro e meia, ela estava livre para tomar chá com a Sra. Denver, que imediatamente a levou para jantar e ver um filme. Só às nove horas ela foi capaz de prosseguir com sua nova linha de pensamento. E mesmo quando tinha liberdade para se entregar ao hábito da introspecção, percebeu que sentia uma certa relutância, uma timidez inesperada. Tempo era necessário para meditar sobre este segredo, com sua promessa de felicidade; este meio de salvação dos problemas de solidão e fraqueza que a afligiam. Pois desde a partida de Roger, Angela frequentemente se sentia menos segura; seria um alívio ter alguém em quem se apoiar; alguém que ficaria feliz em protegê-la e aconselhá-la, e amá-la! Este último pensamento lhe pareceu maravilhoso. Ela disse a si mesma várias vezes: *Anthony me ama, eu sei disso. Veja só, ele me ama!* Seu rosto e pescoço estavam corados; ela era como uma jovem na véspera de se apaixonar, e, de fato, ela mesma estava entrando nessa experiência pela primeira vez. Desde o início, Angela gostou de Anthony, gostou dele como nunca gostara de Roger — por sua sinceridade, por seu orgulho feroz, por sua pobreza, por seu amor frenético e honesto.

— E agora — disse ela solenemente — acredito que vou amá-lo; acredito que já o amo.

Havia muitas coisas a serem consideradas. A pobreza era uma delas, mas Angela não se importava mais com isso; insensivelmente, sua associação com Rachel Salting, o conhecimento sobre seus planos e a indiferença quanto à pobreza haviam exercido sua influência. Seria divertido, muito divertido, começar do início e manter tudo sob controle. Como Rachel, ela não lavaria nem passaria; se manteria delicada e fresca, mas tudo o mais, tudo o mais ela faria. Cozinhar — e ela sabia cozinhar; precisava agradecer a sua abençoada mãe por isso. Por um momento, se viu de novo em casa na Opal Street, servindo o jantar da segunda-feira, rindo com Virgínia sobre a Sra. Henrietta Jones. Lá estavam eles à mesa, sua linda mãe, seu pai com sua bela face negra — sua face negra, ela havia se esquecido disso.

Cor — aqui o velho problema surgiu novamente. Inquieta, Angela caminhou pela sala, um cigarro fumegante em seus dedos. Raramente fumava, mas, às vezes, um trago insensato dava-lhe

uma sensação de companheirismo. Cor, cor... ela havia esquecido. Agora, o que ela deveria fazer, contar a Anthony?

Ele era espanhol, lembrava ela, ou não — já que viera do Brasil, era provavelmente português, pertencia a uma raça destituída, notoriamente destituída de preconceito contra o sangue negro. Mas Anthony viveu nos Estados Unidos por tempo suficiente para ser infectado; ele já havia falado sobre pessoas negras, o assunto já havia surgido? Espere um minuto, havia a Srta. Powell; Angela se lembrava agora de que a conduta dele para com a jovem mulher negra sempre fora visivelmente correta; ele havia afastado cadeiras para ela, aberto portas, montado cavaletes; uma vez os três saíram juntos da Cooper Union e Anthony ajudou cuidadosamente a Srta. Powell a entrar em um carro, tirando o chapéu com aquele gesto ligeiramente estranho que Angela tanto admirava. E, tanto quanto ela sabia, ele nunca tinha usado nenhuma das cruéis e desprezíveis expressões de Roger; os termos “neguinha”, “macaca” nunca haviam passado por seus lábios. Claramente, ele não tinha nenhum sentimento consciente contra seu povo. *Meu povo*, ela repetiu, sorrindo, e se perguntou a quem se referia, pois pertencia a duas raças, e a uma muito mais visivelmente do que a outra. Ora, Anthony até assistiu à palestra de Van Meier. E Angela se perguntou o que Van Meier diria se ela apresentasse seu problema a ele.

Ele não tinha nenhuma opinião, ela sabia, contra casamentos inter-raciais, embora, por causa da alta penalidade social cobrada, ele não defendesse sua prática na América. Por um momento, Angela considerou ir até ele e pedir seu conselho. Mas temia que ele falasse sobre orgulho racial e não queria pensar nisso. Ela lutava pela vida, pelo direito de viver e ser feliz. E mais uma vez a frase de sua mãe surgiu em sua mente: “A vida é mais importante do que a cor”.

Isso, Angela disse a si mesma, era um presságio, a mãe estava cuidando dela, guiando-a. E, enterrando o rosto nas mãos, ela caiu de joelhos, chorou e orou.

Virgínia enviou uma carta alegre:

Assim que você saiu, aquela maldita da Sara me disse que a havia dado a grande notícia. Se eu soubesse, teria falado com você sobre isso lá no corredor; só que havia tanto a explicar! Mas agora você sabe o principal, e posso esperar até ver você para lhe contar o resto. Mas não é tudo maravilhoso? Angela, acredito que sou quase a garota mais feliz do mundo!

É muito lindo aqui. Edna é muito gentil e você sabe que sempre gostei do interior da Pensilvânia. Matthew sai quase todos os dias. Ele me diz que vir e falar sobre os velhos tempos renova sua juventude — alguém que nos ouça relembrando, começando todas as outras frases com 'você se lembra?' pensaria que temos em média noventa anos cada. Não vai afetar sua vaidade, não é, se eu lhe contar que ele parece ter se recuperado inteiramente de sua antiga paixão por você? Talvez ele apenas estivesse apaixonado pela família e não soubesse disso.

Vamos para a Filadélfia quase todos os dias. A cidade mudou incrivelmente. Mas, depois da correria de Nova York, há algo muito tranquilo e seguro sobre essa organização rígida dos 'velhos da Filadélfia'. No pouco tempo em que estive aqui, encontrei muitas famílias pioneiras, pessoas cujos nomes só sabíamos quando éramos crianças. Mas todos eles parecem se lembrar do pai e da mãe; todos eles começam: 'Minha querida, lembro-me de quando Junius Murray...'. Conheço todas essas pessoas, velhos e jovens, por meio de Matthew, que parece ter se tornado um bom partido aqui e caminha por toda parte. Ele realmente é diferente. Até seu cabelo mudou de uma forma misteriosa. Não que eu tenha me importado; ele é tão legal que eu só gostaria que todas as coisas boas do mundo acontecessem a ele. Estávamos conversando outro dia sobre o casamento, e eu estava pensando que noivo bonito ele será. Querido velho Matt, estou feliz por ter adiado o casamento até que ele pudesse se tornar essa bela figura. Escreva-me, querida, se quiser, mas não espere ouvir muito de mim. Estou tão feliz que não consigo ficar parada por tempo suficiente para escrever. No minuto em que eu voltar para Nova York, conversaremos como nunca conversamos antes.

*

A Sra. Denver estava ficando mais feliz; Nova York estava se redimindo e revelando todas as riquezas que ela suspeitava estarem escondidas em seus armazéns. Por meio de uma carta de apresentação, colocada em suas mãos relutantes por um conhecido oficioso em sua saída de Butte, ela ganhou passe livre no mais gentil e feliz dos vários grupos de Nova York, o grupo de escritores, colunistas, editores e críticos. A senhora do meio-oeste não tinha pretensões literárias, mas gostava de pessoas que as tinham e viviam de acordo com elas; ela se mantinha a par das fofocas literárias, lia a *Vanity Fair*, *The New Yorker* e *Mercury*. Como ela era bastante jovem, delicada, rica, generosa e altruísta, foi aceita e levada para chás, almoços, festas de teatro e churrascos que formavam o lazer daquela multidão alegre. Logo ela estava sobrecarregada, com mais convites do que poderia aceitar. Para os que considerava, sempre expressou sua aceitação nos mesmos termos. “Sim, irei, se puder trazer minha jovem amiga, Angèle Mory, comigo. Ela é uma pintora que todos vocês ficarão felizes em conhecer um dia”. A bondade casual de Angela para com ela em seus dias de solidão e tédio não caiu em solo infértil.

Agora, de fato, Angela estava muito distante da atmosfera que conhecera em Greenwich Village; a leve boemia que ela havia encontrado foi aqui substituída por uma sofisticação um tanto burguesa, mas satisfatória. Essas pessoas viam o Village pelo que realmente era, uma rede de ruas mal delimitadas com, em sua maioria, moradias incômodas, para não dizer inconvenientes, habitadas por um punhado de artistas em meio a mil *poseurs*. Seus novos amigos estavam interessados nos bens deste mundo. Eles achavam o dinheiro um imperativo, o preeminente, concomitante da vida; uma vez obtido, gastavam-no em apartamentos finos, belas vestes, comidas delicadas e viagens a Paris e Viena. A conversa com eles era algo mais do que uma troca de palavras; gracejos e elogios eram comuns e, embora temperados com alusões a peças e livros, de forma que para Angela às vezes era difícil seguir a tendência da conversa, ela suspeitou que estava quase ajudando na restauração de uma arte perdida ali do que em quaisquer outros

círculos do mundo, exceto na correspondente sociedade de Londres.

Mais uma vez, suas horas livres podiam transbordar de atenção, alegria, excitação e intelectualidade; um dia, ocorreu-lhe que aquela era a atmosfera com a qual um dia havia sonhado. Mas Angela não estava muito feliz, sua condição econômica interferia bastante seu modo de vida. Constantemente, recebia todas as manifestações concebíveis de uma generosidade incalculável das mãos não apenas da Sra. Denver, mas de seus novos conhecidos. Entretanto não podia retornar essa generosidade; seu pequeno apartamento tinha ficado muito pobre para que recebesse convidados desse calibre, mesmo para o chá. Sua amiga rica, esquecendo rapidamente os móveis que Rachel Salting abandonara, transformara sua casa em um espaço de luxo e elegância; minúsculo, mas bonito. A Sra. Denver era a manifestação da bondade real e sensível, mas Angela não podia aceitar favores por tempo indefinido; além disso, estava com medo de se acostumar a essa maré constante de abundância sobre a qual não tinha absolutamente nenhum direito. Se houve alguma coisa que as duras experiências dos últimos três anos lhe ensinaram, foi a impermanência dos relacionamentos; ela deveria, Angela sentiu, estabelecer e seguir um método de viver de maneira independente que nunca poderia traí-la quando a atenção dos ricos e grandes acabasse. Gradualmente, parou de aceitar os convites da Sra. Denver; defendeu a necessidade de fazer trabalhos fora de seu emprego; também estava ocupada com o retrato de sua mãe, estimulando sua memória vívida com uma velha fotografia desbotada. A intenção era fazer com que fosse uma surpresa para Virgínia quando esta voltasse.

Mas antes de se retirar completamente, Angela conheceu uma jovem mulher e seu marido, um casal tão talentoso, tão genuíno e sincero que ela foi incapaz de manter ao pé da letra sua promessa espartana de se afastar totalmente deste fascinante corte transversal da Sociedade de Nova York. O marido, Walter Sandburg, era um dramaturgo; seu nome era familiar; o título de um ou outro de seus dramas brilhava na Broadway todas as noites. Sua esposa, Elizabeth, revisava livros para um dos grandes semanários de Nova

York. Seu charmoso apartamento na 55th Street era o ponto de encontro de muitas pessoas inteligentes e cativantes. Entre os dois e Angela surgiu uma espécie de amizade real; ela não tinha vergonha de que vissem como seu apartamento estava miserável. Os almoços em que ia com Elizabeth nas casas de chá do Village e nas lojas de apartamentos traziam tanta satisfação quanto as refeições mais elaboradas no Algonquin, o ponto de encontro favorito de muitos desses trabalhadores ocupados, felizes e satisfeitos.

Ralph também havia retornado a uma cidade ainda desprovida de Carlotta e, em sua solidão, estava constantemente procurando Angela. A atitude dele era perfeita; nunca reviveu, por palavra ou olhar, a impressão desagradável que outrora causara; na verdade, de uma forma sóbria e desiludida, ela estava começando a gostar muito dele. Ele era tímido, sensível, simpático e miseravelmente solitário. Não era provável que seus bens fossem tão fabulosamente grandes quanto os de Roger, mas era certo que ele pertencia ao grupo social de Roger com tudo o que essa classificação implicava. Mas, apesar disso, ele era curiosamente acanhado; sem energia, como as garotas de seu grupo o classificaram friamente, deixando-o em sozinho, sem pretendentes. Fora de seu grupo, amazonas ambiciosas o pintaram de fácil e fizeram uma corrida louca por ele e seus improváveis milhões. Os dois vereditos o deixaram envergonhado e amedrontado; anualmente, ele se retirava cada vez mais para dentro de sua concha, emergindo apenas em resposta ao aceno descuidado e ocasional de Carlotta ou à indiferença genuína e preocupada de Angela.

Mas este não era o mundo de Angela. Por anos ela ansiou por esse meio, apenas para se encontrar, uma vez lançada nele, externamente à vontade, internamente perturbada e consternada. Embora em raras vezes pensasse na raça, ainda tinha consciência de viver em uma atmosfera de falsidade, de implicações emaranhadas. Ela falava muito de Marta Burden e seu marido; Walter Sandburg, o dramaturgo, conhecia Ladislav Starr; Elizabeth conheceu Paulette Lister em algum ramo da atividade jornalística e Ralph, claro, viu Roger na companhia de Angela. Por trás desses

três ou quatro nomes e do pano de fundo que a familiaridade com eles implicava, Angela não ousava aventurar-se e nos momentos mais alegres percebia a constante agitação interior de um anseio por alguém real e permanente com quem pudesse compartilhar sua vida. Ela ia, é claro, fazer as pazes com Gínia, mas Gínia ia morar na Filadélfia, onde ela mesma nunca mais moraria.

Seus pensamentos estavam em Anthony com constância; sua determinação fixou-se nele. Exceto pela mistura invisível de sangue negro em suas veias, eles poderiam estar no mesmo nível. Ambos eram jovens, talentosos, ambiciosos e abençoadamente pobres. Juntos, eles subiriam a alturas mais felizes e ensolaradas. Ser pobre com Anthony, lutar com ele, ajudá-lo a manter seu voto secreto, ganhar sua aprovação surpresa e generosa para enfim chegar ao ponto em que ela também pudesse abrir sua casa para gênios pobres, desconhecidos e lutadores. A vida não poderia conter nada mais agradável do que essas possibilidades. E como Angela seria gentil com esses estranhos! Quanto ela esperava que entre eles houvesse alguma garota lutando contra as limitações de sua herança, assim como ela mesma havia feito. Por meio de algum vínculo secreto e sutil de simpatia, Angela tinha certeza, seria capaz de reconhecer uma garota assim; e como iria ajudá-la e estimulá-la! Em seus devaneios, ela dizia humildemente: *Tenho certeza de que este caminho funcionará bem para mim, estou planejando principalmente para Anthony e para pessoas indefesas e atormentadas; quero quase nada para mim, exceto proteção e amor. Estou disposta a trabalhar para o sucesso e a felicidade.* E, mesmo enquanto falava, sabia que o ápice de sua felicidade seria alcançado nos dias em que ela e Anthony ainda estivessem pobres e lutando e quando ela desse o melhor de si para fazer as coisas darem certo.

Elizabeth Sandburg, lembrando seus primeiros dias de casada com Walter, deu um impulso ao pensamento de Angela.

— Walt e eu éramos tão pobres quanto podíamos ser, ganhávamos apenas 20 dólares por semana, e metade disso ia para um quarto em um hotel barato. As refeições, mesmo nos lugares mais horríveis, eram terrivelmente caras e, metade das vezes, eu cozinhava num fogão improvisado. Não sabia muito sobre culinária

e imagino que as coisas fossem horríveis, mas não nos importávamos. Tínhamos um ao outro e não nos importávamos.

Sorrindo, radiante, ela deu à Angela a missão de pintar os retratos dela e de Walter.

— Vamos deixar você definir o preço, e se você realmente se esforçar, vou te arranjar um monte de outros clientes. Não, não me agradeça. Para que servem os amigos? É o que eu sempre digo.

Capítulo 4

Às vezes, este pensamento a confrontava: *Talvez Anthony não precise mais de mim; ele se esqueceu de mim.* E com a simples ideia seu coração se contraía com um movimento real e palpável. Pois agora Anthony representava não apenas o fim da solidão, mas também paz e segurança; um lugar não apenas na sociedade, mas no mundo em geral. O casamento também apareceu sob uma luz diferente. Até conhecer Roger, Angela não pensara muito nisso, exceto como uma aventura romântica ou como um meio para um fim; no caso dela, o meio de alcançar o tipo de existência que outrora fora seu ideal. Mas agora ela via isso como um fim em si mesmo; para mulheres, certamente; o único, o fim mais desejável e natural. A partir disso, uma mulher talentosa e ambiciosa poderia estender a mão e se sair bem em qualquer atividade. Mas o casamento deveria estar lá primeiro, a base, o substrato.

Claro que havia, sem dúvida, mulheres que, como os homens, tomavam o amor e o casamento como o complemento da existência e seus interesses intelectuais como o prato principal, como Paulette. Agora que pensava nisso, percebeu que Paulette podia mudar de amantes, mas nunca mudou na manifestação de sua energia mental inquieta e inteligente. Em nenhum momento ela permitiu que sua “vida amorosa”, como chamara a psicanalista, interferisse em seus interesses mentais. Na verdade, ela não teve nenhum escrúpulo em promover esses mesmos interesses por seu encanto sexual incomum e difundido. Mas aquela era Paulette, uma personalidade notável, uma mulher à parte. No entanto, para a maioria das mulheres deve haver a segurança, a garantia de relacionamento que o casamento proporciona. Na verdade, a maioria das mulheres deve ser capaz de dizer como os homens: “Você é meu”, não apenas “Eu sou sua”.

Uma certa humildade abrasadora se impôs sobre Angela. Quão egoísta ela tinha sido em todos os seus relacionamentos. Havia deixado Virgínia e se juntado a Roger para promover seus próprios interesses. Por um breve momento, talvez tenha amado Roger com a paixão tumultuada e inebriante de uma juventude

ardente e inexperiente. Mas, novamente, quando isso foi diminuindo, ela tentou introduzir uma nota de idealismo, foi com o pensamento de salvar sua própria alma. Angela pensou em seu dia no parque com Anthony, a aceitação dele, sem reclamar, do veredito dela; seu grato e melancólico: “Eu quase toquei a felicidade”. Com que facilidade ela o teria deixado feliz se tivesse voltado seus pensamentos para as necessidades dele. Mas Angela nunca tinha pensado nisso; ela sempre se preocupou demais com a própria felicidade. Seu pai, sua mãe e Gínia sempre deram e ela sempre tomou. Por que isso? Gínia suspirara: “Talvez você tenha mais sangue branco do que negro nas veias”. Talvez esse egoísmo significasse a posse de sangue branco; a definição final da supremacia nórdica.

Então Angela se lembrou de que Anthony era branco e, perplexa, ela deixou de tentar cogitar, desvendar, decifrar, avaliar. Ela estava solitária, ela amava. Pretendia encontrar um companheiro; queria ser amada.

Ela precisava agir.

Nenhum de seus novos amigos conhecia Anthony. Ralph Ashley, em resposta à pergunta, não lembrava de um dia tê-lo visto. Era agosto, conseqüentemente Anthony não poderia estar na escola. As listas telefônicas não revelaram nada. *Perdido em uma grande cidade!*, Angela pensou e sorriu com o novo sabor da frase. Pensou na última vez que realmente tinha visto Anthony, em sua última conversa íntima. Eles se encontraram no dia em que Angela cortou Gínia; ela se lembrou, agora sorrindo, com seu conhecimento superior, do leve pânico que sentira quando ele a encontrou em um ônibus no Harlem. Depois de algumas conversas sobre o chá, Anthony lhe dera seu endereço e ela o colocara, onde? Não estava em sua agenda. Uma busca febril em sua pequena escrivania revelou-o nas páginas de seu livro de orações, aquele que ela usava quando criança. Angela considerou isso um bom presságio. O pedaço de papel estava amassado e borrado, mas ela conseguiu identificar um endereço na 114th Street. Supusera que o papel não estivesse mais lá! Angela não podia tolerar a ideia de outra noite de incertezas; eram dez horas, mas ela subiu em um ônibus, alcançou a 114th Street com a 7th Avenue. Seu coração batia forte quando

dobrou a esquina, parecia que os habitantes pobres do bloco podiam ouvir o dínamo humano que tremia em suas janelas. A rua, como muitas outras em Nova York, possuía a pseudoelegância e a imponência das casas de pedra marrom com suas fachadas maciças, sua ostensiva regularidade e simplicidade, mas um segundo olhar revelava o péssimo estado; as janelas escancaradas revelavam a lamentável pequenez dos quartos que se escondiam atrás dos pretensiosos exteriores. Havia algo ligeiramente engraçado, irônico, em ser confinado nesses palácios enganosos; de acordo com o temperamento de alguém, pode-se rir ou chorar ao pensar em como essas estruturas, o produto da energia humana, ainda podem restringir, aprisionar e até mesmo arruinar a própria atividade que as criou.

Angela encontrou o número, subiu os degraus, procurou no corredor escuro entre os nomes nas campainhas. Sullivan, Brown, Hendrickson, Sanchez e, abaixo do nome de Sanchez no mesmo cartão, cinco caracteres pequenos e elegantes na letra de Anthony — Cross. Ela quase desmaiou de alívio. Os dedos agarraram a campainha, talvez ele estivesse no quarto agora — como era estranho que esse aparelho e seus fios fizessem uma ponte sobre toda a extensão de tempo e espaço que havia ficado entre eles. Mas Angela não conseguia apertá-la; Anthony, ela tinha certeza, de fato, se recusaria a ficar chocado por qualquer mera violação dos convencionalismos. Mesmo assim, porém, buscar sua admissão às onze horas da noite e sem aviso prévio no quarto de um homem que não via há um ano, era, como ele próprio diria, “um pouco estúpido”.

*

A pequena nota que ela enviou foi um modelo de recato e sutileza:

Caro Anthony,

Você se lembra da minha promessa de convidá-lo para tomar chá na próxima vez que fizesse uma fornada de biscoitos? Bem, amanhã às 17h30 será a próxima vez. Venha!

Anthony havia mudado; os olhos interessados e perscrutadores dela logo perceberam. Sempre sério, austero, responsável, havia agora em seus modos um incremento imponderável, porém perceptível de cada qualidade. Mas isso não era tudo; seu velho e familiar olhar torturado o havia abandonado; uma paz, uma qualidade de equilíbrio pairava sobre ele, a compostura que é alcançada tanto pela conquista quanto pela renúncia ao desejo do coração. Na verdade, há pouca diferença, já que implicam o fim do esforço.

Tudo isso passou rapidamente pela mente de Angela.

Em voz alta, ela disse:

— Como vai, Anthony? Você está realmente muito bem. É bom ver você de novo.

— É bom ver você — respondeu ele. Certamente não havia nada de notável na conversa deles. Depois das brincadeiras, as piadas e alusões que ela estava acostumada a ouvir nos Sandburgs, em comparação com o jargão áspero do grupo da Sra. Denver, isso era trivial, para não dizer banal. Ela começou a rir. Anthony ergueu as sobrancelhas.

— O que há de engraçado? Isso é algum tipo de piada?

— Não, é só que... faz tempo que estive pensando em você.

— Angela fez uma jogada arriscada. — Presumo que vez ou outra você pensou em mim. No entanto, agora que nos encontramos, nos sentamos como um dândi e uma viúva com luvas de pelica branca e trocamos comentários sobre nossas aparências. Suponho que o próximo passo seja falar sobre o tempo. Choveu muito na 114th Street, Sr. Cross?

Parte da pose o abandonou. A paz penetrante que pairava tão palpavelmente sobre ele o abandonou como um véu despedaçado.

— Você tem pensado em mim há muito tempo? Quanto tempo?

— Não sei dizer quando começou. — Angela foi ousada novamente. — Mas você esteve na minha mente por muito tempo.

A postura, a compostura e a paz haviam desaparecido agora. Apressado, imprudentemente, ele largou seu copo de chá, aproximou-se e inclinou-se sobre Angela. Ela mordeu os lábios para

esconder o tremor. Ele era querido, mais querido do que ela jamais havia imaginado, tão transparente, tão honesto. Quem era ela para merecê-lo?

O rosto dele estremeceu. Ele nunca deveria ter se aproximado dessa garota! Tão repentinamente quanto havia deixado sua cadeira, ele voltou a ela, acomodou-se com conforto e pegou o copo.

— Eu estive longe de você por tanto tempo que tinha esquecido.

— Esquecido o quê?

— Esquecido o quão perigosa você é. Esquecido como uma mulher como você brinca com pobres tolos como eu. Por que você me chamou? Para me manipular outra vez?

A amargura a surpreendeu e assustou.

— Anthony, Anthony não fale assim! Mande chamá-lo porque queria vê-lo, queria falar com meu velho amigo.

Satisfeito, ele recostou-se na famosa e única poltrona e acendeu um cigarro. Angela trouxe alguns de seus esboços, exibiu seu caderno. Ele estava especialmente interessado nos “Tipos da 14th Street”, ficou satisfeito com o retrato da mãe dela.

— Ela não se parece com você, embora eu possa ver que você provavelmente tem o cabelo dela e aquele tom perolado de sua pele. Mas você deve ter herdado o nariz do seu pai. Você sabe, todo o resto do seu rosto — Anthony continuou, suas feições sonhadoras —, seus lábios, seus olhos, seus cílios curvados são tão deliciosamente femininos. Mas esse seu nariz reto indica força.

O desbotado, mas impressionante retrato, estava ao seu alcance. Ele o pegou, estudando-o pensativo.

— Que mulher bonita; toda mulher, devo dizer. Ela teve muita influência em sua vida?

— Na... na... não, não posso dizer que ela teve. — Angela se lembrou daquelas excursões de sábado e as aventuras garantidas pela sua passabilidade, tão inofensivas, mas de grandes proporções. — Oh, sim, em um aspecto ela me influenciou muito, mudou toda a minha vida.

Anthony balançou a cabeça, olhando para a foto afundado em melancolia.

— Minha mãe certamente me influenciou.

Angela começou a falar sem parar:

— Ela fez de você o que você é hoje. — Mas um olhar para seu semblante taciturno a fez pensar melhor.

— O que é isso? — Ele virou-se novamente para o caderno de desenho e estava debruçado sobre várias silhuetas passando diante da forma alta e encapuzada de uma mulher, magra e emaciada, com as mãos nos quadris ossudos, ligeiramente curvada para a frente, rindo aos ruídos, mas com uma certa malevolência arrepiante. — Eu não consigo entender.

Com vergonha, Angela pegou o caderno.

— Ainda não tenho certeza se vou terminá-lo. Eu... é uma ideia que aos poucos se apoderou de mim desde que estou em Nova York. A mulher alta é a Vida e a ideia é que ela ri de nós; ri dos pobres que caem nas armadilhas que ela nos lança.

A tristeza colocou um selo tão perceptível em seu rosto que parecia ter sido carimbado ali. Anthony se aproximou.

— Você a descobriu também? Se eu pudesse ter acabado com ela, você nunca a conheceria. Eu queria tanto escondê-la de você. — A postura dele mudou de repente. — Tenho de ir. Esta tarde foi perfeita; não posso agradecer o suficiente, mas não voltarei.

— Não vai voltar? Que absurdo! Por que não? Anthony, não comece esse negócio de votos. Hoje foi perfeito, maravilhoso! Você não acha que vou deixar meu amigo ir quando estou realmente descobrindo ele, não é?!

Fracamente ele murmurou que era tolice eles tomarem o tempo um do outro; Anthony estava indo embora.

— Mais uma razão, então, para que continuemos a nos ver.

O olhar dele caiu sobre o esboço sem forma.

— Se ao menos eu pudesse rir da vida... Quando você vai me deixar vê-la de novo? Eu sou dono do meu nariz agora; meu tempo está à sua disposição.

Na tarde seguinte, eles se encontraram fora do trabalho dela e jantaram juntos. Na sexta-feira, eles navegaram para o Atlantic Highlands. Sábado, domingo, segunda e terça passaram depressa, sem significar nada para nenhum dos dois, exceto pelas poucas

horas que passaram na companhia um do outro. Quinta-feira foi um dia tranquilo; Angela organizou seu trabalho de forma a ficar livre durante a tarde, e eles passaram as horas apressadas e glamorosas no parque Van Cortlandt, rindo, brincando, relatando velhos sonhos, recaindo em silêncios mais íntimos do que conversas, cientes da presença um do outro, ainda mais cientes de uma conversa realizada neste mesmo parque anos atrás. De volta ao pequeno corredor da Jayne Street, ele a tomou nos braços e a beijou lentamente, com êxtase, com adoração, e ela retribuiu seus beijos. Por um longo tempo, Anthony a segurou contra seu coração palpitante; Angela abriu seus olhos lânguidos para encontrar seu olhar ardente, que podia sentir ao invés de ver. Lentamente, ele tirou os braços do redor do pescoço dela e os deixou cair.

— Anjo, sempre vou te amar. A vida não pode me roubar isso. Adeus, minha querida.

Ele se perdeu na noite sombria. O dia seguinte passou, e o próximo também. Uma semana se passou. Silêncio absoluto. Nenhum sinal dele.

*

Ao cabo de dez dias, em uma tarde inesquecível de domingo, Angela foi vê-lo. Sem vontade consciente, ficou um momento em seu apartamento na Jayne Street; e no final de uma hora estava apertando um botão acima do nome Cross em um corredor da 114th Street, ouvindo o clique da porta, subindo no poço preto de uma escada, batendo em uma porta com a legenda *Estúdio*.

Uma voz apática disse:

— Entre.

Em seguida, o jovem bastante alto e esguio sentado de camisa, de costas para ela, olhando com desânimo, mas seriamente para uma foto na mesa à sua frente perguntou: — O que posso fazer por você?

A sala longa e estreita ostentava um piso de parquet bastante bom e um papel de parede liso e limpo coberto com fotos e esboços sem moldura. Em um canto estava um cavalete; a maior parte da mobília era simples, mas útil e confortável, com exceção de

um sofá antiquado de crina de cavalo que Angela pensava nunca ter visto igual — seu brilho negro e sua promessa de total desconforto.

Ao entrar no apartamento, ela se sentiu perturbada, mas assim que viu Anthony e percebeu que a foto que ele estava olhando era um esboço inacabado de si mesma, sua preocupação desapareceu. Ele fez sua pergunta sem se virar, então ela se dirigiu a ele: — Você pode me dizer onde encontrou aquele sofá terrível; eu não fazia ideia que existisse um assim. Pensei que eles tinham morrido com o Dodo.

Anthony se aproximou dela.

— Angèle, me diga o que você está fazendo aqui.

Ela tentou manter o tom leve:

— Não até que você me fale sobre o sofá. — Mas o rosto atormentado dele e a tensão sob a qual ela vinha sofrendo na semana anterior quebraram sua defesa. Cambaleando, Angela segurou a mão dele. — Anthony, Anthony, como você pôde?

Ele a envolveu com o braço e a conduziu ao desprezível sofá. Fitou a moça com marasmo no olhar.

— Por que você veio me ver, Angèle?

Normalmente ela teria erguido muros, se permitido alguma carapaça extravagante; mas esta não era uma ocasião comum; na verdade, em circunstâncias normais, ela não estaria ali. Falou gravemente e com orgulho: — Porque eu te amo. Porque eu acho que você me ama. — Um medo terrível e repentino tomou conta dela. — Oh, Anthony, não me diga que você estava só brincando!

— Com você? Tão pouco eu estava brincando que quando comecei a suspeitar que você se importava, e nunca sonhei com isso até aquele último dia no parque, fugi de você. Eu sabia que você tinha recursos; os homens sempre vão adorar você, querer você, e pensei que você logo esqueceria; volte-se para outra pessoa assim como você se voltou para mim por um capricho repentino.

Angela balançou a cabeça, mas estava assustada; algum medo sem nome batendo em seu coração.

— Você não é minha segunda opção, Anthony. Tive apenas um admirador em Nova York e há muito, muito tempo parei de pensar nele. Não, Anthony, vim até você porque precisava de você;

você mais do que todos os homens em Nova York. Eu acho que no mundo. E pensei que você precisava de mim.

Eles ficaram sentados em silêncio no terrível sofá. Anthony agarrou a mão dela e a cobriu de beijos; ele começou a tomá-la nos braços, então os deixou cair em um gesto sem esperança.

— Não adianta, Anjo; não adianta tentar resistir ao destino. A vida nos pegou de novo. O que você está falando é absolutamente impossível.

— O que você quer dizer com impossível? — O pequeno medo mudo que havia permanecido dentro dela por muito tempo como resultado de uma confiança anterior falou. — Anthony, aqueles homens, aqueles inimigos que mataram seu pai, você matou um deles? — Ela o abraçava. — Você sabe que não significa nada para mim. Nem me fale sobre isso. Seu passado pertence a você; é em seu futuro que estou interessada, que eu quero.

Anthony a empurrou por fim, até mesmo duramente.

— Não, eu nunca matei um homem. Embora tenha desejado matar. Mas eu era um garotinho quando tudo aconteceu, e depois não voltei por causa de minha mãe. — Ele foi até uma gaveta e pegou um revólver: — Estou quase decidido a me matar agora, antes que enlouqueça pensando em como quebrei minha promessa, quebrei depois de todos esses anos. — Ele olhou para Angela melancolicamente, mas implacável. — Eu gostaria de morrer muito antes de ver esse olhar lindo e amoroso em seu rosto se transformar em um de ódio, medo e raiva.

Angela pensou que ele devia estar delirando; tentou acalmá-lo.

— Não se preocupe, Anthony; eu não me importo com o que você fez. Apenas me diga por que você diz que tudo é impossível para nós? Por que não podemos significar tudo um para o outro, ser casados...

— Porque sou negro.

Em seu alívio confuso, Angela se afastou dele.

— Sim, é isso mesmo, sua americana perversa! Não sou apto para você agora, sou? Estava tudo bem, desde que você pensasse que eu era um assassino, um criminoso, mas o sangue negro em mim é um pouco demais, não é?

Fora de si, ele correu para as janelas, olhou para os plácidos grupos enfeitando os degraus da frente das casas de pedra marrom.

— O que você vai fazer, alarmar a vizinhança? Bem, deixe-me dizer a você, minha menina, antes que eles possam subir aqui eu estarei morto. — Seu olhar se desviou para o revólver. — Eles nunca vão me pegar como fizeram com meu pai.

Estava na ponta da língua contar-lhe seu grande segredo. O coração de Angela borbulhava de tanto rir ao pensar com que rapidez ela poderia pôr fim a essa histeria, como poderia acalmar essa loucura que tanto fervia dentro dele, envenenando o melhor momento de sua vida. Mas suas últimas palavras mudaram seus pensamentos para outra coisa, para outra necessidade. Como ele deve ter sofrido, amando uma garota que ele tinha certeza que o trairia; ainda assim, tendo que manter o personagem.

Angela disse gentilmente:

— Anthony, você pensou que eu faria isso?

A resposta revelou a profundidade indizível da convivência dele com o preconceito; seu cinismo incurável.

— Você é uma mulher branca. Eu sei que não há nada muito covarde para eles fazerem quando se trata de raça.

Uma ideia fantástica se apoderou dela. Claro que diria a ele que era negra, que estava disposta a viver com gente negra. E se ele precisasse da garantia do amor dela, quão mais plenamente acreditaria nela quando percebesse que nem mesmo por uma questão de conveniência ela manteria em segredo sua associação com os brancos. Mas primeiro ela deveria tentar restaurar a fé dele na bondade humana.

— Me fale sobre isso, Anthony.

E sentado ali na sala feia e arrumada no crepúsculo ensolarado do início da noite de verão, os ruídos meio suaves da rua subindo até eles, Anthony contou a Angela sua história. Era uma história velha, mas em seu novo cenário, juntamente com o fato de Angela por anos ter fechado sua mente para o castigo que os homens às vezes pagam por serem *estranhos*, parecia uma história inacreditável da Inquisição.

O pai dele, John Hall, da Geórgia, havia sido marinheiro e pirata, mas o pai de John era um fazendeiro conhecido e capaz que

ficou em sua pequena cidade e lentamente acumulou o que parecia uma fortuna para os brancos pobres e, em sua maioria, ignorantes por quem ele era cercado. Em suas andanças, John desembarcou no Rio de Janeiro e conheceu Maria Cruz, uma brasileira com o sangue de muitas raças nas veias. Ela mesma era aparentemente branca, mas olhava com simpatia para o marinheiro robusto e moreno, sem se importar com sua cor, que era muito parecida com a de seu próprio pai. Os dois se casaram e foram para vários países. Mas, finalmente, John, cansado de sua vida sem objetivo, voltou para seu pai, chegando um mês antes da hora de receber a bênção do velho e sua propriedade. Daí todos os seus problemas. Certos homens brancos no bairro vizinho tinham seus olhos voltados para os pertences do velho Anthony Hall. Seu filho havia sido um andarilho por muitos anos; sem dúvida ele estava morto. Certamente não se esperava que ele voltasse depois de todos esses anos à sua terra natal; já que a maioria dos negros deixaram o Sul e partiram para sempre. Eles sabiam que não deveriam voltar com seus modos arrogantes.

Somada à notável injustiça do retorno de John Hall e à decepção causada por isso, estava a iniquidade de seu casamento com uma esposa bonita e aparentemente branca. O pequeno Anthony lembrava-se da advertência constante de seu pai para que ela nunca saísse de casa; este último, em seu súbito zelo pelo lar, havia esquecido o que poderia significar ficar na Geórgia. Mas sua memória logo foi renovada e ele já estava fazendo todos os esforços para se desfazer de seus novos bens sem perda total. Isso exigia tempo e paciência, mas ele esperava que apenas alguns meses precisassem se passar antes que eles pudessem sacudir a poeira daquele buraco maldito para sempre.

“Só um pouco de paciência, Maria”, disse ele à adorável esposa. Mas ela não conseguia entender. É verdade que ela nunca se aventurava na cidade, mas uma visita esporádica à pequena loja era necessária e ela não se importava com um ocasional olhar de admiração. Na verdade, atribuía as censuras do marido ao ciúme dele. Anthony, sempre uma criança séria, constituiu-se seu guardião constante; seu pai, ele sabia, tinha de estar ausente, em cidades vizinhas, onde estava tentando fechar o negócio, então o menino

acompanhava sua mãe tola e confiante por toda parte. Quando passaram por um grupo de homens que olhavam e balbuciavam, ele planejou machucar o dedo ou o dedão do pé para chamar a atenção da mãe. Apesar de seus subterfúgios infantis, na verdade por causa deles, sua mãe atraiu a atenção de Tom Haley, filho do magistrado. Aparentemente, Anthony havia machucado a mão e sua linda mãe, curvando-se sobre ele com grande solicitude, fazia um quadro muito charmoso e desafiador para ser esquecido. Haley deu um passo à frente e tocou seu chapéu.

“Posso fazer algo para ajudá-la, senhora?”

Ela olhou para ele com seus adoráveis olhos derretidos, falou em sua voz estranhamente líquida. Ele tinha certeza de que havia feito uma conquista. Depois, decepcionado com as zombarias dos espectadores que riam dele por sua cortesia para com uma moça negra “porque ela é só isso, esposa de John Hall”, ele pisou com o calcanhar na poeira vermelha; ia mostrar a ela.

Na tarde quente, acordada de seu repouso por uma batida repentina, ela caminhou até a porta e cumprimentou seu admirador da madrugada. Não ficou muito satisfeita com a expressão nos olhos dele, mas não podia suspeitar do mal. Haley, que havia perambulado por conta própria e aprendido algumas palavras em espanhol, deixou escapar uma ou duas frases insultuosas. Espantada e zangada, ela o golpeou no rosto. O menino, Anthony, observando inquieto, gritou; houve um repentino tumulto de vozes e Haley fugiu, esquecendo por um momento que eram vozes de negros e, portanto, não precisavam ser temidas. Um velho negro, resmungando e gemendo “Deus te perdoe, querida”, guiou a criança e a mãe em pânico para o pântano. E ali escondidos à noite eles podiam ver as faíscas e as chamas subindo da casa e das construções que representavam o trabalho dos sessenta anos de Anthony Hall. Em uma calmaria repentina, eles ouviram o som dos tiros de pistola que crivaram o corpo de John Hall.

— Alguém avisou meu pai — disse Anthony Cross, cansado —, mas ele foi para casa. Além disso, uma vez de volta à cidade, ele teria sido levado de qualquer maneira, talvez cercado e queimado na praça pública. Eles o deixaram entrar em sua casa; ele lavou-se e vestiu-se para a morte. Antes do anoitecer, a multidão foi

ensinar a este homem a sua opinião sobre um negro que não tinha ensinado a sua esposa os seus deveres para com os homens brancos. Primeiro eles colocaram fogo na casa e depois o chamaram à janela. Quando ele saiu na pequena varanda, Haley abriu fogo. O corpo caiu sobre o parapeito, morto antes que pudesse tocar o chão, assassinado pelas balas de vinte pistolas. Caçadores cortaram dedos, dedos dos pés, as orelhas dele — um amigo do meu avô encontrou o corpo à noite e o enterrou. Disseram que era diferente de tudo que já tinham visto antes, estava totalmente desumanizado. Depois de ouvir essa história, não consegui dormir por noites a fio. Quanto à minha mãe...

Angela pressionou a cabeça dele contra seu ombro. Não havia palavras para uma coisa assim, apenas um caloroso contato humano.

Anthony continuou, abatido.

— Quanto à minha mãe, ela parecia uma louca. Passou o resto da vida assombrada por um medo terrível.

— De pessoas brancas — Angela complementou com suavidade. — Sim, posso entendê-la.

Ele olhou para ela sombriamente.

— Não, das pessoas negras. Ela acredita que nós somos amaldiçoados, caso contrário, por que seríamos tão abusados, tão perseguidos? Dois anos após a morte do meu pai ela se casou com um homem branco, não um estadunidense — disso fui poupado —, mas um alemão que, creio eu, a trata muito bem. Eu ainda era um menino, mas implorei incansavelmente que ela deixasse aquela raça em paz; disse-lhe que ela devia isso à memória de meu pai. Mas ela só disse que as mulheres são criaturas pobres e fracas; elas devem ter proteção onde puderem.

Horrorizada com a tragédia, Angela só podia olhar para ele, pálida.

— Não me pergunte como eu superei. Angèle, por um tempo eu não fui nada, não valia nada... só que nunca neguei minha cor; sempre me dediquei às causas negras. Quando tenho algo a dizer, permito que o mundo pense em mim como quiser, mas sempre antes de cortar minhas relações, eu contei sobre o sangue negro que estava em minhas veias. E então me ocorreu que, pelo bem do

meu pai, eu tentaria fazer algo por mim mesmo. Então me esquivei dos maus caminhos e vim para Nova York onde tenho vivido calmamente, espero que útil, mantendo minha amargura dentro de mim onde não poderia prejudicar ninguém além de mim.

“Eu fiz um voto e o mantive — nunca me permitir me envolver com pessoas brancas; nunca dar ouvidos a seus comentários brandos; sempre odiá-las com um ódio perfeito. Então te conheci e te amei e de alguma forma a cura começou. Eu pensei: se ela me ama, estará disposta a me ouvir até o fim. E se, depois que me ouvir, ela estiver disposta a ficar comigo, sangue negro e tudo... Mas lembre-se — ele se interrompeu ferozmente —, eu não tenho vergonha do meu sangue. Às vezes acho que é o fermento que purificará esse povo nórdico de sua crueldade e selvagem luxúria de poder.

Angela ignorou isso.

— Então, você ia me contar de qualquer jeito.

— Claro que eu teria contado. Eu sou um homem, Anjo. Quando eu era marinheiro, houve algumas páginas na minha vida que não poderia deixar seus dedos tocarem. Mas *isso* eu teria contado, era muito vital, muito importante. Não que eu ache que realmente signifique alguma coisa, essa mistura de sangue, conforme a vida continua, como Deus queria que o mundo fosse. Mas ela pode gerar ou destruir a vida. É claro que eu teria contado.

Ali estava a honra, ali estava um homem! O pai dela também estaria. Tendo encontrado esta comparação, sua mente não procurou mais. Um profundo silêncio desceu sobre eles; no caso dele, o silêncio de exaustão. Mas Angela estava pensando em sua vida trágica e em como ela poderia mudá-la de forma completa e surpreendente. Sorrindo, ela falou com ele sobre felicidade, sobre o futuro glorioso.

— Tenho algo incrível para lhe contar, mas não vou te contar de uma vez. Não podemos ir ao Parque Van Cortlandt amanhã à noite?

Anthony pegou a mão dela.

— Não importa o que você esteja planejando em seu bondoso coração, não há futuro, nenhum, nenhum, Anjo, para você e para mim. Não se engane, nem a mim. Quando estou com você,

às vezes esqueço. Mas esta tarde trouxe tudo de volta para mim. Jamais esquecerei a mim mesmo e meu voto novamente.

Uma campainha tocou três, quatro vezes. Ele olhou em volta, franzindo a testa.

— É o Sanchez, ele esqueceu a chave de novo. Minha querida, meu Anjo, você deve ir, e você não deve, não deve voltar. Rápido, rápido! Não quero que ele a veja aqui.

Anthony a guiou até a porta, reprimindo seus protestos.

— Escreverei imediatamente, mas você deve ir. Deus a abençoe e guarde.

Em seguida, Angela estava no corredor mal iluminado, passando por uma figura escura e apressada na escada. A porta pesada balançou em silêncio atrás dela, empurrando-a para a noite de verão envolvente; a casa pretensiosa e pobre estava novamente entre ela e Anthony com seu passado trágico e abrasador.

Capítulo 5

Durante todo os dias seguintes Angela repensou a história de Anthony; tentara se colocar no lugar dele, forçar-se a uma compreensão obscura da câmara de tortura na qual sua mente e pensamentos haviam vivido por tantos anos. E ela havia acrescentado mais dor, tinha sido tão antipática, tão inflexível; em meio ao sofrimento entediante, ela conseguira injetar uma pontada extra de pungência na vida dele. Mas Angela o recompensaria por isso; ela encheria sua existência sem amor e enganada com alegria e doçura; iria persuadi-lo a esquecer aquele passado terrível. Algum dia, Anthony diria a ela: “Você me trouxe não apenas uma nova vida, mas a própria vida”. Aqueles anos anteriores não deveriam significar mais para ele do que sua existência antes do nascimento significa para um bebê.

A fantasia continuava brincando com todos os doces ofícios do amor; a delicada dependência que poderia unir duas pessoas em absoluta harmonia. Ao custo de cada ambição que já conhecera, ela o faria feliz. Como a maioria dos homens, seu trabalho seria a maior coisa do mundo para Anthony. E ele deveria ser a melhor coisa do mundo para ela. Ele deveria ser sua tarefa, seu trabalho, a realização de sua ambição. Uma frase dos escritos de Anatole France surgiu em sua mente. “Existe uma técnica de amor”. Ela iria descobri-la, empregá-la, não mergulhar descuidadamente nesse relacionamento, ao acaso. E, de repente, Angela viu seu caso com Roger sob uma nova luz; ela poderia perdoá-lo, poderia perdoar a si mesma por aquela união até então imperdoável se por meio dela tivesse chegado um pouco mais perto do entendimento e da necessidade de Anthony.

Seu silêncio — pois embora o meio da semana tivesse passado, ela não recebera nenhuma carta — não a preocupava nem um pouco. Com o passar do tempo, ele iria até ela, lembrando-se de sua simpatia perfeita no domingo, e concluindo que aquela mulher era a expiação da raça branca. E então Angela o surpreenderia, lhe diria a verdade. Ela se tornaria indizivelmente mais querida e mais próxima quando Anthony soubesse que sua

simpatia e sua ternura eram reais, fixas e duradouras, porque estavam baseadas e enraizadas no mesmo sangue, nas mesmas experiências, na compreensão desse problema racial terrível, estúpido e de longo alcance.

Quão inexprimivelmente feliz, aliviado e chocado ele ficaria! Eles morariam no Harlem, na África, em qualquer lugar, em qualquer lugar. Angela se rotularia, se ele pedisse; ela contaria a todos os membros de seu pequeno círculo de amigos brancos sobre seu sangue mestiço; ela o ajudaria a cumprir seu voto e se glorificaria por isso. Nenhum sacrifício seria grande demais para ela. Nem mesmo abdicar do conforto que alcançou através da sua passabilidade e da certeza e segurança que a mera brancura na América a proporcionou. Ela se retiraria de onde ele se retirou, odiaria onde ele odiava.

*

A carta que chegou na quinta-feira interrompeu seus pensamentos e os belos sonhos de autoimolação que as mulheres tanto adoram. Era breve e severa:

Angèle, não pense por um momento que não te agradeço pelo domingo... Meu coração está a seus pés pelo que você me revelou. Mas você e eu não temos nada em comum, nunca tivemos, e agora nunca poderemos ter. Mais do que a raça nos divide. Acho que irei embora. Enquanto isso, você deve me esquecer; divirta-se, lindo, encantador, anjo magnético com os seus homens, e me deixe sozinho.

Anthony

Era uma carta tão estranha; sua frieza e finalidade a arrepiaram. Angela olhou para a assinatura solitária, “Anthony”, só isso, nenhuma palavra de amor ou afeto. E a frase: “Mais do que a raça nos divide”. Seu significado oculto era uma ameaça. A carta a esperava quando voltasse do trabalho. Ela havia chegado brilhando com a promessa do futuro. E então lá estavam essas palavras frias matando suas grandes esperanças, como uma tempestade de gelo mata as flores tão confiantes do início da primavera...

Segurando a carta, ela deixou que seu jantar passasse despercebido, ignorado, enquanto elaborava um plano pelo qual poderia ver Anthony e conversar com ele. Pelo tom de sua carta, não parecia que ele fosse ceder à persuasão. E em meio à sua perplexidade e sofrimento, Angela foi novamente atingida pelas dificuldades inerentes à feminilidade para conduzir os assuntos mais comuns e vitais da vida. Ela ainda estava um pouco machucada no espírito por ter decidido ir ao apartamento de Anthony no domingo; era um passo, ela sentia convencionalmente, cuja justificativa residia apenas no sucesso. Considerando-o bem-sucedido, ela foi capaz de relegá-lo ao limbo mais extremo de sua autoconsciência. Mas agora que parecia não valer a pena, assomava diante dela em todo o seu significado social. Angela era aquela criatura que os homens, em seu medo egoísta, planejaram pintar como a menos atraente da espécie humana, “uma garota que corre atrás de homens”. Pareceu-lhe que não suportava a aplicação da frase, não importava quão injustamente, quão inaptamente usada em seu caso.

Procurando por uma palavra de encorajamento, ela releu a carta. A frase “Meu coração está a seus pés” trouxe alguma segurança; ela se lembrava também da emoção muito real dele no domingo, apenas alguns dias antes. Homens, homens de verdade, homens como Anthony, não mudam. Não, ela não podia deixá-lo ir sem um último esforço. Iria ao Harlem mais uma vez para vê-lo, tranquilizá-lo, acalmar seus temores, aplacar suas apreensões tolas de incompatibilidade. Assim que soubesse que os dois eram negros, Anthony sucumbiria. Agora ele estava exausto. Nunca havia

ocorrido a Angela que ela poderia ficar feliz por ser negra... Ela pôs o chapéu, saiu lentamente pela porta e disse a si mesma com um estranho pressentimento: — Quando eu voltar a ver este quarto, ou ficarei muito feliz ou muito, muito triste...

Sua coragem aumentou, a envolveu, mas estava farta de ser corajosa, queria ser uma mulher amada, dependente, frágil, procurada, feminina; depois dessa última provação, ela seria feminina ao ponto da inércia...

Durante a longa viagem, seu ânimo deu sinais de melhora. Afinal, a reação dele era quase inevitável. Anthony pensava que ela pertencia a uma raça que para ele representava traição e crueldade; ele a vira com Roger, Roger, o rico, o alegre; ele a via como alguém que se preocupava apenas com a riqueza e o prazer. Claro que aos seus olhos, Angela estava separada dele pela raça e por mais que isso.

*

Por longos anos, ela foi incapaz de reconstruir aquela cena; sua mente estava sempre cansada demais, dolorida demais para reconstituir. Como num sonho, ela viu o rosto rígido e severo de Anthony, ouviu sua voz firme e severa: — Angel, menina... Angèle, eu disse para você não voltar. Eu disse que era tudo impossível.

Ela se pegou agarrando o braço dele, deixando escapar a verdade, esquecendo todos os seus planos elaborados, seu drama cuidadosamente planejado.

— Mas, Anthony, Anthony, ouça, está tudo bem. Sou negra; também sofri; nada precisa se interpor entre nós.

Por um momento, desprevenido, ele vacilou.

— Angèle, não achei que você mentiria para mim.

Ela estava em lágrimas, desesperada.

— Eu não estou mentindo, Anthony. É perfeitamente verdade.

— Eu vi aquela foto de sua mãe, uma mulher branca.

— Sim, mas uma mulher negra com a pele clara. Meu pai era negro, perfeitamente negro e eu tenho uma irmã, ela é negra. Minha mãe e eu costumávamos usar a cor da nossa pele algumas vezes apenas por diversão, para passar despercebidas entre os brancos;

ela não se importava de ser negra. Mas eu me importava, até muito recentemente. Então, deixei minha casa, na Filadélfia, e vim morar aqui, oh, ser branca torna a vida muito mais fácil. Você sabe disso, Anthony. — O rosto dele estava pálido e terrivelmente assustado. — Isso não o deixa zangado, deixa? Você passou por cima de si mesmo, me disse que sim. Ah, Anthony, Anthony, não me olhe assim! O que foi?

Angela pegou a mão dele, seguindo-o enquanto ele se retirava para o sofá brilhante, onde os dois ficaram sentados sem fôlego por um momento.

— Deus! — disse ele de repente; ergueu os braços, batendo no nada como um louco. — Você na sua tolice, eu no meu descuido, vivendo como branca e a vida recostando-se rindo, rindo dessa piada. Oh, estava tudo bem para você..., mas eu não me importava se as pessoas pensassem se eu era branco ou negro... se nós apenas soubéssemos...

— Do que você está falando? Está tudo bem agora.

— Não está tudo bem; está pior do que nunca. — Anthony segurou o pulso dela. — Anjo, você tem certeza de que não está me enganando?

— Claro que não. Tenho provas, tenho uma irmã bem aqui em Nova York; ela está fora agora. Mas quando ela voltar, eu... você a conhecerá. Ela é negra e adorável, você vai querer pintá-la... você não acredita em mim, Anthony?

— Oh sim, eu acredito em você. — Anthony ergueu os braços novamente em um lindo gesto fluido e então os deixou cair. — Oh, maldita vida, maldita... não há fim para dor!

Assustada, Angela ajoelhou-se ao lado dele.

— Anthony, qual é o problema? Tudo vai ficar bem; vamos ser felizes.

— Você pode ser. Eu nunca vou ser feliz. Você era a mulher que eu queria, pensei que fosse branca. Pelo amor de meu pai, eu não poderia me casar com uma garota branca. Então eu desisti de você.

— Mas eu não desistiria. Veja, aqui estou eu de volta. Você nunca será capaz de me mandar embora. — Rindo, mas envergonhada, ela tentou se lançar nos braços dele.

— Não! Você não entende. Há... há outra pessoa.

Ela não conseguia entender.

— Outra pessoa. Quer dizer, você é casado? Ah, Anthony, você não quer dizer que é casado!

— Não, claro que não, claro que não! Mas estou noivo.

— Noivo, noivo e não comigo, com outra garota? E você me beijou, passou tempo comigo? Eu sabia que outros homens faziam isso, mas nunca pensei isso de você! Achei que você fosse como meu pai!

E Angela começou a chorar como uma menina. Envergonhado, ele a olhou, enfiando as mãos nos bolsos.

— Eu nunca tive a intenção de machucar você. Eu nunca pensei até aquele dia no parque que você se importaria. E eu me importava muito! Pense, eu tinha desistido de você, Angèle... suponho que esse não seja mesmo o seu nome, é? E, de repente, você voltou para a minha vida e eu disse: “Vou dar risada dessa maldita bagunça. Vou passar alguns dias com ela, amá-la um pouco, só um pouco. Ela nunca saberá, e eu terei uma lembrança de ouro!” Oh, eu merecia, Anjo! Mas no minuto em que vi que você estava começando a se importar, parei de repente.

Uma linha de um texto antigo estava passando por sua cabeça, deixando-a muda, desatenta. Angela era uma garotinha de volta à igreja na Filadélfia; o ministro estava entoando: “Todos nós, como ovelhas, nos extraviamos”. Ele costumava colocar ênfase na primeira palavra e Gínia e ela se entreolhavam e trocavam sorrisos significativos; ele era um indígena ocidental, e esses costumavam perder a ênfase. A frase soava tão engraçada: “*Todos* nós, como ovelhas...” mas talvez não fosse tão engraçada, afinal; talvez ele a tivesse lido assim, não porque fosse quem era, mas porque conhecia a vida e a natureza humana. Certamente Angela se extraviou, com Roger. E agora ali estava Anthony, Anthony que sempre a amou tanto. No entanto, em seu passado, havia uma garota e ele era noivo.

Isso a levou a considerar a noiva desconhecida como rival. Deliberadamente, Angela escolheu a palavra. Essa mulher desconhecida que a tinha roubado como um ladrão à noite...

— Você a conhece há muito tempo? — Angela perguntou bruscamente.

— Quem? Oh minha... minha amiga. Não, não há tanto tempo quanto conheço você.

Uma recém-chegada. Bem, pelo menos ela, Angela, tinha a vantagem de ter chegado primeiro.

— Ela é negra, é claro?

— Sim.

Eles ficaram sentados em um silêncio cansado. De repente, ele a pegou nos braços e enterrou a cabeça em seu pescoço. Uma pontada rápida penetrou no âmago de Angela. Anthony deve ter sido um bebê adorável... Anthony e bebês!

Agora, Deus, Vida, seja o que for que tenha poder, desta vez você deve me ajudar!, gritou seu coração.

Ela falou com ele suavemente.

— Anthony, você sabe que eu te amo. Você ainda me ama?

— Sempre, sempre, Anjo.

— Você... Oh, Anthony, eu não mereço isso, mas por acaso você me adora?

— Sim, é isso, é isso mesmo, eu adoro você. Eu adoro você. Você é Deus para mim. Oh, Angèle, se você apenas tivesse me dito. Mas agora é tarde demais.

— Não, não, não diga isso, talvez não seja tarde demais. Tudo depende disso. Você a adora, Anthony?

Ele ergueu o rosto abatido.

— Não, mas ela me adora. Eu sou Deus para ela, entende? Se eu falhar, ela não vai dizer nada, ela vai cair para trás como um gatinho fraco, como uma ovelha perdida, como um bebê. Ela vai morrer. — Anthony falou como se estivesse sozinho. — Ela é tão pequena. E doce.

Angela disse gentilmente:

— Fale-me sobre ela. Não é tudo muito repentino? Você disse que não a conhecia há muito tempo.

Ele começou obedientemente.

— Não demorou muito depois que eu te perdi. Ela veio até mim do nada, veio até o meu quarto por engano, e não me viu. Colocou a cabeça nas mãos e começou a chorar. Eu também tinha

chorado no meu coração, entende, e por um momento pensei que ela poderia ser o eco daquele choro, poderia ser o próprio choro. Veja, eu estava bebendo um pouco, você estava tão distante, tão branca... Eu não poderia me casar com uma mulher branca, você sabe, não com uma estadunidense branca. Eu devia isso ao meu pai.

“Mas finalmente eu vi que era uma menina, uma menina de verdade. Aproximei-me dela, coloquei minha mão em seu ombro e disse: ‘Querida, qual é o problema?’. E ela ergueu a cabeça, ainda escondida na dobra do braço, você sabe, como uma criança faz, e disse: ‘Eu perdi minha irmã’. A princípio pensei que ela queria dizer perdida na rua e disse: ‘Bem, venha comigo até a delegacia, eu irei com você, daremos uma descrição e você a encontrará de novo. As pessoas não ficam mais perdidas hoje em dia’. Coloquei a cabeça dela no meu ombro, quase a coloquei no colo, Angèle, ela era tão simples e desamparada. E logo ela disse: ‘Não, não quero dizer perdida assim; quer dizer, ela me deixou, ela não me quer mais. Ela quer outras pessoas’. E nunca consegui arrancar mais nada dela. Na manhã seguinte, liguei para ela e de alguma forma fui vê-la, saber se ela estava bem, entende? Mas depois, quando ela ficou mais feliz, estava tão alegre, tão adorável, tão curada e abençoada como o sol ou uma flor, então vi que ela estava gostando de mim e me afastei.

“Bem, encontrei você e aquele tal de Fielding naquela noite na palestra de Van Meier. E você estava tão feliz e radiante, e Fielding tão possessivo, maldito! Maldito! Ele... você não o deixou machucá-la, Angèle?”

Como se qualquer coisa que já aconteceu em sua vida pudesse machucá-la assim! Ela nunca soube o que era dor antes. De lábios pálidos, Angela balançou a cabeça.

— Não, ele não me machucou.

— Bem, fui vê-la no dia seguinte. Ela entrou na sala como uma sombra, percebi que estava ficando magra. Ela era gentil, doce e distante; impalpável, tênue e ainda assim presente. Eu podia ver que ela estava morrendo por mim. E de repente me ocorreu como seria maravilhoso ter alguém que se importava assim. Eu fui até ela; peguei-a nos braços e disse: “Querida, querida, não te trouxe um

coração inteiro, mas você poderia me amar?”. Eu não poderia deixá-la ir depois disso...

— Não — a voz de Angela era monótona, sem vida. — Você não podia. Ela morreria.

— Sim, é isso. E eu sei que você não vai morrer, Anjo.

— Não, você está certo. Eu não vou morrer.

Uma mão gelada tocava o coração de Angela. Nas primeiras palavras: “Ela veio até meu quarto...” um eco gelado despertou uma memória profunda, bem no fundo de sua consciência. Ela ouviu Gínia dizer: “E quando voltei, entrei no que pensei ser meu quarto...”

Algo ferido, mortalmente atingido no rosto de Angela, chamou a atenção de Anthony.

— Não fique assim, minha menina, meu Anjo... há três de nós nesta terrível situação, se eu soubesse... Eu não mereço o amor de nenhuma de vocês, mas se uma de vocês deve sofrer, pode ser ela ou você. Venha, nós iremos embora; até a infelicidade, até mesmo o remorso significará algo para nós, enquanto estivermos juntos.

Ela balançou a cabeça.

— Não, isso é impossível... se fosse outra pessoa, não sei, talvez... estou tão cansada da infelicidade... talvez eu me arriscasse. Mas no caso dela é impossível.

Anthony a olhou com curiosidade.

— O que você quer dizer com “no caso dela”?

— O nome dela é Virgínia Murray?

— Sim, sim! Como você adivinhou? Você a conhece?

— Ela é minha irmã. Angèle Mory e Angela Murray, vê? É o mesmo nome. E é tudo minha culpa. Eu a rejeitei, mandei-a deliberadamente para seus braços.

Anthony só podia olhá-la fixamente.

— Eu sou a irmã cruel que não a queria. Oh, você não consegue entender? Naquela noite, ela entrou no seu quarto por engano porque eu tinha ido à estação para encontrá-la e Roger Fielding apareceu. Eu não queria que ele soubesse que sou negra e eu... fingi não a conhecer.

— Oh — disse ele, surpreso e inadequado. — Não vejo como você poderia ter feito isso com uma garotinha como Virgínia. Ela conhecia Nova York?

— Não — Angela murchou. Mesmo a perda dele não era nada comparada a esta repreensão. Não havia nada mais a ser dito.

Logo Anthony colocou o braço em volta dela.

— Pobre Angèle. Como se você pudesse prever! É o que a vida faz conosco, nos leva a armadilhas aparentemente tão superficiais, tão inofensivas e, quando nos viramos, somos apanhados, acorrentados...

O olhar triste de Angela procurou o dele.

— Lamentei imediatamente, Anthony. Tentei o meu melhor para entrar em contato com ela naquela mesma noite. Mas não consegui encontrá-la... sabe, a vida estava se vingando de mim, ela tinha entrado no seu quarto.

Anthony assentiu.

— Sim, lembro-me de tudo muito claramente. Eu estava me preparando para ir embora, estava tudo preparado, aliás. Na verdade, mudei-me naquela mesma noite. Mas fiquei vagando sem parar, pensando em você. O pior de tudo é que eu vou estar sempre pensando em você. Oh, Angèle, o que importa, nada importa se tivermos um ao outro. Essa maldita questão da raça é que vai arruinar todas as chances de felicidade. Eu vivi problemas, dores, dores terríveis e devastadoras por toda a minha vida. Você também sofreu. Juntos, talvez pudéssemos encontrar paz. Iríamos até sua irmã e explicaríamos. Ela é gentil e doce; com certeza entenderia.

Anthony colocou os braços em volta de Angela e os dois se agarraram, solenemente, desesperadamente, como crianças.

— Também estou cansada da dor, Anthony, cansada da saudade e solidão. Você não pode imaginar como sofri com a solidão.

— Sim, posso. Eu adivinhei. Eu costumava observar você. Pensei que provavelmente estava sozinha por dentro, você era tão diferente da Srta. Lister e da Sra. Starr. Venha comigo e compartilharemos nossa solidão juntos, em algum lugar onde vamos esquecer...

— E Virgínia? Você mesmo disse que ela morreria...

— Ela é tão jovem, ela... ela superará isso. — Mas seu tom era duvidoso, vacilante.

Angela se desvencilhou dele.

— Não, já tirei a irmã dela; não vou levar seu amado também. Dê-me um beijo de despedida, Anthony.

Eles se sentaram no sofá duro.

— Em pensar que deveríamos nos encontrar apenas para nos perder! Em pensar que tudo, todas as coisas estavam bem para nós, mas que fomos mantidos separados pela estupidez do destino. Eu quase preferia que nunca tivéssemos sabido a verdade. Me abraçe mais forte, Anjo, minha querida. Eu quero que o seu calor, a sua doçura penetre em meu coração. Eu quero para mantê-los lá para sempre. Querida, como posso deixar você ir?

Angela agarrou-se a ele chorando, chorando como uma criança abandonada com o coração partido.

A campainha tocou quatro vezes.

Anthony deu um pulo.

— É Sanchez, ele esqueceu a chave; graças a Deus ele esqueceu. Minha querida, você deve ir. Mas espere por mim. Te encontrarei... iremos para sua casa, daremos um jeito. Não podemos nos separar assim! — A respiração dele estava entrecortada; Angela podia ver pequenas linhas brancas se aprofundando em torno da boca dele, de suas narinas. Com medo, ela agarrou o chapéu.

— Deus te abençoe; adeus, Anthony. Não tornarei a vê-lo.

No meio da escada escura ela encontrou o desatento Sanchez, alto, pálido, magro, olhando-a com curiosidade e um sorriso divertido. Educadamente, ele se afastou para deixá-la passar, uma das mãos apoiada no quadril. Algo na atitude fez Angela pensar em seu esboço inacabado de Vida. Histérica, fora de si, ela desceu correndo os degraus restantes com medo de olhar em volta e ver a figura escura e magra em seu encaixe, com medo de ouvir a expansão daquele sorriso tênue e significativo em uma gargalhada barulhenta e ameaçadora.

Capítulo 6

Certa vez, nos velhos tempos, na casa da Opal Street, Angela adoecera misteriosamente. Na verdade, contraíra aquela doença inglória, a caxumba. O custo de ter um médico era alto e, por isso, durante vinte e quatro horas, ela foi objeto de ansiosa solicitude por toda a casa. A mãe cuidou dela a noite toda; o pai voltava para casa duas vezes durante o dia para ver como ela se sentia; Gínia tinha, com certa relutância, dado a ela uma boneca frequentemente cobiçada e recusada. Em meio a toda sua dor e sofrimento infantil, Angela percebeu que pelo menos sua agonia era compartilhada, que sua tribulação era compreendida. Mas agora tinha uma doença na alma e não havia ninguém com quem pudesse compartilhar sua angústia.

Por dois dias, Angela ficou em seu quartinho. A Sra. Denver, aparecendo na casa, derramou sobre ela toda atenção. Não havia nada, nada que Angela pudesse querer, disse a pequena dama com sinceridade, que ela não tivesse. Angela gostaria que ela fosse embora e a deixasse sozinha, mas as experiências da outra a tornaram altamente sensível às necessidades dos outros. A Sra. Denver, com todo o seu dinheiro, sua falta de responsabilidade, seu apetite quase infantil por prazer, também era solitária; esperar pela mulher mais jovem e menos afortunada deu-lhe a sensação de utilidade. Ela ficava feliz quando a garota expressava desejo por qualquer coisa, não importava quão caro ou trivial. Angela não podia privá-la inteiramente desses prazeres duvidosos. Mesmo assim, houve momentos, é claro, em que até mesmo a Sra. Denver, apesar de toda a sua gentil oficiosidade, teve que ir embora e deixar Angela sozinha com seus pensamentos.

Pouco a pouco, nas longas quarenta e oito horas, ela revisou sua vida; havia alguma coisa, algum tato excessivo, algum crime que tivesse cometido e pelo qual pudesse se retratar? Ela tinha sido egoísta, sim; *mas, disse sua mente incansável, todo mundo que sobrevive é egoísta, é um dos pré-requisitos de sobrevivência.* Ao passar de uma raça para a outra, Angela não tinha feito nenhum mal a ninguém. Na verdade, ela foi forçada a tomar essa atitude. Mas

não deveria ter abandonado Virgínia. Aqui, neste ponto, sua mente, tão clara e ativa, invariavelmente falhou. Ela não sabia que posição tomar; havia deixado a Filadélfia para buscar fortuna em circunstâncias mais agradáveis; se ela fosse um homem e tivesse saído de casa, ninguém teria uma palavra de censura, teria sido a coisa certa, de se esperar e perdoar. Restava então apenas o incidente específico de ter abandonado Gínia naquela noite memorável na estação. Essa foi a ação realmente cruel e injusta que cometera.

É verdade, disse algo dentro dela enraizado ou em extremo bom senso ou então em um vasto sofisma, *é verdade, mas a penalidade disso é a destruição de uma vida inteira, ou mesmo o sofrimento de anos? Certamente a punição é muito maior do que o crime.*

E era então que Angela se deitava exausta, desesperada, desnorteada, incapaz de lidar mais com a ferocidade misteriosa e aparentemente sem sentido da vida. Pois, se isso fosse uma punição justa por uma infração grave, que compensação haveria pelos anos em que fora uma filha zelosa, uma irmã amorosa? E, de repente, ela se viu invejando as pessoas possuidoras de uma fé religiosa e cega, as pessoas que podiam abaixar a cabeça submissamente e sussurrar: “Seja feita a tua vontade”. Ela podia ver como, espancado e atormentado, alguém poderia cair em uma espécie de passividade cega, uma aceitação das coisas como elas são, mas nunca seria capaz de compreender a força que deu a alguém a imaginação para conceber um grande desejo, a tenacidade para se agarrar a ele, o emocionalismo para gastar em sua possível realização, mas que então, com um movimento descuidado, apagava o desejo como se nada fosse.

Mais de uma vez, ela pensou em morrer. Mas odiava desistir; algo inato, algo do espírito, que era mais forte do que sua vontade corporal, iniciou uma luta obstinada, e ela estava muito machucada e dolorida para combatê-la.

Tudo bem, disse ela para si mesma, cansada, *vou continuar vivendo.*

Angela pensou então nos negros, na raça de seus pais e em todas as probabilidades contra a vida que um destino cruel e

implacável os obrigava a suportar. E ela os via como um povo poderoso, quase esmagadoramente dotado da essência da vida. Eles tiveram que persistir, tiveram que sobreviver porque não sabiam como morrer.

*

Não porque quisesse, mas porque algum dia deveria recomeçar a retomar os movimentos da vida, Angela passou da cama para a poltrona no terceiro dia e ficou ali sentada, apática e imóvel. No dia seguinte ela voltaria ao trabalho — ao trabalho e à agonia doentia de forçar sua mente a voltar de seus pensamentos dolorosos e vitais para alguma tarefa enfadonha e desinteressante. Deus, como ela odiava isso! Angela se lembrou de suas aulas quando menina; a intensa concentração que costumava empregar. Às vezes ela se perguntava: *Ah, como será quando eu crescer; quando eu não estiver mais estudando...* bem, era assim que era. Ou não, ela ainda estava estudando com a mesma velha concentração — uma fixação terrível, dolorosamente concentrada — as lições da vida. Era inútil ponderar as causas de seu sofrimento, eram tão triviais, tão tolas. Angela disse a si mesma: *Não há tristeza no mundo como a minha tristeza*, e sabia, mesmo enquanto dizia, que outra pessoa, talvez no quarteirão seguinte, na próxima casa, estava dizendo a mesma coisa.

A Sra. Denver bateu de leve, abriu a porta, entrou e a fechou misteriosamente atrás de si.

— Tenho uma grande surpresa para você. Quer agora ou quer esperar até conseguir?

Angela sorriu.

— Acho que agora. Estou começando a achar que não ligo para surpresas.

— Você vai gostar desta.

A Sra. Denver foi até a porta e entrou Rachel Salting.

— Eu sei que vocês duas querem conversar — a Sra. Denver disse. — Anime-a, Rachel, e eu voltarei daqui a uma hora.

Ela fechou a porta com cuidado.

Angela disse:

— Qual é o problema, Rachel? — Ela quase acrescentou: “Eu mal te reconheci”, pois o rosto da amiga estava branco e pálido de tristeza e desespero; se fora todo seu frescor delicado, sua cor bonita; na verdade, seus olhos, escuros, fundos, colocados em grandes poças de escuridão, eram o único alívio, um alívio terrível, daquele branco horrível. Angela sentiu suas forças irem embora; levantou-se e cambaleou de volta para a grata segurança de sua cama, deitou-se com um sentimento avassalador de gratidão pelo conforto oferecido por seu súbito desmaio. Em um momento, parcialmente recuperada, ela fez um gesto para Rachel se sentar ao lado dela.

— Oh — disse Rachel — você esteve doente, a Sra. Denver me contou. Não devo vir incomodá-la com minhas preocupações. Oh, Angèle, estou tão miserável! O que devo fazer?

A amiga, observando-a, foi muito gentil.

— Muitas coisas horríveis podem acontecer. Eu sei disso, Rachel. Talvez seu problema não seja tão ruim que não possa ser resolvido. Você contou a John? — Mas, mesmo enquanto falava, ela sentiu que a dificuldade de alguma forma era sobre John. Seu coração se contraiu ao pensar na dor e no sofrimento que teria de suportar.

— Sim, John sabe, é sobre ele. Angèle, não podemos nos casar.

— Não podem se casar. Ora, ele... não pode ser que... ele esteja envolvido com outra pessoa!

Uma indignação momentânea brilhou no rosto de Rachel, trazendo de volta vida e cor. Por um momento, ela era a Rachel Salting dos antigos e felizes dias.

— Envolvido com outra pessoa! — A indignação foi substituída por desespero absoluto. — Como eu gostaria que ele estivesse! Isso pelo menos poderia ser resolvido. Mas o que está acontecendo nunca pode ser resolvido. Ele... eu, nossos pais são totalmente contra isso. Você nunca percebeu, Angèle? Ele é pagão e eu sou judia.

— Mas muitos judeus e pagãos se casam.

— Sim, eu sei. Só que... ele é católico. Mas meus pais são ortodoxos... nunca consentirão meu casamento. Meu pai diz que

prefere me ver morta e minha mãe apenas fica sentada e geme em sofrimento. Eu mantive o segredo enquanto pude... eu costumava rezar, pensei que Deus deixaria as coisas se resolverem, John e eu nos amamos tanto. Mas fui até Utica outro dia, a minha cidade, John foi comigo, e contamos a eles. Meu pai o expulsou de casa; ele disse que se eu me casasse com John, ele me amaldiçoaria. Tenho medo dessa maldição. Eu não posso ir contra eles. Oh, Angèle, gostaria de nunca ter nascido.

Era uma situação delicada; Angela precisava ser empática com Rachel, mas não conseguia pensar em nada além do banal e óbvio.

— Rachel, seus pais viveram a vida deles; eles não têm nada que tentar viver a sua. Pessoalmente, acho tudo isso besteira: raça, credo e cor — bobagens. Em seu lugar, eu seguiria meus próprios desejos. John parece ser o homem para você.

Mas Rachel chorando, pensou que seria egoísta.

— Certamente não mais egoísta do que a tentativa deles de controlar a sua vida.

— Mas eu estou com medo — disse Rachel tremendo — da maldição de meu pai.

Foi difícil para Angela simpatizar com uma atitude tão arcaica; ela ficou surpresa ao descobrir que isso se escondia no fundo da inteligência de sua amiga.

— Querida, — ela disse para si mesma, em vez de para a amiga — o amor deve ser a melhor coisa do mundo, mas olhe como o reprimimos. Judeus não devem se casar com católicos, as pessoas brancas não devem se casar com negras...

— Oh bem, claro que não — Rachel interrompeu com surpresa inocente. — Eu não me casaria com um negro em hipótese alguma. Por que, você se casaria?

Mas a única resposta de Angela foi se virar e, enterrando a cabeça no travesseiro, explodir em gargalhadas incontidas e amargas. Rachel correu para chamar a Sra. Denver.

— Oh, venha rápido, venha rápido! Angèle está histérica. Não tenho a menor ideia do que fazer por ela!

Mais uma vez, o período de reajuste. Mais uma vez, a determinação de levar a vida como era; amarga, doce, doce, amarga. Mas agora lhe parecia que a doçura e o amargor, juntamente com seu espírito de aventura, haviam ficado para trás. Como passaria agora pelos dias mornos e insípidos de seu futuro? Ela ainda não tinha vinte e sete anos e começou a se perguntar como seria a vida em dez, cinco ou até um ano. Mudanças aconteciam, Angela sabia, mas em seu próprio caso ela se acostumara demais para dar o impulso a essas mudanças.

Agora, não conseguia se imaginar tomando uma decisão. Com o mau humor que parecia estar sobre ela todos os dias, Angela disse:

— Não importa qual decisão eu tome, ela sempre estará errada. Vou deixar a vida me levar.

E Angela viu a vida, mesmo a sua própria, como uma entidade fora de seu controle. Não se importou muito. Era certo que não tiraria a própria vida, mas não se importaria se morresse. Antes, se sua mente abrigasse tais pensamentos, ela teria sentido uma autopiedade instantânea. *Que pena que eu, tão jovem, tão inteligente, com espíritos tão elevados, tenha de encontrar a morte!* Mas agora seus sentidos estavam fracos; tanta dor e confusão causaram um desgaste inevitável.

— Eu posso muito bem ser infeliz ou morrer como qualquer outra pessoa — ela disse, ainda com aquele sombrio crescente.

A Sra. Denver, os Sandburgs e Ralph foram as únicas pessoas que a viram. Pareceu à Sra. Denver que os modos prontos e alegres da garota estavam um pouco esmaecidos; se seu vocabulário alegre e ensolarado conhecesse o termo, ela a teria descrito como deprimida. A quase-intelectual atmosfera nos Sandburgs combinava com ela à perfeição; a tênue amargura que tão constantemente manchava sua fala era tomada por sofisticação; seus silêncios frequentes, por profundidade; de certa forma, graças à sua boa aparência extraordinária ou pelo pequeno mistério que sempre pairava sobre ela, Angela tornou-se parte significativa do grupo; os Sandburgs consideraram-na uma descoberta esplêndida e se orgulhavam de tê-la descoberto.

*

O longo verão dourado, tão lindo com sua promessa de felicidade, tão repugnante com sua realidade dolorosa, amadureceu no início do primoroso setembro. Virgínia estava de volta em casa; ligeiramente mais dourada, muito, muito levemente rechonchuda, como uma fruta madura aperfeiçoada; transbordando de felicidade, emoção e completude. Angela pensou já ter visto isso em sua vida.

Gínia chamou a irmã mais velha e as duas se sentaram em uma manhã de domingo, longe de Sara Penton e das outras insistentes amigas, sobre a Riverside Drive olhando para o rio tremulando na bruma suave outono.

— Você não ficou surpresa? — perguntou Gínia.

Laconicamente, Angela não admitiu qualquer espanto. Ela ainda amava a irmã, mas com mais humildade e menos dor do que antes. Suas vidas, ela pensou, nunca poderiam se encontrar, e ela estava bastante resignada. Além disso, em algumas das observações de Virgínia, havia aceitação. Algo havia causado uma separação irreparável. Elas sempre se viam dos dois lados de um abismo, estreito, mas profundo, profundo.

A garota mais jovem tagarelou.

— Não sei se Sara te disse o nome dele: Anthony Cross. Não é um lindo nome?

— Sim, é um nome bonito, um nome lindo — disse Angela com entusiasmo, acrescentou sem exultação que já o conhecia, que ele tinha sido um membro de sua classe na Cooper Union.

— Você não fala como se gostasse dele — disse Gínia, fazendo uma careta. — Mas não importa, ele combina comigo, não importa quem não gosta dele.

Angela maravilhou-se novamente na firmeza daquela mente jovem. Nenhuma maldição dos pais poderia ter mantido Virgínia longe dos braços de Anthony. Enquanto ele a amasse, enquanto estivesse satisfeito por ter o amor dela, nada poderia ficar entre eles. Virgínia só morreria se Anthony a decepcionasse.

Virgínia fez um comentário surpreendente:

— Sabe, é perfeito que conheci Anthony. Ele é mesmo uma rocha na qual eu posso me agarrar. Assim como Matthew Henson

ele, tenho certeza, me fará mais feliz do que qualquer homem na face da terra. — Suspirando, ela acrescentou: — E eu o farei feliz também, mas... oh, Angela, Angela, eu sempre quis me casar com Matthew!

*

Com aquela ironia, Angela foi para casa. Virgínia, apaixonada por Matthew, se casando com Anthony; Anthony, apaixonado por Angela, se casando com Virgínia. Ela mesma querendo Anthony, mas sem se casar com outra pessoa, incapaz de sequer pensar em ter outro amor.

A ironia era tão palpável, tão ridiculamente palpável que colocou Angela de bom humor. A vida era amarga, mas divertidamente amarga; se pudesse rir disso, talvez superasse. O pensamento trouxe Anthony à mente: “Se eu ao menos conseguisse rir da vida, Angèle!”.

Séria, ela caminhou do ponto de ônibus para a Jayne Street. No meio do caminho na escada estreita e tortuosa, ela avistou um homem subindo. Ele parou do lado de fora da porta dela.

Anthony?, pensou enquanto seu coração se retorcia de dor. *Se for Anthony...*

Angela inspirou e parou. Mas algo dentro dela, vital, cruel, persistente, completou seu pensamento: *Se for Anthony, depois do que Virgínia disse esta manhã, se ele soubesse que não foi o primeiro, que mesmo que fosse, poderia haver outros; que Virgínia, em sua juventude brilhante e intensa, não morreria da mesma forma que não morreu por causa de Matthew; ela se consolaria pela perda de Anthony, assim como se consolou pela perda de Matthew!*

Mas não, o que Gínia lhe contara era confidencial, uma confiança de irmã para irmã. Ela nunca quebraria a fé de Gínia novamente; nem para si mesma.

Mas Anthony, você foi meu primeiro amor e acho que fui o seu.

No entanto, o homem na porta não era Anthony; pelo contrário, ele era, Angela pensou, um completo estranho. Quando ele se virou, ela se viu olhando nos olhos azuis de Roger.

Muito espantada, Angela o cumprimentou:

— É você, Roger?

— Sim — ele disse humildemente, envergonhado. — Você não vai me deixar entrar, Angèle?

— Ah, sim, claro, claro.

Ela esperava que Roger não demorasse muito. Ela queria pensar e pintar; essa vontade estava na sua cabeça desde que deixou Gínia. Com esse pensamento veio outro.

Aqui está Roger. Eu nunca esperava vê-lo aqui novamente; talvez um dia Anthony volte. Oh, Deus, seja gentil!

Mas deveria afastar seus pensamentos de Anthony. Angela olhou para Roger curiosamente, procurando por algo. Nos livros, o homem que fora cruel com sua amada retornava abatido, até mesmo pobre, mas Roger, com exceção de uma ligeira hesitação em seus modos, parecia alegre, feliz e bonito como sempre. Ele estava até um pouco mais rechonchudo.

Comparando-o com a magreza de Anthony, Angela se dirigiu a ele meio distraidamente.

— Você está mesmo engordando.

O corar na pele dele revelou sua instantânea sensibilidade às críticas dela. Mas ele permaneceu humilde.

— Tudo bem, Angèle. Eu mereço tudo que você quiser dizer.

Angela estava imune aos comentários dele, tão indiferente que ela própria não se reconhecia.

— Céus, eu havia me esquecido de tudo, certamente não me lembro de ter te visto tão ansioso por críticas!

— Esquecido! Você não quer dizer que esqueceu o passado e tudo o que um dia foi tão querido para nós?

A impaciência a dominou. Angela desejou que Roger se fosse e a deixasse com seus pensamentos e com sua pintura; uma ideia tão esplêndida lhe ocorrera; era a primeira vez em semanas que ela sentia vontade de trabalhar. Ciente do benefício de se manter ocupada, ela ansiava pela partida dele com uma sensação de alívio. Esperou poder apressá-lo com o que disse a seguir: — Roger, não acredito que você veio até aqui em um domingo quente de setembro apenas para falar comigo dessa maneira teatral? Não

me importo de dizer que tenho um milhão de coisas para fazer à tarde. Vamos logo com isso.

Angela estava sentada, quase reclinada à vontade na cadeira grande, sem olhar para ele, torcendo distraidamente um lenço nos dedos. Então olhou para cima e algo dentro do azul quente dos olhos dele a trouxe para uma posição vertical, alerta, atenta.

— Angèle, você tem que me aceitar de volta.

— De volta! Eu não sei do que você está falando. Entre nós não há passado, então não mencione isso. Se não tem nada melhor a dizer, é melhor ir embora.

Roger tentou agarrá-la, mas ela se desvencilhou, impaciente, com raiva, sem fingir.

— Vá embora, Roger. Eu não quero ser incomodada por você!

A emoção real explodiu depois da existência de seus sentimentos por Anthony, da sinceridade dos sentimentos dele por ela!

— Não vou permitir esse tipo de coisa; se você não for, eu irei.

Angela se dirigiu para a porta, mas Roger a barrou, de repente, direto e sério.

— Não, escute, Angèle, você deve escutar. Estou falando sério desta vez. Você deve me perdoar pelo passado, pelas coisas que eu disse. Eu era inconsequente! Mas eu tinha isso na minha cabeça... você não sabe as coisas que um homem nasce pensando sobre as mulheres... se ele tem alguma coisa, família, dinheiro... — Angela podia vê-lo se esforçando para esconder sua vasta elegibilidade. — Eu pensei que você estava tentando me enganar, isso me deixou desconfiado, com raiva. Eu sabia que você era pobre...

— E uma ninguém! Oh diga, diga!

— Bem, direi. De acordo com os padrões do meu pai, uma ninguém. E quando você começou a se interessar por mim, pelos meus negócios...

— Você pensou que eu estava tentando me casar com você. Bem, no começo eu estava. Eu era pobre, não era ninguém! Eu queria ser rica para ser capaz de ver o mundo, de ajudar as

peessoas. E então, você e eu nos aproximamos tanto que eu não me importava com o casamento, apenas com a vida! Oh, acho que minha atitude era perfeitamente pagã. Eu não pretendia entrar nessa vida, toda a minha criação foi contra isso, você não pode nem imaginar. E então por um tempo eu fiquei feliz. Receio não ter te amado realmente, Roger, na verdade sei agora que de certa maneira não te amava, mas de alguma forma a vida parecia estar perfeita. Então você se tornou petulante, feio, desconfiado, com medo do meu interesse, da minha ternura. E eu pensei: “Não posso permitir que tudo isso acabe de maneira ruim; deve ser possível que as pessoas tenham sido amantes e, no entanto, continuem amigas”. Eu me esforcei tanto para que ao menos tivéssemos uma lembrança agradável. Mas você se ressentiu com meus esforços. O que eu não posso entender é... por que eu não deveria, se eu quisesse, tentar me casar com você ou tornar nosso relacionamento uma coisa ideal? Por que homens como você se ressentem de um esforço de nossa parte para tornar nosso relacionamento decente? Bem, está tudo acabado agora... teoricamente, o amor livre, ou seja lá como você quiser chamá-lo, é aceitável. Na verdade, está errado. Não quero esse tipo de relacionamento com você ou com qualquer outro homem neste mundo. O casamento era bom o suficiente para minha mãe, e será bom o suficiente para mim.

— Não há nada bom o suficiente para você, Angèle; mas o casamento é a melhor coisa que eu tenho a oferecer e estou oferecendo a você exatamente isso. E estou de volta porque você foi honesta, franca e decente; tentou impedir que nosso relacionamento anterior se deteriorasse na sordidez.

Angela estava atordoada. O casamento com Roger significava proteção, posição na sociedade, riqueza incalculável, oportunidades ilimitadas de fazer o bem. Antes, ela teria aceitado a oferta!

— O que aconteceu com Carlotta? — perguntou ela sem rodeios.

— Ela está às vésperas de se casar com Tom Estes, um rapaz que estudou comigo na faculdade. Ele é bem mais rico do que eu. Carlotta pensou que se sairia melhor com ele.

— Entendi.

Angela olhou para Roger, pensativa, em seguida, lembrou-se de seu grande segredo, um segredo que ela nunca poderia compartilhar com Roger. Não! Chega de complicações e seus consequentes desastres!

— Não, não, não vamos falar mais sobre isso. O que você quer é impossível. Você não pode imaginar o quanto.

Ele caminhou em direção a ela, agarrou suas mãos.

— Estou falando sério, Angèle; você não tem ideia de como estou cansado da solidão e incerteza e... e de buscar mulheres. Eu quero alguém a quem eu possa amar e confiar, a quem eu possa ensinar a me amar... podemos nos casar amanhã. Não há obstáculo no nosso caminho.

A sinceridade dele a deixou impassível.

— O que o seu pai diria?

— Oh, não poderíamos dizer a ele ainda; ele nunca consentiria! Claro que teríamos que manter as coisas em segredo, apenas nós e um ou dois amigos; Marta e Ladislav, talvez.

Mais segredos! Ela afastou as mãos dele.

— Oh, Roger, Roger! Não. Quando eu casar quero um homem, um homem de verdade, alguém que não tenha medo. — Angela o empurrou para a porta. — Algumas pessoas conseguem reviver o passado, mas não nós dois... nunca serei capaz de confiar em você novamente. Estou cansada de manter segredos e desses joguinhos. Vou levar minhas amizades a sério a partir de agora. Por favor, vá embora. Tive um verão difícil e estou muito cansada. Além disso, quero trabalhar.

Perplexo, Roger olhou para ela, surpresa e indignação lutando em seu rosto.

— Angèle, tem certeza de que sabe o que está fazendo? Não tenho intenção de voltar, então é melhor você me aceitar agora.

— É claro que você não vai voltar! Tenho certeza de que não gostaria que você voltasse. É a minha decisão final.

Com compaixão, Angela riu da cara triste dele, tocando sua bochecha.

— Se você soubesse o quanto se parece com um bebê birrento!

A simpatia e compreensão recém-desenvolvidas fizeram Angela pensar em Ralph. Sem dúvida, a ausência de Carlotta o afetaria muito. O pensamento estava correto, embora o efeito do golpe tenha sido diferente do que Angela previra. Ralph não ficou tão perturbado com a perda real da garota, confirmando a hipótese de que ele nunca seria capaz de formar e manter uma amizade duradoura. Apesar de sua riqueza, sua timidez natural sempre o fazia subestimar a si mesmo com mulheres de sua própria classe; ele passava muito tempo com mulheres que na verdade não admirava, das quais de fato não gostava, porque, disse a Angela melancolicamente, elas eram as únicas que o levavam a sério.

— Ninguém, além de você e Carlotta, jamais gostou de mim por quem sou, Angèle.

Eles se viam muito; de uma forma tranquila e sem emoção, estavam desenvolvendo uma verdadeira amizade. Angela voltou a pintar. Ela havia retornado às aulas na Cooper Union e estava trabalhando com grande entusiasmo e absorção em uma pintura que pretendia inscrever no concurso de bolsas da escola de Fontainebleau. Ralph, que escreveu alguns bons versos no estilo recôndito e falsamente livre dos dias atuais, adquiriu o hábito de levar seu trabalho para a pequena sala de estar de Angela, e nas longas e tenras noites de outono os dois trabalharam seriamente, com concentração. Ralph tinha viajado e vivido muito, embora geralmente à margem; Angela, apesar de não ter ido a lugar algum, “tinha vivido profundamente”, ele lhe dizia, ponderando sobre um pouco da filosofia expressada a partir das vivências de sua difícil vida.

— Sabe, do seu jeito, você é uma maravilha, Angèle; há um mistério pairando sobre você. Por conta do seu bom humor, seu senso de humor, você é como Duse¹¹, parece se mover em uma aura de sofrimento, da dor que vem de uma sensibilidade muito grande. E, no entanto, como pode ser? Você não tem idade suficiente, teve poucos contatos para saber como a vida pode ser indescritível, como ela pode te enganar...

Um sorriso enigmático se instalou no rosto dela.

— Eu não sei sobre a vida, Ralph? Como você acha que eu tive a ideia para a minha obra-prima?

Angela apontou para a pintura na qual estava trabalhando.

— Isso é verdade, é verdade. Muitas vezes me perguntei sobre essa composição; muitas vezes eu quis perguntar como você a desenvolveu. Mas guarde seu mistério para si mesma, criança; que acrescenta ao seu charme.

Sobre isso, ela tinha suas próprias ideias. Mistério pode adicionar ao encanto da personalidade, mas certamente não poderia adicionar ao charme da vida. Antes, Angela pensava que as águas roubadas eram mais doces, mas agora era o futuro o que mais a intrigava.

Ralph Ashley, ela descobriu, apesar de sua timidez, tinha ideias e convicções muito definidas, estava absolutamente livre de seu modo de pensar e bastante indiferente às tradições e padrões sociais. Um aristocrata, se alguma vez houve um, ele acreditava, não obstante, na qualidade essencial do homem e odiava as condições econômicas que muitas vezes tendem a criar barreiras superficiais e irreais que separam as classes.

Com alguma apreensão, Angela mencionou o assunto da raça. Ele considerava o preconceito a maior mancha da história da América.

— Estamos errados, todos errados sobre essas pessoas. Depois de tudo o que fizeram para tornar a América habitável! Algum dia, nos daremos conta de nossa vergonha. Espero que não seja tarde demais.

— Mas você não gostaria que sua irmã se casasse com um *nigger* ¹²!

— Estou espantado, Angèle, por você usar essa palavra. Quase não há sangue não misturado nos Estados Unidos, de modo que o termo costuma ser impróprio. Eu não tenho uma irmã; se tivesse, eu a aconselharia contra o casamento com um homem negro estadunidense porque a pressão social aqui provavelmente seria muito grande, mas isso seria absolutamente o único motivo pelo qual eu me oporia. E eu posso te dizer isso: não gostaria de me casar com uma mulher do Congo, mas se eu conhecesse uma mulher negra da minha própria nacionalidade, bem-educada, bonita,

simpática, eu não deixaria o fato de seu sangue misturado ficar no meu caminho.

*

Uma espécie de interesse secundário em viver estava tomando conta dela. O brilho, os pontos altos, haviam desaparecido de sua vista. Ela nunca, Angela suspeitava, voltaria a conhecer a espontaneidade de sentimento e atitude de novo como se sentia em relação a Roger e Anthony. Tampouco voltaria a abordar as experiências da existência com a mesma expectativa ingênua, o mesmo desejo de ver como as coisas terminariam. Por mais jovem que fosse, ela se sentia como um veterano com cicatrizes de guerra que, exausto de suas próprias atividades extenuantes, estava bastante contente em ficar à margem observando todas as fases do combate com os mesmos olhos.

Embora Angela não pretendesse mais tentar sua sorte com Virgínia, não fez mais nenhum esforço para colocar barreiras entre ela e pessoas negras. Que o mundo a visse como era. Quando estava no Harlem, em companhia de Virgínia e Sara Penton, saía para jantar nos barulhentos, lotados e amigáveis restaurantes, ia para as salas de chá, para as limpas e convidativas sorveterias. Frequentemente, também, ela ia às compras com a irmã e ao teatro; apresentou Virgínia a Ralph e Marta. Mas teve o cuidado de evitar o contato com pessoas cuja atitude em relação à questão racial fosse desconhecida ou definitivamente antagônica.

O Harlem a intrigava; era uma cidade maravilhosa; representava, Angela sentia, a última moda em orgulho racial, integridade e até autossacrifício. Ali estavam pessoas de um tipo intelectual muito elevado, expoentes do mais real e mais essencial refinamento vivendo lado a lado com membros grosseiros, mal-educados ou mesmo criminosos, certamente indiferentes de sua raça. É claro que parte dessa proximidade era devido à pressão externa, mas também estava presente uma consciência oculta do dever racial, algo que se traduzido diria: “Talvez você me atrase um pouco. Mas, por outro lado, talvez, eu esteja ajudando você a subir”.

Havia uma cabeleireira na 139th Street onde Virgínia costumava fazer seu lindo cabelo; onde Sara Penton, cujas mechas eram do mesmo tipo que as de Matthew, costumava ir para *disciplinar* seus cabelos. Aos sábados, Angela acompanhava as meninas e ouvia as conversas, graves e alegres, dessas pessoas cujo sangue ela compartilhava, mas cujos problemas, por um acaso de sorte, ela tinha sido capaz de evitar. Pois, embora estivesse disposta, pelo bem de Anthony, a se alistar novamente nas lutas desta vida, ela nunca tinha ignorado as desvantagens, a limitação! Quanta coragem era necessária para essas pessoas viverem! Era necessário um alto grau de humor, de determinação, firmeza, intrepidez!

Maude, a proprietária do negócio, era uma mulher franzina de rosto doce, pele aveludada marrom-clara, voz encantadora e ar de verdadeiro requinte. Ela era do Texas, mas tinha vindo para Nova York em busca de fortuna, tinha trabalhado como empregada doméstica em Londres e Paris e estava tão familiarizada com as artes de sua profissão quanto qualquer cabeleireiro nas proximidades da Rue de la Paix ou na Quinta Avenida. Uma rara hospitalidade emanava de sua presença; seu salão estava sempre cheio não só de fregueses, mas de visitantes, visitantes de sua terra natal, atrizes do *business* negro, esvoaçando como radiantes pássaros do paraíso com suas ricas peles marrons, seus olhos exóticos e alegres, e com roupas cujo estilo inconsciente havia evoluído apenas para eles.

Nessa atmosfera não havia grosseria, não havia restrição; a vida no movimentado Harlem parava ali e bocejava por um momento delicioso antes de continuar com sua pressão e problemas. Uma garota do Texas, visitando uma pequena metrópole por algumas semanas, deu uma última olhada em seu cabelo maravilhosamente arrumado, posicionou-se por um segundo diante do vidro e disse: — Bem, adeus, Maude. Voltarei para casa, mas nunca me esquecerei do Harlem.

Uma garota negra, vestida de branco dos pés à cabeça, perguntou:

— Por que ela vai voltar para o Sul? Será que *ainda* não se cansou do Texas?

Maude respondeu que ela voltaria para lá por causa de sua propriedade.

— O pai dela é dono da maior parte da pequena cidade onde eles moram.

— Criança, você não aprendeu que *nunca* é dono de nenhuma propriedade no Texas enquanto aqueles brancos também estiverem lá? Deixe aqueles Ku Kluxers colocarem na cabeça que você tem algo que eles querem. Ela pode muito bem sair de lá primeiro ou por último; mas algum dia terá que sair. Sei que é difícil se arriscar e começar tudo de novo em uma cidade estranha e um clima estranho, mas é a diferença entre vida e morte. Eu sei que fiz isso e espero nunca mais voltar.

Ela era uma mulher frágil, vestida e calçada com elegância. Sua voz suave e arrastada. Mas Angela a viu nitidamente como o epítome do ferro e do sangue em uma raça que não sabia como abandonar a vida.

Parte 5 : O fim do mercado

Capítulo 1

A eterna rotina da vida continuava — refeições, sono, conversa, trabalho — e tudo isso nada significava; um vazio começando em lugar nenhum e levando a lugar nenhum. Aos poucos, porém, dois pontos se fixaram no horizonte, e sobre eles a vida de Angela girou. Um era seu trabalho, sua arte. Toda semana ela passava três ou quatro noites no cavalete. Estava ansiosa para ganhar um dos prêmios do concurso que seria realizado em maio; se obtivesse êxito, enviaria seu pedido de registro na Fountainebleau School of Fine Arts, que foi financiada por americanos e estabelecida, dizia no panfleto, “como uma escola de verão para arquitetos, pintores e escultores americanos”. Se ela conseguisse ganhar, deixaria os Estados Unidos por um ano ou dois, assegurando, assim, o sucesso. A tenacidade com que se apegou a este plano a assustou um pouco, até que Angela descobriu que também havia fundos possíveis dos quais ela poderia, com a recomendação adequada, tomar emprestado dinheiro suficiente para permitir que viajasse para o exterior com o entendimento de que o reembolso poderia ser feito em pagamentos lentos e fáceis.

Ralph descobriu esta informação, aliviando Angela do quase paralisante medo que a assolava de vez em quando. Era divertido e triste perceber que seu talento, usado uma vez como um escudo para protegê-la dos motivos reais para se libertar e ir a Nova York, tinha agora se tornado a maior e mais real força em sua vida.

A Srta. Powell, com quem Angela, no seu novo estado de espírito, conseguiu uma trégua, sabia da sua ambição e, de fato, a partilhava. Se ela ganhasse o prêmio, o dinheiro, combinando-os com uma pequena poupança pessoal e com os termos especiais oferecidos pelo American Committee, a realização de seus mais queridos desejos estaria próxima. Tudo isso ela confidenciou à Angela em duas manhãs de domingo, quando, em seus aposentos um tanto apertados na 134th Street, fizeram companhia uma à outra. Uma habitação próxima fora convertida em local de culto para uma das divisões especiais do credo religioso tão querido para as

peessoas negras. A maior parte do culto parecia consistir em canto, e assim as várias horas gastas em conversas sérias pelas duas garotas foram pontuadas por explosões de canções que saíam das gargantas revestidas de bronze dos fiéis.

O outro ponto no qual os pensamentos de Angela se concentravam era sua posição anômala. No entanto, sua mente avisou-a repetidamente que não havia nada inerentemente errado, maldoso ou vergonhoso na posição ela havia tomado. O método poderia ser um pouco censurável. Mas, fora isso, seus críticos mais severos, embora imparciais, poderiam apenas dizer que, em vez de compartilhar os fardos de seu próprio grupo, ela escolheu se desviar por um caminho onde pessoalmente pudesse encontrar maior facilidade, conforto e expansão. Há muito Angela havia desistido da busca pela felicidade.

Mas houve momentos em que uma discussão casual sobre pessoas negras, expressa nos termos peculiarmente brutais que os Estados Unidos empregavam, fez seu sangue ferver, e Angela ansiava por expressar que ela, sendo presumivelmente uma mulher branca, teria os mesmos pontos de vista, dizendo: — Eu sou uma delas. Você me considera inútil ou desonesta ou ofensiva de alguma forma?

Teria sido, Angela sentiu, um belo gesto. Mas a vida que ela conhecia tinha uma maneira de permitir que grandes gestos passassem despercebidos e não recompensados. Valeria a pena jogar fora os benefícios da sua passabilidade e brancura casual quando nenhum grande problema estava em jogo? Valeria realmente a pena perdê-los numa situação séria? Lembrando-se da era material em que vivia e da nação material da qual era membra, ela tinha dúvidas. O velho ditado de sua mãe se repetia: “A vida é mais importante do que a cor”.

*

Os anos foram passando. Virgínia parecia não ter pressa em se casar. Anthony, a quem Angela via ocasionalmente na Escola de Arte, aparentemente concordava. No entanto, não havia nada em suas ações ou maneiras que a fizesse sentir que ele previa uma

mudança. Em vez disso, se o julgava corretamente, Anthony, como ela, cansado daquela confusão, estava em uma aceitação resignada do destino. Se possível, ele estava mais quieto, mais reservado do que nunca, ainda irradiando uma estranha calma e a paz que vem da entrega.

Em maio, foram anunciados os prêmios do concurso. Angela recebeu o Prêmio John T. Stewart por seu “Tipos da 14th Street”; sua extrema satisfação foi duplicada ao saber que o Prêmio Nehemiah Sloan, de igual valor, havia sido concedido à Srta. Powell por sua pintura intitulada “Uma Rua no Harlem”. A garota negra ainda era difícil e reservada, mas sob os esforços persistentes de Angela para fazer amizade, ela finalmente começou a derreter um pouco. Não planejavam viver juntas na França, seus gostos não eram suficientemente parecidos para tal proximidade, mas ambas ansiavam por um ano de prazer, de trabalho inspirador, de uma vida que seria diferente.

Angela ficou aliviada, mas a Srta. Powell estava triunfante; ela dava a impressão de ter justificado não apenas sua vocação, mas a si mesma e, em menor grau, sua raça. A autoconsciência da cor, da responsabilidade racial, estava, Angela tinha descoberto, enraizada nela.

O dinheiro da passagem para a França foi pago. Pelos termos oferecidos pelo comitê da Fontainebleau, conseguiram uma boa economia. As meninas partiriam em junho. À medida que o tempo se aproximava, Angela sentia-se cada vez mais entusiasmada. A princípio, ela viu sua permanência no exterior como uma ruptura enviada dos céus da monotonia e das dificuldades de seus problemas pessoais, mas ultimamente, com a reação involuntária da juventude, ela estava começando a recuperar a ideia de embarcar em uma grande aventura. Seu ânimo aumentou continuamente.

Certa noite, Angela foi até a casa de Marta Burden para discutir a viagem; ela queria informações sobre dinheiro, roupas, dicas.

— Tudo em que você puder pensar, Marta — disse ela com seu antigo modo vigoroso.

— É fácil para você, você já esteve no exterior tantas vezes que deveria escrever uma enciclopédia sobre “O que levar para a Europa”. Eu pretendo seguir cegamente seu conselho e da próxima vez que eu vir a Srta. Powell, a deixarei informada.

— Não precisa — disse Marta lacônica e sombriamente. — Ela não vai.

— Não vai! Por quê? Há duas semanas ela disse que iria.

— Sim, mas ela não vai esta semana nem em nenhuma outra, receio; pelo menos não através do fundo do American Committee para a Fontainebleau School of Fine Arts. Eles devolveram o dinheiro da passagem. Você não sabia? Achei que todo mundo já soubesse.

Angela lutou contra uma náusea momentânea.

— Não, eu não sabia. Eu não a vejo há anos. Estou tão ocupada me recompondo. Marta, do que se trata? É porque ela é negra? Sério?

— Bem, é. Eles disseram que eles próprios não têm preconceito, mas que tinham certeza de que o contato forçado no navio seria desagradável para muitos dos alunos, que virão de todas as partes dos Estados Unidos. Além disso, pensam que esse contato seria embaraçoso para a Srta. Powell também. Oh, não há fim para a baboseira ridícula que escreveram e disseram. Eu reuni parte do comitê de estudantes e professores, tentando atizar o sentimento público. O Sr. Cross tem ajudado e Paget também. Gostaria que Paulette estivesse aqui; ela conseguiria alguma atenção dos jornais. Van Meier publicou alguns editoriais mordazes; ele expôs muitas das cartas idiotas deles. Acho que se insistíssemos, conseguiríamos alguma coisa. — Ela refletiu por um momento. — O engraçado é que estamos tendo dificuldade em fazer a Srta. Powell reagir. Não entendo aquela garota.

Angela murmurou que talvez a Srta. Powell não tivesse esperança na luta contra o preconceito.

— É tão irracional, e mesmo assim está em toda parte. Talvez ela não queira sacrificar sua paz de espírito pelo que considera uma luta inútil.

— Foi o que o Sr. Cross disse. Ele tem sido maravilhoso com ela, é um ativista infatigável. Claro que você irá embora logo, já que

nada disso afeta você, mas venha a uma ou duas reuniões do comitê, sim? Estamos nos encontrando aqui. Vou ligar para você.

— Bem — disse Angela para si mesma naquela noite, depois de ter voltado para casa. — O que será que devo fazer agora?

De vez em quando, ainda recebia um repórter ou outro; o pequeno e agradável movimento de publicidade sobre seu prêmio ainda não havia morrido. E se ela mandasse chamar um deles e anunciasse que não estava disposta a aceitar os termos do American Committee, visto que eles haviam se retirado sua ajuda à Srta. Powell? E se ela dissesse calmamente: “Eu também sou negra”? O que aconteceria? A retirada da assistência, sem a qual sua viagem ao estrangeiro, a esperança de cura, a ampliação de seus horizontes seria impossível. Não havia fim para os problemas em que essa questão da raça poderia envolver alguém, alguns deles apenas superficiais, como neste caso, alguns deles gravemente físicos. A cabeça de Angela doía com a futilidade de tentar encontrar uma solução para esses quebra-cabeças intermináveis.

Quando crianças, ela e Gínia foram proibidas de ler a literatura popular de sua época, que custava cinco e dez centavos. Mas de alguma forma uma cópia de uma história de mistério intitulada “Quem matou o Dr. Cronlin?” chegou até suas mãos, uma história horrível toda cheia de homens barbudos, álcool, silhuetas nas janelas. Tremendo de fascinação, elas o devoraram depois da meia-noite ou no início da manhã, enquanto seus pais ainda dormiam. A cada página, esperavam revelar o mistério. Mas a paciência não foi recompensada, pois a última frase da última página dizia: “Quem matou o Dr. Cronlin?”.

Angela pensou nisso agora, sorriu e suspirou. *O que é ou não é ético nessa questão de raça?*, ela se perguntou. E de fato era uma boa pergunta. Estudar em Fontainebleau teria sem dúvida mudado a atitude da Srta. Powell em relação à vida para sempre. Se tivesse recebido a justa recompensa por seu estudo metódico, ela teria concluído que o que é certo triunfa no final. Além disso, a inspiração poderia ter trazido um talento latente, novas possibilidades. A Srta. Powell ter perdido sua chance por um golpe de azar

necessariamente exigia que Angela também perdesse? Em caso afirmativo, para quê?

Incapaz de responder, ela caiu adormecida.

Absorvida nos preparativos, Angela permitiu que duas semanas passassem, então, lembrando-se do convite de Marta, foi novamente para a casa de Starr em uma noite em que o comitê deveria se reunir. Ela encontrou Anthony, Sr. Paget, Ladislav e Marta presentes. A última estava mais perturbada do que nunca. De fato, um ar de sombrio desânimo pairava sobre todos eles.

— Bem — perguntou a recém-chegada, determinado a parecer à vontade apesar da presença de Anthony. — Como as coisas estão progredindo?

— Não estão — respondeu o Sr. Paget. — Na verdade, estamos prestes a desistir da luta.

Ladislav, com uma espécie de diversão provocada, explicou então que a própria Srta. Powell havia jogado a toalha.

— Ela não apenas desistiu como mandou dizer que, embora aprecie a nossa luta, prefere que deixemos o nome dela fora disso.

— Já ouviu maior absurdo? — retrucou Marta irritada. — Eu me pergunto se as pessoas negras não são desistentes por natureza. Às vezes acho que nunca levantarei outro dedo por elas.

— Você não sabe do que está falando — disse Anthony com veemência. — Se você conhecesse a guerra incessante que a maioria dos negros trava, entenderia que, às vezes, eles precisam parar de lutar pelos luxos da vida para se ater ao essencial, pelo qual também devem lutar todos os dias com a mesma intensidade com que fizeram no primeiro dia. Não, eles não desistem, eles simplesmente aprenderam a deixar para lá para que possam conservar suas forças para outro dia ruim. Sou negro e sei.

Houve um momento de silêncio tenso enquanto as três pessoas brancas o encaravam, surpresas e sem palavras. Então Marta disse, ainda chocada:

— Negro! Ora, não posso acreditar. Você nunca nos disse que era negro.

— E é exatamente por isso que eu estou dizendo agora — disse Anthony, com frieza rude. — Para que você não faça julgamentos precipitados sobre nós. — Ele começou a caminhar

para a porta. — Já que o motivo para o qual esta reunião foi convocada se tornou nulo e sem motivo, considero que estamos automaticamente dispensados. Boa noite.

Marta correu atrás dele.

— Oh, Sr. Cross, não vá assim. Como se fizesse alguma diferença! Por que isso afetaria nosso real respeito mútuo?

— Por que deveria, de fato? — Ele perguntou um tanto enigmaticamente. — Espero que não. Mas eu preciso ir.

Anthony saiu da sala, acompanhado de Paget e Ladislav. Marta ficou olhando, impotente.

— Suponho que eu não disse a coisa certa. Mas o que eu poderia fazer? Fiquei tão surpresa! — Ela se virou para Angela: — E realmente não consigo superar o fato de ele ser negro, você consegue?

— Não — disse Angela solenemente. — Não consigo...

E surpreendeu a si mesma e a Marta ao explodir em uma torrente de lágrimas.

*

Por alguma razão o incidente firmou sua determinação. *Talvez Anthony tenha feito o sacrifício necessário*, ela disse a si mesma e soube, mesmo enquanto dizia, que a suposição era pura bobagem. Anthony não considerou que estava fazendo um sacrifício; sua confissão, ou melhor, sua declaração a respeito de seu sangue tinha o significado da ação de uma pessoa que limpa sua casa. Anthony não queria que sua cabeça estivesse cheia de engano e confusão. Ele não se rotulava, mas, por outro lado, entregava-se de vez em quando a uma limpeza geral, porque não permitiria que suas ações fossem confusas.

Angela não queria nada além de deixar para trás todos os problemas da raça. Ela não poderia enfrentar tais problemas na Europa; literalmente, em todos os sentidos, iria começar de novo. Na França ou na Itália, Angelaalaria de sua linhagem de sangue negro e aceitaria quaisquer consequências que tal exposição acarretasse. Mas as consequências não teriam as mesmas dores e dificuldades enfrentadas nos Estados Unidos.

Um tanto acanhada, Angela começou a considerar a ideia de ir ver a Srta. Powell. O dilema se dividia em uma relutância em exhibir sua boa sorte ante a colega de classe desapontada e uma igual relutância em partir para a França, abandonando apenas a simpatia fria das palavras no papel. Mas alguma coisa mais forte e mais insistente que a mera consideração de cortesia tomou conta dela. Afinal, elas partilhavam do mesmo sangue. Um capricho do destino separou seus caminhos, mesmo assim elas eram mais do que irmãs de pele. Elas estavam mesmo intimamente ligadas pelo sangue, pela condição racial, pelo sofrimento comum. Mais uma vez, Angela pensou no episódio anos atrás, quando tinha visto uma garota negra ser rechaçada em um restaurante: *Poderia facilmente ter sido Virgínia*.

Sem aviso, Angela foi até o Harlem e se viu perguntando se poderia ver a Srta. Powell. A mãe que Angela tinha visto pela última vez tão orgulhosa e feliz a recebeu com uma nota de perplexidade soturna que, para a garota branca, significava: “É fácil pra você, com seus privilégios, vir até aqui e simpatizar com a minha pobre menina”. Não houve qualquer sinal de gratidão ou apreciação do espírito que inspirou Angela a fazer a visita.

A Sra. Powell respondeu:

— Sim, acho que você pode vê-la. Há três ou quatro outras pessoas lá agora perturbando a cabeça dela. Acho que mais uma não vai fazer nenhuma diferença.

Ela a conduziu por um longo e estreito corredor, passando por duas salas cujos interiores escuros pareciam sombrios em contraste com a forte luz do sol que a visitante acabara de deixar. Mas o final do corredor se abria para uma sala de jantar bastante ampla, iluminada, simples, mas confortável, onde a Srta. Powell estava entretendo, para espanto de Angela, três ou quatro pessoas, todas brancas. Seu espanto, entretanto, diminuiu quando percebeu entre eles John Banky, um dos repórteres que vinha com frequência entrevistá-la sobre seus planos para a França. Todos eles, Angela julgou com raiva, compartilhavam a mesma profissão, na esperança de escrever uma coluna sobre o infortúnio da Srta. Powell.

Angela pensou que nunca tinha visto a garota tão atraente e exótica. Ela estava usando um vestido de seda fina, simples, mas

de um flamejante vermelho a partir do qual a escuridão acetinada de seu pescoço se levantava, uma coluna reta encimada por sua cabeça grande e quadrada. Seus finos lábios escuros, um tanto achatados, contrastavam com a perfeição deslumbrante de seus dentes; as maçãs do rosto salientes mostravam um toque de vermelho. Para qualquer pessoa cujos ideais de beleza ainda não foram definidos e nitidamente limitados, ela deveria ter feito um apelo de tirar o fôlego. Enquanto permaneceu quieta em sua reticência um tanto mal-humorada, ela era uma figura maravilhosa em repouso; concentrando toda a atenção do pequeno aglomerado enquanto sua pele e cabelos escuros se contraíam e retinham o brilho que o sol, fluindo por três janelas, derramava sobre ela.

Assim que falou perdeu, porém, um pouco dessa perfeição. Pois, embora uma dignidade silenciosa persistisse, havia dor e perplexidade em sua voz e a sombria tristeza do desespero absoluto. Obviamente, ela não sabia como se livrar dos intrusos, mas conseguiu sustentar uma postura e indiferença que os mantinham à distância. *Certamente*, pensou Angela, ouvindo as perguntas estúpidas, quase impertinentes, *essas coisas não significam nada para eles*. Mas eles continuaram lançando suas iscas, como um garotinho que atormenta um animal solitário e desanimado no zoológico.

— Estávamos tendo uma discussão acadêmica com a Srta. Powell aqui — disse Banky, voltando-se para Angela. — Esta — informou ele a seus colegas de trabalho — é a Srta. Mory, uma das ganhadoras do prêmio da Exposição de Arte e colega de classe da Srta. Powell. Acredito que a Srta. Powell era sua... hã... colega de quarto?

— Não — disse Angela, corando um pouco pela Srta. Powell, pois ela achava que entendia a ambiguidade da pergunta —, não tínhamos a intenção de ser colegas de quarto. Embora eu — Angela ouviu-se, para sua grande surpresa, dizendo: — eu ficaria feliz em compartilhar o quarto com a Srta. Powell, se ela quisesse. — Angela queria evitar o assunto. — O que isso tem a ver com uma discussão acadêmica?

A voz rouca e um tanto rebelde da Srta. Powell interrompeu:

— Não há nenhuma discussão, Srta. Mory, acadêmica ou não. Parece que o Sr. Paget disse a esses cavalheiros e à Srta. Tilden aqui, que eu havia me retirado definitivamente da luta para induzir o comitê a me permitir usufruir dos meus benefícios. Então, eles vieram me pedir que fizesse uma declaração e eu disse que não tinha nada a dizer além de que estou farta de tudo e ficaria feliz em deixar isso para lá.

— E eu — disse a Srta. Tilden, uma jovem esguia usando um vestido cinza impróprio e um peculiar e horroroso corte de cabelo — perguntei se ela não estava desistindo porque sabia que não daria conta.

Angela sentiu o sangue ferver. Algo dentro dela pedia cautela, mas ela respondeu desafiadoramente:

— O que você quer dizer com saber que não daria conta?

— Bem, é claro, isso é terrivelmente franco e espero que a Srta. Powell não fique ofendida — disse a Srta. Tilden, mostrando claramente que não se importava se a Srta. Powell estava ofendida ou não —, mas afinal de contas sabemos que muitas pessoas acham os... hã... negros... censuráveis e, portanto, é claro que nenhum deles que se preze iria aonde não é desejado.

A mãe da Srta. Powell, nos fundos, dirigindo-se a ninguém em particular, disse que não sabia que “que o comitê era dono do navio”. Se sua filha pudesse pagar, logo mostraria o quão rápido iria aonde quisesse e sem pedir favores a ninguém.

— Ah, mas — disse a Srta. Tilden judicialmente — aí está a falácia. Outra coisa está envolvida aqui. Há um lado social nesta questão, inerente, senão explícito. E esta é a questão. — Ela apontou um dedo fino e pálido para a Srta. Powell. — Por trás da maioria dos esforços que vocês fazem para entrar em escolas, clubes e restaurantes e assim por diante, não existe realmente esse desejo de igualdade social? Vamos lá, Srta. Powell, seja franca e me diga.

Com tal clareza que chamou a atenção de todos, Angela disse:

— Ora, Srta. Tilden, isso é imperdoável e você sabe disso. A Srta. Powell não tinha nada em mente sobre igualdade social. Tudo

o que ela queria era ir para a França e chegar lá gastando o mínimo possível.

Banky, falando em um tom bastante afetado, se posicionou:

— Eu também acho que isso é um pouco demais, Srta. Tilden. Não temos o direito de interpretar as ideias da Srta. Powell por ela.

Um jovem atarracado e de rosto vermelho interveio:

— Mas, do mesmo modo, não é essa a questão envolvida? A questão toda não se resume nisto: a Srta. Powell ou qualquer outra jovem negra, conhecendo as condições na América, tem o direito estar na companhia de um grupo de pessoas com quem ela não tem nada em comum, exceto sua arte? Se ela parar para pensar, saberá que ninguém do grupo de estudantes que a acompanharia no navio quereria de fato sua presença. Aqui está a Srta. Mory, por exemplo, uma colega. O que seria mais natural em outras circunstâncias do que ter feito arranjos para viajar com a Srta. Powell? Ela sabe que tem que dividir sua cabine com alguém. Mas não; o pensamento aparentemente nunca entrou em sua cabeça. Por quê? A resposta é óbvia. Muito bem, então. Se ela, conhecendo a Srta. Powell, se sente assim, qual será o sentimento de completos estranhos?

Uma espécie de silêncio chocado caiu sobre a sala. Era uma situação impossível. Como, pensou Angela desesperadamente, conhecendo os dois lados, ela poderia explicar a essas pessoas presunçosas e complacentes a ambição da Srta. Powell, seu orgulho frio, a distância com que ela tratara seus colegas estudantes, seu esforço óbvio demais para compartilhar seu treinamento e não sua amizade? Apressada, ela tentou acabar com isso, envergonhada de si mesma, envergonhada pela Srta. Powell, cujo olhar angustiado implorava por seu silêncio.

Por fim, a garota negra falou.

— É maravilhoso de sua parte participar dessa maneira, Srta. Mory. Não fazia ideia de que você entendia tão perfeitamente. Mas não vê que não adianta tentar explicar? É uma coisa que as pessoas entendem ou não.

Ela deixou seu olhar suave e escuro pousar por um segundo em seus ouvintes.

— Receio que não esteja no poder dessas pessoas entender o que você quer dizer.

O jovem atarracado ficou um pouco mais vermelho.

— Acho que entendemos, Srta. Powell. Tudo o que a Srta. Mory diz simplesmente confirma minha primeira ideia. Pois, de outra forma, entendendo e simpatizando com você como ela faz, por que, por exemplo, nunca fez qualquer tentativa muito perceptível de se tornar sua amiga? Por que ela não convidou você para ser sua companheira nesta viagem que, pelo que sei, estão fazendo juntas? Seria o bastante para fazer cair por terra o argumento do comitê. Mas não, ela não faz nada, mesmo que isso signifique o impedimento da ambição de uma vida. Veja, não te culpo, Srta. Mory. Você está agindo de acordo com uma lei natural. Estou apenas tentando mostrar à Srta. Powell como é inevitável o funcionamento de tal lei.

Era um raciocínio tolo e falacioso, mas continha verdade suficiente para doer. A crosta gelada que se formara sobre o coração de Angela tremeu, quebrou e derreteu. De repente, parecia que nada no mundo era tão importante do que a situação da Srta. Powell; por isso, ela determinou categoricamente que nenhum preço seria muito caro.

Angela disse com frieza em um tom que nunca tinha se ouvido usar antes:

— É verdade que nunca defendi a Srta. Powell, pois nunca pensei que ela precisasse. Mas agora que a questão surgiu, quero dizer que estaria perfeitamente disposta a compartilhar meu quarto e dar-lhe o máximo de companhia que ela pudesse suportar. No entanto, isso está tudo fora de questão agora porque a Srta. Powell não irá para a França e nem eu. — Ela parou um segundo e acrescentou baixinho: — Pelo mesmo motivo.

Alguém disse perplexo:

— O que você quer dizer quando diz que não vai? E pelo mesmo motivo?

— Quero dizer que se a Srta. Powell não é desejada, eu também não sou. Você insinua que ela não é desejada porque é negra. Bem, eu também sou negra.

Um dos homens disse baixinho:

— Meu Deus, que furo! — E pegou o chapéu.

Mas Banky, com o rosto rígido e branco, o conteve.

— Eu não acredito que você saiba o que está dizendo, Srta. Mory. Mas de qualquer forma, seja verdade ou não, pelo amor de Deus retire o que disse! — Seu tom de horror adicionou o último toque.

Angela riu na cara dele.

— Retirar! — Ela mal podia se conter. — Você realmente acha que ser negro é tão horrível assim? Você não vê que, na minha maneira de pensar, é muito melhor ser negra e perder minhas bolsas de estudo e honras e preferências do que ser as coisas desprezíveis que vocês todos mostraram ser esta manhã? Vir aqui importunar esta pobre garota e sua mãe, empurrando a sua autoconfiança goela abaixo, como bestas? — Ela virou-se para a mãe. — Sra. Powell, você certamente não quer mais essas pessoas aqui. Tenho sua permissão para levá-las para fora? — Atravessando a sala soberbamente, Angela abriu a porta.

— Por aqui, por favor, e não voltem mais. Vocês podem ter certeza de que encontraremos uma maneira de mantê-los fora.

Silenciosamente, a pequena fila foi embora. Apenas a Srta. Tilden, colocando a mão no braço de Angela, fez uma pausa para dizer avidamente:

— Você vai me deixar vê-la, não é? Posso lhe dar uma boa publicidade, só preciso de mais informações. Que tal uma entrevista exclusiva?

Angela disse friamente:

— A Sra. Powell vai mostrar a porta da frente.

Então ela e sua ex-colega ficaram olhando uma para o outra. A garota negra cruzou a sala, pegou suas mãos e as beijou.

— Oh — ela disse —, foi magnífico. Nunca imaginei... mas você não deveria ter feito isso. É tudo tão injusto, tão bobo e tão cansativo. Você, é claro, só ouve comentários quando revela sua condição. Mas eu sou negra passo por isso a minha vida toda. Você não sabe os inúmeros prêmios que foram roubados de mim por causa da cor. — A Srta. Powell se virou quando sua mãe entrou na sala. — Mãe, ela não foi magnífica?

— Ela foi tola — a Sra. Powell respondeu brevemente.

Suas palavras trouxeram a exaltada Angela de volta à terra.

— Sim — disse ela, sorrindo caprichosamente. — Eu sou apenas isso, uma tola. Eu não sei o que tomou conta de mim. Eu sou pobre, estava angustiada; queria algo novo. Agora não sei que caminho tomar. Essa história estará por toda Nova York amanhã de manhã. — Ela caiu na gargalhada. — Fiz minha confissão diante de quatro repórteres! — Sua mão buscou a da Srta. Powell. — Adeus, vocês duas. Não se preocupem comigo. Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer, mas o simples fato de que aconteceu mostra que a verdade provavelmente viria a público qualquer dia. Então, não se culpem por isso. Adeus.

*

Banky estava esperando por ela no vestíbulo, escada abaixo.

— Eu sinto muito por toda essa maldita confusão, Srta. Mory — ele disse. — É uma pena. Se houver algo que eu possa fazer...

Angela disse que não havia nada.

— E você não precisa se preocupar. Como eu disse lá em cima, ser negra não é tão horrível assim. Eu vou me dar bem.

Ignorando a mão dele, ela passou por ele e saiu para a rua. Era sábado à tarde, então havia uma chance de ela encontrar Gínia em casa. *E se ela não estiver lá, posso esperar*, disse a si mesma, e agradeceu a Deus em seu coração pela estabilidade que existe na irmandade.

Gínia estava em casa, remoendo alegremente os pequenos negócios que a mantinham uma menininha. A irmã, olhando para a beleza serena de seu rosto, disse: — Você me faz sentir como uma velha.

— Bem — respondeu Gínia —, você certamente sabe a arte de esconder os estragos do tempo, pois não apenas parece jovem, mas tem o jeito de alguém que acaba de encontrar um milhão de dólares. Entre e me fale sobre isso.

— Encontrar um milhão de dólares? Hum, perdi, eu deveria dizer! — Mas uma súbita onda de alívio e contentamento tomou conta dela. — Oh, Gínia, veja, eu fui uma completa idiota! Eu joguei

fora todas as chances que já tive no mundo, apenas por um capricho.

De repente, unidas pela irmandade, elas se sentaram frente a frente no sofá confortável enquanto Angela contava sua história.

— Eu não tinha a menor intenção de contar. Outro dia eu estava pensando sobre o quão sortuda eu era comparada à Srta. Powell, e de repente saí contando tudo. Mas eu tinha que fazer isso. Se você tivesse visto aqueles repórteres sujos e o rosto da Srta. Powell sob sua implacável sondagem e a velha Sra. Powell, impotente e grunhindo e suando... me fez pensar como uma tola, ela me disse isso, você sabe... Ah, Gínia, querida, você nunca chora! Querida, não há nada para chorar; qual é o problema? Querida!

— Estou chorando porque você é uma tola — disse Gínia soluçando e fungando, cobrindo os olhos. — Você é a garota mais tola e querida que já existiu, e é a minha adorável, maravilhosa e completa irmã. De volta! Oh, Angela, eu estou tão feliz. Diga-lhes para não lhe enviar o dinheiro da sua passagem; diga que não quer nada deles que eles não queiram dar; deixe-os ir, exceto aqueles que gostam de você por quem você é. E, minha querida, se você não se importa em ter que economizar um pouco por um ano ou dois e não esbanjar como planejou, vamos conseguir levá-la para a Europa. Você sabe que eu tenho todo o meu dinheiro da venda da casa. Nunca toquei nele. Você pode ficar com quanto quiser e me pague mais tarde ou não pague.

Rindo e chorando, Angela disse que não poderia considerar isso.

— Guarde o dinheiro para o seu casamento, Gínia. Vai demorar algum tempo até que... Anthony ganhe algum dinheiro de verdade, imagino. Mas vou seguir o seu conselho e ir para a Europa, afinal. Tudo isso vai estar no jornal amanhã, suponho, então escreverei ao pessoal do American Committee esta noite. Quanto ao prêmio em dinheiro, se eles quiserem de volta, eu devolverei. Mas acho que não; nada foi dito à Srta. Powell. São mil dólares. Vou pegar o dinheiro e ir para Paris e viver o quanto puder. Se não puder ficar com os mil, vou usar as poucas centenas que me restaram e irei mesmo assim. E quando voltar, voltarei ao meu

antigo emprego... ou darei aulas. Mas tudo isso está muito distante, e não sabemos o que pode acontecer.

Havia um ou dois assuntos imediatos. O encontro com os repórteres deixou Angela um pouco mais abalada do que parecia à primeira vista.

— Eu não quero encontrá-los de novo — disse ela com tristeza.

O aluguel do pequeno apartamento na Jayne Street ainda tinha um mês. Ela desceria naquela mesma noite, juntaria suas coisas e voltaria para Gínia, com quem viveria sossegadamente até a hora de partir. A correspondência poderia ser deixada com o zelador. Felizmente, a mobília não era dela; havia apenas algumas fotos a serem removidas. Afinal, ela tinha poucos amigos a considerar, apenas os Sandburgs, Marta Burden, a Sra. Denver, Ralph Ashley e Rachel Salting.

— E eu não sei o que fazer com eles — disse Angela, ponderando. — Afinal, você não pode escrever para as pessoas e dizer: “Caro amigo, você sempre pensou que eu era branca. Mas não sou. Sou negra e vou voltar a viver com minha própria família”. Oh, Gínia, Gínia, como pode este mundo ser tão difícil?

No final, depois que a história apareceu, como era esperado, no jornal da manhã seguinte, Angela recortou e mandou para cada um de seus antigos amigos cópias da história da Srta. Tilden, cuja manchete era: “Negrinha socialmente ambiciosa confessa longa fraude”.

*

Com exceção do artigo de Banky, todos os outros foram indelicados. O jovem húngaro enfatizou o elemento do autossacrifício e a teoria de que o sangue, afinal, era mais espesso que a água. Angela adivinhou corretamente que, se pudesse, ele teria preferido omitir, e que apenas o havia escrito para compensar o máximo possível os demais artigos. Das três outras histórias, a da Srta. Tilden era a mais tola e perigosa. Ela falou da mistura de sangue como a maldição do país, uma maldição cuja “influência insidiosamente oculta ameaça os poços da pureza racial nacional.

Incidentes como esses fazem alguém parar antes de condenar os esforços da Ku Klux Klan e sua luta incessante pelo Americanismo puro”.

O efeito imediato dessa publicidade foi algo que nenhuma das irmãs previra. Quando Angela se apresentou ao trabalho na manhã da segunda-feira seguinte, encontrou um bilhete em sua mesa pedindo sua presença imediata no escritório. O presidente retribuiu seu bom dia com pouca cortesia, mostrou-lhe um recorte de jornal e perguntou se ela era a Srta. Mory da história. Após a sua garantia de que sim, era ela, ele entregou-lhe um mês de salário em lugar do aviso prévio e pediu que considerasse sua participação na empresa encerrada.

— Não temos lugar para fraudes em uma instituição como esta — disse ele, cruel.

O incidente abalou as duas meninas até certo ponto. Virgínia, em particular, ficou sem fôlego pela crueldade imediata. Nunca ela testemunhara a variação especial do preconceito manifestado em relação às pessoas como Angela. Que o presidente da empresa atribuísse a reticência da garota sobre o assunto à fraude pareceu-lhe a última gota de injustiça.

A própria Angela estava muito menos perturbada.

— Já vi demais esse tipo de coisa para sentir como você, Virgínia. Claro, como você vê, há todos os tipos de absurdos envolvidos. No seu caso, sendo visivelmente negra, você seria recusada no trabalho desde o início. Talvez eles tivessem dito que consideram os negros incompetentes ou que outras meninas tinham uma forte aversão natural a trabalhar ao lado de uma de nós. Mas eu consegui o cargo, mantive-o por tempo suficiente para provar a capacidade e o trabalho de meninas como eu. Então, evidentemente, não há nenhuma aversão cega inerente a ser superada. Minha cor não mudou, mas expus o meu sangue. Veja, eu não mudei nem um pouco, mas de repente há todos esses dedos apontados. Não há nenhuma lógica nisso! Seria realmente muito engraçado, sabe, Gínia, se não fosse cheio de consequências desastrosas para pessoas como, digamos, a Srta. Powell.

— Não mencione ela — disse Gínia com veemência — Se não fosse por ela, você não estaria com todos esses problemas.

Angela sorriu.

— Se não fosse por ela, você e eu provavelmente nunca teríamos realmente nos encontrado outra vez. Mas você não deve culpá-la. Mais cedo ou mais tarde eu estaria confessando, como dizem os jornais, meu sangue negro. Não que eu pense que tem mesmo tanta importância; apesar de meus esforços para esconder, eu realmente não acho importante, Virgínia. Mas porque este nosso país torna o assunto tão necessário, ao contrário da minha própria convicção, eu estava começando a sentir como se estivesse carregando um grande segredo. No entanto, quando começo a me aprofundar nela, a questão do sangue não parece nada comparada à individualidade, ao caráter, à vida. A verdade é que eu estava exausta.

Ela se sentou, perdida em pensamentos.

“Todas as complicações destes últimos anos, e você não pode adivinhar quais complicações ocorreram, querida criança, foram ocasionadas pela minha passabilidade, por esta pele branca. Eu entendo por que a Srta. Powell desistiu da luta desigual sobre seus tickets. Claro, de certa forma, teria sido uma coisa boa se pudesse ter resistido, mas ela estava perfeitamente certa em deixar pra lá para que pudesse evitar amargura e decepção ainda maiores e para que pudesse ter algo em que dedicar sua arte. Não é possível lutar e criar ao mesmo tempo. E compreendo, também, por que seu Anthony *faz* sua confissão; simplesmente para que não se incomode com as armadilhas da pretensão e vigilância. Suponho que ele tenha contado a você sobre aquela noite na casa de Marta Burden?

— Sim — disse Gínia, suspirando — ele tem ideais terríveis. Há algo terrivelmente imponente em Anthony. Gostaria que ele fosse mais como Matthew, confortável e acolhedor. Matt também tem alguns ideais, mas não os expõe tanto. Anthony é um querido, muito querido, mas ele é terrivelmente, terrivelmente, como se diz... devoto. Eu não fico nem um pouco surpresa ao saber que ele tem isso pesando seu coração.

Angela disse um tanto severamente:

— Olhe, Gínia, eu não acho que você o ama, não é?

— Bem, às vezes, acho que sim. Às vezes acho que não. Claro que a verdade é que dificilmente teria pensado em Anthony ou no casamento agora, se não estivesse tão solitária. Você sabe que não sou como você, Angela. Quando éramos crianças, eu era quem queria fazer carreira e você sempre ia se divertir. Agora, é o contrário; você é que terá uma carreira. Você apenas gravita para a aventura. Há algo tão forte e intenso em você que você não consegue ficar fora da batalha. Mas, Angela, eu quero um lar, com você, se você puder ficar parada por tempo suficiente, ou, se isso não acontecer, um lar com marido e filhos e tudo o que vem com isso. Claro que não me importo em admitir que a qualquer momento eu teria desistido até de você por Matthew. Mas, antes de ser esposa dele, prefiro morar com você e, depois, gostaria de me casar com Anthony. Não gosto de ficar sozinha; pois embora eu possa me defender sozinha, não quero.

Angela sentiu que empalidecia com a necessidade de esconder suas emoções.

— Então, o pobre Anthony vem em terceiro lugar em sua vida?

— Sim, receio que sim... querida, o que você acha de vieiras para o jantar? Tenho vontade de cozinhar hoje. Acho que vou até o mercado.

Ela saiu da sala, e sua irmã voltou-se para a grande fotografia de Cross mantida sobre a lareira. Angela colocou os dedos na face dele, tocou sua testa. *Oh, Anthony, Anthony, a vida está te traindo de novo? Você sempre será o primeiro na minha vida, querido.*

Talvez o diagnóstico de Virgínia sobre seu caráter estivesse correto. De qualquer forma, Angela recebia bem a atual combinação de dificuldades pela qual estava passando. Do contrário, essa última confissão de Gínia a teria afundado em uma nova infelicidade. Mas ela tinha muitos ajustes a fazer e a enfrentar. Em primeiro lugar, havia seu novo status no minúsculo círculo para o qual se mudara. Quando, ao cabo de duas semanas, desceu para seu antigo apartamento na Jayne Street para pedir sua correspondência, ela descobriu, apesar de tudo surpresa e magoada, uma distração gelada, um distanciamento, na Sra. Denver, com quem teve um

breve encontro. Por outro lado, havia um bilhete e um cartão de visita de Marta Burden, e cerca de meia dúzia de cartas de Elizabeth e Walter Sandburg.

O bilhete de Marta dizia:

Sem dúvida, você e o Sr. Cross são pessoas muito boas. Mas não acredito que aguentaria outro choque tão em breve. O que você fez foi magnífico. Mas, oh, minha querida, que gesto impulsivo. E afinal, para que fim? Você virá me ver assim que receber isto ou me avisará como posso vê-la? E Angèle, se você deixar todo esse absurdo atrapalhar sua ida para a Europa, eu nunca vou te perdoar. Ladislav e eu temos vários milhares de dólares armazenados apenas implorando para serem usados.

Elizabeth Sandburg não disse nada sobre o assunto, mas Angela foi capaz de ler sua reação nas entrelinhas. O casal de bom coração conseguiu convencê-la o suficiente sobre seu respeito e amizade. Com sua imensa e errante letra, de cinco palavras por página, ela escreveu:

Por que diabos você não vem nos ver?

Você não pode imaginar como sentimos sua falta. Deixe de lado a obra-prima que você está compondo e nos dê um fim de semana.

Mas de Rachel Salting e de Ralph, nem uma única palavra!

Capítulo 2

Mais do que nunca, sua determinação de partir tornou-se fixa.

— Algumas pessoas — Angela disse a Gínia — podem pensar que é bom ficar aqui e lutar contra as coisas. Marta, por exemplo, está profundamente desapontada porque não permitirei que o comitê que estava trabalhando para a Srta. Powell aborde o meu caso. Suspeito que ela pensa que nós somos todos desistentes. Mas eu sei o limite. Eu disse a ela que queria passar minha vida fazendo algo além de lutar. Além disso, o Committee, como eu, está farto de toda essa questão, embora não pelo mesmo motivo, e acho que haveria ainda menos possibilidade de uma segunda chance no meu caso do que no da Srta. Powell.

Uma entrevista com Clarke Otter, Presidente do Conselho Consultivo do American Committee, deu a ela esta impressão. A atitude do Sr. Otter denunciava uma curiosa mistura de ressentimento em relação à “fraude” e à exasperação por ela ter sido impulsiva o suficiente para dar aquele show.

— Achamos que tem toda a razão em expressar sua determinação de não tirar proveito dos benefícios do Committee. Evidencia uma delicadeza de sentimentos bastante incomum, dadas as circunstâncias.

Angela estava fervendo de raiva quando saiu.

Uma carta para o doador do prêmio trouxe de volta a resposta lacônica de que ele estava interessado “não em etnologia, mas em arte”.

— Eu gostaria de ver essas pessoas — disse Angela, se voltando para o jargão de sua juventude. — Aposto que ele está longe de ser tão indigesto quanto soa. Aposto que está borbulhando de alegria com a estupidez de tudo isso.

Ela mesma estava alegre. Virgínia não se lembrava de tê-la visto tão animada, não desde os dias em que costumavam servir o jantar de segunda-feira para a mãe e desempenhar os papéis da Sra. Henrietta Jones. Mas a própria Angela sabia a superficialidade

daquela alegria cuja realidade, Anthony, incapaz de permanecer por qualquer tempo em sua presença, mas de alguma forma incapaz de ficar longe, algumas vezes suspeitava.

Suas economias! Incluindo o prêmio em dinheiro, chegavam a cerca de 1.400 dólares. Anthony a incentivou a comprar uma passagem de segunda classe em um dos grandes e confortáveis navios. Então, poderia voltar de terceira classe.

— E, de qualquer maneira, não gaste mais do que o necessário — disse Gínia maternalmente — e, se precisar de dinheiro extra, escreva, e eu te mandarei o que precisar.

Pelas histórias contadas por ex-estudantes estrangeiros, parecia que ela poderia esticar o dinheiro por um período de oito ou nove meses.

— E até lá saberei se serei uma artista ou uma simples professora de desenho.

— Quase espero que seja o último — disse Gínia com um egoísmo comovente —, então você terá que voltar e morar conosco. Você não espera que sim, Anthony?

Angela pôde vê-lo estremecer de tensão.

— Oito ou nove meses no exterior devem fazer uma grande diferença na vida dela — disse ele. — Na *nossa* vida.

Tanto ele quanto Angela tinham apenas um pensamento esses dias: que a hora da partida teria que chegar. Nenhum deles tinha imaginado o horror que isso traria ao seu autocontrole.

*

Agora faltavam apenas cinco dias para sua partida na segunda-feira. Angela os dividiu entre os Sandburgs, Anthony e Gínia, que estava com um resfriado de verão. No sábado, ela pensou que gostaria de ver a Filadélfia novamente; era um pensamento tão persistente que às nove horas ela já estava no trem e às onze e quinze se preparava para dormir em um pequeno quarto lateral do Hotel Walton, em sua cidade natal. Sorrindo, ela adormeceu vagamente, acalmada pelo pensamento de estar tão perto de tudo o que tinha representado uma estável vida.

A proximidade iria abalá-la mais do que ela poderia sonhar.

De manhã, Angela tomou café em seu quarto, então ficou na porta do hotel, calçando suas luvas, como fizera tantos anos antes quando era uma menina fazendo compras com a mãe. Uma torrente de lembranças a invadiu, entre elas a lembrança daquele dia em que seu pai e Virgínia cruzaram com elas na rua. Quão trivial parecia agora o motivo para não falar com eles! Anos depois, Angela cortou Gínia por um motivo igualmente trivial.

Ela subiu em direção à 60th Street. Era domingo e a bela melancolia do dia estava se instalando na pacata cidade. Havia um frescor e uma solenidade no ar, como se até a atmosfera tivesse se tornado rarefeita e calma. Uma sensação de solidão a invadiu; esta era a cidade de seu nascimento, de sua infância e da maior parte de sua vida. No entanto, não havia ninguém, ela sentia, que pudesse transformar aquele lindo dia em uma recepção; velhos conhecidos podiam ficar um pouco satisfeitos ou curiosos em vê-la, mas nenhum deles demonstraria qualquer alegria comovente. Ela os havia deixado tão abruptamente, tão por completo. Bem, não deveria estar pensando nessas coisas. Afinal, em Nova York ela também se sentia sozinha.

O carro da 60th Street a deixou na Jefferson Street e lentamente Angela atravessou os três longos quarteirões. Sempre calados e respeitáveis, assim estavam na santidade da manhã de domingo. Que dia terrível o domingo poderia ser sem amigos, laços, casa, família. Apenas cinco anos antes, menos de cinco anos, ela tinha toda a simples e estável vida familiar, um café da manhã apetitoso, a música, a igreja com seus tipos interessante, bons para pintar, longas tardes e noites com os visitantes e discussões preenchendo o vazio.

E Matthew Henson, ele, ela se perguntou, lhe daria as boas-vindas? Mas Angela achava que ainda não queria vê-lo. Ela não estava feliz, mas não tinha desistido das aventuras, de experimentar a vida. E sabia que uma vida passada com Matthew Henson significaria o fim disso. Afinal, ele era, com sua firmeza, sua retidão, com seu dom para a responsabilidade, mais feliz do que ela? Angela duvidava. Oh, ela esperava que os domingos em Paris fossem alegres!

A Opal Street entrou em sua visão, uma linha, uma mera sombra de uma rua caindo sobre a Jefferson. Seu coração se acelerou, as lágrimas brotaram de seus olhos ao virar aquela esquina que tantas vezes havia virado, aquela esquina que uma vez deixara para sempre para saborear e conhecer a vida. No sol quente de julho, a rua estava quase deserta. Um jovem negro, impecável em uma camisa branca, fina e reta, inclinado para pegar o volumoso jornal de domingo, endireitou-se para vê-la avançando em direção a ele. Ao lado dele estava a antiga casa de Angela — como era minúscula e ainda assim cheia de segredos, de conhecimento de alegria, desespero, sofrimento, futilidade — em sua breve vida.

Angela ficou alguns momentos na frente dela, apenas olhando, mas logo se levantou e colocou a mão no tijolo vermelho, perguntando-se às cegas se de alguma forma a coisa inanimada não poderia se comunicar com ela através do toque. Uma mulher negra sentada na janela olhando para ela com bastante severidade, saiu e perguntou-lhe o que queria.

— Nada — Angela respondeu estupidamente. — Eu só queria dar uma olhada na casa.

— Não está à venda.

— Não, não, claro que não. Eu só queria vê-la de novo. Eu morava aqui, sabe. Eu estava pensando...

Mesmo que conseguisse permissão para entrar, ela aguentaria? Se pudesse apenas ficar uma vez naquele pequeno quarto dos fundos e chorar e chorar, talvez suas lágrimas inundassem toda aquela massa de pesar, confusão e memórias fúteis, e ela pudesse recomeçar a vida com uma página em branco. Graças a Deus, ela era jovem! De repente, pareceu-lhe que entrar na casa mais uma vez, ficar naquela sala seria remediador.

Erguendo os olhos em expectativa para o rosto da mulher, Angela começou:

— Será que você poderia...

Mas a mulher, lançando um último olhar desconfiado e murmurando que não queria “nada com o lixo branco e pobre”, virou-se e, batendo a porta atrás de si, entrou na saleta quadrada e baixou as persianas.

O jovem magro desceu correndo a rua em sua direção. Uma inspeção mais próxima revelou um agradável rosto moreno sardento encimado por um cabelo ruivo escuro espesso e macio, cortado bem curto.

— Angela — disse ele timidamente, e então com mais segurança: — É Angela Murray.

Ela virou o rosto aflito para ele.

— Ela não me deixou entrar, Matthew. Vou para a França amanhã e pensei que gostaria de ver a antiga casa. Mas ela não me deixou entrar. Ela me chamou... — a voz quebrou com a injustiça disso — de “lixo branco e pobre”.

— Eu sei. — Ele balançou a cabeça gravemente. — Ela faz esse tipo de coisa; ela não entende, sabe. — Matthew a conduzia gentilmente em direção a sua casa. — Acho melhor você entrar e descansar um pouco. Meu pai e minha mãe saíram em sua viagem anual à cidade de Bridgeton; mamãe nasceu lá, sabe. Mas você não vai se importar de entrar na casa de um velho amigo.

— Não — Angela disse, consciente de uma esmagadora fadiga. — Eu não deveria.

Enquanto eles cruzavam o limiar, ela tentou sorrir, mas o esforço foi demais e Angela caiu em uma enxurrada de lágrimas sufocantes, estrangulantes e barulhentas. Matthew tirou o chapéu dela e a abanou; trouxe água gelada e um grande lenço macio para substituir o dela, que estava encharcado. Em meio às lágrimas, ela sorriu para ele, compreendendo por que Virgínia falava tanto sobre a gentileza dele. Ele ainda era Matthew Henson, ainda sardento e moreno, ainda coberto com aquele cabelo espesso. Mas cuidados, penteados, métodos de toalete aperfeiçoados e, acima de tudo, a emanção de um espírito bom e generoso o haviam metamorfoseado em alguém que ainda era o velho Matthew Henson e ainda assim alguém dotado de uma quintessência de bondade, gravidade e compreensão.

Ela bebeu a água cheia de gratidão, pegou seu pó de arroz.

— Não preciso perguntar como você está — disse ele, fazendo uma prece de agradecimento pela histeria evitada. —

Quando uma senhorita começa a passar pó no nariz, ela está relutando. Quer me contar sobre isso?

— Não há nada a dizer. Só que eu queria ver a casa e de repente me vi com saudades, solitária, incompreendida. E quando aquela mulher me recusou com tanta crueldade, foi demais.

Seu olhar vacilou, seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

— Oh — disse Matthew aterrorizado —, pelo amor de Deus, não chore de novo! Vou até lá e discutirei com ela; farei com que entregue toda a casa para você. Farei o que for preciso. Apenas seque essas lágrimas.

Ele pegou o lenço dela e enxugou-as com muita, muita delicadeza. Ela segurou sua mão.

— Matthew, você é um querido.

Ele encolheu os ombros negligentemente.

— Você nem sempre pensou isso.

Essa jogada nunca funcionaria.

— O que você estava planejando fazer quando cheguei? Preparando-se para ler o seu jornal e ser todo caseiro e confortável?

— Sim, mas eu não quero fazer isso agora. Vou te dizer uma coisa, Angela, vamos nos divertir. E se jantarmos aqui? Lembra como costumava me fazer feliz como um rei antigamente quando apenas me entregava um copo d'água? Você disse que ia embarcar amanhã; deve estar tudo pronto. Que horas você tem que estar de volta? Vou colocá-la no trem.

A ideia a encantou.

— Eu adoraria! Matthew, que divertido!

Eles encontraram um avental da mãe dele e, na caixa de gelo, rosbife frio, alface, que o povo da Filadélfia chama de salada, beterraba e milho.

— Vou fazer bolinhos — disse Angela com alegria. — E você pegue um pote depois do jantar e saia para trazer sorvete. Oh, Matthew, como está tudo voltando para mim! Você ainda faz compras aqui no mercado?

Eles comeram a refeição na pequena sala de jantar escura e fresca, o oposto da sala de jantar da antiga casa de Junius Murray do outro lado. Mas de alguma forma sua pequenez não era mais

enfadonha; ao contrário, parecia uma pequena ilha de proteção em um mar de problemas. Na fantasia, ela viu seu pai e sua mãe, quase um quarto de século atrás, vindo orgulhosamente para uma casa assim, seu pequeno refúgio contra o mundo. Quão linda tal vida poderia ser quando compartilhada com alguém amado — com Anthony! Ela suspirou involuntariamente.

Matthew, estudando-a pensativo, disse:

— Você está sonhando, Angela. Diga-me do que se trata.

— Eu estava pensando em como uma casa como esta poderia ser um pequeno refúgio; tal qual era para minha mãe. Engraçado como eu quase derrubei as paredes uma vez tentando fugir. Agora não consigo pensar em mais nada maravilhoso do que ter um lugar como este, aqui, ali, em qualquer lugar, para voltar.

Assustado, Matthew contou a ela sobre sua surpresa ao ouvir tais palavras.

— Se Virgínia tivesse dito essas palavras, eu acharia perfeitamente natural; mas nunca pensei em você interessada em um lar. A propósito, como está Virgínia?

— Perfeita.

Melancólico, ele perguntou:

— Suponho que ela esteja muito feliz?

— Feliz o bastante.

— Uma ótima garota, a pequena Virgínia.

Por sua vez, Matthew começou a meditar.

— Você não me contou sobre suas aventuras e sua fuga para o grande mundo.

— Não há muito o que contar, Matthew. Tudo o que vi e experimentei foi o destino comum da maioria das pessoas, um pouco aguçado, talvez, um pouco vivificado. Em resumo, me diverti muito e tive problemas na mesma medida. Fui estimulada pela aventura; conheci o sofrimento, o amor e a dor.

— Você ainda está me surpreendendo. Não imaginei que uma garota como você pudesse saber o significado da dor.

Ele deu a Angela um sorriso torto.

— Embora você certamente saiba como causá-la. Mesmo agora, posso sentir uma pontada que nenhum outro pensamento produz se eu deixar minha mente voltar para aqueles primeiros dias

desesperados depois que você me deixou. Céus, como sofremos quando somos jovens!

Ela balançou a cabeça, colocou a mão sobre a dele.

— Muito. Lembre-se, eu também estava sofrendo, Matthew, embora por outro motivo. Eu estava tão pressionada, então... bem, não vamos falar sobre isso. Espero que você tenha superado todo esse sentimento. Na verdade, eu não valia a pena. Diga-me que você não deixou que isso o incomodasse todos esses anos.

A mão dele apertou a de Angela levemente, então se retirou.

— Não, eu não... A sua partida foi tão repentina que me paralisou, me puxou para baixo. Eu sofri, oh, muito, mas estava sofrendo com meus olhos abertos. Eu soube então que você não era para mim; que fundamentalmente estávamos muito distantes. E, por fim, superei isso. Aqueles dias! — Ele sorriu novamente com ironia, lembrando. — Mas continuei sofrendo do mesmo jeito, só que de outra maneira. Me apaixonei por Gínia.

O coração de Angela parou de bater.

— Matthew, não acredito! Por que diabos você nunca disse isso?

— Eu não poderia. Ela era uma criança, entende; ela deixou tão claro o tempo todo que só me via como o namorado da irmã e, portanto, uma espécie de irmão em quem podia confiar. Depois que você se foi, eu costumava ir vê-la, levá-la por aí. Ela se pendurava no meu braço e erguia o rosto para um beijo de boa noite! Uma vez, eu me lembro, tínhamos saído e ela ficou enjoada do carro, coitadinha! Ela estava com tanta vergonha! Como um bebê, sabe, brincando de ser adulta e depois com vergonha de voltar à infância. Fui vê-la no próximo dia e ela estava tão pequena e frágil! Fiquei longe por um longo tempo e então soube que ela estava indo para Nova York. Eu te julguei muito mal, Angela. Você deve me perdoar. Pensei que você a tinha induzido a ir. Eu soube mais tarde que estava errado, que você e ela raramente se viam em Nova York. Você sabe por que ela foi embora?

Havia o orgulho da irmã a proteger, mas sua própria necessidade a socorrer; quem poderia ter sonhado com tal dilema?

Não posso trair Gínia, Angela pensou e disse a Matthew que, embora pessoalmente não tivesse influenciado a irmã, esta tivera

um bom motivo para deixar a Filadélfia.

— Acho que sim. Certamente ela se foi. Mas ela me escrevia de vez em quando, cartas como ela mesma, tão francas, infantis e ingênuas e tornando tudo tão claro que qualquer demonstração de amor da minha parte estava fora de questão. Eu disse a mim mesmo: “Não vou estragar minha vida inteira por causa dessas garotas Murray”. E eu deixei nossa amizade se transformar em um nada... então ela veio visitar Edna Brown neste verão. Eu quase pulei para Merion para vê-la. No momento em que coloquei os olhos nela, percebi que ela havia se desenvolvido, tinha se tornado uma mulher. Ela estava como sempre, gentil e doce, mais bonita, mais atraente do que nunca. Pensei em tentar a sorte... Edna me disse que ela estava noiva. Como ele é, Angela?

— Muito bom, muito bom.

— Louco por ela, suponho?

Angela olhou desesperadamente para ele.

— Ele é um tipo que não demonstra. Suponho que ele é louco por ela o suficiente. É só que... bem, eles falam como se não tivessem intenção de se casar por anos e anos e parecem contentes com isso.

Matthew franziu a testa, incrédulo.

— O quê! Que estranho!

Impulsivamente Angela explodiu:

— Oh, Matthew, você não sabe, há tanta dor, tanto sofrimento no mundo, um homem nunca deveria deixar pedra sobre pedra para alcançar sua felicidade. Por que você não escreve para Gínia, vai a Nova York para vê-la?

Sob as sardas, a pele morena dele empalideceu.

— Você acha que há uma chance?

— Meu querido, eu não ousaria dizer. Sei que ela gosta muito de você. E não acho que ela o considere um irmão.

— Angela, você não me enganaria, não é?

— Por que eu deveria fazer isso? E lembre-se de que, afinal, não estou lhe dando nenhuma garantia. Estou apenas dizendo que vale a pena arriscar. Agora vamos ver, vamos arrumar este lugar e depois devemos ir.

Na estação, ela deu um beijo de despedida nele.

— De qualquer forma, você sempre foi um irmão para mim. Pense no que eu disse a você, Matthew; faça alguma coisa.

— Eu farei. Oh, Angela, suponho que Deus a tenha enviado aqui.

— Talvez sim.

Eles se separaram solenemente.

Três horas depois, Angela entrou no apartamento da irmã. Gínia, gripada, seus olhos inflamados e chorosos, cumprimentou-a lamentavelmente.

— Olhe para mim, Angela. E você vai embora amanhã! Jamais conseguirei ir até o navio!

O telefone tocou.

— Tem tocado sem parar durante a última hora, alguém ligando para você. Atenda.

A mensagem era de Ralph. Ele tinha estado em New Orleans.

— E voltei e descobri o recorte do jornal. Sei que você o enviou. Garota, te persegui tanto hoje! Finalmente encontrei Marta Burden, ela me disse onde você estava hospedada. Posso subir? Estarei aí em meia hora.

— Não esta noite, Ralph. Você gostaria de vir para o navio amanhã?

— Então você vai de qualquer maneira? Claro! Mas não antes de te ver! E se eu te levar para o navio?

— Muito legal da sua parte, mas vou com minha irmã.

Gínia, com uma voz embargada, disse que não faria nada disso.

— Estou gripada!

Angela falou de novo.

— Minha irmã disse que não vai, então vou recorrer a você, se puder.

Ela desligou.

Virgínia queria saber da viagem. As duas irmãs conversaram longamente durante noite, mas Angela não disse nada sobre Matthew.

A segunda-feira foi um dia de surpresas. Marta e Ladislav Starr, impossibilitados de estarem presentes na despedida, foram até a casa levar a viajante para dirigir pela cidade. Secretamente, Angela ficou encantada com esse arranjo, que trouxe uma carranca ao rosto de Ralph.

Virgínia, miserável com o resfriado de verão, aguentou bravamente.

— Não me importo de deixar você ir embora de casa assim; mas eu não aguento a ideia do navio! Angela, você não deve se preocupar comigo nem um pouco. Apenas volte para mim, volte feliz. Eu sei que você vai. Oh, como isso é diferente daquela separação anos atrás na Filadélfia!

— Sim — disse Angela sobriamente. — Eu estava fisicamente a cento e cinquenta quilômetros de você, mas era como se estivéssemos separadas por um mar. Bem, querida, cinco mil quilômetros não são nada quando há amor, confiança e compreensão. E, Gínia, ouça! A vida é cheia de surpresas. Se uma oportunidade para a verdadeira felicidade vier, não tenha medo dela.

— Misteriosa — chiou Gínia, rindo. — Não sei do que você está falando, mas eu vou fazer o meu melhor para agarrar qualquer felicidade que vier em minha direção.

Elas trocaram beijos graves, quase frios, sem lágrimas. Mas nenhuma das duas conseguiu se despedir de verdade.

Angela ficou em silêncio durante quase todo o caminho até o cais, dando aos amigos apenas respostas monossilábicas. Lá, outra surpresa a esperava na forma da Sra. Denver, que permaneceu, no entanto, apenas por alguns momentos.

— Eu não poderia suportar que você fosse — ela disse lamentavelmente — sem que eu a visse pela última vez. — E, envolvendo a garota em um abraço apertado, ela desabou e murmurou tristemente sobre uma filha perdida que teria sido “talvez como você, querida, se ela tivesse vivido”.

Elizabeth Sandburg, a alegre, a complacente, a querida da vida, agarrou-se a ela, chorando:

— Não suporto perdê-la, Angèle.

Walter a abraçou.

— Beije-me, velha amiga. E lembre-se, se você precisar de qualquer coisa, *qualquer coisa*, você deve nos chamar. Se você ficar doente, vamos atrás de você, certo, Lizzie?

— Sim, claro, claro... e não me chame de Lizzie... vamos embora, por favor, e deixe-os um momento juntos. Você não vê Ralph olhando para você?

Eles se retiraram para um bom ponto focal no cais.

Angela, surpresa e chorando, lembrando-se das palavras da Sra. Denver e das manifestações de gentileza, disse:

— Eles realmente me amam, não é?

— Sim — disse Ralph seriamente —, todos nós te amamos. Irei vê-la logo, Angèle, posso? Você sabe que temos muitas coisas para falar, algumas coisas que você talvez ache que significam muito para mim, mas que na realidade não significam nada. Por outro lado, existem algumas questões que realmente querem dizer alguma coisa para mim, mas cujo valor para você eu não tenho certeza.

— Oh — ela disse, enxugando os olhos e lembrando de seu antigo segredo. — Você não veio me pedir em casamento, não é? Você não tem que fazer isso. E, de qualquer maneira, não é mais como antes. Não há mais mistério sobre mim, você sabe. Então, a verdadeira atração se foi. Lembre-se, não estou esperando nada de você, então, por favor, não pergunte. Ralph, não posso ficar parada e acho que muitas vezes, apesar de tudo, conviverei com a minha passabilidade. Mas eu quero que você saiba que a partir de agora, estou do lado dos negros. E eu não quero que você passe para este lado. — Ela balançou a cabeça finalmente. — É complicado demais até para você.

Pois, embora Angela soubesse que ele acreditava em suas próprias palavras corajosas, a experiência a ensinara a não pedir um americano a colocá-las à prova.

— Tudo bem — disse ele, sorrindo para as suposições ingênuas dela. — Não vou pedir-lhe em casamento, pelo menos não ainda. Mas irei da mesma forma. Suponho que você não tem garantias em Paris.

— É claro que não tenho — ela riu um pouco. — Você sabe perfeitamente bem que eu quero que você venha. — Seu rosto de

repente se tornou sério. — Mas se você for, não vá prometer amor sem significar nada. Eu odiaria isso entre nós dois.

— Não — disse ele, compreendendo instantaneamente. — Eu também não farei isso.

— Você irá como um amigo?

— Sim, como um amigo.

Um ajudante de convés se aproximou e disse educadamente que em poucos minutos eles partiriam e todos os visitantes deveriam desembarcar.

Capítulo 3

Entre as cartas, estava um breve bilhete de Anthony:

Angela, meu anjo, minha querida menina, adeus. Essas últimas semanas foram o céu e o inferno. Eu não podia suportar vê-la partir, então saí por algumas horas... não pense que vou negligenciar Gínia. Eu nunca vou fazer isso. Estou certo em supor que você ainda se importa um pouco? Oh, Angela, tente me esquecer... mas não esqueça! Eu nunca vou te esquecer!

Havia cartas e flores dos Burdens, presentes de todos os tipos, de Ralph e da Sra. Denver, de Virgínia, um conjunto de notas para cada dia fora. Ela lia cartas, examinava seus presentes e os colocava de lado. Mas durante todo o dia o bilhete de Anthony repousou em seu coração; à noite, ficou sob sua cabeça.

*

Paris a princípio a encantou e cortejou. Por um tempo, teve a impressão de que sua antiga alegria de viver havia voltado. Foi como aqueles primeiros dias que passou explorando Nova York. Angela andava encantada nos ônibus, sem parar, até o terminal desconhecido e imprevisível; seguia o sinuoso Sena; cruzando e recruzando as pontes, cada uma com suas características distintas. Atrás do Panteão, perto da igreja de Santa Genevieve, ela descobriu um restaurante russo onde pratos estranhos e exóticos eram servidos por garçons altos e loiros em blusas russas rígidas e brancas. Um dia, vagando pelo Boulevard du Mont Parnasse, ela encontrou em sua junção com o Boulevard Raspail, o Café Dome, um restaurante para estudantes do qual muitos alunos haviam falado na Escola de Arte de Nova York. Ao entrar, ela foi reconhecida quase imediatamente por Edith Martin, uma garota que havia estudado com ela na Filadélfia.

A Srta. Martin morava em Paris há dois anos; conhecia todas as fofocas e personagens do bairro; poderia contar a Angela sobre

pensões, cafés, gorjetas e disposição gaulesa. Sobre todos esses tópicos, ela despejava uma torrente de informações, apresentava seus amigos, convocava a recém-chegada constantemente a seu estúdio ou acampava sem ser convidada nos minúsculos aposentos da outra garota na Pensão Franciana. Não havia chance de solidão física real, mas Angela pensou, depois de algumas semanas de camaradagem persistente, que nunca se sentira tão solitária em sua vida. Pela primeira vez em sua vida aventureira, ela foi pega por uma onda de saudades de casa.

Então, isso também passou com o verão, e Angela se viu no final de setembro absorvida em seu trabalho. Ela ia à Academia duas vezes por dia, mergulhando na atmosfera do Louvre e na galeria de Luxemburgo. Foi um trabalho árduo, mas aos poucos ela aprendeu a lembrar que aquela era sua vida e que seu objetivo, sua única ambição, era se tornar uma reconhecida pintora de retratos. O professor, renomado filho de um pai ainda mais renomado, quase sempre elogiava seus esforços.

Com a chegada do outono, o senso de aventura a deixou. Paris, tão bela no verão, tão alegre com seus milhares aglomerados, seus anfitriões focados no prazer, assumiu outra roupagem no tom sombrio do final do outono. Os turistas desapareceram e o trabalho árduo e constante, a dedicação firme ao negócio da vida, tão perceptível nos franceses, tomou o lugar de uma liberdade transitória e descuidada. Angela sentiu que estava entrando na linha; mas era uma boa disciplina, como ela mesma percebeu. Uma ou duas vezes, em períodos de total solidão ou tédio, ela deixou que sua mente se demorasse em sua vida curiosamente frustrada e distorcida. Mas a capacidade de autopiedade havia desaparecido. Ela havia conhecido muitas outras pessoas cujas vidas estavam igualmente distantes de objetivos que a princípio pareciam tão certos. Por um período, Angela esperou febrilmente a chegada de correspondência estrangeira, certa de que alguma palavra deveria vir de Virgínia sobre Matthew, mas os meses se arrastaram carrancudos e as cartas de Gínia permaneceram as mesmas missivas ingênuas tagarelando sobre trabalho, Anthony, Sara Penton, os filmes e visitas a Maude.

Claro que nem tudo pode dar certo, Angela pensou.

Certamente, Matthew, pensando bem, julgou mais sábio consultar as evidências de seus próprios sentidos do que ser guiado pelas dicas que Angela só podia oferecer vagamente.

Naqueles seis meses, ela perdeu para sempre o otimismo cego da juventude. Não escreveu a Anthony nem teve notícias dele.

*

O dia da véspera de Natal amanheceu, ou melhor, passou em meio à névoa negra da noite tenebrosa. Angela sentiu seu espírito afundar. Virgínia tinha prometido a ela um presente.

Procurei por toda esta cidade para encontrar algo bom o suficiente, algo absolutamente perfeito. Anthony tem me ajudado. E, finalmente, encontrei. Tomamos todas as precauções possíveis contra a interferência do vento, da chuva ou do clima, e a menos que algo imprevisível intervenha, ele estará lá para você na véspera de Natal ou no dia anterior. Mas lembre-se, não abra até o Natal.

Mas já eram seis horas da véspera de Natal e nenhum presente chegara, nenhuma carta, nenhuma lembrança de qualquer tipo.

Oh, pensou Angela, que idiota fui por ter vindo tão longe de casa!

Por um momento, ela imaginou a possibilidade de se jogar na cama e chorar até que acabasse. Em vez disso, se lembrou do convite de Edith Martin para passar a noite em sua casa, uma noite que incluiria dança e brincadeiras, uma viagem antes da meia-noite para ouvir a missa em St. Sulpice, e um retorno ao estúdio para, sem dúvida, mais danças, piadas e risos, e possivelmente embriaguez por parte dos homens.

Às dez horas, enquanto Angela estava em seu minúsculo quarto, um tanto taciturna dando os últimos retoques em sua roupa, a empregada, Heloísa, trouxe-lhe um telegrama.

Era uma longa mensagem de Ralph desejando sua saúde, felicidade e oferecendo-se para ir com uma semana de

antecedência. De alguma forma, o pedaço de papel azul a animou, acalmando seus nervos tensos.

É claro que eles estão pensando em mim. Terei lembranças de Gínia a qualquer momento; não é culpa dela que a entrega esteja atrasada. O que será que ela me enviou?

Voltando da festa às três da manhã de Natal, Angela colocou a mão com cautela na porta para acender a luz, esperando que um pacote estivesse perto da soleira, mas não havia nada lá.

Bem, mesmo que estivesse aqui, eu não conseguiria abri-lo, pensou ela, porque estou com muito sono.

E de fato ela havia se entorpecido com dança e alegria até uma sonolência avassaladora. Mal conseguindo jogar de lado seu lindo vestido, caiu luxuosamente na cama, grata em meio à sua sonolência pelo cansaço que a faria esquecer.

No que lhe pareceu menos de uma hora, ela ouviu uma batida forte na porta.

— *Entrez* — disse Angela, sonolenta, e imediatamente adormeceu.

A porta, por acaso, estava destrancada; ela estava cansada demais para pensar nisso na noite anterior. Heloise ficou chocada.

— Meu Deus — disse ela ao cozinheiro depois —, uma hora eu tive que acordá-la! Lá estava ela dormindo e o cavalheiro lá embaixo esperando!

Angela finalmente abriu os olhos perplexos.

— Um cavalheiro — reiterou Heloísa. — Ele espera por você lá embaixo. Ele diz que tem um presente que deve colocar em suas mãos. Mademoiselle descera então ou devo dizer a ele para voltar depois?

— Diga a ele para voltar — murmurou ela, depois abriu os olhos pesados. — É mesmo Natal, Heloísa? Onde está o cavalheiro?

— Como se eu o tivesse no bolso — disse Heloísa mais tarde em seu fiel relatório ao cozinheiro.

Mas finalmente a mensagem foi ouvida. Agarrando um roupão e chinelos, Angela meio que saltou, meio que caiu pela pequena escada e mergulhou na pequena sala de estar. Anthony, sentado no sofá extremamente desproporcional, bege e marrom,

levantou-se para recebê-la. Com os olhos fixos no semblante atônito dela, ele começou a vasculhar os bolsos, batendo no colete, tirando chaves e lenços.

— Deve haver uma etiqueta em mim em algum lugar — observou ele —, mas, de qualquer maneira, Virgínia e Matthew enviam lembranças.

- fim -

FIM

Notas

[←1]

Criado pelo italiano Bartolomeo Cristofori, o pianoforte é um instrumento musical de teclas, antecessor ao piano.

[←2]

Nos Estados Unidos, uma pessoa é considerada negra se tiver “uma gota de sangue negro”, isto é, ascendência africana. Essa classificação racial atende os critérios de descendência estabelecidos pela One-drop rule, uma das Leis Jim Crow, responsáveis por institucionalizar a segregação racial no Sul dos Estados Unidos. *White nigger*, portanto, é um termo racista utilizado para nomear pessoas negras de pele clara, erroneamente identificadas como brancas no contexto estadunidense.

[←3]

Poema de John Milton (1608-1674), escrito em 1637.

[←4]

Escola pública da Filadélfia, exclusiva para meninas.

[←5]

Chefe de guerra dos Hunkpapa Sioux dentro da nação Lakota, Itonagaju (1835-1905), também conhecido como Rain in the Face, foi um dos maiores e mais respeitados heróis de guerra dos Sioux.

[←6]

Par de óculos com um longo cabo no lugar das hastes, feito para ser segurado à frente dos olhos.

[←7]

Criada em 1859, The Cooper Union for the Advancement of Science and Art oferecia cursos gratuitos e bolsas de estudos, baseada no lema de seu fundador, Peter Cooper, que dizia que a melhor educação superior “deve ser acessível para aqueles que se qualificam, independentemente de sua raça, religião, sexo, riqueza ou status social, e deve ser aberta e gratuita para todos”.

[←8]

Literalmente botija. Por conta da fonética do inglês americano, o sobrenome latino de Anthony seria distorcido.

[←9]

O Mayflower foi o famoso navio que, em 1620, levou os peregrinos da Inglaterra ao Novo Mundo.

[←10]

Artista espanhola de maior sucesso nas décadas de 1920 e 1930, Raquel Meller (1888-1962), era cantora e atriz.

[←11]

Eleonora Duse (1858-1924), atriz italiana, famosa por entregar-se completamente às personagens que interpretava. [N. da T.]

[←12]

Termo ofensivo, de valor pejorativo, tido como um insulto racial na língua inglesa. Apesar de significar “negro”, literalmente, a palavra “nigger” era usada pelos sulistas para se referir às pessoas negras escravizadas trazidas da África e seus descendentes; dentre outras problemáticas.

Capítulo 1

A Opal Street não é uma rua marcante. Se fosse uma joia, seria apenas uma estranha imitação. Estreita, escura e pouco convidativa, se estende furtivamente a partir da enfadonha Jefferson Street para o encardido e monótono mercado que forma o lado norte da Oxford Street. Não tem mistério, nem fascínio, seja de exclusividade ou mesmo depravação; sua função é comum, ser uma ruazinha despretensiosa cercada de casinhas despretensiosamente habitadas, em sua maioria, por gente despretensiosa.

As residências têm três andares, e contêm seis cubículos chamados, por cortesia, de cômodos: uma sala de estar, uma minúscula sala de jantar, uma cozinha um pouco maior e, acima, um quarto frontal – que parece grande apenas porque ocupa toda a extensão da casa –, um banheiro pequeno e, ao fundo, outro quarto, com janelas cujas possibilidades estão estragadas pela visão de um quintal triste e diminuto. E, acima, outros dois andares similares.

Em uma das casas morava pai, mãe e duas filhas. Lá, como costuma acontecer num lar que abriga duas gerações, emoções opostas e pouco alinhadas se confrontavam. No lar dos ricos, o contentamento com a riqueza da geração mais velha é confrontado pela ambição exagerada da mais jovem. Os mais velhos podem se ver em oposição à indiferença e aborrecimento da juventude, engendrada pela percepção de que não há mais mundos a serem conquistados, pois seus pais já dominaram tudo. Nas casas da Opal Street, as sutilezas da distinção quase não existem; há um contraste objetivo e concreto. O contentamento dos mais velhos é o catalizador do desespero ensurdecido dos desejos da juventude.

Os conflitos na residência dos Murray apontavam para este estágio, no entanto, nenhum dos quatro membros daquela família poderia ter previsto o que estava por vir. Para Junius e Mattie Murray, que haviam conhecido a pobreza e a vida nas ruas, a pequena casa na Opal Street representava a mais alta ambição; para a filha, Angela, parecia o mais encardido e monótono casulo a cobrir as asas de uma esplendorosa borboleta. Junius e Mattie contavam histórias sobre as dificuldades superadas, o penoso

aprendizado de um ofício, o deplorável processo de junção das economias quase inexistentes e como isso se constituía em uma Ilíada moderna. No entanto, para Angela, essa era apenas a descrição de uma vida que ela evitaria a todo custo. Em algum lugar do mundo havia caminhos que levavam às ruas espaçosas, casas enormes e bonitas, sutilezas delicadas da existência. Aqueles eram os caminhos pelos quais Angela pretendia caminhar. Muito cedo, ela havia percebido que as coisas boas da vida não são distribuídas igualmente; mérito nem sempre é recompensado; trabalho duro não necessariamente leva à uma adequada recompensa. Certos dotes fortuitos, beleza física, força incomum, inteligência singular e inabalável, dons concedidos aleatória e desproporcionalmente pelas forças que controlam a vida – são as qualidades que contribuem para uma existência agradável e favorável.

Angela não tinha nenhum grande propósito na vida. Diferente de sua irmã, Virgínia, que um dia almejava inventar um método inovador para ensinar o pianoforte ¹. Angela não possuía nenhum impulso para descobrir coisas novas ou para se aperfeiçoar. É verdade que ela pensava que um dia talvez pudesse se tornar uma pintora reconhecida, mas apenas porque sentia dentro de si uma habilidade de retratar que até então era correta e promissora. Sua visão para linhas e expressões era madura e tinha uma certa intuição para cores. Mais que isso, possuía um instinto de autoavaliação que a ensinara que ainda havia muito a aprender. Angela tinha certeza de que o conhecimento, uma vez adquirido, desabrocharia nela a perfeição. Mas ele não era o fim de sua existência; ao contrário, era um acréscimo a uma vida constituída para apreciar luz, prazer, alegria e liberdade.

Liberdade! Essa era a nota que Angela ouvia com mais frequência na melodia da vida que um dia seria a sua. Com uma selvageria quase irracional, ela odiava ser contida. O começo de carreira do pai como cocheiro para uma família discreta, seus anos posteriores, bem-sucedidos e independentes como carpinteiro-chefe; a juventude da mãe como empregada de uma atriz famosa – tudo para Angela era a manifestação do tipo de coisa que acontece àqueles acorrentados, seja pelo dever, pela pobreza, pela fraqueza ou pela cor.

A cor – ou a falta dela – parecia o único pré-requisito absoluto para a vida com a qual ela sonhava. Alguém poderia se livrar de um senso de dever muito forte; a pobreza poderia ser superada; médicos resolviam a falta de saúde; mas cor, o mero tom negro ou branco da pele, era claramente um daqueles dotes fortuitos dos deuses. Gratidão não estava presente na natureza de Angela, mas, por vezes, logo cedo, ela começava a agradecer ao destino por, naquela casa de quatro pessoas, ter recaído sobre ela a herança da pele clara da mãe. Ela poderia ter sido, tal qual o pai, naturalmente negra ou ter recebido a mistura que resultou no bronzeado rosado e no cabelo crespo-escuro de sua irmã Virgínia. Mas Angela havia recebido não só a tez clara e o cabelo castanho-cinza de sua mãe, como também havia herdado de Junius o nariz afilado, presente de algum ancestral indiano que dera a ele e à sua filha mais velha aquele toque de imobilidade esculpida.

*

Foi com a mãe que Angela aprendeu as possibilidades de alegria e liberdade que pareciam para ela inerentes à brancura. Ninguém ficaria mais surpreso do que a mãe se ela pudesse adivinhar como a filha interpretou suas ações. Certamente a Sra. Murray não atribuía sua vida feliz, atarefada e protegida na pequena Opal Street à cor de sua pele. Atribuía, por outro lado, ao marido negro com quem se casara com alegria e orgulho. É verdade que sua pele branca não a protegera de injúrias e insultos ocasionais. A famosa atriz para qual trabalhara estava ciente de seu sangue misturado e, ostentando temperamento ao invés de refinamento, muitas vezes a apelidou de *white nigger* ².

A mãe de Angela usava sua cor tanto quanto praticava certos trejeitos de sorriso e voz para obter favores que significam muito para ela, mas não tiravam nada de ninguém. Era dona de um humor mais afiado do que o da filha. Era divertido para ela almoçar sozinha num restaurante exclusivo cujos donos entrariam em pânico se tivessem notado a presença de uma mulher negra, mesmo que sua aparência pouco se diferenciasse da deles. Era sem se importar em mencionar sua cor que a Sra. Murray se acomodava em assentos

na altura do palco que a Filadélfia negava a patronos negros. Mas quando Junius ou qualquer outro amigo negro a acompanhava, ela era a primeira a anunciar que gostava de se sentar no balcão do teatro ou na galeria, o que era verdade; sua infrequente ocupação nos assentos no nível do palco era causada apenas por uma determinação perniciosa em desprezar uma lei boba e injusta.

Os anos com a atriz haviam deixado uma marca perfeitamente inofensiva, talvez até charmosa. Ao menos era assim que parecia para Junius, que tinha uma fraqueza pelas qualidades conhecidas como essencialmente femininas. A Sra. Murray amava roupas bonitas e de lojas voltadas para servir às mulheres. Gostava até mesmo de estar em encontros de moda. Uma satisfação quase fascinante a preenchia quando tomava chá em meio a mulheres vestidas de acordo com a moda em uma elegante casa de chá. Era agradável estar no salão de um grande hotel ou na Academia de Música, ser parte da alegria palpitante, barulhenta e agitada. Não desejava se reunir àquelas pessoas, mas gostava de contemplá-las. Isso divertia, excitava e mantinha vivo um desejo insaciável pela vida que florescia dentro dela.

Andar pelo Wanamaker's , uma das primeiras lojas de departamento dos Estados Unidos, no sábado, caminhar da Fifteenth até a Ninth Street no Chestnut, tomar chá no Bellevue Stratford e ficar no salão da St. James provando luvas imaculadas. Prazeres inocentes e infantis perseguidos sem malícia ou inveja, planejados para jogar glamour sobre a lavagem de roupas da segunda ou a passagem de roupas da terça, a limpeza da cozinha, do banheiro e a costura das roupas infantis. Ela era dotada de um método pungente e bem-humorado de se apresentar. Junius, que tinha a sabedoria de não interferir nessas pequenas excursões e a simpatia de aceitá-las, reconhecendo algum valor, preferia as histórias de aventuras vividas disfarçadamente aos sábados às histórias contadas por seus camaradas na hospedaria.

Muito desse prazer, por mais inofensivo e charmoso que fosse, seria impossível com uma pele negra.

Nos primeiros anos de casamento, Mattie, ocupada com a casa e com dois bebês, desistira das aventuras. Mais tarde, quando as crianças estavam crescidas e Junius alcançara o estágio em que

podia se presentear com meio-turno de folga aos sábados, os dois inauguraram um plano de ação que, eventualmente, se tornou fixo. Cada um pegava uma criança. Junius partia para um amado, porém há muito suspenso, passeio pela velha Filadélfia, enquanto Mattie embarcava mais uma vez em suas aventuras sociais. É verdade que Mattie, quando acompanhada por Virgínia, não podia passear tão livremente quanto com Angela. Mas seus instintos maternos eram fortes; as filhas, seus sentimentos e sua fé importavam muito mais do que qualquer prazer que ela mesma seria a primeira a chamar de desnecessário e bobo. As próprias meninas, inconscientemente, resolveram o dilema; Virgínia achava que ir às compras era cansativo e estúpido, Angela, por sua vez, voltava exausta e entediada da aventura com o pai. Gradualmente, se tornou regra Angela acompanhar a mãe; e Virgínia, o pai.

*

A vida depende desses acasos. A pequena Angela Murray, apressada nas manhãs de sábado, esfregando os degraus para poder tomar banho às uma da tarde e estar com a matriarca na Chestnut Street às duas. Nunca percebeu que a mãe se sentia à vontade entre todas aquelas pessoas brancas porque era ali que também se sentia assim. Nunca lhe ocorreu que o prazer que a mãe mostrava ao se encontrar com amigos no domingo de manhã quando toda a família Murray saía da igreja obviamente era o mesmo que mostrava na Chestnut Street no sábado, pois ela estava atrás daquilo que seu coração desejava: agitação, alegria e moda. A filha não poderia ter adivinhado que se o status econômico e o gênio racial dos negros os permitisse gerenciar hotéis da moda ou enormes e populares lojas de departamento, a mãe ainda estaria ali. Sozinha, ela tirou conclusões claras sobre certas formulações que seu subconsciente codificou: Primeiro, os grandes prêmios da vida — riqueza, glamour e prazer — são apenas para as pessoas brancas. Em segundo lugar, Junius e Virgínia não tinham esses privilégios por terem a pele negra; aqui seus pensamentos continham pelo menos um elemento de verossimilhança, mas ignoravam o fator determinante de que o pai e a irmã não ligavam

para tais prazeres. O efeito de sua falácia era uma vaga pena de seus parentes desafortunados e a certeza que as pessoas negras seriam consideradas sortudas apenas na proporção em que alcançassem os padrões físicos das pessoas brancas.

O passeio de sábado deixara uma impressão duradoura. A Sra. Murray e Angela tiveram uma tarde produtiva e interessante. Haviam passeado por entre as vitrines das pequenas e exclusivas lojas na Walnut Street; tomaram soda na Adams', na Broad Street, e estavam, enfim, no pórtico do Walton Hotel, decidindo com elegância o que deveriam fazer em seguida. Algumas pessoas passando para lá e para cá lançavam olhares para o par, a mulher confiante e bem-vestida, e a refinada, e não menos confiante, filha. O porteiro as conhecia; era um dos prazeres da Sra. Murray dar a ele uma pequena gorjeta, muito apreciada, pois era desnecessária. Era esta a atmosfera que amava.

Angela colocara as luvas e estava esperando a mãe, que andava sozinha com grande cuidado, quando avistou na alegre e agitada multidão de domingo, Junius e Virgínia. Estavam próximos o bastante para que a mãe, que também os vira, pudesse tocá-los, caso descesse alguns degraus do pórtico e esticasse o braço. Num segundo, desapareceram. Angela viu o rosto da mãe mudar com o que achou ser receio.

— Que bom que papai não nos viu — disse ela. — Você teria que falar com ele, não é?

Mas a mãe, com um olhar distraído, não respondeu.

Naquela noite, depois que as meninas foram se deitar, Mattie, apoiado no braço da cadeira do marido, contou a ele:

— Eu estava no meu velho jogo de atuação hoje, Junius, você sabe, passeando e, querido, você e Virgínia passaram pertinho de nós, mas não falamos com vocês. Estou tão envergonhada.

Mas Junius a consolou. Bem antes de se casarem, soube da fraqueza e da essência inofensiva de sua Mattie...

— Meu bem, eu te disse há muito tempo que não há princípio envolvido, seu passeio não significa nada para mim. É uma piada. Não acho que você ficaria envergonhada de falar com seu velho marido em qualquer lugar, se fosse necessário.

— Falaria contigo até se estivessem me confundindo com uma rainha. — Mattie assegurou carinhosamente. Mas ficou em silêncio, sem estar de todo satisfeita. — Afinal de contas — disse ela com seu charme franco e usual —, não é você, querido, quem me faz sentir culpada; estou envergonhada de pensar que deixei Virgínia passar por mim sem dizer nada. Acho que eu me sentiria muito mal se ela soubesse. Não acredito que eu vá me permitir ser boba assim outra vez.

Mas sobre essa afirmação, Angela — sonhando animada com os sábados para virar sua pequena face tom de oliva para o outro lado com firmeza, buscando evitar rostos negros — estava, infelizmente, inconsciente.

Table of Contents

Parte 1 : Lar

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo

Capítulo 5

Capítulo 6

Parte 2 : Mercado

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Parte 3 : Não tão branca

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Parte 4 : De volta ao lar

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Parte 5 : O fim do mercado

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Notas

Capítulo 1